



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHST

JURY ANTONIO DALL'AGNOL

Mulheres em Revista: A construção dos códigos de representação social das mulheres no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile (1900-1930).

TESE

Florianópolis, 2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dall'Agnol, Jury Antonio

Mulheres em Revista: : A construção dos códigos de representação social das mulheres no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile (1900-1930). / Jury Antonio Dall'Agnol ; orientador, Adriano Luiz Duarte, coorientador, Ana Lize Brancher, 2019.

336 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. História comparada. 3. Modernidade latino americana. 4. Revistas femininas. 5. Imprensa. I. Duarte, Adriano Luiz. II. Brancher, Ana Lize. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

JURY ANTONIO DALL'AGNOL

Mulheres em Revista: A construção dos códigos de representação social das mulheres no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile (1900-1930)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHST), da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Cultural.

Orientador: Dr. Adriano Luiz Duarte

Florianópolis, 2019

Jury Antonio Dall'Agnol

Mulheres em Revista: A construção dos códigos de representação social das mulheres no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile (1900-1930)

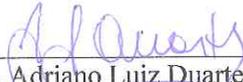
Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de "Doutor em História" e aprovada em sua forma final pelo Programa Pós-Graduação em História.

Florianópolis, 05 de abril de 2019.



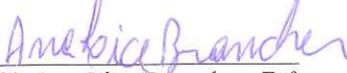
Prof. Dr. Lucas De Melo Reis Bueno
Coordenador do PPGH/UFSC

Banca Examinadora:



Prof. Adriano Luiz Duarte, Dr.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª. Ana Lize Brancher, Dr.ª.
Coorientadora

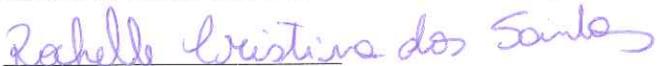
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Waldir José Rampinelli, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Ana Luíza Mello Santiago de Andrade, Dr.ª.
Universidade do Estado de Santa Catarina



Prof.ª Rochelle Cristina Santos Dr.ª.
Universidade Federal de Santa Catarina

*À minha família, pessoas maravilhosas que estão sempre presentes.
A minhas avós Ana Rodrigues Vogel e Ignez Ferri Barbieri, pela força,
amor e carinho.*

AGRADECIMENTOS

Essa geralmente é a última página a ser escrita. Talvez seja porque ao final da escrita de uma tese a única coisa que sobra para quem escreveu páginas e páginas é realmente agradecer pela experiência, pelos fios de cabelo brancos, pelos amigos que ficaram e que se foram, por conseguir terminar em quase sã consciência.

São cinco anos de pesquisa e escrita, são praticamente 1.825 dias dedicados a terminar o interminável, sim, porque o que aqui foi escrito está longe de estar acabado, porém finda aqui. Esta pesquisa é fruto da curiosidade, da sede de conhecimento e do querer entender o que antes entendia tão pouco e agora sei um pouquinho mais. No entanto, não saberia não fosse a contribuição de muitos mestres, amigos, familiares e colegas. Por isso, alguns destes queridos transeuntes da via chamada minha vida merecem um agradecimento especial aqui.

Em primeiro lugar agradeço à Profa. Dra. Ana Lize Brancher (PPGH-UFSC), minha orientadora no mestrado e em boa parte do doutorado. Sem ela o caminho teria sido mais árduo, pois além de me orientar no delineamento do projeto e no universo das fontes e do seu estudo crítico, também foi de suma importância na hora do conselho amigo. Obrigado pelo apoio sempre!

Agradeço também ao professor Waldir José Rampinelli (PPGH-UFSC) pelos espaços de debates e construção de conhecimentos em suas aulas na pós, bem como sua orientação em relação ao projeto.

À Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (PPGH-UFSC) e à Profa. Dra. Marlene de Fátima Veri (PPGH-UDESC), agradeço por suas presenças no Exame de Qualificação, agradeço às observações feitas, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento teórico da minha pesquisa.

Meu reconhecimento e gratidão ao Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte (PPGH-UFSC), por aceitar me acompanhar e orientar já nos minutos finais do segundo tempo da prorrogação, sempre disposto a ajudar. Seu aceite me proporcionou a calma necessária para finalizar essa tese.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que me concedeu uma bolsa de doutorado, financiamento sem o qual não teria sido possível a dedicação à pesquisa e à tese.

Aos técnicos administrativos do PPGH-UFSC e a sua coordenação, meu reconhecimento pelo profissionalismo e prontidão com que sempre me receberam.

Meus sinceros agradecimentos aos muito mais do que colegas da Rede Marista de Solidariedade, pessoas com as quais além de manter um convívio intelectual, construí verdadeira amizade. Não citarei nomes porque a família Marista é imensa, mas os leitores desses agradecimentos aqui se reconhecerão.

Não posso deixar de agradecer minha família, minhas eternas melhores amigas, minha mama Nelbe Inês Barbieri e minha querida e companheira irmã Ticyana Inês Dall’Agnol. Se consegui finalizar essa tese foi porque vocês sempre estiveram ao meu lado. Meu pai tem fundamental participação nesse processo, por muitas vezes foi ele quem me socorreu nas atribulações da vida, e ao seu jeito e com suas falas peculiares e próprias me acalmou quando precisei. Amo vocês!

Não posso deixar de citar com carinho alguns amigos e companheiros que vêm me acompanhando ao longo da vida e outros que entraram já no decorrer dela e que, fora do mundo acadêmico, sempre me apoiaram e tiveram para comigo palavras de amizade: Vinicius Baldissera Ugolini, na alegria e na tristeza, longe ou perto, um irmão que está sempre junto; Gilberto Isidro Pinheiro e Lorena Strapasson, não tenho palavras suficientes para dizer o quanto sou grato por ter vocês na minha vida, obrigado pela sincera amizade e acolhida fraterna; Melissa Barbieri de Oliveira, praticamente juntos começamos essa viagem doutoral, por sermos da mesma família, temos o mesmo sangue e as mesmas ansiedades, mas também temos a mesma dedicação, terminamos, viva a nós! Obrigado por sempre estar por perto; Camila Barbieri de Oliveira, não preciso nem escrever, você sabe tudo de bom que sinto por você; Marcelo Martins, compactuamos do mesmo estilo de vida, de muitas ideias em comum e do amor por sítios recônditos, obrigado pela amizade sincera; Conceição Garcia Martins seus pratos deliciosos me deram mais força e seu carinho e afeição são muito reconfortantes; Larissa Garcia Martins, “tamo junto!”, seu apoio, seu carinho, sua presença e suas palavras são sempre bem vindas e ajudaram muito neste processo louco de escrita. Por ser um espaço limitado, quero expressar, também, o meu carinho à toda família e amigos que aqui não foram citados, mas que moram bem dentro do meu coração.

Por último, quero dedicar um agradecimento especial a uma pessoa mais que especial: Patricia Garcia Martins. Conta a lenda que ela me adotou antes que o caos tomasse conta de mim, por isso mesmo é uma das principais responsáveis por, durante esse processo de escrita que mescla dor e prazer, eu estar feliz. Minha companheira, minha amiga, por várias vezes orientadora que cobra os prazos de escrita, você foi de suma importância para esse projeto de vida que é o doutorado ter sido finalizado

com sucesso. Obrigado por tudo, principalmente pelo amor e carinho. Te amo. E que venha a vida, porque há muito que viver, que aprender e compartilhar.

EU

*Eu sou a que no mundo anda perdida, Eu sou a
que na vida não tem norte, Sou a irmã do Sonho,
e desta sorte Sou a crucificada (...) a dolorida (...)*

*Sombra de névoa ténue e esvaecida, E que o
destino amargo, triste e forte, Impele brutalmente
para a morte!*

Alma de luto sempre incompreendida! (...)

*Sou aquela que passa e ninguém vê (...) Sou a que
chamam triste sem o ser (...) Sou a que chora sem
saber porquê (...)*

*Sou talvez a visão que Alguém sonhou, Alguém
que veio ao mundo pra me ver E que nunca na vida
me encontrou!*

Florabela Espanca

RESUMO

O presente estudo tem como principal foco compreender as normatizações femininas veiculadas no Brasil e no Chile no começo do século XX, especialmente entre as décadas de 1900 e 1930 por duas revistas femininas do período que circulavam entre as elites desses países, o *Jornal das Moças* no Brasil e a revista *Familia* no Chile. Tanto uma quanto outra, podem ser consideradas como artifícios culturais que fizeram parte das pedagogias normativas da modernidade, na qual teciam conselhos e ensinamentos, determinando formas de ser, de ver, de estar e de agir, tanto na vida privada quanto na pública. Logo, objetivavam educar suas leitoras a partir de normas e representações sociais, que se revelavam de forma inocente e não intencional, acerca de um arquétipo de feminino e feminilidade entendido como o apropriado. A relação das revistas femininas como objetos culturais pedagogizantes e divulgadoras de representações de um modelo ideal de mulher, que tem como premissa o lar, a família e a preocupação constante com a beleza e a juventude eterna, é que se ambiciona discutir nesta tese. Essas representações nos trinta primeiros anos do século XX sofrem constantes mudanças, o que denota que tais modelos estão vinculados diretamente com as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais que ocorrem no mundo. Estas revistas, dentro de seus países e contextos específicos, são pensadas principalmente para as jovens com vistas a enlaçar matrimônio e para as senhoras casadas, um público distinto por ser alfabetizado, fortemente ligado à urbanidade moderna e pertencente às classes sociais mais opulentas. Dentro do recorte temporal estudado, os ensinamentos perpassam desde a manutenção do casamento, compreendido como sinônimo de felicidade eterna e indissolúvel, até as discussões sobre o feminismo que alterou modas e modos, gerando liberdade e autonomia, mas que, dentro desse grupo específico, defendeu a luta por direitos, como o sufrágio universal e o trabalho fora de casa, sempre atrelado à conservação e manutenção da família como tarefa de toda mulher. Desse modo, podemos notar que tanto o *Jornal das Moças* quanto a revista *Familia* serviram muito bem ao seu propósito político e pedagógico, subsidiando as mulheres com indicações e orientações minuciosas do como ser e como agir, adequando seus comportamentos e ações ao que era esperado pela família, pelo marido e o Estado, bem como regulando seus impulsos em relação à luta por direitos das mulheres, logo deixando-as a par do que era esperado delas e da função própria do gênero durante o período averiguado.

Palavras-chave: História comparada; Modernidade latino americana; Revistas femininas; Imprensa.

ABSTRACT

The main focus of the present study is to comprehend the feminine standardization disseminated in Brazil and Chile in the beginning of the 20th century, especially between the decades of 1900 and 1930. Such study is based on two women magazines of this period, which were common among the elites of these countries. They were “Jornal das Moças”, in Brazil, and the magazine “Familia”, in Chile. Both can be considered as cultural contrivances that were part of the normative pedagogies of modernity, in which advices and teachings determining ways of being, seeing and acting were articulated, regarding private and public life. Thus, their goal was to educate their female readers from norms and social representations, which revealed themselves as innocent and unintentional, around an archetype of feminine and femininity seen as appropriate. We propose to discuss in this thesis the relationship of the women magazines as cultural and educative objects and disseminators of representations of a woman’s ideal, which has its principles in the home, the family and the constant preoccupation with beauty and eternal youth. These representations suffer constant changes in the first years of the 20th century, which shows that such models are straightly connected with the economical, social, political and cultural transformations that occur in the world. These magazines, within their countries and specific contexts, are thought especially from young women who are about to get married to married ladies. Such public is distinct for being literate, strongly connected to the modern urbanity and belonging to the more wealthy social classes. Within the time frame studied, the teachings permeate from the maintenance of the marriage, understood as a synonym for eternal and unbreakable happiness, to the discussions about feminism that changed fashions and ways of being, creating freedom and autonomy, yet, inside this specific group, defended the fight for rights. Some examples of these fights for rights are the universal suffrage and the work outside the home, always attached to the family’s maintenance and conservation, as a job every woman’s job. Thereby, we can notice that both ‘Jornal das Moças’ and the magazine ‘Familia’, served very well their political and pedagogical purpose, subsidizing women with thorough indications and orientations of how to be and act, fitting their behaviors and actions to what was expected by the family, the husband and the State, as well as regulating their urges of fighting for women rights, and then making them aware of what was expected of them and their gender-specific function during the period investigated.

Keywords: Comparative History; Latin American modernity; Women's magazines; Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ley General de Instrucción Primaria, del 24 de noviembre de 1860	29
Figura 2 – A Avenida – Rio de Janeiro, Julho de 1912	76
Figura 3 – Familia – Santiago de Chile, Enero de 1910	77
Figura 4 – Jornal das Moças – Rio de Janeiro, Janeiro de 1919	85
Figura 5 – Zig-Zag – Santiago de Chile, Mayo de 1918.....	87
Figura 6 – Familia – Santiago de Chile, Febrero de 1918.....	88
Figura 7 – Plaza de Armas. Santiago do Chile, 1914. Colección: Museo Histórico Nacional	91
Figura 8 – Um conventillo. Santiago do Chile, 1910. Colección: Biblioteca Nacional de Chile	91
Figura 9 – Avenida Beira Mar, Rio de Janeiro, 1906. Augusto Malta. Acervo: Fund. Biblioteca Nacional.....	92
Figura 10 – Estalagem na Rua do Senado, Rio de Janeiro, 1906. Acervo: Museu da Imagem e do Som.....	92
Figura 11 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1910. Sumário.	139
Figura 12 – Familia. Santiago de Chile: Marzo de 1914. P. 03.	140
Figura 13 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914. P. 05	143
Figura 14 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de junho de 1914. P. 05.	144
Figura 15 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Julho de 1914. P. 10.	146
Figura 16 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915. P. 04.	148
Figura 17 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915, p. 5.	152
Figura 18 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 01 de Janeiro de 1915, p. 5.	155
Figura 19 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 03 de Julho de 1930, p. 11.	155
Figura 20 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Maio de 1915. ..	156
Figura 21 – Família. Santiago de Chile: Marzo de 1915.	157
Figura 22 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Novembro de 1914.	164
Figura 23 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Julho de 1914. ..	164
Figura 24 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914...	165
Figura 25 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915.	166

Figura 26 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 26 de Dezembro de 1918.	167
Figura 27 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 25 de Dezembro de 1919.	168
Figura 28 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 24 de Agosto de 1922.	169
Figura 29 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 16 de Setembro de 1926.	170
Figura 30 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 14 de Agosto de 1930.	171
Figura 31 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1910.....	173
Figura 32 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1913.....	174
Figura 33 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1915.....	175
Figura 34 – Família. Santiago de Chile: Marzo de 1920.....	176
Figura 35 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1922.	177
Figura 36 – Família. Santiago de Chile: Febrero de 1925.....	178
Figura 37 – Família. Santiago de Chile: Septiembre de 1926.	179
Figura 38 – Família. Santiago de Chile: Octubre de 1928.	180
Figura 39 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 13 de Setembro de 1928, p. 4.....	185
Figura 40 – Família. Santiago de Chile: Mayo de 1928, p. 43.....	186
Figura 41 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: Janeiro de 1915, p. 27.	190
Figura 42 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1910, p. 1.....	192
Figura 43 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914, p. 9.	194
Figura 44 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915, p. 24.....	195
Figura 45 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: Janeiro de 1915, p. 9.	197
Figura 46 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1910, s/p.	196
Figura 47 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 19 de Dezembro de 1918, p. 11.....	199
Figura 48 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1925, p. 41.....	212
Figura 49 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 04 de Setembro de 1919, p. 35.....	213
Figura 50 – Família. Santiago de Chile: Agosto de 1928, p. 34.....	214
Figura 51 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 19 de Dezembro de 1918, s/p.....	218
Figura 52 – Família. Santiago de Chile: Setembro de 1918.	219
Figura 53 – Família. Santiago de Chile: Julio de 1916, p. 42.	221
Figura 54 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 16 de Setembro de 1926, s/p.....	221
Figura 55 – Família. Santiago de Chile: Noviembre de 1911, p. 2.	223

Figura 56 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 15 de Julho de 1915, s/p.	225
Figura 57 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.	226
Figura 58 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Novembro de 1914.	228
Figura 59 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.	229
Figura 60 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Junho de 1916. .	237
Figura 61 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1918, p. 44.	238
Figura 62 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1925, p. 44.	241
Figura 63 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 5 de Fevereiro de 1925.	241
Figura 64 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 4 de Novembro de 1926.	243
Figura 65 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1926, p. 46.	244
Figura 66 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 9 de Janeiro de 1919.	247
Figura 67 – Família. Santiago de Chile: Abril de 1924, p. 46.....	248
Figura 68 – Família. Santiago de Chile: Agosto de 1913, p. 2.	251
Figura 69 - Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914. ..	251
Figura 70 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.	254
Figura 71 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Maio de 1915. ..	256
Figura 72 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1913, p. 3.	260
Figura 73 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1917, p. 19.	262
Figura 74 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1913, p. 6.	264
Figura 75 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Maio de 1916. ..	266
Figura 76 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1916.	268
Figura 77 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1923, p. 23.	270
Figura 78 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 30 de Junho de 1927.	271
Figura 79 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1927, p. 20.	273
Figura 80 – Família. Santiago de Chile: Marzo de 1928, p. 4.....	275
Figura 81 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 14 de Agosto de 1930.	276
Figura 82 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1913, p. 1.	282
Figura 83 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1913, p. 42.	283
Figura 84 – Família. Santiago de Chile: Diciembre de 1914, p. 10. ..	285
Figura 85 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Outubro de 1915.	287
Figura 86 – Família. Santiago de Chile: Julio de 1916, p. 13.	289
Figura 87 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 25 de Janeiro de 1917.	290
Figura 88 – Família. Santiago de Chile: Outubro de 1918, p. 6.	293
Figura 89 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 4 de Setembro de 1919.	295
Figura 90 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1922, p. 3.	297

Figura 91 - Família. Santiago de Chile: Enero de 1922, p. 3.	298
Figura 92 – Família. Santiago de Chile: Outubro de 1924, p. 3.	299
Figura 93 – Família. Santiago de Chile: Outubro de 1924, p. 4.	300
Figura 94 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 5 de Fevereiro de 1925.	301
Figura 95 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 23 de Setembro de 1926.	303

SUMÁRIO

PRÓLOGO	19
1 INTRODUÇÃO	24
1.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	36
2 MODERNIDADE: SURGIMENTO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	60
2.1 MODERNIDADE NA AMÉRICA LATINA	63
2.2 MODERNIDADE NO BRASIL E NO CHILE	67
2.3 MODERNIDADES, CIDADE E IMPRENSA	73
3 REVISTAS, JORNAIS OU MAGAZINES?	101
3.1 DOS ALMANAQUES PARA AS REVISTAS FEMININAS	110
3.2 IMPRENSA FEMININA E IMPRENSA FEMINISTA NO BRASIL E NO CHILE	115
4 O PROJETO EDITORIAL	129
4.1 IDENTIDADE E PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL: REVISTA FAMILIA	130
4.2 IDENTIDADE E PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL: <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>	141
4.3 AS CAPAS COMO PORTA DE ENTRADA PARA A LEITURA	155
4.3.1 As capas do <i>Jornal das Moças</i> e da Revista <i>Familia</i>	161
5 SEÇÕES, TEMAS E GÊNEROS: O MIOLO DAS REVISTAS E O PROJETO IDEAL DE MULHER	182
5.1 ANTES DE SER MULHER, SER MÃE E ESPOSA	201
5.2 BELA, SAUDÁVEL, NA MODA E CONSUMISTA	232
5.2.1 Vendendo saúde para toda a família	236
5.2.2 A modernidade ditando a moda	245
6 O FEMINISMO ARISTOCRÁTICO DO SÉCULO XX E A LUTA POR DIREITOS	279
7 CONCLUSÃO	306

REFERÊNCIAS	311
--------------------------	------------

PRÓLOGO

Nas seguintes páginas se encontra uma reflexão sobre duas revistas que tiveram influência direta na construção da identidade de suas leitoras nas décadas de 1900 a 1930. Tanto a Revista Família, quanto o Jornal das Moças, respectivamente publicadas em Santiago do Chile e no Rio de Janeiro, foram dirigidas, editadas e escritas principalmente por homens, mas tiveram como destinatário explícito a mulher chilena e brasileira. Ciente que os homens dominavam a escrita e a composição editorial das revistas aqui citadas, cabe aqui um questionamento sobre as mesmas: O que é uma mulher segundo os homens que escrevem sobre mulheres naquele período? Esta pergunta talvez seja o fio condutor para guiar-nos pelos discursos normativos presentes nas páginas destinadas à mulher, em um espaço designado como “revista feminina”.

Esta pesquisa objetiva, portanto, aproximar por meio da História Comparada, as representações de gênero presentes na revista chilena *Família* com as representações de gênero presentes no periódico brasileiro *Jornal das Moças*. Analisaremos as representações dos papéis que as mulheres exerciam no matrimônio, na maternidade, na família, no trabalho e nas representações frente às mudanças sociais que se produziram entre o final do século XIX e o começo do século XX, uma vez que este momento, a passos curtos, maquinaram-se grandes transformações nas relações culturais, sociais, familiares e de gênero. Embora nosso principal objetivo esteja direcionado para as representações dos papéis femininos, não se deixará de analisar também os direcionamentos que estas revistas constroem sobre os papéis masculinos, percebendo estas relações por meio do caráter relacional dos estudos de gênero. Além do mais, cabe aqui também um estudo mais aprofundado, em uma perspectiva geral, sobre o papel que as revistas femininas têm como fonte para o estudo das relações de gênero, bem como documento importante para se compreender a dimensão e o impacto crucial destes periódicos na história de uma determinada cultura.

A escolha e o desenvolvimento do tema desta pesquisa de doutorado, realizada no Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina, teve início ainda no mestrado, realizado nesta mesma instituição entre os anos de 2009 e 2011. Para a dissertação, pesquisamos dois autores e duas obras literárias de grande influência no Brasil e na Argentina também do começo do século XX: João do Rio e seu *Memórias de um rato de hotel* (1912), e Roberto Arlt com *Os sete loucos* e *Os lança-chamas* (1929/1930). Me chamou a atenção, durante a pesquisa nas Bibliotecas Nacionais do Rio de Janeiro

e de Buenos Aires, ao folhear revistas literárias e jornais nos quais os autores contribuíam, a quantidade de anúncios de cosméticos e outros produtos do lar direcionados às mulheres, bem como os folhetins direcionados a uma formação pedagógica de mulher ideal para aquele período. A partir daí uma ideia se formou e, entre o final do mestrado e os três anos posteriores à defesa do mesmo, garimpei alguns materiais que me levaram às fontes de pesquisa dessa tese, a publicação carioca.

Jornal das Moças e a chilena Família

Na defesa da dissertação, expusemos algumas representações acerca da violência urbana nas capitais brasileira e argentina no primeiro terço do noventa na literatura. O espaço temporal abarcava anos de muitas transformações no Brasil e na Argentina, principalmente em suas capitais, entre elas: democracias republicanas oligárquicas, imigração em massa, reformas urbanas que aturdiram os cidadãos com seus bota-baixo e com a sanha civilizatória excludente e, por fim, a desastrosa tentativa de transformar essas duas capitais latinoamericanas na Paris dos trópicos. Como o foco naquele momento era a violência urbana que se apresentava devido a diversos fatores do período, para esta nova fase de investigação se mantém o recorte temporal, porém decidimos aprofundar as análises sobre as representações de gênero presentes no momento nas revistas que tinham um público definido, o feminino.

Mantendo o Brasil ainda como alvo, troca-se a Argentina pelo Chile, aproximando a revista brasileira *Jornal das Moças* da chilena *Família*, com o intento de compará-las. A escolha de uma revista brasileira para estabelecer algumas comparações e abordagens se deve ao interesse de aprofundar-me na história de meu país, e também porque o acesso às fontes foi facilitado já que, quase na sua totalidade, os exemplares do *Jornal das Moças* se encontram disponíveis na internet, digitalizados e catalogados na página da Hemeroteca Nacional do Rio Janeiro. Da mesma forma, também com o intuito de ligar a história brasileira ao seu contexto latinoamericano, escolhi a revista chilena *Família* por poder contar com seus exemplares facilmente digitalizados e catalogados pela Biblioteca Nacional de Chile, na página intitulada Memoria Chilena. O acesso facilitado e com qualidade a estas fontes é algo muito importante para o desenvolvimento da pesquisa historiográfica.

Por último, mas não menos importante, analisar as representações de gênero no suporte revista em contextos diferentes, com regimes políticos e traços culturais diversos se faz importante para que

compreendamos até que ponto haviam diferenças significativas nas representações de homens e mulheres, apesar das diferenças políticas e culturais de cada país. De forma a tornar o processo de comparação entre as duas revistas mais coeso e contextualizado com as problemáticas sociais e culturais da época se fez necessário pensar um marco cronológico que direciona o processo de investigação. Embora o critério de analisar todo o tempo de produção das revistas estivesse sempre presente, os mais de cinquenta anos de edições que se alternaram em semanais, quinzenais e mensais das duas revistas teria tornado o trabalho demasiadamente extenso, e fugiria do intento primeiro que era focar nas três primeiras décadas do século XX. Desta maneira pareceu mais coerente analisar as representações que se produziram desde seus primeiros números, *Familia* em janeiro de 1910 e *Jornal das Moças* em maio de 1914, até a última edição do ano de 1930. Como já assinalado anteriormente, este recorte temporal abriga em si uma série de mudanças nas relações de gênero que se produzem lentamente no seio da sociedade brasileira e chilena e que se refletem perfeitamente nas edições aqui propostas para análise.

Nosso interesse pelo estudo de suportes midiáticos como jornais e revistas é algo antigo, não obstante, tanto no TCC (2008), realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina, quanto no mestrado (2011), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, estes meios de divulgação em massa foram fontes de grande ajuda para compreender as influências sociais e culturais presentes na escrita literária, primeiramente do escritor Salim Miguel e sua obra *Nur na Escuridão*, bem como, posteriormente, para entender João do Rio com *Memórias de um rato de hotel* e Roberto Arlt com *Os sete loucos* e *Os lança-chamas*. Já o interesse pelos estudos de gênero parte também destas pesquisas anteriores, nas quais, mesmo sem ser foco de pesquisa, foi possível reconhecer muitos aspectos das disputas de poder entre homens e mulheres em um momento em que as mulheres começaram a se posicionar politicamente com mais frequência e também a escrever para revistas e jornais da época, expressando seus sentimentos, reivindicando direitos e contestando teorias que contrapunham seus anseios de igualdade social. Interessante seria um estudo sobre estas mulheres, e muitas pesquisas já contemplam esta temática, por isso mesmo nossa escolha foi focar nas revistas que estavam direcionadas para as mulheres, mas que tinham elas como editoras e autoras, mas sim homens que escreviam para elas justamente com o intuito de orientar e dizer até que ponto poderiam reivindicar direitos sem deixar de lado seus “deveres”.

Nesse sentido este trabalho é o resultado de uma caminhada acadêmica que juntou o material de muitas coisas aprendidas com muitas coisas vividas, seja na universidade ou fora dela. Os livros, as aulas, a sala de aula, os professores, os alunos, os arquivos visitados, as viagens, as trocas de experiências com colegas, os congressos e palestras, assim como as relações cotidianas com familiares e amigos fez com que essa pesquisa tomasse forma. Como bons *voyeurs* da história que somos enquanto historiadores, sabemos que nossas pesquisas, na maioria das vezes, parte de perguntas do presente, de interesses atuais, e assim, tomados por um interesse obsessivo em entender o presente quase sempre voltamos nossos olhos para o passado, para os mortos. Como afirma Gaddis, o passado aconteceu e não temos como alterá-lo (GADDIS, 2003), mas entendendo o passado temos a chance de compreender melhor o presente e por isso mesmo temos a chance de poder contribuir para um agora melhor. Segundo Schuback, os mortos nos afetam (SCHUBACK, 2000), um pensamento inquietante para alguns. Mas se pensarmos que ele pode afetar de uma maneira benéfica, que os mortos nos afetem para sempre. Dizemos isso, porque algumas representações de gênero presentes lá em começos do século XX parecem superadas, no entanto, podem ser compreendidas assim se olharmos para elas somente dentro do recorte temporal estipulado. Agora, se ampliarmos nossa visão para os dias atuais veremos que muitas das representações desse passado centenário ainda se fazem presentes em pleno século XXI, tanto no Brasil quanto no Chile. Refletir sobre estas revistas, sobre as representações de homens e mulheres que estão presentes em seus conteúdos, sobre a história que os banha é, sem dúvida alguma, contribuir para a superação atual dos estereótipos de gênero e, principalmente, é não ocultar fatos.

Dessa forma, organizamos este trabalho em torno de cinco capítulos e cada um deles nos guia por objetivos específicos. No primeiro, a Introdução, dividido em duas partes distintas, há uma breve contextualização política, cultural, social e econômica da época no Brasil e no Chile, focada nas relações de poder e subjetividades que permeiam o contexto feminino naquele momento. Em seguida, discorremos sobre os caminhos teóricos metodológicos que ajudam a fundamentar a pesquisa, principalmente a conexão entre os campos historiográficos da história das mulheres e de gênero, as práticas de leitura, suas apropriações e representações junto à história da imprensa, e a História Comparada.

No segundo capítulo, intitulado Modernidade: surgimento, conceitos e características, contextualizamos historicamente o recorte temporal escolhido para a pesquisa, tendo como principal objetivo entender o conceito de modernidade e suas características econômicas,

sociais, artísticas e culturais na América Latina, mais especificadamente no Brasil e no Chile.

No terceiro capítulo, de nome Revistas, jornais ou magazines?, observamos as modalidades midiáticas definidas como revistas, magazines e jornais, buscando suas origens e suas particularidades específicas, não tendo como intuito de trilhar um histórico de ambos, mas sim entender o surgimento dos periódicos femininos e feministas no Brasil e no Chile como meios de comunicação que carregam o conceito de variedades mesmo que versem somente sobre um mesmo tema ou atinjam um único público.

No quarto capítulo, chamado de Projeto Editorial, buscamos mostrar a constituição e a importância do suporte da revista *Familia* e do *Jornal das Moças*, expondo os traços e definições da materialidade do objeto às possíveis circulações do periódico, bem como o corpo editorial e o público pretendido. Uma análise das capas de algumas edições que circularam no período e que serviram como o chamariz principal para as duas revistas fecha o tópico.

O quinto e último capítulo, intitulado Seções, temas e gêneros: o “miolo” das revistas e o projeto ideal de mulher, foca na hipótese central desta tese que defende que tanto a revista *Familia* como o *Jornal das Moças* foram espaços midiáticos que retrataram a ideia e concepção do que significava ser uma mulher da elite durante as três primeiras décadas do século XX. Os dois periódicos flertavam entre o modelo conservador, marcado fortemente pelo catolicismo, e outro mais moderno, de acordo com a crescente modernização cultural que o Brasil e o Chile passavam naquele momento com a advento da sociedade de massas. Os modos, a moda e a saúde são analisados aqui como os principais motes explorados pelas revistas para representar o perfil conservador da mulher tradicional em relação as suas funções enquanto esposa, mãe e dona de casa. Por outro lado, a modernidade simpatizava com algumas ideias mais liberais e assuntos como a luta por direitos das mulheres, atrelados a um feminismo aristocrático que também fazia parte das publicações.

1 INTRODUÇÃO

De um modo geral, uma das principais características do capitalismo e da sociedade de classes, é a desigualdade entre os sexos. Na vida econômica, cultural, política e intelectual, os homens são os amos, enquanto as mulheres cumprem um papel de subordinadas e inclusive de submissas. Só muito recentemente a mulher começou a sair da cozinha e dos quartos das crianças para protestar contra o monopólio do homem. Mas a desigualdade inicial permanece (REED, 2011).

A citação acima de Evelyn Reed não foi escolha aleatória, pinçada ao acaso na lista de livros que nos acompanham durante um doutorado, não. Reed nesse pequeno excerto de texto nos prende por um fio condutor nos remetendo a um tema que tem necessidade de ser pesquisado e discutido, um mote que ainda hoje é motivo de debates acirrados e que esta posto, principalmente, sobre os papéis das mulheres na família e na sociedade. No recorte temporal aqui escolhido para a pesquisa, que vai de 1900 a 1930, havia um movimento político efervescente na Europa, bem como nas Américas, que lutava contra uma cultura enraizada de repressão às minorias, desigualdade e de patriarcado, que barrava todo e qualquer caminho que pudesse levar os direitos das mulheres a um patamar de conquista. Mas, apesar das lutas feministas do período abrirem um grande precedente para a discussão sobre o direito à cidadania das mulheres, muitas delas continuaram enfurnadas entre as quatro paredes do lar, submissas a pais e maridos e sem grandes chances de poder usufruir dos mesmos direitos dos homens, o que se relaciona ao fato de que havia discursos que contrapunham veementemente a causa feminista e que eram vinculados por um meio midiático muito recorrente naquele momento, as revistas femininas.

O estudo das revistas para mulheres como espaços discursivos carregados de condutas normativas é, pois, para as diversas correntes historiográficas que giram em torno da mulher enquanto sujeito histórico, um lugar de percepção quando indaga-se, principalmente, sobre se estas leitoras assíduas de seções que abordam desde a moda vigente como modos de conduta em relação ao marido, filhos e a nação se constroem enquanto sujeitos por intermédio da página impressa. Revistas com subdivisões tão variadas e com discussões tão inerentes ao papel da mulher na sociedade e no lar nos fazem indagar se a leitora que consumia o *Jornal das Moças* ou a revista *Familia* se tratava de uma mulher que segue as diretrizes impostas a seu gênero, socilmente estática ou se mesmo com tantas opiniões sobre seu modo de ser e agir ela criava meios para impor seus direitos e suas vontades.

Deste modo, o foco aqui se volta para a palavra impressa nestas mídias, escritos que buscavam dirigir-se a mulheres de classe média e alta como um referencial instrutivo baseado em modelos europeus, mais especificadamente franceses e ingleses, com uma ampla diversidade de conteúdo que intentava abarcar cada aspecto do que se considerava como feminino. Para Buitoni, no espelho da imprensa as imagens e as verdades são muitas (BUIIONI, 1990), por isso mesmo é que as revistas femininas se tornam um dos temas de investigação mais interessantes e intrigantes, porque dentro desta imprensa se escondem diversos matizes que rendem diversos tons à vida de muitas mulheres. Funciona deste modo como um termômetro dos costumes de cada época (BUIIONI, 1990), já que esta imprensa feminina se destaca por possuir uma característica fortemente documental, devido à transmissão de informação valiosa sobre as transformações sociais de um país (MELLADO, 2008).

Realmente, de forma analítica, podemos notar que em quase todas as sociedades modernas, de forma mais pontual nas sociedades ocidentais, temos a palavra escrita como um ponto central para efetivar tanto o ordenamento social quanto para estabelecer os processos de conhecimento e reprodução cultural. A capacidade de escrever, sobretudo a capacidade de compreender o que se escreve, é de suma importância para se entender o desenvolvimento efetivo do mundo dentro de suas possibilidades e de seus padrões econômicos, sociais e culturais.

Assim, os níveis de alfabetização dos indivíduos no decorrer da história da humanidade podem nos mostrar como a escrita e a decodificação de textos criaram sistemas de práticas de leitura que usam e abusam dos movimentos do leitor, no sentido que os escritos produzem sentidos únicos e transformadores, e que nas palavras do poeta e ensaísta russo Joseph Brodsky esta reflexão se resume à seguinte frase: “O homem é aquilo que lê”. Aqui, especificamente neste estudo, o que as mulheres de inícios do século XX no Brasil e no Chile lêem, compreendem e por conseguinte reproduzem no seu dia a dia após as leituras de suas magazines. Compreensões sobre discursos de gênero que estão presentes em cada momento, em cada passo da vida de homens e mulheres, e que dão significado aos seus pensamentos e ações por meio de representações culturais que, historicamente, definem e caracterizam o que denominamos de feminino, em paralelo e muitas vezes em contraposição a definição do que é masculino. Logo, como bem lembra Morant, o estudo destas representações busca entender os limites que podiam ser impostos às mulheres, porém também os desdobramentos desses limites (MORANT, 2006a).

Tanto a revista *Familia* quanto o *Jornal das Moças* foram revistas longevas e que obtiveram popularidade entre suas leitoras no período que compreende as décadas de 1910 a 1930. A primeira nasceu com periodicidade mensal, enquanto que a segunda passou de revista quinzenal para semanal a partir de junho de 1916. Seu número de páginas se manteve entre 60 e 70, e a qualidade do papel foi melhorando, sobretudo as litografias e posteriormente as fotografias que apresentavam nas capas suas leitoras e as novidades da moda. Maquinários importados da Europa e dos Estados Unidos da América deram um acabamento mais refinado às edições, ou seja, maior qualidade e maior rendimento que atraíam cada vez mais leitoras. No Brasil e no Chile estas publicações buscaram sempre ampliar suas redes de distribuição pelo país afora, sempre com o intuito de alcançar as leitoras em todos os pontos geográficos acessíveis e até mesmo recônditos de seus países, objetivo no qual obtiveram grande êxito.

Porém, pesquisar os hábitos e modalidades de leitura de mulheres no período aqui supracitado, dentro dos contextos políticos, sociais e culturais específicos de cada país é um tanto desafiador. Partindo de uma virada de século que trouxe uma modernidade disruptiva e que até os finais dos anos 20 tentava ainda se mesclar aos trejeitos de uma América Latina eurocêntrica, a análise pede muitos olhares, já que os dados são dispersos e, muitas vezes, pouco verossímeis.

É possível, portanto, rastrear por meio destas revistas, as quais estavam atreladas a uma comunidade bem delimitada na qual se manejava um conceito bem particular de ‘mulher’, os usos e práticas que se davam em torno dos textos da época, mediante seções que tratavam sobre moda, culinária ou cuidado com os filhos e o marido. Essas práticas funcionavam dentro de uma complexa relação discursiva, criadora de uma identidade de mulheres que pertenciam exclusivamente ao lar. Um tipo de mulher, enfatizamos, muito particular, uma minoria cidadina, que sabia ler e escrever e que contava com os meios para integrar-se ao mundo comercial que se criou na própria publicação.

O período apresenta personagens femininas com pouquíssima habilidade para leitura, mas, ao mesmo tempo, a tiragem de revistas e jornais femininos cada vez maior sugere, ano após ano, práticas de leitura de brasileiras e chilenas bastante eficientes. Os índices oficiais de alfabetização feminina apontavam elevadas taxas de analfabetismo entre as mulheres que viveram neste período, no entanto, é possível ver uma crescente onda de alfabetização tanto no Brasil quanto no Chile a partir dos 1900, provável consequência das campanhas de alfabetização instauradas nos dois países entre o final do século XIX e o início do XX.

Por exemplo, os censos oficiais do Brasil, levantados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio marcam que no período entre 1890 a 1920 o nível de escolaridade das mulheres é inferior ao dos homens, enquanto 28,9% dos homens sabiam ler e escrever, a porcentagem de mulheres alfabetizadas é quase 10% inferior, totalizando apenas 19,9%. Ou seja, de uma população estimada em 30.635.065 de habitantes no Brasil em 1920, na qual 15.191.787 eram mulheres, somente 3.023.389 eram alfabetizadas, número bem inferior ao deduzido por homens alfabetizados que somavam o número de 4.470.068. Contudo, o aumento de mulheres alfabetizadas em um recorte temporal que vai de 1872 a 1920 demonstra esse esforço das novas Repúblicas em aumentar os índices de homens e mulheres com poder de escrita e leitura. No caso das mulheres em 1872 o número de mulheres alfabetizadas não ultrapassava o montante de 551.426, já em 1890, um ano após a proclamação da República, o número aumentou para 734.705, e daí por diante, números cada vez mais expressivos no decorrer dos anos, 1.701.060 em 1900 e 3.023.289 em 1920 (BRASIL, 1920).

No Chile, o processo de alfabetização e instrução da população também foi expandindo-se de forma gradual da segunda metade do século XIX até o primeiro terço do século XX. Enquanto que em 1850 somente 9% da população estava alfabetizada, em 1930 a cifra de cidadãos que sabiam ler e escrever era de 60%. Diferente do Brasil, que teve sua proclamação da República já no nascer do século XX, o Chile proclamou sua independência e sua República já nos primeiros anos do século XIX, mais exatamente nos anos de 1817 e 1818, contudo, mesmo liberto da dominação colonial espanhola, o país preservou os privilégios da elite crioula e deixou a educação relegada mais uma vez às classes abastadas. Somente em 1860, com a lei geral de instrução primária promulgada pelo então presidente Manuel Montt é que a educação básica se daria pelas mãos do Estado, de forma a compreender tanto homens quanto mulheres, instaurando assim o princípio da gratuidade e do ensino popular. Em 1865, a população chilena estava estimada em cerca de 1.819.223 pessoas, sendo que apenas 309.309 sabiam ler, ou seja, 17%, enquanto que 83% vivia no analfabetismo total. Já em 1920, com um aumento substancial da população que chegava a 3.753.799 de habitantes, cerca de 1.891.780 não sabiam ler, o que estimava uma divisão quase igualitária entre os 50,40% de alfabetizados e os 49,60% de analfabetos. A partir destes dados se pode perceber que a porcentagem da população que sabe ler aumenta gradativamente e de forma substancial entre os anos de 1895 e 1920, crescendo em quase 20%. No caso das mulheres, de 1865 a 1895 temos um aumento de leitoras que salta de 125.782 para 397.837, mais

que o dobro em 30 anos e, pós virada de século, alcançando a soma de 930.099 mulheres com capacidade de leitura em 1920. Número equitativamente parecido ao número de homens leitores naquele período que era de 955.681. Nesse sentido, nos anos 20 temos 57,2% dos homens chilenos alfabetizados, contra 49,5% das mulheres (CHILE, 1925, p. 318).

Os censos oficiais marcam, portanto, um crescente investimento por parte do Estado na educação básica tanto no Brasil quanto no Chile no período que compreende o final do século XIX e o começo do século XX por intermédio das campanhas de alfabetização em massa. A população feminina que sabia ler e escrever chegou a porcentagens nunca antes alcançadas e parte dos indícios do número maior de leitoras pode ser notado também a partir do aumento substancial de novas publicações direcionadas ao público feminino, incluso aí o *Jornal das Moças* e a revista *Familia*, que tinham distribuição por quase todo o território brasileiro e chileno.

Mesmo com tal investimento, é notório que as condições de estudos dadas às mulheres diferiam das oportunidades dadas aos homens. Os pressupostos educativos femininos estavam centrados principalmente na fé cristã, no cuidado com a família, com a maternidade e com o lar, ensino formal que foi reproduzido por escolas paroquiais durante o período colonial nos dois países e que, mesmo após o advento e a consolidação da República, com os liceus e escolas técnicas, continuou predominando. Os estados brasileiro e chileno conceberam a educação feminina com o fim de ser uma das ferramentas para o desenvolvimento nacional e as preparou principalmente para o trabalho doméstico e assalariado, porém nunca descuidando daquilo que realmente importava para a nação: o cuidado da família e principalmente com a educação dos filhos. No Chile, a Lei de Instrução Primária de 1860 proclamava a igualdade e o acesso à educação de meninos e meninas, contudo, os programas de estudo eram distintos para cada sexo, pois nos educandários femininos se reforçavam os trabalhos domésticos. O excerto abaixo nos mostra claramente a definição de educação feminina no Chile naquele período:

Instrucción primaria.--Ley jeneral del ramo

Santiago, 24 de noviembre de 1860.—Por cuanto el Congreso Nacional ha acordado el siguiente proyecto de lei:

TITULO I

De las escuelas

● Artículo 1.º «La instrucción primaria se dará bajo la dirección del Estado.

Art. 2.º La instrucción que se diere en virtud de esta lei, será gratuita i comprenderá a las personas de uno i otro sexo.

Art. 3.º Habrá dos clases de escuelas, elementales i superiores.

En las primeras se enseñará por lo ménos lectura i escritura del idioma patric, doctrina i moral cristiana, elementos de aritmética práctica i el sistema legal de pesos i medidas.

En las superiores, a mas de los ramos designados, se dará mayor ensanche a la instrucción relijiosa, i se enseñará gramática castellana, aritmética, dibujo lineal, jeografía, el compendio de la Historia de Chile i de la Constitución Política del Estado, i si las circunstancias lo permitieren, los demas ramos señalados para las escuelas normales.

En las escuelas superiores para mujeres sustituirá a la enseñanza del dibujo lineal i de la Constitución política, la de la economía doméstica, costura, bordado i demas labores de aguja.

Figura 1 – Ley General de Instrucción Primaria, del 24 de noviembre de 1860

O Brasil não diferia muito dos ideais chilenos no que se referia à educação das mulheres. Sua história em relação à educação feminina e às diferenciações em relação à educação dos homens remetem ainda ao período imperial com o decreto de 15 de outubro de 1827, no qual se prescrevia o ensino primário gratuito para todo cidadão, porém com um currículo diferenciado para as mulheres, como podemos observar nos artigos dessa lei abaixo:

Dom Pedro, por Graça de Deus, e unanime aclamação dos povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos subditos, que a Assembléa Geral decretou, e nós queremos a lei seguinte:

Art 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias.

(...)

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

(...)

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brazileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º. (IMPÉRIO DO BRAZIL, 1827).

A responsabilidade do ensino ficou a cargo das províncias, que por vários motivos, incluso aí os altos gastos para manter uma escola pública, a defesa do ensino privado para somente a quem interessava e pudesse pagar, deu pouco caso a essa responsabilidade e não criou escolas suficientes para atender a população em massa naquele momento. Contudo, nas poucas instituições de ensino que tomaram forma nas capitais e em alguns arrabaldes era nítida a diferenciação entre o currículo feminino e o masculino, fato que pode muito bem ser notado no excerto de lei acima, o qual distingue o que deve ser ensinado para os meninos e meninas. O governo imperial instituiu um currículo para a educação feminina, e outro mais completo para a educação masculina (MANOEL, 1996). No caso da educação feminina, havia sido estabelecido um currículo não profissionalizante, voltado para a formação de donas-de-casa, compostas das seguintes disciplinas: leitura, escrita, doutrina católica e prendas domésticas.

Fica claro que nesse pacote educativo a formação feminina ficou prejudicada, principalmente para as filhas de famílias pobres que viviam em casa sendo preparadas tão somente para o casamento. Cresciam, dessa forma, analfabetas, sem uma mínima instrução, perpetuando a sua diferenciação cultural, econômica e social, diferentemente das filhas de famílias mais abastadas, que mesmo recebendo também uma educação voltada para o lar, tinham a oportunidade de estudar em instituições privadas com uma educação muito mais ampla. Por isso mesmo, os censos oficiais aqui já relatados tornam-se duvidosos, pois, é necessário entender o que se entende por cidadão alfabetizado e analfabeto naquele momento de finais de século XIX e começo de século XX. Segundo Roger Chartier, o ato de assinar documentos oficiais tais como certidões de casamento, pedidos de divórcio, entre outros, não funcionam exatamente como taxas de alfabetização e não podem ser levados em conta como indicadores diretos dos percentuais da população que sabe ler e escrever (CHARTIER, 1991a). Além do mais, muitas dessas mulheres não devem sequer ter sido procuradas pelos recenseadores quando da realização do censo de 1920 que investigava o grau de instrução, idade, sexo e nacionalidade nos estados e capitais de 1890 a 1920 no Brasil.

Do cenário imperial para as primeiras décadas da República pouca coisa mudou quanto à educação da mulher no Brasil e certas características foram muito bem preservadas, como por exemplo, o baixo nível da educação, defendido em nome das necessidades morais e sociais de preservação da família. Aliado a essa perspectiva, temos uma Igreja Católica conservadora, reafirmando as diferenças entre o homem e a mulher, e perpetuando essa imagem com a intenção de manter a

supremacia masculina sobre o gênero feminino. O imaginário da mulher, desde o período colonial no Brasil, foi construído sobre o colonialismo da sociedade portuguesa, e esta ligava-se fortemente aos ideais católicos (AZEVEDO, 1971). No Chile, apesar da luta das mulheres anticlericais por uma educação feminina de caráter estatal e sem influência direta da Igreja Católica, as políticas educacionais caminharam, com apoio das mulheres conservadoras, para que as instituições escolares fossem administradas pela Igreja, começando a funcionar de fato a partir da década de 1820 com algumas escolas, e terminando por tomar toda a educação feminina secundária até a década de 1870 (VALENZUELA, 1998).

Desse modo, tanto no Chile quanto no Brasil, no começo do século XIX até os primeiros anos do século XX, as mulheres, educadas por escolas religiosas ou por preceptoras estrangeiras, ou mesmo pelas escolas mantidas pelos governos, estavam fadadas a uma formação que não incluía um ofício que poderia lhes dar autonomia, pois nem mesmo a prática da leitura e da escrita muitas vezes lhes era garantida plenamente. Havia muitos medos atrelados a uma educação plena da mulher, principalmente o poder que a leitura poderia lhe dar de ter acesso a escritos considerados perigosos, como romances que incutissem a dúvida no relacionamento entre o casal, bem como leituras políticas que pudessem fazer emergir uma autonomia de pensamento não grata aos pais e maridos. A leitura, desse modo, deveria ser vigiada e controlada. De preferência, pelo marido, pelo pai ou pela Igreja.

Chile e Brasil chegaram então ao século XX compartilhando da mesma ideia de que uma educação básica para ambos os sexos serviria de suporte para alavancar a nação a um desenvolvimento completo e de encontro aos países europeus ao qual se espelhavam, porém, tanto os republicanos brasileiros quanto os chilenos e sua cartilha positivista, postulavam que, enquanto os homens desde crianças aprendiam ensinamentos para futuras profissões, as mulheres deveriam frequentar os bancos escolares para serem suficientemente alfabetizadas, de modo que pudessem ler a Bíblia e ensinar as primeiras letras e operações matemáticas aos seus filhos. Nesse ínterim, a educação da mulher toma uma proporção de importância ímpar para o progresso nas repúblicas chilena e brasileira, sendo ela a grande responsável por formar os filhos, os futuros homens e mulheres da nação, sua responsabilidade como esposa, dona de casa e mãe atrela-se também à necessidade de ordenação do país, assim, a “educação feminina é pensada como uma necessidade para se estabelecer a justiça social (...) visando atingir um estágio superior de organização social” (SAFFIOTI, 1976, p. 206.).

Essa “imprescindibilidade” moderna da formação das mulheres chilenas e brasileiras como formadoras do homem moderno abriu novos horizontes à instrução feminina. O entusiasmo civilizatório atribuiu à educação uma importância de relativa grandeza pois era ela que realçaria a valorização do homem enquanto ser de transformação social. Ficou claro então aos pensadores da época que o analfabetismo era um dos grandes empecilhos na instrução do homem, e mais, a problemática da nação não se resolveria somente com o letramento de seus meninos, mas também com a diminuição da realidade analfabeta das mulheres nos seus respectivos países. Houve assim, uma expansão do ensino primário gratuito a homens e mulheres, pois o ideal de modernização percebia que a mulher não podia permanecer na mesma situação inculta a qual se encontrava. Portanto, no Brasil, mesmo,

(...) com a laicidade do ensino e a co-educação (mesmo que essa fosse temida pelas famílias oligárquicas), cresceu o número de mulheres que tinham acesso à instrução. No entanto, para os setores subalternos da sociedade, a educação se resumia às prendas do lar e aprendizagem das primeiras letras. Chegar ao curso superior era praticamente impossível para as mulheres desses estratos sociais (SILVA; INÁCIO FILHO, 2004, p. 5).

No Chile, a educação secundária secular e estatal das mulheres havia alcançado níveis semelhantes a dos homens nos anos iniciais do século XX, contudo, junto a esta intenção de “educar” as mulheres, o princípio de educação igualitária ficou somente no discurso e, assim, os homens continuavam recebendo distintivamente uma educação emancipatória enquanto que as mulheres continuavam recebendo a cartilha da boa filha, boa esposa e boa mãe. Segundo pesquisadores chilenos, naquele momento, as “(...) escuelas nocturnas femeninas, anexas a las escuelas normales de mujeres: En ellas se daba prioridad a la higiene familiar y doméstica, a la puericultura, al cuidado de los enfermos y a las ciencias” (RODRIGUEZ et al., 1990, p. 61).

Temos, portanto, no decorrer do século XIX para o XX as mulheres em uma lenta e gradativa luta para conquistar direitos cidadãos como o acesso à educação e à política, por exemplo, porém, fato é que ao mesmo tempo havia muitas tentativas de conter esses movimentos que impulsionavam as mulheres a buscar participação ativa e equânime dentro da sociedade. Em nossa investigação, nos concentramos nas análises de

como a partir desse período a imprensa feminina considerada de caráter conservador no Brasil e no Chile representava as relações de gênero e, em especial, a vida das mulheres em suas diferentes funções sociais. Nesse caso, o estudo desta imprensa nos ajuda a compreender algumas das transformações sociais e as relações de gênero postuladas naquele momento e que são de indubitável relevância para compreender a construção dos estados de bem-estar que giravam em grande parte em torno da questão do papel da mulher nessa conjuntura. De acordo com Gárzon,

[...] la idea de las mujeres como sujetos de la ciudadanía, como trabajadoras y como madres, sin tener que depender de los hombres, se consolidó en los países occidentales entre los años veinte y cincuenta del siglo XX (GARZÓN, 2012, p. 142).

Veremos, também, que as revistas femininas, nesse contexto, estavam, além de outros fatores, diretamente influenciadas pela classe social a que pertenciam seus redatores, nesse caso, homens da incipiente classe média chilena e brasileira, um grupo social particular, com escolhas ideológicas que não eram únicas e que ressaltavam matizes, tensões e transformações no interior destes círculos sociais. Por isso mesmo, a construção destas revistas enquanto meio de divulgação de ideias, especialmente para o público feminino, em um amplo raio de circulação, são variáveis que nos permitem pensar a importância destas publicações para o desenvolvimento dos imaginários coletivos, especificamente, como estas revistas participam de processos de produção dos imaginários do feminino, tanto das leitoras diretas como da sociedade em geral.

As revistas femininas exerciam influência direta na disseminação de uma memória coletiva das mulheres por meio de suas páginas formativas. Com a moda, as dicas domésticas, os cuidados com o marido e os filhos, entre outros, estas publicações demonstravam às leitoras o que, dentro da avalanche de informações modernas que chegavam até elas, deveria ser lembrado e posto em prática, e o que deveria ser negligenciado e esquecido. Nesse contexto e, indo de encontro com a ideia de Eric Hobsbawn e Terence Ranger sobre as “tradições inventadas”, no entendimento de que estas são um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que têm como objetivo inculcar certos valores e normas de comportamentos por meio da repetição, de forma a estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado, e que por conseguinte, esses rituais, impõem novos conhecimentos, valores e

hábitos e, acima de tudo, novos sentimentos e sensibilidades (HOBSBAWM; RANGER, 1984), podemos dizer que estas revistas participaram da criação de uma tradição coletiva que impactou diretamente os modos de agir e pensar das mulheres no começo do século XX.

Desta maneira, nos ocuparemos das representações relacionadas às mulheres na revista *Familia* e no *Jornal das Moças*, de como estas deveriam comportar-se e como deveriam agir no matrimônio e na maternidade, bem como no campo do trabalho doméstico e do extra doméstico. A pergunta geral que orienta a investigação se refere a como estes dois meios de comunicação gráfica representavam a mulher no primeiro terço do século XX. Sustentamos, assim, que os meios de comunicação constituem um fator fundamental na conformação das visões de mundo, e operam como um elemento chave e de grande ressonância na configuração das representações sociais, de forma tal que conhecer as representações que difundem estes meios se resulta imprescindível para aproximar-nos destas visões coletivas. Seguindo essa linha de pensamento, propomo-nos a pensar quais imagens de mulher, de família e de sociedade o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* passam para suas leitoras, e em que medida essas imagens contribuem para reproduzir, manter ou transformar modelos já estabelecidos.

Tanto no Brasil quanto no Chile, no recorte temporal aqui estabelecido, publicava-se uma grande quantidade de revistas orientadas ao público feminino, no entanto, a eleição do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, se justifica primeiramente por serem revistas de grande tiragem e que alcançam o território geográfico de seus países quase em sua totalidade. Além disso, um segundo aspecto para a escolha das mesmas, é que são publicações que chegam a um público diverso, socioeconomicamente falando, mesmo que seu direcionamento inicial esteja focado nas classes com maiores recursos financeiros.

Nossa hipótese de trabalho é que estas revistas constroem imagens de mulheres que reproduzem modelos tradicionais e conservadores, que contribuem a construir um imaginário em que as mulheres são levadas a cumprir os papéis tradicionais de filha, esposa, mãe, dona de casa, objeto sexual, de forma conjugada. Sustentamos assim a ideia de que as revistas passam às leitoras a imagem de uma mulher subjugada ao homem, reforçando o *status quo* que aloca as mulheres em uma posição de desvantagem social e simbólica em relação aos homens, um ideal de mulher moldado por relações de poder e que é persistente na complexidade dos discursos da época.

1.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O advento da Nova História Cultural teve como principal consequência a extraordinária ampliação dos horizontes relativos às pesquisas culturais. Territórios das áreas do conhecimento que usualmente estavam envolvidos em uma importância menos significativa, marginalizados, para não dizer menores ou desacreditados, como, por exemplo, o rechaço até os anos trinta do século passado do estudo das ideias como elementos causais da dinâmica social, passaram a uma categorização acadêmica na qual tornaram-se peças-chaves para a compreensão do mundo a nossa volta.

Em um breve recorrido histórico sobre o estudo da cultura, podemos rastrear os primeiros estudos da história cultural ainda no período renascentista, no qual o foco recaía principalmente sobre o estudo das artes e das biografias da antiguidade. Um longo período de tempo em que se estudou uma História da Cultura, e não uma História Cultural propriamente dita, visto que o foco estava direcionado para a “alta cultura” renascentista, os tratados filosóficos, os textos literários e as obras de arte de distintos momentos da história. No entanto, estes estudos reduzidos a uma análise meramente estilística dos objetos culturais, como se fosse possível analisar tais objetos de maneira autônoma, mais ou menos desprendidos da sociedade que os criou.

Por esse viés, as manifestações culturais vivas no seio da cultura popular e disseminadas dentro de suas respectivas sociedades eram marginalizadas e ignoradas pelos historiadores de então, assim como qualquer objeto material produzido e que faz parte da cultura material. De tal modo, toda vida cotidiana popular que incontestavelmente está absorvida no mundo da cultura era esquecida em prol de uma História da Cultura que privilegiava uma “alta cultura”, e que se esquece, como bem lembra José D’Assunção Barros, que ao ter existência real, qualquer sujeito já está prontamente produzindo cultura, “(...) sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura” (BARROS, 2005, p. 3).

Adentrando o século XIX, podemos dizer que este pode denominar-se o “século da História”, pois é neste período o qual a História deixa de ser vista como uma “crônica”, calcada em testemunhos anteriores, para passar a ser uma “investigação histórica” pautada, principalmente, nas fontes escritas e em uma história política e econômica. De forma concisa e clara, as palavras-chaves que caracterizam

essa nova vertente historiográfica são: profissionalismo, método e objetividade.

A partir desse século, inicia-se uma discussão profícua e contraditória sobre as ciências do espírito e as ciências da natureza, que irão direcionar a pesquisa histórico-científica nas abordagens voltadas para os estudos da realidade humana. Tanto o historicismo alemão, quanto o positivismo francês, paradigmas que dominavam os métodos de pesquisa no decorrer do século XIX, tinham posicionamentos políticos distintos e antagônicos que giravam, segundo José D'Assunção Barros, primeiramente no liame do historiador com os quocientes de sua pesquisa, ou seja, na discussão sobre uma história imparcial ou cingida de parciabilidade; nos métodos científicos propícios ao desenvolvimento da pesquisa histórica, sejam eles plenamente soberanos ou os mesmos das Ciências Naturais; ou, na questão do universalismo versus relativismo, que discute sobre a oposição entre objetividade e subjetividade da verdade histórica (BARROS, 2010).

Estes dois modos de pensar “o métier do historiador” dominaram a disputa em torno do saber historiográfico até o início dos anos 1930, quando é inaugurada uma nova perspectiva de como escrever a história com Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956). Em meio às disputas acirradas destes dois blocos historiográficos de vertente alemã e francesa pela “cientificidade da História”, e dentro de uma conjunção de transformações sociais e políticas na Europa, é idealizada por Bloch e Febvre na França em 1929 a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, periódico embasado em uma nova corrente historiográfica de pesquisa, a História Econômica e Social, que influenciará de diversas maneiras outras escolas e países. Segundo Peter Burke, as propostas teórico-metodológicas pensadas pelos *Annales* podem ser entendidas em uma analogia na qual temos a história tradicional para o Antigo Regime e os *Annales* para a Revolução Francesa (BURKE, 1992a).

Em oposição a uma história política, a história social pretendida pelos criadores da revista tinha em vista o resgate do homem como protagonista de sua história, portanto, se opunham firmemente ao reducionismo político e a história-relato de caráter descritivo, defendendo uma história-problema na qual se propuseram a estudar os processos e não os feitos. O historiador partiria assim de uma problemática, de uma situação particular e inexplicável, de modo que tenha em conta a maior quantidade de aspectos a indagar em relação ao seu objeto de pesquisa. Com base nesses pressupostos, o método posto pelos *Annales* recai no

(...) desprezo ao acontecimento e insiste na longa duração; deriva a sua atenção da vida política para a actividade econômica, a organização social e a psicologia colectiva; esforça-se por aproximar a história das outras ciências humanas (MARTIN, 1983, p. 119).

Recorre assim a História, bem como a Antropologia, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, entre outras, a um tratamento diferencial em relação ao tema e as fontes, de modo que a interação com as fontes e sua interpretação intensiva e escrupulosa em relação as mesmas, difere e muito dos seguidores da escola Rankeana que restringiam o seu trabalho ao uso das fontes oficiais (FALCON, 1997).

A História Social caracterizou-se então por suplantiar estes métodos por intermédio de uma ‘história problema’, na qual as datas e os feitos deram lugar aos processos. Ou seja, o historiador parte de um problema, de um fato inexplicável de uma situação particular e, a partir daí, buscará levar em conta o maior número de aspectos a investigar. A intenção dos *Annales*, assim como lembra Reinato, parte da vontade de combater a linearidade da narrativa historiográfica ufanista e positivista por meio de uma ‘história problema’ em que a sistematização da pesquisa tem início nas problemáticas levantadas e posteriormente na escolha das fontes que permitirão construir as séries para averiguação das hipóteses pensadas. Nesse mesmo processo, o historiador

(...) não pode ser colocado como mero expectador, como elemento não ativo no processo de construção histórica. O historiador como sujeito cognoscente interage como o objeto ao problematizá-lo e, depois, ao construí-lo. Dessa forma, nos *Annales*, a História vai ser pensada a partir da idéia de construção (REINATO, 2002, p. 109).

Os *Annales* tornam-se, desse modo, um divisor de águas na historiografia de começos do século XX, visto a sua heterogeneidade de abordagens históricas. Devido a essa gama de variáveis, Peter Burke afirma que referir-se aos *Annales* como uma escola é errôneo, pois é muito mais um movimento historiográfico do que propriamente uma escola com currículo e método definido (BURKE, 1992a). A reflexão de Burke apega-se ao fato dos *Annales* estarem marcados por várias etapas, as quais tomam rumos diferenciados em distintos momentos de sua história.

Em sua primeira fase (1929-1945), período em que a revista esteve sob a direção de Bloch e Febvre, a História Social permeou as discussões metodológicas acerca das pesquisas. Já na segunda etapa, pós-segunda guerra (1945-1969), quando a revista está a cargo de Fernand Braudel, a corrente denominada História Total dá o tom e um desenvolvimento acadêmico, e a partir desse movimento começa a ultrapassar as fronteiras francesas. Nessa fase, os conceitos que marcarão as investigações históricas estão pautados mais nos aspectos socioeconômicos dentro do tempo e do espaço (larga duração ou estrutura, conjuntura e evento), do que nos estudos sobre a História da cultura ou das mentalidades.

A terceira fase, que se inicia por volta de 1968, destaca-se pela crítica à orientação política-econômica da História Social em busca de uma história totalizante. A opção por revelar as estruturas sociais que explicavam os acontecimentos foi suplantada pela preocupação dos historiadores em dar uma abordagem mais antropológica às pesquisas, direcionando a pesquisa histórica para o sujeito social e mental e para o cotidiano. Segundo Burke, essa “nova história” ou “história nova” tem interesse por toda a atividade humana, concentrando-se nos diferentes vieses da consciência social de certos grupos, regiões, épocas ou conjunturas específicas, enredando-se pelos comportamentos mentais e os mecanismos de consciência dos homens, a fim de estudar temáticas como a atitude diante da morte, a família, a concepção de trabalho, o medo, a loucura, a infância, as religiões, os gestos, o corpo, a mulher, a leitura, o livro, entre tantos outros campos que, antes considerados imutáveis, a partir de então começam a ser encarados “(...) como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, 1992b, p. 2). Essa nova etapa dos *Annales* receberá críticas quanto à fragmentação da história em diversas temáticas, desvinculando-se assim da ideia anterior de se pensar uma história total, sendo extremamente influenciada pela antropologia e, segundo os críticos dessa nova fase, o terreno ambíguo das “mentalidades” gera uma falta de precisão sobre o objeto de estudo. Segundo estes críticos, as mentalidades apresentadas no imaginário coletivo e no inconsciente coletivo detêm um certo grau de inconsistência quando separadas da existência material dos homens. Essa crítica está ligada principalmente a autores como François Dosse e Josep Fontana¹.

¹ DOSSE, François. A história em migalhas: dos annales à nova história. São Paulo: Ensaio, Campinas: Ed. Unicamp, 1992; FONTANA, Josep. História depois do fim da história. Bauru: EDUSC, 1998.

O novo movimento dessa geração, encabeçado por historiadores como Jacques Le Goff, Le Roy Ladurie, François Furet, Pierre Nora, Georges Duby, Carlo Ginzburg, Philip Ariès, Roger Chartier, Maurice Agulhon, Michel Vovelle e Robert Darnton, entre outros, atêm-se desse modo a uma história em que os novos objetos de estudo dominantes perpassam pela história da cultura e das ideias, na qual os problemas econômicos e sociais adjacentes a estes fenômenos não se desvinculam da proposta de estudo pois entende-se justamente que estes estão intensamente ligados uns aos outros. Esses novos historiadores abandonam, desse modo, a base econômica em favor da superestrutura cultural, visto que esta proposta “[...] destrói a tradicional distinção entre o que é central e o que é periférico na história” (BURKE, 1992b, p. 3). A investigação historiográfica sobre a cultura tornou-se então um campo frutífero, inovador e cheio de possibilidades, que desde as últimas décadas do século XX vem experimentando uma transformação conceitual e metodológica cujo o intento não é outro senão disponibilizar uma interpretação conexa, útil e vital da evolução das sociedades no tempo.

Desse modo, os rituais e os símbolos, assim como os meios de comunicação, a alfabetização, a leitura e a educação, são bons exemplos de objetos de estudo que vêm recebendo um olhar mais apurado e analítico, algo que sem dúvida é de suma relevância para a melhor compreensão das condutas humanas em toda sua complexidade.

Assim, para refletir de forma específica sobre nosso tema a partir das possibilidades teórico-metodológicas que a historiografia nos proporciona hoje, de forma a alcançar nossos objetivos propostos, trabalharemos com os seguintes conceitos e linhas de pesquisa, detalhados a seguir: Práticas de leitura e suas apropriações e representações; História e Imprensa; História comparada; História das mulheres e de Gênero.

Começamos com as práticas, apropriações e representações, categorias de análise fundamentais em nossa investigação. Dentre os historiadores que fazem parte do grupo que se dedica ao estudo dos fatores mentais e culturais, especificadamente com foco na história do livro e da leitura, temos Robert Darnton e Roger Chartier, que desde as últimas décadas do século XX já produziram diversos trabalhos historiográficos no âmbito da cultura escrita. As dimensões historiográficas da cultura e da política, interligadas às noções complementares de práticas e representações, de um modo geral, vincularam-se às novas possibilidades do fazer historiográfico, apresentadas por algumas das correntes nas quais tem se desdobrado a História Cultural. Para Chartier, o convite aos historiadores que adentram

na nova barca teórica promovida pela terceira geração dos *Annales* esta justamente posto na intenção de

(...) privilegiar as apropriações individuais, mais do que as distribuições estatísticas, a compreender como um indivíduo ou uma comunidade interpretavam, em função da sua própria cultura, as ideias e as crenças, os textos e os livros que circulavam na sociedade que era a sua (CHARTIER, 2006, p. 32).

O acesso aos textos, à oralidade, às imagens e às ações tomaram uma importância de valor imprescindível na prática historiográfica para se compreender e interpretar o passado e o próprio presente. Na história social, os particulares modos explicativos da área alinharam seus eixos analíticos para junto da história da cultura, algo que redimensionou o entendimento das relações sociais e econômicas para além destes conceitos, assimilando-os também como prática e produção cultural de um dado local e período. Para José D'Assunção Barros esses alinhamentos foram benéficos para a prática historiográfica, pois os fundamentos conexos de práticas e representações

(...) têm sido bastante úteis aos historiadores culturais, particularmente porque, através delas, podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e, por fim, as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes (BARROS, 2011, p. 38).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as distintas linhas de pesquisa nomeáveis no domínio da História Cultural associam-se a discursos interdisciplinares mais próprios, nos quais desde as últimas décadas do século XX, faz surgir campos de pesquisa variados, principalmente na História, Sociologia, Linguística e Psicanálise. Entre eles, a história da leitura se constituiu com força, incursionando por zonas de pesquisas antes “periféricas” ou “marginais”, procurando as trajetórias e as perspectivas no entendimento de “como” e “porquê” as pessoas lêem. Caminhos que vão de encontro com o que Chartier e Hébrard pensam

estar no princípio da prática das pesquisas sobre a leitura, que é de pensar a “(...) leitura e a escrita dos outros” (CHARTIER; HÉBRARD, 1995).

Uma história da leitura carregada de interpretações e indagações surge desse modo dentro do movimento historiográfico cultural e encaminha-se para as suas definições essenciais que são institucionais, culturais, sociais e registrada nas práticas essenciais que as ocasionam. Oferecer um olhar mais aguçado às conjunturas e aos modos, que, de forma muito tangível,

(...) determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p. 26-27).

Quando se elege perscrutar mais a fundo a história da leitura e suas práticas por um viés historiográfico, particularmente como uma prática social, deparamo-nos com uma série de questões teóricas e tratamentos próprios, que acabam materializando-se como rumos empíricos que levam a tirar por intermédio do exercício da pesquisa um conhecimento mais completo e analítico sobre a leitura. Segundo Darnton, é no tratamento da falta de clareza dos documentos que mora o trabalho do historiador, para ele,

(...) quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho (DARNTON, 1996, p. 15).

Não existe assim uma maneira única de se abordar a leitura e os leitores. Uma amostra disso são os vários estudos desenvolvidos em diversas linhas de pesquisa no mundo todo, mas que tem como referências principais europeus e norteamericanos que no decorrer do século XX se dispuseram com ênfase pragmática ao estudo da área e suas diversificadas correntes de estudo, como, por exemplo, a dimensão literária, a relação com o gosto, as representações, as trocas simbólicas, entre outros temas.

Dois autores que influenciaram diretamente essas pesquisas são o americano Robert Darnton e o francês Roger Chartier.

Mesmo com correntes de estudos diversas, alguns passos analíticos são considerados importantes na pesquisa das práticas de leitura, pois são relativos principalmente à constituição da leitura como algo que acontece em um contexto propriamente social. O hábito da leitura e da escrita numa dada sociedade e os motes de escolha no que concerne as suas leituras contribuem, como bem lembra Robert Darnton (DARNTON, 1990), para estruturar o “quem”, “o quê”, o “onde” e o “quando” da leitura. Essas indagações deslocam-se para preocupações mais complexas quando se passa a pensar também sobre o “como” e “porquê” dessas práticas de leitura, produzindo assim perguntas mais específicas como por exemplo: As leituras são decididas pelos leitores de maneira individual? Até que ponto a leitura está determinada por fatores externos?

O fato é que as perspectivas predominantes nos estudos contemporâneos sobre a história da cultura escrita têm seu desenvolvimento, como já mencionado, nas interpretações teóricas e metodológicas postas pela terceira geração dos *Annales*, também chamada de nova história, na qual Roger Chartier faz parte, e o qual foca seus estudos nos modos de escrita, nas representações, na leitura, nos leitores, nas bibliotecas, como práticas culturais, e que por sua vez são um segmento de práticas sociais muito mais complexas. Para o historiador, a história cultural do social, se centra nas estruturas e nos processos de mudanças sociais e, neste sentido, nas transformações das maneiras de ler e escrever. Contudo, mesmo sendo parte dessa terceira geração que, segundo Dosse, “esmigalhou” a história em vários temas e subtemas, fugindo assim da proposta anterior de uma história totalizante, Chartier afirma que esta corrente de estudos sobre a cultura escrita tem começo com o livro pioneiro de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin intitulado *O aparecimento do Livro* de 1958, dez anos antes do aparecimento da terceira etapa dos *Annales*. Para o historiador francês, esse impulso nos estudos referentes à história da leitura e suas práticas dão lugar a novas maneiras de se entender a difusão do conhecimento por meio dos modos de apreensão e compreensão do mesmo, pois considera as práticas como atos individuais de assimilação e interpretação de textos, atos coletivos que permitem aprender e socializar o conhecimento em debates acadêmicos ou políticos, que elevam as práticas de leitura a um estado democrático, inalcançável em outras épocas. A noção de prática é uma ferramenta indispensável porque permite ampliar o campo de análise e a maneira de abordar as fontes históricas no momento de empreender uma investigação pelas sendas da história da leitura (CHARTIER, 1991b).

Do mesmo modo, mesmo não se identificando totalmente com os *Annales* franceses, a postura do historiador norte-americano Robert Darnton, também visualiza a necessidade de estudos que analisem as consequências representadas na cultura escrita para o desenvolvimento das sociedades. Implicações que não devem ser notadas de maneira unilateral, mas sim pelo olhar interdisciplinar, como uma maneira de vincular os estudos da história da cultura escrita com a antropologia e a sociologia, centrando a atenção nas microanálises dos processos internos pelos quais os leitores dão sentido às palavras. O autor se preocupa desse modo em rastrear as “respostas dos leitores” aos documentos, em particular, por construir por meio dessas, um contundente relato interpretativo com base em diferentes disciplinas das ciências sociais.

Para o autor, a história da leitura ainda clama por um patamar mais amplo no campo investigativo que coloque frente a frente leitor e leitura ao declarar que

(...) há de ser possível desenvolver uma história, bem como uma teoria da reação do leitor. Possível, mas não fácil, pois os documentos raramente mostram os leitores em atividade, modelando o sentido a partir dos textos (DARNTON, 1990, p. 148).

Sendo assim, atingir os “comos” e os “porquês” que rodeiam as práticas de leitura dos leitores, como forma de apropriar-se do “fora-do-texto” é, portanto, um trabalho instigante.

Encontramos assim os estudos da leitura e da escrita na epiderme dos estudos históricos desde finais do século XX, buscando, por intermédio de métodos e fontes, a essência social e cultural das sociedades ledoras. Convém, no entanto, situar essa natureza íntima leitora e escritora no processo que interliga esse substrato social às forças dos agentes e das estruturas que estão indireta ou diretamente ligados à cultura escrita e ao desenvolvimento da escrita: a imprensa, os manuscritos, os sistemas de codificação, entre vários outros sistemas. Para Darnton, essas discussões têm a ver com os historiadores da terceira geração dos *Annales* que incluíram no rol de discussões sobre o livro as peculiaridades bibliográficas e o modo geral de produção e consumo do livro dentro de um longo prazo na história. Direcionamento mais interessante ainda, pois “(...) não se interessavam por livros raros e edições de luxo; pelo contrário, concentraram-se no tipo mais comum de livros, porque queriam

descobrir a experiência literária dos leitores comuns” (DARNTON, 1990, p. 110).

A relevância destes sistemas na construção de sentidos é ponto crucial na abordagem da leitura das fontes em que aqui se pretende fazer. Tanto o *Jornal das Moças*, quanto a revista *Familia* exprimem uma época e determinadas práticas de leituras femininas que supostamente, a partir destes, firmaram conceitos e imaginários entre seu público leitor. Reconhecer os traços das práticas de leitura no interior destas revistas e nas representações é uma questão central neste trabalho.

Para essa análise, o que nos interessa enquanto método de pesquisa, recai principalmente sobre uma ampla difusão acadêmica da história da leitura que vêm a passos largos desde finais da década de 1980. Chartier (2001), um dos exponenciais autores dentro deste campo de pesquisa, já esboçou em profundidade em diversas publicações dois aspectos principais que devem ser ressaltados para aqueles que se iniciam pelas sendas da história do livro e da leitura: primeiramente, é importante ter em conta que a construção de um livro implica diretamente em uma mudança de articulação no discurso da obra. Logo, toda a materialidade presente na sua estrutura, desde a configuração das páginas, passando pela seleção tipográfica, bem como a disposição e imposição dos textos, entre outros aspectos como coloração e tamanho, constitui um modo diferente, uma reconfiguração que influi no processo de leitura. Por isso mesmo, o suporte dá uma chance de ler por detrás da leitura.

O segundo elemento a se ter em conta é a aparição do leitor como foco de análise. Quando os historiadores começam a focar na figura dos leitores aparecem novas e complexas realidades que se mostram de suma importância para se entender as práticas de leitura. Entre elas, compreender como o livro ou os impressos de leitura em geral se consituíram como importante máquina de produção de leitores. Além disso, identificar e rastrear as impressões e as influências da leitura nos leitores por meio da interpretação e das representações, se colocam como ponto de análises qualitativos cruciais para a história da leitura. Chartier, a partir de uma aproximação da história das mentalidades com o estudo das representações e das práticas culturais, sugere que os atos de leitura que dão aos textos significados plurais e móveis se situam no encontro entre as maneiras de ler e nos protocolos de leitura dispostos no objeto lido (CHARTIER, 1997). Essa linha de pensamento é fundamental para a compreensão da leitura dos periódicos aqui escolhidos como fontes de pesquisa em várias instâncias.

Logo, não é suficiente pensar a história do *Jornal das Moças* e a revista *Familia* apenas como textos. É necessário adentrar no complexo

território das práticas de leitura, os quais tem sua própria história. Compreender os usos desses dois periódicos pela perspectiva da história da leitura, requer partir da materialidade dos impressos e logo buscar indícios das maneiras de ler que se deram na época em que foram produzidos. Os modos de leitura por sua vez refletem crenças arraigadas e excedem o domínio da escritura ao desembocar em vários gêneros do discurso oral. Nesse sentido, as práticas de leitura guiam a uma determinada relação com os materiais escritos e abrem espaços para a apropriação da cultura escrita.

Torna-se extremamente difícil reconstruir o enredo de uma prática cultural a partir da documentação usual do historiador. Assim, ao abordar as revistas pelo viés de Chartier e Darnton no período que compreende as três primeiras décadas do século XX no Brasil e no Chile, temos uma metodologia de pesquisa que parte de um campo de estudos que privilegia a produção cultural impressa e seus desdobramentos no âmbito da sua leitura do universo feminino. Temos, portanto, uma ferramenta teórica-metodológica com a capacidade de compreender dentro de um campo histórico singular as práticas simbólicas dos embates pelo poder e controle entre os grupos ou entre os sujeitos que representam tais grupos, e que se constroem nas relações entre os mesmos, indiferentemente das vontades ou consciências próprias que produziram em um definido campo social. Nas palavras de Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas

para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

A proposta do historiador francês Roger Chartier e sua história social dos usos e representações culturais se sustenta, portanto, no cruzamento da crítica textual e em uma retrospectiva sociológica das práticas de leitura, ideia que permeia a intencionalidade destas páginas. Desse modo, Chartier fala das diferentes formas de apropriação dos textos, bem como dos diferentes procedimentos de interpretação a que esses são submetidos. Nessa perspectiva, e para poder compreender melhor o uso que o historiador faz da categoria de apropriação, é importante fazer referência a duas perguntas colocadas por Chartier: como os textos, convertidos em objetos impressos, são utilizados, decifrados, apropriados por aqueles que os lêem ou por aqueles que escutam outros lerem? Como, a partir dessa leitura particular os sujeitos constroem uma representação de si mesmos ou de seu mundo? (CHARTIER, 1991b).

Essas duas perguntas, além de direcionar o caminho metodológico de pesquisa com as práticas de leitura e suas apropriações e representações, nos convida também a por em prática uma metodologia de trabalho específica para abordar o passado, tendo como fim a compreensão do mundo cultural de uma sociedade determinada, no caso aqui mulheres leitoras de duas revistas femininas, *Jornal das Moças* e *Familia*, no Brasil e no Chile. De certa forma, quando Chartier propõe esta metodologia de pesquisa, ele transgride as fronteiras de uma “história social da cultura”, passando a transitar no campo da “história cultural da sociedade” (BURKE, 1992a). Assim, pretende compreender as diversas significações presentes nos textos ou em um conjunto de textos, identificando os conceitos que comandam a elaboração e a produção, assim como desvelar as estruturas dos objetos escritos que possibilitam sua transmissão (CHARTIER, 1990).

Para Burke, a noção de apropriação passa pelas práticas e pelas maneiras de usar os produtos culturais (BURKE, 1992a), logo, conforme Chartier, aponta dessa forma para uma história social dos usos e

interpretações, relacionados com suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que os produzem (CHARTIER, 1990). Assim, todo o exercício de apropriação coloca em movimento uma série de práticas, tanto sociais como discursivas, que exteriorizam as formas em que receberam e interpretaram as ideias. Nesse sentido, tentar identificar as formas em que foram apropriadas as ideias sobre o feminino pelas mulheres chilenas e brasileiras por intermédio da leitura de revistas femininas, exige reconhecer as práticas que fizeram possível a consituição de uma estrutura interpretativa que consolidou essas mulheres como uma comunidade de interpretação. Assim, compreendemos como práticas as formas de disposição social que como estruturas-estruturantes determinam os meios, os ritmos e os modos de constituição da dita estrutura de interpretação e, portanto, de uma comunidade intelectual (CHARTIER, 1996).

De tal modo, a imprensa periódica para os estudos das práticas, representações e apropriações da história da leitura assume uma relevância significativa pois, configura-se como um espaço no qual se pode notar os diferentes discursos, desejos, realidades e projetos dos muitos sujeitos envolvidos no cenário cultural brasileiro e chileno. Para o historiador Reinhard Wittmann em seu ensaio *Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?*, essa mudança na forma de produzir textos e os ler após o surgimento da imprensa propõe nas sociedades uma transformação de mentalidades, principalmente no âmbito da autonomia espiritual, bem como na identidade individual. A individualidade burguesa estava desejosa por uma comunicação que ampliasse o universo de descobrimento, a liberação de subjetividades e o universo de experiências. Assim, nenhum outro meio poderia fazer melhor esta função do que a palavra escrita e impressa. A cultura impressa e a literatura se converteram em campo de práticas do autoconhecimento e do raciocínio e passaram a identificar-se com outros valores da consciência pública (WITTMANN, 1999).

Logo, a massiva difusão que tiveram os livros, os jornais e as revistas, foram um acontecimento urbano determinante para a configuração das novas práticas de leitura (SARLO, 2004). Sobre esse aspecto, tanto o *Jornal das Moças* quanto a revista *Familia* asseguravam aos novos leitores do Brasil e do Chile uma edição escrita verdadeiramente para as famílias das mulheres da elite. Dividia-se assim em várias seções que iam de encontro aos interesses dessas leitoras, desde a cobertura dos eventos da alta sociedade como reuniões em *garden party*, quermesses, *soirées*, bodas, recepções diplomáticas, entre outros. Além das superficialidades da vida mundana, outras seções dentro das revistas

aumentavam o leque do discurso pedagógico normativo do feminino. Como as tendências da moda, as correspondências, a seção infantil e culinária, todas centradas em mostrar os gostos e modos de comportamento refinados provenientes da Europa ocidental, dos Estados Unidos, e em alguns casos do Japão, perfilavam-se como orientações escritas básicas para a formação de uma cultura conservadora que determinava os rumos da mulher enquanto esposa, mãe e filha. Nesse sentido, estas revistas revelam também a posição social da mulher de inícios do século XX e o direcionamento das leituras femininas em uma sociedade patriarcal.

A imprensa, e a história impregnada nela, por meio de suas temporalidades, personagens, periodizações, características e possibilidades técnicas, cumpre um papel fundamental para esta tese. Pois, além de registrar fatos e acontecimentos, é uma linguagem típica do social, que guarda uma historicidade e singularidades exclusivas, e solicita ser apurada e compreendida como tal, desvelando, a cada momento, os nexos imprensa/sociedade, e os fluxos de constituição e instituição do social que esse liame propõe. Essa concepção foge daquilo que Raymond Willians, em seu artigo sobre a imprensa popular inglesa, alertou sobre uma abordagem de pesquisa isolada e que se referencia a si mesma quando se perscruta o campo da história da imprensa. Segundo o autor, esse modelo teórico-metodológico não busca as conexões e vínculos com a história social, muito menos com outras formas de comunicação que possam ampliar a visão sobre as fontes, como por exemplo, os movimentos políticos e sociais, as conjunturas e processos econômicos, e as mobilidades e organizações culturais às quais as formas históricas da imprensa se associam de modo mais particular (RAYMOND, 1978).

O uso da imprensa escrita pela historiografia sem o caráter fetichista da fonte foi um grande ganho para as pesquisas, bem como para o historiador. A análise crítica sobre a imprensa e a história presente nela fez surgir aos olhos dos historiadores uma diversificação de fontes de pesquisa. Dentre estas, os jornais e revistas tornaram-se particularmente um foco de atenção em muitos trabalhos.

Logo, pela grande quantidade de historiadores adeptos da análise da imprensa escrita, se fez necessário buscar um embasamento maior no campo teórico-metodológico para perscrutar esses documentos sem grandes riscos para a escrita da história, procurando mostrar um caminho que não recaia só no documento em si, mas também na diversidade de assuntos que rodeiam essa fonte. Desse modo, como bem explicita Tania Regina de Luca, nossa metodologia de trabalho com fontes da imprensa

é compreendida como um trabalho de análise do conteúdo que não pode prescindir dos dados provenientes da publicação em si (LUCA, 2016).

Ainda segundo a autora, na década de 1970 já havia uma preocupação em utilizar os periódicos como fontes de pesquisa, porém os estudos recaíam na escrita de uma história da imprensa e não em uma escrita da história por meio da imprensa (LUCA, 2008). Essa primeira escolha se definiu por conta da desconfiança dos historiadores em relação às fontes (CAPELATO, 1988), temor que está ligado de forma categórica à obsessão da busca pela verdade dos historiadores. Até meados do século XX, a pesquisa com a imprensa no Brasil seguia dois rumos distintos no quais, um entendia as fontes como repositórios da verdade, a notícia como relato de fidedigno e o outro como material imerso em desconfiança.

Com o fortalecimento da História Cultural pós-movimentos de maio de 1968, pouco a pouco, a partir de um olhar mais aprofundado sobre os periódicos, os pesquisadores começaram a se enredar nas tramas da imprensa. Indo além de apenas uma historização do documento, e de encontro com as ideias de Jacques Le Goff (o qual menciona que nenhum documento é inocente, e todos devem ser avaliados de forma crítica, os rompendo e fragmentando para não se deixar desviar pelo chamado “discurso da fonte”), os historiadores partiram para conhecer melhor todos os campos interligados à produção da imprensa escrita, como o público que produz e que consome, a opinião pública e a penetração da influência política, cultural e econômica que permeia jornais, revistas e outros (LE GOFF, 1996).

Para que esse percurso se torne mais rico, a dialética com outras fontes é de suma importância pois, como bem lembra Derocina Campos Sosa, “(...) o estudo da imprensa necessita do reconhecimento do que está em torno dela, já que essa mesma imprensa está invariavelmente atrelada ao seu tempo histórico” (SOSA, 2007, p. 11-12). Logo, quando se interpelam periódicos, a análise minuciosa deve ser feita seguindo uma linha de pensamento diferente do leitor diário que folheia suas páginas. Assim, é necessário estudar a imprensa escrita de forma ampla, sem se isolar no documento em si, indo a fundo no processo todo: da organização editorial, da produção, das tecnologias usadas e, até mesmo, suas concorrências diretas. Essa metodologia historiciza a fonte pesquisada, não de forma padronizada, até mesmo porque o processo e o foco da pesquisa muda segundo o tempo histórico e o local da produção, assuntos esses que modificam a conjuntura em que o periódico foi pensado, produzido, escrito e lido. Segundo Lapuente:

O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes, buscando evidenciar – e cativar – o seu público-leitor. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, pois há, nos bastidores de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público alvo etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfarçado (por isso também o cuidado com análises que focam exclusivamente nos editoriais para conhecer o posicionamento do periódico) (LAPUENTE, 2016, p. 18).

A imprensa escrita é, portanto, uma prática social que está atrelada com laços firmes às classes as quais se direciona e por isso mesmo já demonstra a sua relação de poder. Como bem alerta Capelato, os periódicos, continuamente agiram e agem por meio da força política que lhes são conferidos, por isso mesmo, os governos e as classes mais abastadas os bajulam, os vigiam, os dominam e os castigam. Atento a tudo isso, o historiador deve buscar nas entrelinhas da imprensa e de suas produções não só as informações objetivas e subjetivas de quem domina estes meios, mas, além disso, os interesses do próprio jornal (CAPELATO, 1988). Logo, os elementos históricos são de suma importância para entender o recorte temporal e espacial pesquisado, nunca desvinculado dos interesses do próprio periódico, pois são eles que, por intermédio da notícia, manipulam o conhecimento apreendido pelos leitores. Cabe então ao pesquisador “[...] os questionamentos às fontes para extrair um significado, retirando de sua linguagem os elementos capazes de representarem determinado momento histórico” (SOSA, 2007, p. 16-19). Essa vertente de análise pode ser muito frutífera já que se interliga diretamente à linha de pesquisa das práticas de leitura e à história das representações coletivas do mundo social, tão bem teorizadas por Roger Chartier, que entende estas práticas e representações como as diferentes formas por meio das quais as comunidades, partindo de suas diferenças sociais e culturais, percebem e compreendem sua sociedade e sua própria história. O processo para entender essa metodologia é uma associação de três tipos de investigação: análise de textos compreendidos

em suas estruturas, motivos e objetivos; estudo dos objetos impressos, sua distribuição, fabricação e formas, e história das práticas, que ao tomar contato com o escrito, concedem uma significação particular aos textos e suas imagens. O cruzamento entre a crítica textual, a história dos periódicos e a sociologia retrospectiva das práticas de leitura é vista como uma definição de história cultural (CHARTIER, 1991b).

Essa metodologia trilha um caminho que vai da alfabetização da população até a sua familiarização com a leitura dos periódicos, bem como o entendimento sobre o processo de absorção desses públicos cotidianos pela imprensa escrita. É fato que a imprensa, principalmente a partir do começo do século XX no Brasil e no Chile, tem fator preponderante no processo de mudanças de comportamento em relação às práticas de leitura, à linguagem e ao modo de vida de seus leitores e, a partir dessa influência, arquitetada aquilo que pode ser apontado como desenvolvimento de um público leitor cativo. Logo, a criação ampliada dos periódicos no começo do século XX está conectada, concomitantemente, ao desenvolvimento da cultura letrada (CRUZ, 2013).

A virada do século XIX para o XX é um momento de ebulição de periódicos tanto no Brasil quanto no Chile, o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* são frutos dessa efervescência e, a partir de uma análise crítica sobre eles, é possível descobrir qual público estas revistas visavam alcançar. Heloisa de Faria Cruz apresenta um ponto importante sobre o perfil de alguns periódicos: suas chamadas nas páginas iniciais ou em seus editoriais denotam o público o qual queriam atingir (CRUZ, 2013). Títulos como *Jornal das Moças* e revista *Familia* são bastante claros na definição do perfil leitor, outros periódicos do momento focavam em títulos mais genéricos, como *Estudantes*, *Literatos* ou *Dos habitantes da cidade*, entre outros. No entanto, essa metodologia de identificação do público alvo deve ser seguida com atenção, afinal nem sempre essa determinação é satisfatória para abranger o público na sua totalidade. Para evitar o erro da generalização, Maria Helena Rolim Capelato lembra que é imprescindível avaliar o periódico em todo o seu teor, não exclusivamente em alguns elementos, no qual um olhar ligeiro e distraído pode conjecturar em fins errôneos e arriscados (CAPELATO, 1988).

Porém, fica claro no período aqui estudado que os periódicos ressaltam uma clara divisão de públicos já pela condição social. No caso desta tese, com base em dois periódicos voltados para o público feminino, o foco recai sobre a elite brasileira e chilena, porém não se nega o fato de que estas revistas também podem ter chegado a outras classes sociais. Procurando um público bastante característico, com alcance e poder

econômico de uma imprensa burguesa, os dois periódicos foram o meio encontrado pelos governos e empresas para dar visibilidade ao projeto nacional de mulher e os produtos do capitalismo efervescente ligados a ela e ao lar, seu *locus*. Imprescindível, no entanto, entender que essas propagandas não chegam somente às classes mais abastadas, afinal, não se aventa afrontar a imprensa escrita como um “fantoche” de seus editores e anunciadores, assim como nem completamente subordinado ao seu público leitor.

Sendo assim, nosso objetivo aqui é buscar as relações existentes entre as diferentes modalidades de apropriação dos textos e os procedimentos de interpretação que sofrem, em outras palavras, como os textos, convertidos em objetos impressos, são utilizados, decifrados, apropriados por aqueles que lêem, e como graças a mediação desta leitura, os sujeitos constroem uma representação deles mesmos, uma compreensão do social e uma interpretação de sua relação com o mundo natural e sagrado (CHARTIER, 1991b). Temos, portanto, um campo de estudos em que se cruzam duas linhas, uma vertical ou diacrônica, que nada mais é do que a relação do texto ou sistema de pensamento com uma expressão prévia do mesmo ramo de atividade, e outra horizontal ou sincrônica, que estabelece a relação desse conteúdo intelectual com outros ramos e outros aspectos da cultura. Pretende-se assim, tentar explanar as entrelinhas entre história e imprensa por intermédio das práticas de leitura não por meio de uma visão única, mas sim a partir de todas as práticas adjacentes sobre as quais se amparam. Entre estas práticas se encontram a relação dialógica do leitor, suas interpretações do texto e a proposta do periódico; a existência do periódico é definida pela relação entre sua materialidade e a dos leitores, ou seja, a partir da obra e suas diversas formas é que se definem os leitores; já o mundo do texto é um mundo de materialidades, objetos, práticas, que permitem a produção de sentido. O mundo do leitor é um mundo de comunidades de leitura determinadas por normas, leis, interesses, e não somente o socioeconômico. Nos periódicos é possível identificar as condições de produção, embora seja necessário entender que há uma diferença entre a realidade e a representação. Por outro lado, existe uma pluralidade de interpretações e apropriações, pois as obras adquirem existência a partir das interpretações dos leitores, também determinados por seu momento e condições (CHARTIER, 1991b).

Entre os diversos métodos de investigação possíveis para se compreender determinado tempo histórico, o foco comparativo mostra-se uma ferramenta de análise que proporciona ao historiador elementos que permitem encontrar o que há de específico, de único em um fenômeno,

em uma região na qual pode-se distinguir regularidades e padrões comuns (BURKE, 1997, p. 34). A partir de uma história comparada, é possível chegar a conclusões mais acertadas a respeito da história da imprensa feminina no Brasil e no Chile, já que este tipo de periodismo no começo do século XX carregava características próprias, oriundas de outros países, mais outras tantas, emergentes na América Latina, que pretendiam pensar um ideal de mulher por intermédio de suas publicações destinadas a públicos específicos. Nesse caso, a comparação entre países latino-americanos se justifica porque “(...) em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola” (PRADO, 2005, p. 12).

Esse exercício comparativo e investigativo em torno da imprensa feminina e do que é ser mulher no começo do século XX nestes países aqui propostos não pressupõe que os referenciais teóricos discutidos são estruturas fechadas em si. Pelo contrário, os referenciais aqui apresentados são admitidos como amplos lugares de enunciação a partir dos quais buscamos arquitetar horizontes de sentido que respondam aos nossos desígnios de análise e às peculiaridades das fontes avaliadas. Um estudo a partir de uma perspectiva comparada não pode ser reduzido a uma série de regras metodicamente utilizadas para solucionar problemas históricos específicos, a história comparada deve permanecer aberta para a quantificação, para a constituição de modelos, para teorizações e para justaposições entre sociedades distintas e entre momentos históricos. Segundo Raymond Grew, não há precisamente uma metodologia comparativa, mesmo que Marc Bloch, um dos precursores das comparações, tenha sucessivamente mencionado um método comparativo, o uso da comparação é muito mais uma forma de pensar a diversidade de pontos de vista no campo de pesquisa do que exatamente uma metodologia com regras rígidas e aplicadas a estruturas formais (GREW, 1980).

É fato que a comparação como método é tão antiga quanto a preocupação do homem por compreender o mundo a sua volta (GREW, 1980), no entanto, foi Marc Bloch um dos principais impulsionadores da história comparada com um caráter mais problematizador, a qual fugia da comparação do lugar próprio e das histórias nacionais, rompendo assim com as fronteiras artificiais do nacionalismo (BARROS, 2007), construindo, desse modo, pressupostos fundamentais que atribuem coerência a toda comparação histórica.

Os dois principais direcionamentos que Bloch determina para a comparação são: as unidades a serem comparadas devem apresentar certa semelhança no recorte temporal estipulado e que necessite existir certa

diferença nos lugares em que essa semelhança ocorre. Nesse sentido o historiador inglês Edward P. Thompson corrobora quando diz que: “Cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos amplamente separados no tempo e no espaço revelam, quando se estabelece relação entre eles, regularidades de processo” (THOMPSON, 1978, p. 97-98). Assim, a comparação torna-se uma forma de desnaturalizar os acontecimentos e encontrar os problemas inerentes aos processos históricos pois, não há nada mais arriscado para qualquer ciência,

(...) que a tentação de olhar o presente e entendê-lo como ‘natural’. Dessa maneira, apenas a abordagem da história comparada poderia indicar a existência de um problema diante de fenômenos aceitos como naturais e que aparentavam não necessitar de explicação (PRADO, 2005, p. 18).

Partindo dessas conjecturas, podemos admitir que pela História Comparada existe a possibilidade de comparar sociedades em um espaço de tempo próximo, assim como sociedades com espaço temporal extremamente distantes. Isso se dá porque a História Comparada pode ser delineada como uma modalidade historiográfica complexa atrelada a uma maneira particular de analisar a história. Como bem fundamenta Barros, a História Comparada:

Situa-se portanto entre aqueles campos históricos que são definidos por uma abordagem específica – por um modo próprio de fazer a história, de observar os fatos ou de analisar as fontes. Resumindo em duas indagações que a tornam possível, a História Comparada pergunta simultaneamente: “o que observar?” e “como observar?”. E dá respostas efetivamente originais a estas duas indagações (BARROS, 2007, p. 09-10).

A proposta de uma perspectiva comparada pode ser entendida, essencialmente, como uma ferramenta para abordar problemáticas intrínsecas à explicação histórica, se afastando do habitual papel descritivo da história (SEWELL, 1967). Logo, “comparar”, nada mais é que uma forma muito peculiar de abordar questões por meio de proposições e pensamentos. Para Barros,

(...) comparar é um gesto espontâneo, uma prática que o homem exercita nas suas atividades mais corriqueiras, mas que surge com especial intensidade e necessidade quando ele tem diante de si uma situação nova ou uma realidade estranha (BARROS, 2007, p. 10-11).

Na perspectiva metodológica proposta por Bloch, dentro de uma única lógica comparativa há três usos distintos do método, reconhecidos como: a comparação para descobrir singularidades; a comparação para validar hipóteses e a comparação para formular problemas históricos. Em seu método se esconde uma mostra de complexidade de reconhecimento teórico implícito nos exercícios de História Comparada permitindo que em qualquer estudo histórico se possa empregar diferentes marcos comparativos para os diferentes temas abordados. Mesmo que seja o estudo da história de uma única nação, a comparação pode ser feita desde que usa para a formulação do problema (SEWELL, 1967).

A História Comparada para esta tese, nesse momento, ante a provocação e a necessidade de se pensar as revistas femininas *Jornal das Moças* e *Família* em diferentes países e como mídias que ditam modos e comportamentos às mulheres no começo do século XX, aplica-se como método e, portanto, versa sobre:

(...) iluminar um objeto ou situação a partir de outro, mais conhecido, de modo que o espírito que aprofunda esta prática comparativa dispõe-se a fazer analogias, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, a perceber variações de um mesmo modelo. Por vezes, será possível ainda a prática da “iluminação recíproca”, um pouco mais sofisticada, que se dispõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum. Será por fim possível, se o que se observa são dois objetos ou realidades dinâmicas em transformação, verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica – de modo que se possa identificar um certo padrão de transformações no decurso de

um tempo – e, mais ainda, se temos duas realidades contíguas, como uma influencia a outra, e como as duas a partir da relação recíproca terminam por se transformar mutuamente (BARROS, 2007, p. 10-11).

Assim, as labirínticas linhas que determinam os caminhos da perspectiva comparada nos consentem sugerir uma história que, como bem lembra Bloch, levam o historiador a desviar-se dos olhares costumeiros da historiografia, pela via do desconhecimento. Na complexidade da comparação, o historiador se aproxima de outra história desconhecida, que lhe permite certo distanciamento das clássicas visões históricas, tanto do caso que conhece melhor, quanto da história que está a ponto de conhecer. Essa metodologia comparatista nos permite também arriscar, assim como Patricia Galeana empreende em seu artigo intitulado uma *Historia comparada de las mujeres en las Américas*, em uma vertente investigativa que tem consciência da importância de se reescrever a história das mulheres com foco nas relações de gênero no Brasil e no Chile, justamente para ter uma visão muito mais integral sobre a mesma (GALEANA, 2012).

Como já mencionamos, o objetivo desta pesquisa é expor a partir da História Comparada, as representações femininas presentes nas revistas: chilena, *Familia* e brasileira, *Jornal das Moças*, publicações destinadas às mulheres chilenas e brasileiras entre 1900 e 1930. Nas páginas desses periódicos é possível perceber como as mudanças/rupturas se vão produzindo em relação ao feminino, porém também é verificável a continuidade de muitas representações no decorrer desses anos. O conceito de modernidade almejado pelos Estados no começo do século XX se dá em torno da ideia de bem-estar, e essa edificação passa também pela questão da mulher e sua influência direta nessa empreitada. A ideia das mulheres como sujeitos ativos na cidadania, como trabalhadoras e como mães, sem ter que depender dos homens, começa a se consolidar nos países ocidentais entre os anos vinte e cinquenta do século XX (GARZÓN, 2012), movimento influenciado também pelas lutas feministas, as quais são de extrema importância para se compreender as conquistas posteriores a esse período.

Por isso mesmo, a História das Mulheres e das Relações de Gênero enquanto teoria e categoria de análise é de suma relevância para esta pesquisa, pois os discursos e representações de gênero estão presentes em cada momento da vida de homens e mulheres. As representações culturais historicamente definem e caracterizam o que denominamos de feminino,

em paralelo e muitas vezes em contraposição ao masculino, por isso mesmo, o estudo destas representações busca compreender os limites que podiam ser impostos às mulheres, porém também os desdobramentos desses limites (MORANT, 2006a).

Também no século XX a historiografia sobre as mulheres começa a dar seus primeiros passos sob o título de História das mulheres. Debruçando-se sobre “(...) temáticas e grupos sociais até então excluídos da história, contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres” (SOIHET, 1997, p. 275), ampliando assim as discussões sobre os grupos sociais, em um momento em que pluralizaram os objetos de investigação histórica, incluindo as mulheres, que passaram então a ser consideradas objetos de investigação e sujeitos históricos. Segundo Soihet, o movimento feminista nas décadas de 1960/70 teve um papel importante no debate acerca da história das mulheres quando as envolveu na ampliação dos alcances da história (SOIHET, 1997).

Diante das discussões e de tudo que abarcava o marco de pesquisa mulher, ainda na década de 1970 se começa a utilizar o termo “mulheres”, respeitando assim as múltiplas identidades femininas e o estudo das mulheres considerando outras categorias de análises como a sexualidade, a classe, a etnia e a nacionalidade, reivindicando uma ‘diferença’ – dentro da diferença (SOIHET, 1997). Logo, “(...) a categoria ‘mulher’, que constituía uma identidade diferenciada da de ‘homem’, não era suficiente para explicá-las” (SOHEIT; PEDRO, 2007, p. 287).

A partir das décadas de 1980/90 a categoria gênero surge primeiramente para teorizar a questão da diferença sexual, passando posteriormente a ser enfatizado como um conceito analítico relacional que rejeita o determinismo biológico subentendido no uso das terminações sexo ou diferença sexual (SCOTT, 1995). Segundo Soihet, o gênero se converte, até mesmo em um modo de lembrar as construções sociais, ou seja, a invenção absolutamente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SOIHET, 1997). Assim, o gênero sublinha o aspecto relacional entre os homens e mulheres e sugere que nenhuma compreensão de qualquer dos sexos pode existir por intermédio de um estudo que os considere totalmente em separado, portanto, passa a ser uma categoria importante e fundamental para analisar a história das mulheres.

A partir desse recorrido histórico e historiográfico acerca dos estudos sobre as complexidades das experiências femininas na história, não nos interessa o alheamento na análise historiográfica entre os discursos sobre as mulheres e as práticas femininas (ZECHLINSKI, 2012), essa oposição, que não é nova, entre a história das mulheres e

história das relações de gênero, segundo Joan Scott não faz sentido e a autora lembra que aqueles que “[...] insistem que o pós-estruturalismo não pode lidar com a realidade ou que seu foco nos textos exclui as estruturas sociais, não compreendeu o ponto principal da teoria” (SCOTT, 1992, p. 94).

O caminho para este trabalho será trilhado, em conjunto com as outras teorias já discutidas anteriormente aqui, e por leituras teóricas consideradas fundamentais tanto no campo da história das mulheres, como da categoria dos estudos de gênero, pleiteando assim um diálogo com nosso objeto de análise que são as revistas femininas, com a perspectiva de escrever uma história das mulheres que parta da análise de gênero (PINSKY, 2009).

Essa ideia busca fugir dos embates acadêmicos que relegaram tanto a História das mulheres quanto os estudos de gênero a guetos teóricos, superando nesta pesquisa “[...] a dicotomia entre práticas femininas, que identificamos com a História das Mulheres, e os discursos e as representações sobre o masculino e o feminino, analisados nos Estudos de Gênero” (ZECHLINSKI, 2012, p. 22). Nesse sentido, vamos de encontro ao que Soraia Carolina de Mello afirma que:

Não se propõe aqui apagar ou nuançar as diferenças entre uma história social das mulheres e uma história das questões de gênero. O que se busca é, quando as pesquisas de gênero têm como objeto central as mulheres, reclamar o direito de se usar o termo história das mulheres, sempre mostrando de qual perspectiva teórica se parte para fazer tal história, possibilitando assim o entendimento de que o campo “história das mulheres” é mais amplo e plural que a clássica história das mulheres que vem sendo feita com certa constância e aparente homogeneidade desde as décadas de 1970-80 (CAROLINA, 2011, p. 2296).

Desse modo, tendo aqui a conexão com diversos campos historiográficos para estruturar esta tese, seguimos adiante com o intento de desconstruir e conhecer melhor nosso objeto de pesquisa para iluminar as perguntas iniciais donde nasceu este trabalho.

2 MODERNIDADE: SURGIMENTO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Na sua origem, etimologicamente falando, a palavra modernidade é um termo derivado do latim *modernus*, o qual se opõe ao passado pagão, e quer dizer em linhas gerais ‘recentemente’. Transpondo séculos, o termo sobrevive sempre latente, porém, dependendo do tempo e da sociedade em questão, apresenta significados diversos. Para Le Goff, a ideia de modernidade surge quando há um sentimento de ruptura com o passado (LE GOFF, 1990), e apesar desse anseio ser recorrente desde a antiguidade, a palavra modernidade é um conceito histórico que difere do seu significado original principalmente com o advento do Iluminismo, no final do século XVIII.

A ideia de modernidade tem então uma direção global, no qual seus pressupostos estão fortemente arraigados à premissa de que a humanidade está encaminhada para um processo contínuo que prediz um futuro de perfeição humana e social. Nessa quimera plena, supõe-se que a razão é o instrumento emancipador e condutor para se chegar a uma sociedade coesa e homogênea rumo ao progresso indefinido. Um processo longo de racionalização da vida que modificou substancialmente as estruturas sociais principalmente por atingir as esferas da economia, da política e da cultura.

Apesar dessa definição, pensar a multiplicidade de pontos de vista que envolve o conceito modernidade não é tarefa fácil. Ele não tem lugar fixo no tempo e no espaço, passa por distintos universos como por exemplo o da literatura e da vida cultural e, em abrangência maior, faz menções a conjunturas políticas ou econômicas (REIS FILHO; ROLLAND, 2008, p. 09). Para Jürgen Habermas, o conceito de modernidade designa o momento histórico europeu dos “tempos modernos” e faz referência também a processos de desenvolvimento social em geral (HABERMAS, 2000). Pode-se dizer então, que a modernidade constituiu-se enquanto um projeto modernizador a partir do encontro de várias visões de mundo, uma “[...] experiência de tempo e espaço, de si e dos outros, das possibilidades e perigos da vida” (BERMAN, 2007, p. 24).

O conceito porém não se atém desse modo somente a um período da história, mas sua abrangência vai além de aspectos econômicos e de mudanças estruturais das urbes, perpassando o lado social, cultural e psicológico das sociedades imersas no padrão mais amplo e complexo da modernidade, padrões estes que moldam e determinam comportamentos e normas. Ser moderno por esse viés é, segundo Berman:

[...] um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’ (BERMAN, 2007, p. 24).

A modernidade foi e é, portanto, um processo social que engloba a experiência de vida dos sujeitos tanto como transformadores do mundo como transformados por ele. As contradições que surgem desta dinâmica de trocas permitem que o processo continue, ainda que atravessado por uma gama de variáveis: etnia, classe social, nacionalidade, religião, ideologia, gênero sexual. Segundo Berman, os processos históricos-mundiais que se desencadearam na modernidade provocaram uma variedade surpreendente de visões e ideias que tem como finalidade fazer do homem e da mulher tanto os sujeitos como os objetos da modernização (BERMAN, 1994). Logo, a modernidade indica processos sociais e históricos transformadores e o afloramento de novas condutas sociais. Charles Baudelaire, poeta e crítico da modernidade, lembra que estas atitudes surgem da experiência de uma profunda consciência do efêmero e transitório, do duvidoso e inacabado, que por sua vez leva a um sentimento de ruptura com o passado e a ascensão da autonomia e da liberdade em todas os setores da vida. Sobre essa relação entre o sujeito e a modernidade Baudelaire escreve:

Assim ele vai, corre, procura. O quê? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples flâneur, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade; pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a idéia em questão (BAUDELAIRE, 1996, p. 24).

Na modernidade, nada mais é seguro nem dura para sempre, pois, tudo muda rapidamente. Os vínculos pessoais, os limites da ética, o próprio presente está sempre ameaçado pela destruição total e, esse processo, acompanhado de uma expansão de consciência por parte das sociedades, é definido por elas mesmas de moderno. Jorge Larraín pontua que esse conceito de modernidade se relaciona com as mudanças no estilo de vida e nas relações sociais que se originam na Europa do século XVI. Para o sociólogo chileno, este processo chamado de modernidade se transforma através do tempo e por isso mesmo se expressa de diferentes formas em cada contexto histórico, assim é um fenômeno complexo e multidirecional que merece ser analisado por diferentes pontos de vista (LARRAÍN, 1996).

Para efeitos desta investigação, consideraremos aquela ideia de modernidade que se desenvolve a partir dos começos do século XX e que segundo Berman e Larraín, se produz por meio da fusão entre desenvolvimento industrial e ideias democráticas, cultura de massas e educação, organizações burocráticas e mercados mundiais capitalistas expansivos e flutuantes, bem como as descobertas científicas e a expansão urbana com suas transformações e saltos demográficos. A esse respeito, dentro desses processos, se convencionou a ideia de modernização sócio-econômica que visa fazer de homens e mulheres

(...) os sujeitos ao mesmo tempo que os objetos da modernização, a dar-lhes o poder de mudar o mundo que os está mudando, a abrir-lhes caminho em meio ao turbilhão e apropriar-se dele — visões e valores que acabaram por ser agrupados frouxamente sob o nome de modernismo (ANDERSON, 1986, p. 3).

Nesse sentido, a dialética da modernização e do modernismo proposta por Berman (2007) desvela a intenção de mostrar que a modernidade, entre esses dois, é o meio termo chave que faz o intermédio entre um e outro pois, “(...) não é nem processo econômico nem visão cultural, mas a experiência histórica” (ANDERSON, 1986, p. 03). A modernidade tem uma história, tanto como processo histórico quanto como definição teórica. Por isso mesmo, por não ser um conceito estático, que vai se definindo no decorrer do tempo, trata-se, essencialmente, do desenvolvimento. E esse desenvolvimento expressa concomitantemente duas coisas:

De um lado, refere-se às gigantescas transformações objetivas da sociedade desencadeadas pelo advento do mercado mundial capitalista: ou seja, essencialmente, mas não de modo exclusivo, desenvolvimento econômico. De outro lado, refere-se às impressionantes transformações subjetivas da vida individual e da personalidade que ocorrem sob seu impacto: tudo o que está contido na noção de autodesenvolvimento, isto é, uma potenciação dos poderes do homem e uma amplificação da experiência humana (ANDERSON, 1986, p. 3).

2.1 MODERNIDADE NA AMÉRICA LATINA

Para Walter Benjamin, em *Paris, capital do século XIX*, “cada época sonha a seguinte” (BENJAMIN, 1991b, p. 32). E embora o século XIX não constitua nosso foco, é nele que encontraremos as origens, desenvolvimentos e desdobramentos de uma modernidade que se inscreverá no século XX latino-americano em contextos bem específicos. A virada do século XIX para o XX marcou então um movimento que impulsionou diversas transformações nas três primeiras décadas latino-americanas. Os anos que se seguiram entre 1900 e 1930, foram precursores de profundas transformações ligadas ao projeto modernizador iniciado no último quarto do século XIX, principalmente no continente europeu e nos Estados Unidos. Uma fase que encontra no século XIX o auge de seu desenvolvimento por meio da revolução industrial e da consolidação da burguesia como classe social dominante pois, neste momento, a tecnologia permite a independência do indivíduo sobre a natureza, bem como o dinheiro coloniza a experiência de vida da humanidade.

Por meio de pensadores como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, a modernidade pode ser analisada como um momento no qual a burguesia emerge junto com a expansão do mercado mundial, da industrialização e do capitalismo. Este impulso, que tem como foco o desenvolvimento da ciência e da indústria, não só destruiu a ordem feudal como criou as bases de uma nova ordem social caracterizada por ser pacífica e não militar, assim como por promover a indústria que oferece às nações meios para serem ricas e poderosas e substituir os ensinamentos religiosos pela superioridade ratificada pelo posicionamento científico (LARRAÍN, 1996).

Nesse sentido, Eric Hobsbawm defende que esta crença cega da burguesia na racionalidade fomentou e cimentou a convicção de que a ordem capitalista representa uma organização econômica e social superior a qualquer outro modelo de organização precedente, o que instaurou a ideia de que o capitalismo era o sistema mais adequado para potencializar a racionalidade científico-técnica e o progresso da humanidade (HOBSBAWM, 2002). Logo, a modernidade capitalista latino-americana se compôs como uma manifestação urbana e burguesa, um movimento almejado por cidades e habitantes distintos, e definida como o efêmero, o veloz e contingente, devido às novas condições de produção (máquina e fábrica), circulação (sistemas de transporte e comunicações) e consumo (mercados massivos), modelo que gera e internaliza ambiguidades, contradições e mudanças estéticas na vida cotidiana de homens, mulheres e crianças.

O processo de modernização refere-se assim, a uma série de sequências cumulativas e de contribuições compartilhadas que tem na “[...] formação de capital, no desenvolvimento das forças produtivas, no estabelecimento do poder político centralizado, nas formas de vida urbanas e na secularização dos valores e normas [...]” (HABERMAS, 2000, p. 5), suas bases primordiais típicas. Ou seja, refere-se a um desenrolar dinâmico dentro das sociedades, processos impactantes no momento em que acontecem e que estão intimamente ligadas às descobertas científicas, à industrialização, à expansão urbana, aos Estados Nacionais, aos movimentos de massa, ao mercado mundial capitalista, entre outros. No entanto, esse projeto modernizador que se espelha nas ideias de progresso e civilização norte-americano e europeu nos países latino-americanos toma outros contornos pois, além de Espanha e Portugal restringirem a entrada da modernidade em suas colônias por mais de três séculos, quando esta finalmente chega, as sociedades latino-americanas independentes tiveram dificuldades em expandir a ideia de

progresso dentro de seus países, principalmente pelo caráter contraditório de suas ações que podem ser destacadas da seguinte maneira:

Primeiro, nesta fase adotam-se ideias liberais, expande-se uma educação laica, constrói-se um Estado republicano e introduzem-se formas democráticas de governo, mas tudo isso com extraordinárias restrições de fato à participação ampla do povo. Segundo, à diferença da trajetória europeia, a industrialização se pospõe e se substitui por um sistema exportador de matérias-primas que mantém o atraso dos setores produtivos (LARRAÍN, 1998, p. 13).

A modernização em finais do século XIX e começo do século XX que a América Latina buscou para seus contextos políticos e econômicos visava então a integração de suas economias ao mercado mundial como exportadoras de produtos primários, alimentando o comércio mundial, de acordo com a demanda internacional de matérias-primas por parte dos países industrializados (HOBSBAWM, 2002) que buscavam aqui principalmente os recursos minerais e por conseguinte os produtos agropecuários.

Os processos se intensificaram com a inclusão de tecnologias que permitiram expandir a produção e uma organização racional sustentada pela tecnologia e o capital se estendeu progressivamente até a divisão do trabalho, que por sua vez passa a tomar um lugar central na atividade cotidiana dos sujeitos. Logo, as economias aumentaram de forma excepcional, assim como as atividades de exportação, situação que refletiu no aumento dos ganhos monetários da população, originando novos mercados internos que transformaram os espaços de produção e comercialização, permitindo melhorar a conexão das economias com o mundo capitalista internacional.

A industrialização dos países latino-americanos deu abertura à criação de novos espaços econômicos e o desenvolvimento de grandes corporações que estimularam um intenso processo de urbanização, peculiar à vida e à experiência moderna. Várias capitais, inclusive, Rio de Janeiro e Santiago do Chile, adentraram o século XX esquadrinhando referências estrangeiras em suas vielas e à *belle époque* parisiense era um dos estilos que mais agradava às classes alta e média.

Os latino-americanos vivenciam assim, dia e noite, a fuligem das fábricas, o vapor das locomotivas, as ruas, o urbanismo, todo esse emaranhado de novidades que atropelam as pessoas pelas novas vielas

deixando-as atordoadas com o fluxo intenso e caótico do novo mundo célere, no entanto, para José Luis Romero, a classe média abastada foi a que melhor encarnou a transformação das cidades e dos grupos sociais no contexto da modernização latino-americana porque levaram à risca os movimentos de ascensão social e de pressão sobre o sistema político para poder participar dele (ROMERO, 2004).

O processo modernizador dos grandes centros urbanos latino-americanos passa então pelas mãos das classes médias que agitam a sociedade de diferentes formas, por contornos distintos, delineando os lugares e as pessoas de acordo com movimentos bruscos de construção e desconstrução de paradigmas diversos. Um novo panorama moderno se abre célere e sedutor, no entanto, contraditório no que se refere à ideia de uma modernidade universal e unificadora do homem pois, já nasce segregacionista. Larraín, sobre a modernidade tardia na América Latina, indica que os processos modernizadores iniciados em finais do século XIX e começo do XX partiram da ideia de uma modernidade para poucos, na qual a maioria, as classes menos abastadas, viram pouca mudança em suas vidas sociopolíticas:

Está claro, contudo, que desde muito cedo houve na América Latina uma valorização exagerada da “branca” e uma visão negativa dos índios e negros. É sabido que vários governos intentaram “melhorar a raça” mediante políticas de “branqueamento” que favoreciam a imigração de europeus. Existe também uma segregação espacial que faz com que as regiões indígenas sejam as mais pobres e abandonadas e os bairros pobres das cidades contenham uma maior proporção de gente de pele mais escura, sejam índios, mestiços, mulatos ou negros. Não existe para eles a igualdade de oportunidades (LARRAÍN, 1998, p. 20-21).

Em síntese, a modernidade e o processo de modernização na América Latina está atrelado à instalação de uma nova ordem social acompanhada das ideias liberais de uma burguesia insurgente que, inspirada por tendências europeias e norte americanas baseadas no capitalismo, na racionalidade e na consolidação da ciência como força, criou um novo marco de expectativas em relação a suas nações a partir do ideal moderno civilizatório. Dentro desse processo, compreendido aqui na virada entre os séculos XIX e XX, temos uma modernidade latino-americana que não é nem inexistente, nem igual à modernidade europeia,

nem inautêntica (LARRAÍN, 1998). Temos uma modernidade latino-americana que apresenta em sua trajetória histórica própria, características específicas no que condiz a uma maior organização social dos grupos que ascenderam ao poder e aqueles que foram marginalizados nos projetos de modernização, como os negros, os indígenas, o imigrante pobre e as mulheres.

2.2 MODERNIDADE NO BRASIL E NO CHILE

O historiador inglês Eric Hobsbawn chamou de “breve” o século XX principalmente porque as inúmeras transformações ocorridas a partir dos novecentos tiveram impacto direto na vida das pessoas devido à sensação célere dos desdobramentos nos mais diversos campos das sociedades. Falando mais precisamente dos anos entre 1900 e 1930, as transfigurações na ordem da vida política, cultural e social, atreladas aos avanços na tecnologia, nas comunicações, nas ciências, na arte, na medicina, na família e nas funções de gênero de mulheres e homens causou um impacto direto nas nações que tentavam apreender todas essas conversões para não ficar de fora da nova ordem mundial moderna. De acordo com Hobsbawn, o século XX foi tão diretivo e destrutivo na sua trajetória que ao menos uma convicção era certa: “Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o seguinte milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX” (HOBSBAWM, 1995, p. 15).

Essa era dos extremos, como bem cunhou Hobsbawn, foi marcada por grandes calamidades e revoluções. Dentro de nosso recorte temporal aqui estabelecido, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a Crise de 1929 tiveram influência sem precedentes em todo o globo terrestre. O primeiro, pelas disputas entre nações, a intolerância, a extensão da guerra e o genocídio; o segundo pela onda revolucionária que levou ao poder um sistema socialista que pretendia ser a alternativa para desbancar o capitalismo, e o terceiro uma imensa crise econômica nunca vista antes, que se estendeu por todos os sistemas mundiais estremecendo governos e populações. Junto a isso emerge o fascismo e os movimentos autoritários, causando um desmoronamento econômico, político e cultural e uma crise de crenças e ideias (HOBSBAWM, 1995).

A despeito disso, também é certo que no decorrer do século XX se alcançou muitas conquistas em relação aos direitos das minorias, principalmente em relação as mulheres. É um momento em que as mulheres cada vez mais tomam a palavra e o controle de suas identidades

visuais, apontam como sujeitos políticos que buscam suas representações dentro de uma sociedade governada por homens, e tentam romper com os estereótipos propondo diversos caminhos para a realização profissional (THÉBAUD, 1995). Contudo, vale destacar que estas conquistas femininas não foram bem aceitas pela velha e conhecida estrutura patriarcal, a propósito de nossa investigação, no Brasil e no Chile de começos dos novecentos, sendo que as mudanças não tiveram influência significativa logo de início, pois esta estrutura ainda as limitava quase que exclusivamente à esfera do privado e do lar.

Logo, a trajetória das conquistas por parte das mulheres sempre foi muito afetada pelas transformações políticas, culturais e sociais de seus respectivos países. Em uma breve análise histórica do Brasil e do Chile nesse período podemos notar como as ideias e os ideais da virada do século XIX para o XX afetaram a vida e a condição das mulheres na sociedade brasileira e chilena. Nos concentraremos aqui a compreender os aspectos do contexto histórico e político dos respectivos países em questão para poder entender posteriormente como e por que se sucedem as conquistas femininas e as mudanças nas relações de gênero, bem como se conservam ideais conservadores em relação ao papel feminino dentro destas nações, mesmo com o surto moderno/modernizante.

As primeiras décadas do século XX no Brasil e no Chile se caracterizaram por uma dinâmica europeizante difundida principalmente entre os grupos que estavam no poder. Por vislumbrar e querer uma nação moderna, estes grupos com suas políticas fizeram de tudo para absorver a cultura estrangeira supondo que esta poderia levá-los a um refinamento alinhado com os países europeus modelos e, portanto, alcançar prestígio e uma posição na ordem mundial das nações consideradas civilizadas naquele momento. Jeffrey D. Needell lembra que para os brasileiros,

[...] a Civilização era a França e a Inglaterra. Na verdade, desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor [...]. Sobretudo, em matéria de tecnologia moderna, ambos tinham muito a oferecer (NEEDEL, 1993, p. 49).

Para tentar mostrar ao mundo que na América do Sul havia nações caminhando para o processo de civilização instaurado pelas grandes metrópoles européias, delineava-se no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile transformações básicas para buscar esse reconhecimento a partir de

mudanças pontuais que atacavam principalmente o espaço público, o modo de vida e a mentalidade carioca e santiaguina. Modelos totalmente originais que não podiam ser questionados de forma alguma. Segundo Nicolau Sevcenko, há quatro princípios básicos que regeram estas transformações no Rio de Janeiro:

[...] a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense (SEVCENKO, 2003b, p. 43).

Benjamín Vicuña Subercaseaux em 1906, por meio de uma crônica publicada na revista *Zig-Zag*, também discorria sobre as mudanças ocorridas em Santiago do Chile ilustrando os impulsos modernizadores que alguns (principalmente a aristocracia) respiravam na capital chilena. Segundo o cronista, a Santiago moderna de princípios do século XX deixava para trás o porte de aldeia pobre, pequena e obscura e passava a possuir um *status* mais moderno e civilizado:

Líneas de ferrocarril comunicaban a la capital con casitodo el país. Compañías de vapores nos ponían a un paso de París. Santiago tuvo que despertar, ponerse en movimiento, en actividad, en fiesta, para llegar a ser, en treinta años, lo que es ahora, ciudad bella, rica, adelantada, donde 400,000 almas viven sin estrañar las ciudades europeas (SUBERCASEAUX, 1906).

Com esta prática, as aristocracias brasileira e chilena durante as três primeiras décadas do novecentos obtiveram empatia com os grupos estrangeiros, aumentando ainda mais a distância entre os grupos dominantes e as classes sociais subalternas. Nesse período, momentos históricos importantes, internos e externos, influenciaram com força as mudanças socioeconômicas e culturais no Brasil e no Chile. A *Belle Époque*, movimento que se estendeu de 1871 a 1914 na Europa, e que se caracterizou principalmente pela disseminação de uma cultura

cosmopolita e um clima intelectual e artístico que impregnou principalmente a França e sua capital foi um modelo bem aceito na América Latina, em especial no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile. A *Belle Époque* latinoamericana compreendeu assim também o final do século XIX e começo do XX, estabelecendo um grande desenvolvimento do pensamento social, no qual a cultura, a moda e os modos de vida parisienses, bem como a arquitetura *art-nouveau* por intermédio da modernização urbana, trouxe mudanças substanciais à vida cidadina destes grandes centros sociais, culturais e políticos (ORTIZ, 1991).

Posteriormente, com o fim da primeira guerra mundial, os anos 20 podem ser considerados os anos áureos da história carioca e santiaguina. Ambos países, assim como suas capitais, têm como permanente em seu interior a frequente mudança impulsionada pelos discursos civilizadores e modernos de grupos oligarcas triunfantes e emergentes setores da classe média. No caso chileno, a elite oligarca do país, radicada principalmente em Santiago do Chile e na Europa, tinha em seu poder o controle das distintas esferas do poder. O sistema político parlamentar implementado a partir de 1890 e que vigorou até 1925 quando implementou-se o presidencialismo, permitiu a estes grupos, desde o Executivo até o Congresso Nacional, controlar o Estado com mãos fortes. Em suma, o controle e o destino do país estava atrelado a poucas famílias abastadas e donas de terra, de mentalidade burguesa e aristocrática, as quais por meio de fortunas formadas no século XIX a partir das principais empresas mineradoras (salitre), comerciais e financeiras, além de casamentos arranjados entre famílias, dominaram os espaços culturais e políticos, assim como os meios de comunicação, o sistema educacional e a hierarquia eclesiástica. Em 1928, Alberto Edwards publicou o livro *La Fronda Aristocrática*, em que assinala as características das oligarquias da época:

Llegó así a dominar, económica y socialmente en el país, una aristocracia mixta, burguesa por su formación debida al triunfo del dinero, por el espíritu de mercantilismo y empresa, sensata, parsimoniosa, de hábitos regulares y ordenados, pero por cuyas venas corría también la sangre de alguna de las viejas familias feudales. De esta mezcla de elementos burgueses y feudales sacó nuestra antigua clase dirigente su extraordinario vigor, y también algunas de sus debilidades. El amor al trabajo y a la economía, el buen sentido práctico, y con ello la falta de imaginación, la

estrechez de criterio, son rasgos esencialmente burgueses. El ansia de poder y dominación, el orgullo independiente, el espíritu de fronda y rebeldía, ha sido siempre, en cambio, cualidades aristocráticas y feudales, que denuncian al amo de siervos, al orgulloso señor de la tierra (EDWARDS, 1928, p. 308).

No Brasil, o período republicano, que tem seu marco em 1889 com a proclamação da república, viveu momentos distintos até 1930 com a eclosão da revolução liderada por Getúlio Vargas. A República Velha, Primeira República ou ainda República dos Coronéis, foi, em seu primeiro momento, de 1889 a 1894, regida pelos setores militares que tiveram participação ativa na queda da monarquia, e que posteriormente ocupariam o governo provisório sob o comando do marechal Deodoro da Fonseca, o qual viria assumir a presidência em fevereiro de 1891 por intermédio de eleição indireta pelo congresso constituinte. Mais adiante, Floriano Peixoto assumiria o cargo após a renúncia de Deodoro, ato que teve seu desfecho assinalado por uma forte crise econômica, o Encilhamento, e por confrontos entre as elites brasileiras como a Revolução Federalista e a Revolta da Armada. Floriano governaria até 1894, tendo como base o apoio popular na luta contra os setores que conspiravam contra o novo regime, principalmente os monarquistas.

Com o fim da República da Espada, inicia-se um outro movimento na incipiente república brasileira denominada de República Oligárquica. Prudente de Moraes a partir de 1894 dá início a um governo controlado principalmente pelas oligarquias agrárias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, fortemente ligadas à agricultura cafeeira, núcleos centrais do republicanismo que controlavam as eleições a partir da política do café-com-leite, empossando presidentes e dominando o país por meio do coronelismo. Segundo José Murilo de Carvalho, o recorte temporal republicano que vai de 1889 até 1930 ficou conhecido como “república dos coronéis” porque, mesmo depois do Império, o coronel da guarda continuava a exercer grande influência política. Perdendo sua natureza militar, restou-lhe o poder político, e o Coronel passa então

[...] a indicar simplesmente o chefe político local. O coronelismo era a aliança desses chefes com os presidentes dos estados e desses com o presidente da República. Nesse paraíso das oligarquias, as práticas eleitorais fraudulentas não podiam

desaparecer. Elas foram aperfeiçoadas (CARVALHO, 2002, p. 41-42).

Outro fator importante para a delimitação do período foi a ascensão e queda da economia cafeeira paulista pautada principalmente na exportação do produto, a qual tem o ápice agonizante com a crise de 1929, iniciada nos Estados Unidos. Contudo, os ganhos com o café repercutiram e efetivaram o princípio da industrialização no país, principalmente na região Sudeste, provocando mudanças significativas na estrutura social brasileira. Surge uma classe operária, um contingente de mão de obra citadino que se expande assim como o espaço urbano, a qual une-se por intermédio de movimentos e conflitos sociais que questionam os novos rumos dados pela modernização desejada pelas elites. Um caso claro desse movimento operário urbano é a Revolta da Vacina em 1904. Sevcenko considera que as causas dessa revolta estão ligadas ao modelo imposto às classes subalternas da sociedade, o qual não as incluem no projeto modernizador, pelo menos não como atores principais mas sim como meros coadjuvantes. A implantação da “nova práxis” denominada de “regeneração” pelas elites, tem a ver com o que o autor chama de “capitalização, aburguesamento e cosmopolitização” da sociedade brasileira, um modelo pensado pelos “modernizadores” e combatido de frente pelos contrários à “modernização” que eram, em sua maioria, os pobres, negros e miseráveis da capital (SEVCENKO, 2003a, p. 114).

A década de 20 chega a seu final portanto, calcada em projetos nacionais modernizantes e excludentes e com uma grave crise econômica de nível mundial que atinge a produção cafeeira no Brasil e a economia mineradora no Chile. Para Wilson Cano, a crise de 1929 “[...] atingiu duramente a América Latina e sua economia primário exportadora, e com mais intensidade, os países mineiros e Cuba, então dominada, de fato, pelos EUA” (CANO, 2015, p. 446). Ainda segundo o autor:

[...] Brasil, Argentina, México e Chile constituíram o grupo de países que tomaram atitudes de enfrentamento mais rápidas, com a substituição de governos liberais, via processos revolucionários ou eletivos, e implantando ousadas alterações na política econômica e na forma de intervenção econômica do Estado Nacional (CANO, 2015, p. 446).

Nesse caso, no Brasil, a crise das oligarquias rurais e a crise econômica mundial, representaram a agonia da República Velha dando motivos para a revolução de 1930 e o início do governo de Getúlio Vargas. Já no Chile, as consequências sociais violentas da crise atingiram em cheio o governo de Ibañez. Desemprego, paralisação de obras públicas, cortes nos salários dos servidores públicos, fez com que a opinião pública se voltasse contra o governo ditatorial e uma série de movimentos sociais inflados pelos jornais saiu nas ruas levando Santiago ao caos e conseqüentemente à renúncia de Carlos Ibañez (BLAKEMORE, 2013).

O fato é que tanto no Brasil quanto no Chile, a partir da entrada do século XX, vivenciou-se mudanças na economia, nas diretrizes políticas, culturais e sociais, as quais mudaram conceitos e abriram precedentes para transformações pontuais, inclusive àquelas atreladas ao mundo feminino e as revistas formatadas para esse público naquele momento.

2.3 MODERNIDADES, CIDADE E IMPRENSA

Os anos que se seguiram à virada do século XIX para o século XX tiveram efeitos característicos e distintos para os países latino-americanos. A modernidade, a modernização, as ideologias, a grande guerra, a crise de 1929 trouxeram consequências econômicas, culturais, políticas e sociais que convergiram em transformações em todos os âmbitos da vida social. Para Tulio Halperin Donghi, as crises nos sistemas políticos e a falta de confiança na democracia detonou os conflitos internos de cada país. Estes sentimentos mobilizaram as massas predispondo-as a participar da vida coletiva e, nesse sentido, o socialismo era um atrativo como alternativa ideológica, enquanto o movimento comunista marchou para a organização (DONGHI, 2001).

Ao mesmo tempo em que as contestações políticas vêm à tona em diferentes grupos e de diversas formas, nessas cidades conturbadas se nutriu um tipo de cultura avivada por movimentos intelectuais, artísticos e literários. A cidade cresceu e se modernizou junto com os grandes movimentos de massas modernos: organizações sociais e políticas que lutaram pela ampliação da cidadania e dos direitos, com o mesmo ímpeto com que se instrumentalizou a razão e se secularizou a sociedade.

Foi dentro desse projeto de modernidade e modernização que surgiu o *Jornal das Moças* e a revista *Família*, período em que cariocas e santiaguinos viviam sob os prometedores anos da *Belle Époque*, anos esses caracterizados pelo crescente processo de modernização por que

passaram os maiores centros urbanos brasileiros e chilenos, com destaque especial para as capitais Rio de Janeiro e Santiago do Chile. Nesse período, as capitais se agitavam em torno de ideais liberais e pensamentos progressistas pululavam nas ruas, nos cafés, nos salões... O velho, o antigo, o retrógrado, o passado deveria ser posto abaixo, a modernidade deveria libertar o homem do medo e do mito e, por intermédio da técnica e da razão, criar um novo mundo. É o segundo período da modernização latino-americana, e uma das novidades que surgem nesse processo de desconstrução e reconstrução é o fortalecimento dos grupos de classe média e sua ação pontual na política cultural e social dos Estados nacionais.

Eram ideias universais, que abarcariam a sociedade como um todo, levando-a a um futuro promissor, a um homem autônomo, mas, o que se via nas entrelinhas do discurso enfático era uma quimera laboriosamente mascarada, conspiratória. Havia um ligeiro verniz de iluminismo com uma pitada de idealismo romântico sobre o discurso da aristocracia burguesa. Uma camada tão fina, tão frágil, que não foi difícil para a classe média carioca e santiaguina romper o invólucro dos ideais comuns e externar toda a sua fúria moderna, paralisante e dilacerante sobre as cidades e as camadas sociais que não faziam parte de seus planos. Havia uma impressão de insegurança, porém nunca de fraqueza. O modelo estava posto, estava do outro lado do Atlântico e também acima de suas cabeças ao norte do Rio Grande; seguir então os passos das nações europeias ou da norte-americana era a forma de se tornar uma capital sul-americana atraente, deliberadamente nova, moderna.

Para Romero, no cerne das cidades modernas se pode distinguir vários grupos, entre eles: uma classe média alta, composta por aqueles que vieram das burguesias que se acomodaram às novas condições do mercado e que buscaram ascensão social e econômica por meio de atividades comerciais distantes dos moldes tradicionais; uma classe média baixa, composta por pequenos comerciantes, poupadores ou trabalhadores esforçados que conseguiram emergir socialmente e encontraram uma melhor posição econômica; os novos profissionais, junto aos funcionários públicos formaram um terceiro grupo de classe média urbana e educada. Apesar das diferenças na pirâmide social, características comuns os unem pois, geralmente, muitos de seus membros têm origem imigrante, uma condição desenraizada que lhes permitiu descomprometer-se de seu passado, possibilitando atuar dentro das novas regras de sociabilidade impulsionados pelo desejo de ascensão social (ROMERO, 2004).

Anseio esse que, apesar de ser universalista no que diz respeito à sociedade em geral, o qual prega sobretudo a libertação do homem, sem diferenciar opinião, credo, raça, cor ou sexo e defende a emancipação do indivíduo por meio do esclarecimento racional, terminou de fato como projeto de dominação tanto sobre a natureza quanto sobre os homens. Um projeto de modernidade em que a burguesia letrada pensou e desenhou para ela as inovações do mundo contemporâneo e relegou aos trabalhadores a caótica existência da marginalidade.

Assim, a necessidade de evidenciar o novo *status* pessoal se viu estimulada pela incorporação dos novos produtos que ofereciam um mercado em expansão. Por exemplo, se podia melhorar a aparência seguindo as orientações oferecidas pela publicidade moderna e se adotava costumes que iam de acordo com a posse de novos objetos os quais mudavam as rotinas domésticas, de trabalho e lazer: roupas, fornos a gás e elétricos, enceradeiras, rádios, automóveis, máquinas etc. Um desejo unívoco que explicitava em si um forte alinhamento à cultura estrangeira, quesitos sociais e culturais que rapidamente foram incorporados pela população, de diferentes formas e por diferentes meios. Logo, Rio de Janeiro e Santiago do Chile tornaram-se, além de capitais da República, cidades cosmopolitas, efervescentes, centros culturais os quais também poderiam ser considerados como as capitais das aparências. Esse desejo pela modernidade e pela modernização pautado no estrangeirismo pode ser visto nas páginas de algumas revistas ilustradas da época:

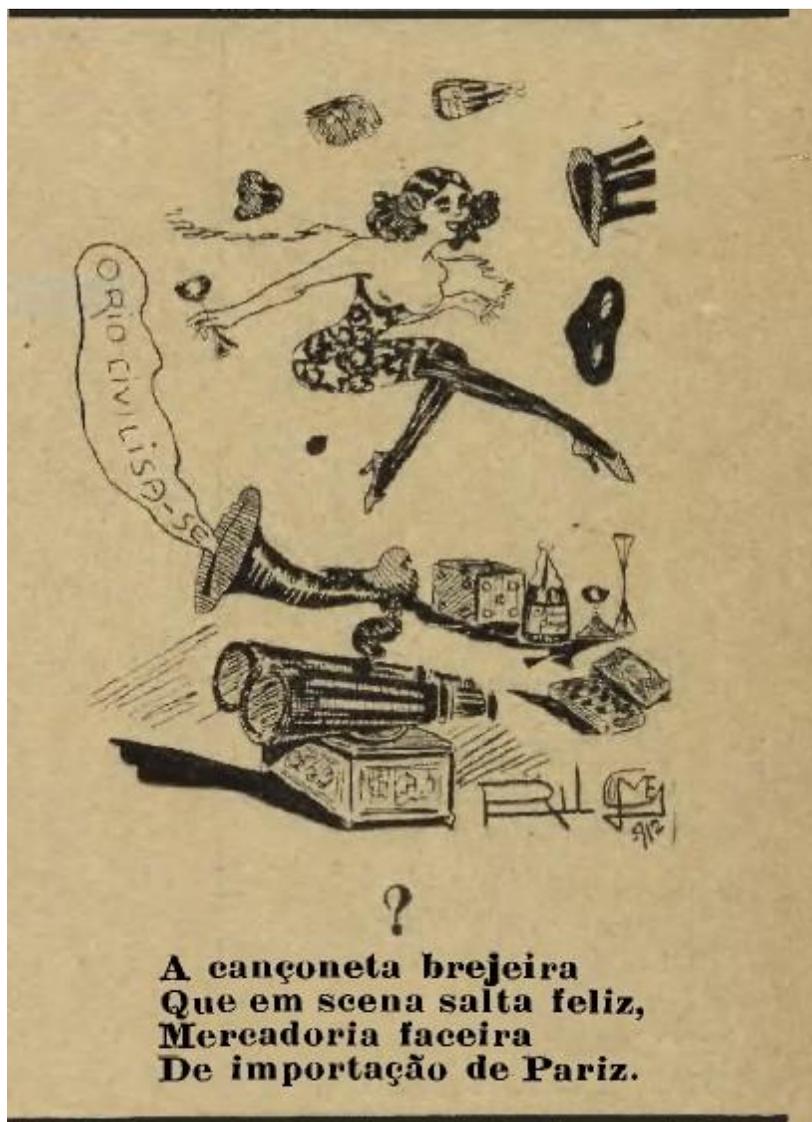


Figura 2 – A Avenida – Rio de Janeiro, Julho de 1912



Figura 3 – Familia – Santiago de Chile, Enero de 1910

Nas Figuras 2 e 3, retiradas de periódicos que se embebiavam da filosofia moderna parisiense, podemos notar, respectivamente, a presença da intenção de ser igual ou parecer igual ao modelo em voga, seja adquirindo e consumindo “mercadoria faceira / de importação de Pariz”, como a música, a bebida, os cigarros, os chocolates, os perfumes, entre outros, e também o desejo de se transmutar pela moda no modelo almejado, discurso muito bem explicitado nos dizeres: “Este riquíssimo traje de baile es de lanuz de oro bordado. Es de estilo griego, que hace actualmente furor em Paris.” Mas, algo a mais chama a atenção nestes anúncios. Para além do seu apelo comercial e civilizatório, a imagem da mulher como um gancho comercial ganha força e particularmente seu corpo e os cuidados com ele tornam-se o alvo dos criadores das mensagens publicitárias para promover todo o tipo de produtos, uma prática que se normalizou e se naturalizou dentro das lógicas do mercado, assim como nas mídias de massa, resultando em um processo de exteriorização social da mulher, mais especificadamente a de classe média, que antes era deveras restrito. Nesse período, as revistas femininas se constituíram como “[...] espaços públicos especificamente forjados para a sociabilidade feminina. Assim, em uma via de mão dupla, a mulher tanto impulsionou o consumo como se beneficiou dele em seu processo de emancipação” (ROCHA; FRID; CORBO, 2016, p. 225).

O controle do comércio desdobrou-se para além da prática mercantil estimulando não o consumo, a formação de gostos, desejos e aspirações das elites durante as três primeiras décadas do século XX. Em um período de profundas transformações sociais, culturais e econômicas, os jornais e revistas da época desempenharam um papel principal no desenvolvimento de atitudes “civilizadas” por intermédio da divulgação de novos produtos e da disseminação dos modos de ser e agir. Dirigidas às classes prósperas, periódicos como o *Jornal das Moças* e a revista *Familia*, ao lado de manuais de etiqueta e civilidade que circulavam na cidade do Rio de Janeiro e Santiago do Chile, reforçavam a vontade consumista da moda europeia, e o comércio se retro-alimentava. A elite carioca e santiaguina acompanhavam, portanto, os modismos surgidos no Velho Mundo por meio da mídia impressa que funcionava como montras de artigos importados, um espaço de comunicação que intentava espelhar e construir o *modus vivendi* burguês por intermédio de páginas e mais páginas de anúncios diversos, sempre “[...] tratando a sua clientela preferencial, as mulheres, como verdadeiras ‘rainhas’” (ROCHA; FRID; CORBO, 2016, p. 225).

Da urbanização aos moldes de Hausmann, passando pela tecnologia, a moda e até mesmo os trejeitos e as falas, cariocas e

santiaguinos que não faziam parte da massa proletária se mantiveram fiéis ao propósito de, nos anos decorrentes da virada do século, tecer analogias entre suas cidades e a capital francesa. A aura dourada que irradiava do nome da capital francesa causava exaltação nos meios soberbos e ricos dessas urbes pois, ao seu simples pronunciar, parecia que o antigo, o retrógado, o local, tomavam um tabefe de luva de pelica da ostentadora e incisiva modernidade. Apesar disso, os acontecimentos ligados a essa sanha modernizadora eram muito mais complexos do que os anúncios sedutores das páginas de revistas. Para Willian Wiser, Paris passou por “anos loucos” durante seu processo de entrada na modernidade, o que não pode-se dizer que foi diferente com as duas capitais latino-americanas pois, a ideia de modernidade e modernização ocorreu de forma muito distinta dentro destas urbes (WISER, 1993).

Tornar-se uma Paris latino-americana não era assim tão simples quanto os contemporâneos da *belle époque* brasileira e chilena imaginavam. As elites latino-americanas estavam visando uma cidade alinhada às exigências da modernidade, porém problemas sociais rondavam o *status* desejado, adversidades que iam de uma cidade insalubre ao crescimento das classes populares e grupos marginalizados. A opção escolhida por governo e elites nos respectivos países foi a de, a todo custo, projetar uma imagem modelo de suas capitais federais, projeto que incluía somente a parcela da população aristocrática dessas cidades.

Sob a influência das novas bases ideológicas modernas mudaram-se costumes, decretou-se uma nova moda, novos gostos e principalmente uma nova educação. Para se diferenciar do passado, visto como puído e decadente, se aproximaram e assimilaram a vida social e cultural urbana especificamente ao símbolo maior da modernidade da época: a Cidade Luz. Logo, o período compreendido entre os anos de 1900 a 1930 é um momento de profundas transformações que possuem particular complexidade dentro dos países latino-americanos. Até o final da década de vinte, profundas mudanças provocadas pela modernização causaram evidentes transformações no modo de vida e na sociabilidade dos indivíduos, mesmo que as práticas do sistema tradicional ainda estivessem vivas. Para Simmel, a cidade moderna, sede da economia monetária, restringiu a individualidade e alargou a particularização do sujeito ao passo em que o dinheiro acenava ao que era corriqueiro a tudo, simplificando as afinidades e o valor das coisas. Mais ainda, na metrópole a produção se fez – e se faz – para o mercado e seus fregueses absolutamente desconhecidos (SIMMEL, 1987).

Para Romero, foi nas cidades que a manifestação mais evidente da modernização aconteceu. Nas primeiras décadas do século XX, tanto as

capitais como os portos obtiveram os benefícios do processo urbano industrial visto que desempenhavam uma intensa superioridade sobre o restante das cidades de suas nações e prontamente concentraram as riquezas geradas pela intensa atividade econômica de exportação. Os portos tornaram-se assim a porta de entrada e saída de produtos para o mercado mundial, constituindo-se portanto nos principais recolhedores dos frutos econômicos destes trâmites mercantis (ROMERO, 2004).

Com dinheiro em caixa, as cidades alteraram suas fisionomias e seus costumes. Um ar provinciano rondava suas alamedas, feitas sobre medida para as elites locais. O fenômeno da urbanização desencadeou um crescimento significativo de pessoas, edifícios de concreto, tecnologias aplicadas a arquitetura, ao transporte e a vida cultural e transformou a estrutura espacial e demográfica da urbe de forma que seu crescimento sem planejamento anterior extrapolou a capacidade de inclusão das velhas cidades, e originou cinturões de pobreza, falta de serviços e problemas de salubridade.

Um tema constante nas páginas dos periódicos era a referência à “crise de habitação” por qual passava a cidade do Rio de Janeiro. A modernidade urbanística desalojou centenas de famílias do centro da cidade para o surgimento de um novo espaço urbano desenhado para as elites. Ao mesmo tempo, não conseguia alojar a crescente população que inflava a urbe e desenvolvia o subúrbio em condições de plena adversidade. Havia escassez de moradias e superfaturamento no valor dos aluguéis, o que gerava um temor em relação a não dispor de acomodações suficientes para todos que chegavam do exterior e do interior do país. Em 1901, o engenheiro Morales de los Rios, discorria sobre as reais condições de vida encontradas nos subúrbios cariocas:

Basta que subamos modestamente a um dos nossos bondes, que cheguemos até alguns dos nossos subúrbios, que atravessemos as ruas mais centraes da nossa Capital para o quadro que justifica a nossa natureza chlorotica se apresente à nossa vista nas faces emaciadas que aparecem nas rotulas, nas lamparinas a fumegar no fundo obscuro das alcovas coevas do Reino Unido do Brasil e Portugal; no hálito das tascas em que se alimenta o pobre; nos outros em que se vendem legumes ao lado da pestillenta gallinha e de fructas fermentadas. Ide ao centro importantíssimo do Meyer, vêde aquellas vallas de águas fecaes a serpentear pelo meio das chácaras e das hortas, sob

os assoalhos de madeira que desmanchão-se de podridão, sob o duplo impulso da acção dos gazes corrosivos e pestilentos e dos contactos humidos e cálidos daquelles escoadouros vergonhosos cujas ondas reflectem trementes as nossas feições como num rictus satyrico; ide a Cascadura e a Madureira e contemplaes as irisadas e esverdeadas águas estagnadas que dormem paralelamente ao nosso gigante ferroviário, esse representante do nosso progresso em outros ramos da engenharia; vede-as seguir o rumo dos trilhos, essas vallas immundas, em que o quitandeiro ambulante lava as mãos com que mais longe distribue alimentos à freguesia, em que o peixeiro lava por sua vez os samburás já vazios e que à noite na sua tasca lhe servirão de cabeceira durante o somno; em que a creança desprevenida se envenena brincando com os barquinhos de papel; em que mariscão as aves do quintal; em que se lanção as varreduras e os animaes mortos (RIOS, 1901, p. 36).

Em Santiago do Chile o problema da habitação e da insalubridade ligada às áreas onde a população operária e pobre habitava também era alvo de discussões na época. Na obra *Reformas necesarias a la lei de habitaciones para obreros* há a seguinte reflexão do inspetor geral de obras públicas e membro do conselho superior de habitações para operários, Carlos Carvajal:

[...] nuestro pais ocupa el ante penúltimo lugar en el exceso que se produce entre los nacimientos i las defunciones; la Arjentina i el Brasil tienen mucho menos de la mitad de nuestra mortalidad, que es de 32 por mil en todo el pais i de 40 por mil en Santiago. [...] Es decir mueren en Chile al año, con una poblacion de 3 600 000 habitantes mas o ménos 120 personas, cuando debieran morir unicamente 60 000. [...] La causa de esta mortalidad enorme, no es la alimentacion del pueblo, porque se alimenta bien en jeneral, aunque no es mui variada; el mal debemos buscarlo en la habitacion malsana en que vive (CARVAJAL, 1913, p. 5-6).

Desse fragmento de texto destinado aos companheiros do conselho, se depreende a realidade da maioria das pessoas que estavam às margens da modernidade salubre das classes mais abastadas e que por isso mesmo, por não ter meios de bancar uma residência própria e adequada, acabava por parar nos diversos *conventillos* chilenos onde grande parte da população proletária vivia. Além do mais, o texto de Carvajal nos mostra que a forma deplorável como viviam seus moradores era amplamente conhecida pela sociedade da época, e que a preocupação em melhorar as condições de habitações dos operários não se dava pelo seu projeto moderno de sociedade, mas sim por interesses econômicos e de contingente de guerra, como podemos notar na própria fala do senhor Carvajal:

(...) porque un país como el nuestro, con tan escasa poblacion i con tan poco aumento, apesar de su buena natalidad, tiene fatalmente que decaer, pues donde no hai brazos no hai industria, ni trabajo, ni pechos que oponer a los enemigos de la patria (CARVAJAL, 1913, p. 5).

Um artigo de maio de 1918 da revista *Zig-Zag*, exemplifica as diferenças sociais por meio das condições de vida dos espaços destinados à aristocracia e à população operária e pobre:

Cuando uno se pasea por das calles centrales de Valparaíso, observando su adelanto, la magnificencia de sus grandes edificios, la limpieza que en todo orden de cosas impera en la vida y an el movimiento progresivo de lo que llamaríamos el corazón de este puerto, francamente que el espíritu se siente halagado ante tanta manifestación de prosperidad, de belleza si se quiere.

Se ve a primera vista que las autoridades se preocupan, que sienten anhelos positivos de grandeza local, que buscan en sus entusiasmos y en sus deseos la ocasión para hacer de Valparaíso, una gran urbe moderna pletórica de ese esplendor que la civilización y la cultura proporcionan a la humanidad y a los pueblos.

Sale uno, sin embargo, de aquello que considera algo así como el eje del progreso y de la riqueza, esto es, del centro de la población de sus plazas floridas y aristocráticas, de sus avenidas cuajadas

de grandes árboles, de sus calles tapizadas de rico asfalto de roca, etc., nota inmediatamente un cambio brusco, repentino, nota, en fin, un contraste lamentable, que impresiona y da pena.

[...]

Hoy hablamos de los conventillos. De las pocilgas porteñas, mejor dicho, y podemos decir, sin temor de equivocarnos, que la impresión que hemos recogido es indescriptible, pues allí hemos presenciado cosas y hechos que asombran al más duro de corazón y que nuestra pluma se resiste a narrar.

Llegamos a la calle de Marquez, en el barrio del puerto; pegada al cerro vimos una casa de enorme altura; subimos una larga escalera de vieja madera; el fotógrafo y nosotros teníamos miedo de subir; nos parecía que al llegar arriba se produciría un fuerte temblor y aquello se vendría abajo matándonos instantáneamente. Una vez en aquellas alturas, nos dimos cabal cuenta de la situación de la gente que habita esa casa, en cuyo interior había un conventillo sucio y viejo, ocupados sus departamentos por un sinnúmero de personas.

[...]

Allí están el hambre y la enfermedad en todo su apogeo, en toda su dolorosa desnudez. Niños que lloran, madres que piden pan para sus hijos, vidas consumidas en plena juventud por la falta de higiene y de aseo, he ahí lo que vimos y lo que palpamos personalmente. Los dueños de esas pocilgas matadoras de existencias jóvenes y fuertes, usureros en el mas alto conceptos humanos, personas sin escrúpulos de ninguma especie, víboras del dinero de los pobres, podían siquiera, una vez por todas, compadecerse de la trágica situación de sus arrendatarios y hacer arreglar, aunque fuera limpiar, sus conventillos con olor a muerte.

En esto debieran tomar carta tambien las autoridades, pero no lo hacen porque ellas son casi todas personas de situación de fortuna, de comodidades (COMO..., 1918).

Os ideiais modernos, tanto no Brasil quanto no Chile, nem sempre significaram um reconhecimento de direitos a todas as pessoas. Nota-se

no artigo produzido e editado pela revista *Zig-Zag*, que o autor não identificado, enfatiza o descaso por parte dos senhorios com seus inquilinos bem como dos governantes para com a população pobre em geral. A modernidade em nosso continente trouxe desenvolvimento, riqueza e luxo para a aristocracia e miséria para as massas e, apesar da preocupação a partir da segunda metade do século XIX com a ideia, ao menos em nível institucional, de que todos os cidadãos deveriam ter o mínimo de bem-estar material e espiritual, isso nem sempre significou um reconhecimento desses direitos. Artigos delatando a disparidade entre os abastados e os miseráveis pululavam em jornais e revistas quase todos os dias, no entanto, esses escritos acabaram por se tornar leitura banal cotidiana, que ao invés de gerar um movimento de mudança entre as classes que tinham o poder de ação política e econômica, redundava em um desenvolvimento de um sentimento de compaixão e piedade por parte das elites, atrelado a uma concepção religiosa cristã, que de forma alguma resolveria o problema das desigualdades sociais. Na edição de Janeiro de 1919 do *Jornal das Moças* há uma pequena historietta publicada por Yolanda Barbosa que exemplifica essa ideia:

Esmola

(Para a minha muito bondosa amiguinha

Cenira Braga

— « Cenira — não tem a minha, como a tua penna, palheta e pincel para colôrir o que escreve, por isso é o que te offereço. » —

LUCIA, Lucia. — dizia-lhe a mãe, — quem tirou os nickeis dos pobres que estavam aqui sobre a meza? A menina approximou-se silenciosa. Sua mãe abandonou a costura para observá-la.

• Os olhos baixos, pallida, tremula . . .

— Vem cá, Lucia; — diz-lhe seu pae; — foste tú quem tirou os nickeis que tua mãe havia deixado aqui para soccorrer os pobres que á porta nos batem?

A menina guardou silencio. O pae tomou-lhe as mãos e disse-lhe. — Filha, porque hesitas? Porque temes dizer a verdade á teus paes, os teus melhores amigos, os teus unicos e fieis amigos?

Vamos, dize, para que tivaste o dinheiro?

A pobre Lucia soluçava baixinho. Seu pae a anima: vamos Lucia, conta-nos o que fizeste do dinheiro. Lucia levanta os olhos lacrimejantes para o pae e com uma encantadora timidez, diz-lhe:

Hoje ao sahir da escola encontrei-me com uma colleguinha pobre entre os pobres e que ha muito deixa de ir á escola. Interroguei-a, e a pobresinha tristemente me disse que está com a mãe enferma. Hoje terminaram os poucos recursos de que dispunia e eil-a a mendigar o pão para a doente. Compadecida, disse-lhe: vem commigo e te darei o que tiver.

— Logo ao entrar vi sobre a mesa o dinheiro de mamãe.

Insensivelmente apanhei-o e entreguei á Laura, a minha colleguinha. E Lucia poz-se a chorar de novo.

— A meus braços, filha, disseram-lhe os paes unisono. O teu acto é muito nobre e digno da nossa approvação.

E os tres se uniram n'um amplexo de assentimento e felicidade.

YOLANDA BARBOSA.

Figura 4 — Jornal das Moças — Rio de Janeiro, Janeiro de 1919

O ato da esmola se constrói na historieta como um ato digno, uma ação efetiva no olhar de quem cede o benefício, porém na prática, não mudava a situação daquele que recebia o óbolo. O *Jornal das Moças*, por sua vez, publicou em suas edições dezenas de textos com conteúdo similar ou igual sempre enaltecendo qual o tipo de educação as famílias, e principalmente a mãe, deveria dar a seus filhos em relação aos pobres e desvalidos. A esmola que a filha entregou à coleguinha necessitada demonstra em linhas gerais o tratamento “nobre” e “digno” das elites para com os pobres, e por esse ato é possível, como o próprio final do texto indica, às famílias que doam viverem em união e felicidade.

Por outro lado, existia também a preocupação com uma nação forte para o trabalho e para a defesa da pátria, um discurso recorrente e de influência cultural europeia e norteamericana, preocupado com a saúde dos habitantes das urbes e do campo, mas que na prática esvaziava-se nas atitudes em relação a essas políticas públicas, pois as condições de vida da população pobre e operária encontravam-se em extrema penúria. Logo, a fala de Luis Orrego Luco em 1912 sobre o cuidado e a formação das crianças como fator importante para a pátria: “De los seres así formados sacaremos, más tarde o más temprano, ciudadanos útiles que acrecientem el acervo social” (LUCO, 1912, p. 154), acaba por fazer sentido somente para as classes mais abastadas que tinham condições de alimentar, abrigar e educar adequadamente suas crianças.

Assim, as discussões acerca de que as crianças requeriam certa proteção por sua própria condição vulnerável e frágil foi um ponto chave para se relacionar as condições das crianças ao conceito de “direitos” da criança, contudo, ao que tudo indica, essa concepção nasceu favorecendo uns mais do que os outros, como podemos notar nas fotografias a seguir:



Los mellizos.

Figura 5 – Zig-Zag – Santiago de Chile, Mayo de 1918



Figura 6 – Familia – Santiago de Chile, Febrero de 1918

A Revolução Industrial ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, fez com que a sociedade se reorganizasse. Enquanto temos de um lado a elite dirigente e aristocrata, do outro lado temos os operários pobres. A modernidade por um momento passou a impressão de que iria mudar o futuro das nações que bebiam de sua fonte, que mudaria os rumos principalmente daqueles relegados às margens, contudo o que ela trouxe consigo foi a consolidação de uma nova hierarquização social, econômica e cultural que buscava para os filhos da elite a manutenção do poder por intermédio de uma educação de qualidade e diferenciada e para os filhos dos proletários a educação e a preparação instrumental para a mão de obra barata no processo de industrialização que se iniciava.

As crianças, expostas nas Figuras 5 e 6, dentro dessa modernidade industrial causadora de transformações em todos os âmbitos da vida, devem ser enxergadas por olhares multifacetados. As primeiras (Figura 5) denotam pelo meio no qual se encontram, da forma como estão vestidas e mesmo por sua composição física franzina, triste e mal cuidada, o contexto de baixo valor econômico com o qual têm que sobreviver e que com certeza fez com nem chegassem à escola, mostrando que seus direitos foram deixados de lado por conta da sua submissão às explorações do mercado de trabalho em jornadas desumanas de serviço, primeiramente com seus pais e, posteriormente com elas próprias. Marly Amarilha, sobre essa condição nebulosa das crianças proletárias afirma:

Se a vida em comum com os adultos, antes da Revolução Industrial, tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para a indústria e cabeças para o comando lhe traz o exílio do seu tempo. Viver a infância passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto. A criança como tal, com identidade específica, continua desrespeitada e desumanizada (AMARILHA, 2000, p. 128-129).

A infância dessas crianças de classes menos favorecidas, que carregam a difícil tarefa de ajudar no sustento da família, segue na modernidade sendo deixada de lado e desrespeitada em todos os sentidos pelo descaso social. Já as crianças, como as representadas na Figura 06, felizes e sadias, com seus trajes alvos enaltecendo a ideia higienista da época, posando possivelmente em um estúdio fotográfico moderno das novas avenidas e bulevares, têm a sua imagem ligada a uma vida de facilidades sob a responsabilidade de seus genitores, que passam a

assegurar o seu bem-estar e a garantir seus direitos à luz e pelo crivo dos conceitos técnicos e científicos da Psicologia, da Sociologia e da Medicina. Além do mais, a aristocracia educava seus filhos não para o chão das fábricas ou para o arado dos campos. Suas crianças eram submetidas a uma educação que as qualificava aos altos postos da sociedade e, para tanto, tinham a seus dispor, preceptores preparados para cumprir esse objetivo.

Na obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Berman, o autor nos incita a pensar sobre os anseios dos planejadores modernos em ordenar o mundo de acordo com suas premissas. Aristocracia de um lado com suas suntuosas casas e avenidas, operários de outro com seus bairros insalubres recheados de *conventillos*, para o autor, a transformação do espaço urbano de fins do século XIX e meados do XX nos grandes centros industriais aconteceria com o único intuito de tirar das ruas os conflitos gerados pela luta de classes. O objetivo era, de forma cartesiana, separar, dividir com barreiras de concreto, paisagens e personagens em quadros distintos: pobres e ricos, trabalho e moradia, lazer e tráfego, entre outros quesitos da vida social citadina (BERMAN, 2007).

Os registros visuais destas mudanças urbanísticas também revelam os rumos que os administradores políticos tinham em mente para a época. As fotografias expostas a seguir mostram as ambiguidades em relação ao centro das capitais, lugar pensado para as elites, e os subúrbios, lugar designado ao proletariado. Enquanto um espaço se adequa a modelos estrangeiros modernos, com uma urbanidade cartesiana que revela uma vontade de ordenação e limpeza, no outro plano temos os arrabaldes desses centros envoltos no desordenamento habitacional e na falta de condições higiênicas mínimas para seus moradores.



Figura 7 – Plaza de Armas. Santiago do Chile, 1914. Colección: Museo Histórico Nacional



Figura 8 – Um conventillo. Santiago do Chile, 1910. Colección: Biblioteca Nacional de Chile



Figura 9 – Avenida Beira Mar, Rio de Janeiro, 1906. Augusto Malta. Acervo: Fund. Biblioteca Nacional



Figura 10 – Estalagem na Rua do Senado, Rio de Janeiro, 1906. Acervo: Museu da Imagem e do Som

A representação imagética dos setores da sociedade estampada em diversos jornais e revistas ilustradas – operários, camponeses, aristocratas e elementos étnicos – mostra a subordinação dos segmentos sociais a categorias de segregação e hierarquização social dentro da cidade industrial planejada. Para Françoise Choay, do ponto de vista estrutural, a sociedade industrial de fins do século XIX e começo do XX é especificamente urbana, por isso mesmo, “[...] ela produz as metrópoles, conturbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses locais” (CHOAY, 1979, p. 01).

Ainda segundo a urbanista, uma nova ordem é justaposta sobre o existente, seguindo o processo tradicional de mudança pelas transformações econômicas das sociedades (CHOAY, 1979), ou seja, há uma adaptação da cidade à sociedade que habita nela, mais precisamente a classe social que detém o poder naquele momento. A concepção iluminista burguesa tinha objetivos a serem alcançados e ações a serem tomadas em relação à cidade que culminaram em reformas urbanas como tática para dirigir a cidade no caminho da almejada “civilização moderna”. Mudanças urbanísticas que não abarcavam somente o plano ideal do progresso material, mas que focavam principalmente as atitudes da população em relação a sua cultura e seus costumes. Para Lewis Mumford, o

[...] estado de desamparada submissão aos mecanismos econômicos e tecnológicos que o homem criou é estranhamente disfarçado de progresso, liberdade e domínio da natureza pelo homem. Em consequência, tudo que é permitido passou a ser compulsão mórbida (MUMFORD, 1969, p. 602).

Rio de Janeiro e Santiago do Chile, foram capitais sul-americanas que passaram por processos tocantes de demolição e reconstrução física de sua epiderme. Estes abruptos “bota abaixo”, abalaram não só as estruturas materiais de ruas e prédios como também, de forma aterradora, abalaram os corações e mentes da população em geral. A ideia de derrubar e reerguer a cidade não se encerrava somente no conceito de modernização das estruturas físicas em locais de fácil circulação de mercadorias, veículos e pessoas, e torná-los salubres e aprazíveis. As transformações deveriam abalar o cidadão não só pelo que proporcionavam naquele momento, mas pelo que encerravam enquanto ideia em relação ao futuro daquelas cidades e de seus habitantes. Na concepção de Ronald

Raminelli, “[...] a cidade colonial tornou-se um entrave à modernidade. Daí a necessidade de destruí-la e construir uma nova urbe ordenada segundo os preceitos e necessidades de uma sociedade capitalista” (RAMINELLI, 1997, p. 200). E não só isso, ela deveria ser modelada com vistas a Paris e outros grandes centros estrangeiros.

Esse momento modernizador alterou costumes e formas de sociabilidade nas rotinas vitais dos sujeitos citadinos. A imigração, por exemplo, trouxe com ela novos povoadores urbanos que foram um dos pontos principais para as mudanças culturais que geraram grandes inovações. Com estes novos sujeitos surgiram elementos de alienação e distanciamento que, para Raymond Williams, são próprios de toda a cidade moderna. Ainda para o autor, ao estarem liberados de suas culturas locais e se enxergarem inseridos em uma dinâmica de relações sociais novas, cambiantes e ativas, os imigrantes adquiriram uma consciência da mobilidade das convenções e, portanto, das possibilidades de abertura da cidade (WILLIAMS, 1997a). Para os milhares de imigrantes que aportaram no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile a cidade era um espaço aberto e por conquistar, mas o desenraizamento presente como uma expressão de esquecimento do passado levou a um sentimento de insegurança plena que por sua vez foi alimentada pela transformação constante e a perspectiva de um futuro incerto. Nesse mesmo sentido, Angel Rama se refere ao desenvolvimento da experiência cotidiana na cidade como uma vivência esvaecida no ostracismo (RAMA, 1984).

O aumento populacional mais dinâmico se deu dessa forma devido a um fator chamado imigração em massa. Imigrantes de várias partes da Europa escolheram os países latino-americanos como destino e aumentaram os índices de crescimento populacional transformando ainda mais as cidades, tanto cultural quanto economicamente. Segundo Nicolás Sánchez-Albornoz, “[...] entre 1850 e 1900, a população da América Latina dobrou, passando de um total de 30,5 para 61,9 milhões de habitantes. De 1900 a 1930, aumentou mais 68 por cento, chegando a 104,1 milhões” (SÁNCHEZ-ALBORNZ, 2009, p. 177). Porém, o *boom* populacional não pode ser visto como homogêneo em todas as regiões latino-americanas, nos casos de Brasil e Chile o aumento populacional e a imigração em massa incluem modelos diferentes de ritmo, e mesmo tendências antagônicas.

As nações europeias contribuíram de bom grado para que uma grande leva de imigrantes aportassem aqui. Pode-se dizer que houve uma feliz coincidência paradoxal de oferta e procura entre Europa e América Latina pois, enquanto no Velho Mundo se destacava um excedente de mão de obra devido a um momento de crise na agricultura junto a

ocorrências de natureza religiosa ou política, no Brasil e no Chile ela era muito necessária às novas investidas capitalistas, em grande parte, pela questão do fim do trabalho escravo e das mudanças nas relações de trabalho. As levas de imigrantes vinham com o intuito de suprir as demandas postas pela modernização dessas regiões tanto na área rural quanto urbana, sendo que nesta a grande maioria que decidiu se instalar definitivamente acabou desempenhando atividades que giraram em torno do transporte, comércio, construção, indústria ou trabalhos artesanais.

Aos ocupantes tradicionais das cidades se somou uma primeira leva de novos povoadores provenientes da imigração estrangeira ou rural interna que elevou o número de habitantes. No Rio de Janeiro, Capital Federal, maior cidade do país e o maior centro comercial, o número de habitantes em 1920 era de 1.147.559 (BRASIL, 1924). Já em Santiago do Chile, também Capital Federal, polo industrial e maior cidade do país, o salto foi maior, de 1.800.000 habitantes em 1865, a população praticamente dobrou nos anos correntes a 1920 e chegou a 3.800.000 habitantes (MITCHELL, 1983).

Daí por diante os números só se multiplicaram. Apesar das duas capitais contarem com um importante contingente de imigrantes europeus, que em muitos momentos suplantou o número de nativos, não se deve esquecer que ambas cidades também receberam um grande índice de pessoas provenientes do campo e das províncias. Nesse sentido, após 1929, chegaram às capitais do Brasil e do Chile várias levas de migrantes de regiões diversas desses países em busca de emprego e comida devido à crise econômica que se alastrou mundialmente a partir da quebra da bolsa de Nova Iorque. Esse movimento migratório, por uma parte, estimulou o próprio desenvolvimento urbano, porém ao mesmo tempo desencadeou o aumento do desemprego e da miséria (ROMERO, 2004).

O certo é que entre 1850 e 1930 os índices de crescimento populacional experimentaram uma evolução mais dinâmica. A forte industrialização que ocorreu devido aos novos laços de intercâmbio comercial e seus ganhos significativos para quem os detêm fez com que estas regiões tivessem avanços significativos na exploração da agricultura, indústria e mineração, resultando desse modo na demanda pelo aumento da superfície de terras por colonizar e conseqüentemente na necessidade de povoar essas terras com mão de obra barata para explorá-las, algo que não foi difícil de ser encontrado.

Essa imigração e migração em massa exerceu um forte impacto demográfico e cultural que resultou em várias mudanças estruturais dentro das sociedades latino-americanas. Mais do que uma fonte de mão-de-obra imprescindível, os imigrantes eram considerados também como

instrumentos de transformação social, modernização e eugeniação (SÁNCHEZ-ALBORNZ, 2009).

Para além dos movimentos internos de povoação e da imigração extracontinental, ocorreu o começo da industrialização moderna, a aplicação de avanços técnicos e sanitários em distintos setores, principalmente no que se refere às reformas urbanas, e por fim, a economia sendo fortemente penetrada pelo capital estrangeiro, o qual “se trata de un nuevo tipo de colonialismo en el que a las grandes potencias del momento les interessa el control de las riquezas en nuestro continente y no el control político-militar directo” (CORDEIRO; IZQUIERDO, 1987, p. 97).

As classes médias cariocas e santiaguinas, influenciadas pela arte, a indústria, a moda, a cultura de origem estrangeira em si, ansiavam estreitar relações com as pátrias ditas modernas. A França havia conquistado seu lugar cativo nos corações e mentes desses cidadãos já que era vista como a nação que marchava a passos largos em relação as outras e, nesse sentido, várias expressões artísticas da época refletiam o culto aos franceses pois aspiravam que a vida latino-americana se assemelhasse à europeia o quanto antes. Anseio que pode ser notado no Chile, por exemplo, nas páginas de Martín Rivas:

Pero Agustín no era de los que podían estarse callados mucho rato, y le pareció que debía seguir el ejemplo de su padre.

— Aquí no hay lugares a propósito para partidas de campaña, como en París — dijo.

Y se engolfó en una descripción del lago de Enghien del parque Saint-Cloud y de varios puntos de los alrededores de París. Como los demás se encontraban poco dispuestos a interrumpirle, pudo continuar su disertación durante casi toda la comida, lanzando un nutrido fuego de galicismos y frases afrancesadas, con las que creía dar el colorido local a su descripción.

— Allí sí que puede uno divertirse — exclamó con entusiasmo al terminar —, y no aquí donde los alrededores de Santiago son tan feos, sin parques, sin castillos y sin nada (GANA, 1998, p. 184).

Veneração à capital francesa que se refletiu também aqui no Brasil, nas vielas da então Capital Federal carioca, onde a assimilação ao modo

de vida afrancesado por parte da aristocracia nacional se manifestava em diversos âmbitos alcançando não só a elite da capital, como também outras classes sociais. Porém, era nos circuitos fechados do “*high-life*” que as opiniões se pautavam ainda mais nos padrões estrangeiros para existirem. Fosse nos cassinos, nos restaurantes, nas confeitarias, nos cafés, nos clubes ou nas grandes temporadas do *Jockey-Club*, a vida à moda francesa permeava toda a sociedade da época. Assim, cada lugar destacava-se por intermédio da associação a um tipo de imagem:

A mais elegante sociedade do Rio tem comparecido ao grill-room da Urca, onde a gente se transporta a um verdadeiro e delicioso coin de Paris [...] A Urca conseguiu o milagre de justificar os motivos europeus da sua decoração do seu grill-room. Criou um meio parisiense, onde não falta a troupe de Baltarim, com seus balados, os seus ‘sketchi’ e a adorável loura do seu french can-can. Não é possível ao carioca que, se presa de ser elegante, omitir do seu programa o grill-room da Urca. No grill-room do cassino Atlântico [...] respira-se um ar civilizado, transatlântico: a vida ambienta-se num meio elegante e aristocrático [...] O magnífico salão do grill reúne sempre o que o Rio tem de mais representativo e fulgente. O novo restaurante do Cassino de Copacabana, com sua sugestiva decoração, devida à arte de Henrique Literal em combinação com a Maison Janssem de Paris tem atraído um mundo elegante com suas deliciosas soirées de primeira estação (FON-FON, 1935).

Com efeito, durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as populações dessas capitais puderam assistir a um conjunto de reformulações que estavam ocorrendo tanto no campo político e econômico quanto na experiência cotidiana da sociedade urbana que transformou estas cidades em grandes metrópoles industriais onde a ordem posta era dos mandatários sobre os comandados. Essa ordem hierárquica capitalista foi uma das consequências e ambiguidades presentes no social e no individual na modernidade, onde a centralidade da economia monetária sobre os indivíduos criou as relações sociais entre estes de forma cambial, onde a maioria das interações dos círculos sociais tinha como objetivo a fluidez da vida mercantil e do desenvolvimento dos mercados.

De acordo com José Luis Romero, é nas primeiras décadas do século XX que as manifestações mais evidentes da modernização aconteceram. Ambas as cidades capitais colheram as vantagens deste processo como centros administrativos e políticos, detendo para si uma forte hegemonia sobre outras cidades através da concentração de toda a riqueza gerada pela intensa atividade econômica de exportação em seu meio. Com dinheiro em mãos, as cidades alteraram suas aparências e hábitos, deixando os ares provinciais de lado, adaptando às elites locais, os grupos de pessoas, aos novos edifícios de concreto e a uma série de novas tecnologias aplicadas à arquitetura, ao transporte e a vida cultural. Contudo, este movimento de transformação urbana, social e cultural não trouxe somente a inovação, mas sim acirrou ainda mais os problemas sociais (ROMERO, 2004).

As cidades, imersas em uma urbanização acelerada e quase sem controle, responderam como puderam para levar a cabo as transformações necessárias com vistas a suprir o número crescente de habitantes urbanos. Para tanto investiu-se em redes de esgoto, sistemas de iluminação pública, bondes, e na ampliação das ruas onde se inauguraram novos edifícios e lojas diversas que vestiram as cidades com uma nova aura moderna de brilho e luxo, aos moldes dos grandes centros europeus e norte-americanos. Estas transformações tiveram sua concreta efetivação no centro das capitais, isso quer dizer que tanto os cariocas e santiguianos dos setores periféricos ficaram totalmente desprovidos destas novas condições proporcionadas pela modernização. A corrida modernizante efetivada nas metrópoles cosmopolitas do Brasil e do Chile não tinham como ação incluir toda a população da urbe sob o signo da modernidade, mas tinha como objetivo primeiro apagar as lembranças coloniais e proporcionar a burguesia o gosto de viver o modo de vida europeu.

Para George Simmel, em sua obra *Filosofia do dinheiro*, o debate em torno do capital, do dinheiro, é uma das premissas do mundo moderno, tanto sobre o mundo material quanto sobre o mundo espiritual (cultura). O dinheiro dita as regras, e conseqüentemente os valores das regras, ou seja, concretiza as probabilidades de todos os valores, como também os valores de todas as probabilidades (SIMMEL, 1977). Desse modo, desde os últimos anos do século XIX a vida urbana foi tomando um viés diferente por conta de um lento processo de adaptação e circunstâncias históricas que esteve intimamente ligado ao período de entrada do capital monopolístico. Além disso, se conectarmos o desenvolvimento econômico do momento ao crescimento demográfico destas áreas, teremos um período rápido de crescimento econômico em função da expansão e ocupação territorial, bem como o aumento de mão de obra.

A grande metrópole de início do século XX era então um lugar privilegiado como incubadora dos processos de modernização de suas sociedades. Seja no Rio de Janeiro, ou em Santiago do Chile, a cidade moderna era testemunha de processos ativos de racionalização, burocratização e urbanização. Através desse processo de desenvolvimento veloz das cidades e dos seus cidadãos, fator intrinsecamente ligado ao capitalismo monopólico, ao aumento gradativo da população, à organização do tempo, aos meios de transporte e à tecnologia, se encontravam as bases para a possível explicação de fatores como o aceleração do ritmo da existência, e a competência do dinheiro em movimentar, transferir, representar valores. A preponderância do dinheiro sobre a cultura, sobre a mentalidade, definia o caráter da essência dessa sociedade moderna, onde as estratificações eram particularidades próprias da modernidade presente nestas capitais.

Em decorrência desse procedimento, pode-se dizer que a sociedade moderna torna-se mais complexa que a sociedade tradicional (rural) justamente porque coloca entre os homens e a natureza um contingente de máquinas e técnicas apuradas as quais acabam construindo um meio tecnicamente elaborado dentro da estrutura social capitalista. Para Berman, esse método define-se pelo capital sempre e cada vez mais concentrado nas mãos de poucos. Fazendas se tornam “fábricas agrícolas” e os camponeses que não largam o meio rural se transmutam em operários camponeses. Artesão e trabalhador rural autônomos não conseguem concorrer com a produção de massa capitalista e são obrigados a abdicar de suas terras e encerrar seus comércios devido a competitividade desleal. A produção se concentra de modo gradual e “[...] se racionaliza em fábricas altamente automatizadas. Um vasto número de migrantes pobres são despejados nas cidades, que crescem como num passe de mágica — catastróficamente — do dia para a noite” (BERMAN, 1986, p. 89).

É surpreendente o que a técnica e o dinheiro promovem desde meados do século XIX. Com as relações humanas cada vez mais complexas e atadas como uma simples troca de bens ligada ao intelecto e a economia monetária, os sujeitos acabam reduzidos a peças da imensa engrenagem capitalista, valorizados apenas pela sua capacidade de produção e obediência, passíveis de uma existência nula já que o grande nivelador das capitais cosmopolitas é o dinheiro. Assim sendo, a modernidade em sua totalidade contagiante e reestruturante, exemplificada no entrosamento dos indivíduos pela lógica capitalista, traz no seu interior também uma certa modernização da mentalidade representativa e do imaginário urbano destas capitais, algo que pode ser visto e discutido a partir do surgimento de vários jornais e revistas novos

onde pululam textos, imagens e fotografias produzidas no período, tanto das avenidas, prédios, cortiços quanto de seus passantes diversos.

3 REVISTAS, JORNAIS OU MAGAZINES?

As mudanças urbanísticas e arquitetônicas, o aumento populacional, os choques sociais e culturais e as importadas práticas modernas e civilizantes tiveram um impacto forte sobre as sociedades em questão. Dentre todas estas transformações, uma em especial surgiu para revolucionar os modos como a informação sobre as mudanças trazidas pela virada de século chegavam ao Chile e ao Brasil: a aparição da imprensa de massa. Apesar de estar presente desde finais do século XIX, a relação cultural da imprensa com diversas camadas da sociedade se torna mais efetiva a partir das primeiras décadas do noventa. Dentro de um cenário heterogêneo, atravessado por *ethos* e públicos diversos, os meios de comunicação, no caso aqui as revistas e os jornais, irrompem, como bem lembra Carlos Ossandón Buljevic, como códigos e sensibilidades que trazem inéditas impressões culturais (BULJEVIC; ACHURRA, 2005).

A aparição da imprensa, um dos produtos que mais se massificou nos primeiros anos do século XX, motivou mudanças principalmente nas práticas de leituras tradicionais, bem como na produção e no acesso ao uso do conhecimento (BRIGGS; BURKE, 2004). A ampla proliferação das revistas e jornais, proporcionariam aos leitores novos suportes de leitura para apropriação de conhecimento e contato com novas formas de sensibilização, permitindo o acesso massivo a novos textos e facilitando o ensino da leitura e escrita em recônditos mais populares. A incorporação de tecnologias e a reprodução escrita permitiu a generalização de produtos e estilos, o que, junto com o aumento do público leitor gerado com as políticas de educação, ajudou a desenvolver públicos cada vez mais especializados em gostos e interesses (OSSANDÓN; CRUZ, 2001).

As revistas, e conseqüentemente seus conteúdos variados, tornaram-se um instrumento privilegiado de consumo, de intercâmbio e de intervenção de dispositivos modernizadores na vida cotidiana dos cidadãos. Estas interferências imprimiram complexidades e sofisticacões nas relações sociais no interior da cidade que, em muitos casos, se complementaram com maiores liberdades de expressão e um sem-número de atividades culturais, deixando a urbe com um caráter heterogêneo em vista da abertura de novos espaços culturais como museus, centros culturais, entre outros (WILLIAMS, 1997b).

A história da imprensa periódica no século XIX e XX na América Latina está, portanto, intimamente ligada ao processo de transformação da mídia em jornais-empresas ou revistas-empresas como bem lembra Nelson Werneck Sodré quando diz que a imprensa no Brasil no começo

do século XX acaba por se tornar uma indústria de notícias (SODRÉ, 1999a). No caso Chileno, Eduardo Santa Cruz também tem essa percepção sobre o desenvolvimento da imprensa, segundo o autor:

[...] este período se habían creado en nuestro país las condiciones políticas, económicas, sociales y culturales para la aparición de una auténtica prensa de empresa, que es la consumación de la libertad de prensa, en el marco del pensamiento liberal que hegemonizaba ideológica y culturalmente la sociedad chilena (CRUZ, 2003, p. 1).

Para tanto, os principais periódicos do Brasil e do Chile iniciam a implantação de meios tecnológicos que transformam a produção de jornais e revistas em algo mais moderno e massivo por meio da aquisição de maquinários linotipos que botam em xeque as derradeiras composições manuais, imprimindo até 20 mil exemplares por hora. Outro fator importante que agrega valor ao novo mundo da imprensa são as máquinas de fotografar que reproduzem o mundo em imagens, primeiramente em preto e branco, mas logo, por intermédio de métodos fotoquímicos e publicações de clichês em cores. Os periódicos mudam assim seus modos de produção e o discurso com que se referenciam passa a ser cada vez mais modelo da modernidade em cidades que almejam ser símbolo de uma nova era.

As revistas ou a imprensa cultural são, portanto, um fenômeno do século XVIII que se estendeu célere como um rastilho de pólvora pelo mundo inteiro. Nesse mesmo século apareceram os primeiros periódicos na América Latina, e já no século XIX o frenesi editorial era tão grande que os empresários que buscavam negócios inovadores, modernos e com boas perspectivas de lucro não demoraram a investir em fábricas de papel, bem como em maquinários para imprimir letras, ilustrações e fotografias. Para Eduardo Santa Cruz, a indústria cultural materializada nas revistas permitiu às sociedades cotidianizar a modernidade, dando-lhe sentido e experiência por meio de um imaginário social que surgia a partir das grandes mudanças estruturais, como o crescimento econômico, o desenvolvimento urbano, a expansão das comunicações e transportes, o desenvolvimento de novas tecnologias, entre outros. Do mesmo modo, simultaneamente, gerou uma sensação de crise, de desigualdade, acompanhada de um sentimento de perda do curso da história (OSSANDÓN; CRUZ, 2005).

A história das revistas, assim como de toda a imprensa de começos do século XX, está ligada principalmente a uma representação de mundo. Nas páginas dessas é perfeitamente possível encontrar os eventos da vida social aristocrata, as reivindicações do proletariado ou dos grupos feministas, bem como receitas culinárias, moda, notícias mundanas ou alguma catástrofe nacional ou internacional. Todo esse conteúdo em um formato inovador e provocativo, o qual incorporou fortemente a imagem como uma nova linguagem comunicacional, relacionando as diversas temáticas com a propagação de um conhecimento de caráter científico e, por intermédio deste, a proposição de modelos em concordância com esse saber.

O processo de modernização que impulsionou o desenvolvimento de produtos editoriais para uma população crescente investiu, desse modo, em novos *layouts* de revistas e jornais e focou na recepção das novas mídias impressas, porque naquele momento havia um leitor mais visual, que lia em um ritmo muito mais rápido e menos intenso. Essas transformações fizeram com que se ampliassem os novos circuitos culturais, iniciando assim a construção de uma cultura própria em distintos países da América do Sul, nos quais a relação entre as imagens e as letras tomaram uma nova face diante de novas sensibilidades que nasceram a partir dos desenvolvimentos e das mudanças que sugeriam a cultura ilustrada moderna. Para Ana Luiza Martins, a revista “[...] emergiu como o veículo ideal daquele processo civilizatório, configuradora do ritmo de seu tempo cultural, de seus projetos, de suas utopias” (MARTINS, 2001, p. 565).

Nesse contexto de mudanças físicas e mentais, tanto do ser humano quanto das cidades, a imprensa e sua massificação noticiosa permitem problematizar as mudanças na paisagem urbana e na forma de representação dos diferentes grupos sociais da época, porque, em meio a essa agitação político-social quase sempre estava presente um fotógrafo ou cronista. No caso das imagens, pode-se perceber que o dispositivo fotográfico nos anos iniciais do século XX se instaurou como um novo divisor na questão da reprodução da imagem. Na visão de Walter Benjamin, ao alocar a fabricação imagética sob o signo da objetividade (óptica) e da reproduzibilidade (técnica) a fotografia cunhou um novo meio de expressão artística e passou a ser aventada como uma espécie de ícone da modernidade. Ainda para o autor, a imagem fotográfica se mostra por meio de sua técnica como um regalo mágico que jamais um pintor de quadros poderá dar a sua obra. Mesmo com toda a habilidade do fotógrafo e de tudo o que há de esquematizado em sua conduta, o observante presente a obrigação irresistível de caçar nessa figura o

pequeno toque da eventualidade, do presente, com a qual a realidade atingiu a imagem, de buscar

[...] o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás. A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar (BENJAMIN, 1991a, p. 94).

As fotografias, as caricaturas, as crônicas, informam, mostram, questionam as mudanças no ambiente físico e as novas formas dos indivíduos se auto-representarem: como vão se expor em público, como se movimentam dentro desses espaços, como interagem com seu grupo e, até mesmo, como encaram os novos desafios da leitura, imagética ou literal, propostos numa nova esfera cultural de consumo, mesmo que grande parte da população tanto do Rio de Janeiro quanto de Santiago do Chile, nas primeiras décadas do século XX, seja composta por iletrados. Por isso mesmo, a fusão da imagem com o texto renova a imprensa periódica já que com a inserção da fotografia as publicações se rechearam de ilustrações que, na visão de Semiramis Nahes, produziu um quadro no qual o uso “[...] de gravuras, de ilustrações e, sobretudo, da fotografia, permitiu a associação do lazer e do luxo à idéia de revista [...]. Revista é ilustração” (NAHES, 2007, p. 81).

Nesse sentido, a diferenciação dos leitores estava marcada de acordo com os grupos sociais e os interesses políticos, sociais, étários e de gênero. Produtos como revistas eram adquiridos principalmente por consumidores da classe média que estavam se integrando aos costumes e estilos de vida dos setores consolidados, configurando-se como um público convencional e amante do que é estabelecido. De outro lado, encontramos leitores que se identificam como militantes políticos e ou trabalhadores intelectualizados, que buscavam obras de acordo com suas posturas ideológicas socialistas ou anarquistas, coincidindo com uma parte do mundo intelectual especializado. Para Luis Alberto Romero, as novas empresas editoriais desenvolveram produtos de acordo com o que elas consideravam adequados para formar leitores cultos, para entreter ou para entender a realidade social e política. Embora com fins culturais, são as empresas que aspiram a vender o que editam, de modo que selecionam seu material de acordo com o interesse dos potenciais leitores e os oferecem com argumentos convincentes

[...] esto da en muchos casos una nueva significación a los libros, atribuyen a los lectores intereses, apetencias, carencias y necesidades que van definiendo una imagen de ellos y, simultáneamente, los constituyen tanto quizá como los libros mismos (ROMERO, 1995, p. 54-55).

A atividade editorial foi ponto impactante na democratização no sentido de que, desde a distribuição até o consumo, alimentava uma vontade clara de deixar para trás os periódicos tradicionais dos “senhores ilustrados” do Estado oligárquico, para desenvolver produtos para um público que só teria tempo de ler artigos curtos, no tempo de duração de uma viagem de bonde até o lugar de trabalho, e vice-versa. Diante de tal perspectiva, os periódicos se especializaram cada vez mais e começaram a ser produzidos por profissionais e não por políticos (SARLO, 1988).

Dentro do novo cenário cultural, as revistas foram um instrumento privilegiado de consumo, intercâmbio e intervenção dos dispositivos modernizadores no cotidiano dos cidadãos, pois a circulação da informação periodística informava sobre os movimentos, principalmente os políticos, sociais e culturais, que desencadeavam uma sensação de bem-estar civilizatório ou de mal-estar, devido às ações contraditórias dos governos vigentes em relação aos excluídos do projeto moderno. Para Cruz, as revistas periódicas, e posteriormente os magazines, são estratégias comunicativas assentidas por técnicas de enunciação de alguns sujeitos produtores desses elementos, que se consolidaram na medida em que a indústria cultural cresceu e ampliou o mercado informativo e cultural (CRUZ, 2002). Dessa forma, as funções que cumpriram as revistas do período em questão, iam desde a divulgação e vulgarização dos conhecimentos científicos, até a exposição de rupturas estéticas e proposição de programas políticos renovadores. Para Beatriz Sarlo, nas revistas era possível medir e pesar as várias oscilações e obstáculos dos diversos movimentos sociais e políticos do momento (SARLO, 1988).

Podemos notar assim que, no momento em questão, diversos tipos de revistas surgiram e que, considerando sua produção, teremos as comerciais e as não comerciais, bem como de acordo com seu formato, teremos as magazinescas e as especializadas; e dentro desta vasta produção há uma grande variedade de acordo com temáticas que abarcavam a quase todos os públicos por discutir de forma mais ampla: política, literatura, cinema, frivolidades, entre outros. As revistas encontram seu espaço então à luz da diversificação do mercado, da

ampliação do público e da especialização dentro de suas funcionalidades comunicativas.

Contudo, as revistas que aqui propomos analisar, o *Jornal das Moças e Família*, são claramente produtos que têm por trás uma indústria editorial que faz parte da imprensa comercial e que não se preocupa com uma especialização específica de seu conteúdo, apesar de ter foco no feminino. Nesse sentido é difícil classificar ambas publicações como revistas especializadas, já que recorrem a estratégias comunicativas que vão além dos jornais e das revistas especializadas comerciais. Assim elas caracterizam muito mais como revistas magazinescas, voltadas para o público feminino do que outro tipo de suporte midiático. Isso porque abarcavam em seu interior, uma gama de questões que perpassavam desde a divulgação e vulgarização do conhecimento científico e filosófico da humanidade, até páginas e páginas com conteúdos propagandísticos incitando o consumo a partir do modo de agir e pensar moderno, em um espaço público e ocupado principalmente pelas massas.

Para Cruz, esse fenômeno significou para alguns uma total democratização da cultura, porém, para as elites ilustradas, essa propagação de informação a todas as classes sociais adquiriu um certo ar pejorativo, já que o magazine recorria principalmente a um público massivo e ignorante (CRUZ, 2002). Isso ocorre, segundo Ana Luiza Martins, porque nas primeiras décadas do século XX, o mercado editorial de publicações se volta com intensidade para a produção de diversas revistas para diferentes públicos e classes, devido à complexificação do tecido social no período (MARTINS, 2001). Desse modo, a circulação de revistas abarca um público amplo e suas edições vão, portanto, desde as que seguem um padrão de luxo internacional até as magazinescas populares que servem como vitrines da modernidade, porém ambas com caráter pedagógico indiferente do segmento que pretendiam atingir.

As revistas aqui escolhidas para serem trabalhadas – *Jornal das Moças e Família* – são suportes midiáticos pensados comercialmente, mas não livres de conteúdos especializados, por isso mesmo possuem características particulares. Primeiramente, são revistas que são produzidas não por um coletivo político, tampouco por mulheres, e sim por organizações pertencentes a homens, os quais enxergam no público feminino um nicho comercial e por isso mesmo desenvolvem suportes que irão diferenciar, por meio de imagens e textos, os papéis que podem desenvolver as mulheres, dentro daquilo que se concebe por “ser feminino”, a qualquer modelo de mulher. Assim, no que diz respeito a essas revistas femininas, entende-se que elas expressam valores e tendências existentes e funcionam como ferramenta para a mudança de

paradigmas, propondo novos modelos e disseminando-os de um grupo para outro, ou seja, “[...] tienen un papel importante en la construcción del sujeto mujer, ya sea porque son un espejo de este proceso al revelarnos cómo está ocurriendo en las diferentes instancias sociales o porque son agentes del mismo” (FULLER, 1989, p. 07).

Até aqui podemos notar que tanto o *Jornal das Moças* quanto a revista *Familia* são periódicos que foram criados para um público e um universo específico dentro de países e cidades com contextos também específicos. O seu conteúdo está direcionado para as mulheres da aristocracia chilena e brasileira, e suas edições são estruturadas e correspondem aos anseios dessa classe. Contudo, é necessário pensar sobre as definições que ambas deram a si próprias. Tratamos esses dois periódicos como pertencentes a um mesmo suporte/gênero editorial, de acordo com a perspectiva teórica da história da leitura, e inclusos dentro de uma mesma categoria: a imprensa feminina. Assumimos, portanto, a definição de revista feminina como um gênero do impresso, conforme costumam utilizar os historiadores da leitura, segundo a qual a revista seria o mecanismo para conformar uma identidade para dentro de um determinado grupo. Nesse sentido, podemos considerar o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* como revistas especializadas que recorrem aos elementos do magazine em sua diagramação. Desse modo, dentro do mesmo suporte não se opõe a ideia de revista e magazine, pois ambas tratam de justificar sua existência demonstrando a importância de seus conteúdos sociais e educativos dentro do formato de um magazine.

O fato é que ambas são magazines comerciais que possuem características particulares, tendo em vista que em suas páginas constam conteúdos que fazem parte do cenário de produção de revistas voltadas para o público feminino no começo do século XX. Isso torna necessário considerá-las em sua relação dinâmica com o contexto social mais amplo da época e, nesse sentido, compreendê-las não apenas como um produto cultural, mas também como um espaço de produção de valores, de hábitos e de cultura, ponto bem lembrado por Chartier quando conclui que: “Contar títulos e edições, no entanto, não basta: é preciso também detectar os gestos que eles recomendam ou estigmatizam” (CHARTIER, 2003, p.172).

Por isso mesmo, antes de discorrer sobre as distintas definições de conteúdo dadas por cada uma dessas revistas, é necessário aclarar quais suas definições enquanto suporte/gênero editorial. Aqui, trataremos de revistas que pelo nome ou pelo formato podem causar confusões acerca de sua definição enquanto publicação específica, já que transitam pelo formato jornal/revista, revista/magazine. O próprio *Jornal das Moças*

torna-se contraditório pelo nome que estampa em sua primeira página, visto que não é um jornal e sim uma revista. Isso se dá, uma vez que, ainda em princípios do século XX as definições sobre um e outro ainda não estavam muito aclaradas pelos editores, visto que o suporte revista se diferenciava pouco do suporte jornal. A transição do jornal para a revista foi algo natural, de folhas soltas a folhas coladas, do formato grande para um formato menor, acrescentava-lhe uma capa e pronto, nascia nesse ponto, o formato revista que casava conteúdo com apresentação. Segundo Nukácia M. Araújo de Almeida:

A revista é um suporte textual que permite a circulação social de diversos gêneros do discurso (artigos, anúncios, editorial, contos, reportagens, conselhos etc.) ao mesmo tempo e em um mesmo espaço. Por conter vários gêneros do discurso, a revista é um tipo de publicação que veicula grande diversidade de temas e que, portanto, permite leitura fragmentada do próprio suporte. Esse suporte efêmero caracteriza-se pela periodicidade (semanal, quinzenal, mensal, anual) e por ser uma publicação datada. Seus objetivos, por sua vez, podem variar em função do tempo, uma vez que são condicionados a circunstâncias históricas de gestação e de circulação, e também em função de seus(as) leitores(as) (ALMEIDA, 2008, p. 96).

Do mesmo modo, a remodelação da revista para um perfil mais *magazinesco* está veiculada também ao contexto histórico ao qual essas publicações estão atreladas. Com o mercado editorial focado no consumo de massa, a revista tornou-se uma vitrine para os produtos que antes estavam expostos somente nas montras das lojas. O próprio termo inglês *magazine*, derivado do francês *magasin*, que provém do árabe ‘armazém’ nos dá a ideia do que se pretendia com a nomeação da publicação com tal nome, ou seja, o *magazine* pouco a pouco captou várias vitrines para um único suporte, no qual as mercadorias se apresentavam prontas para o consumo (BUTONI, 1990). Para uma melhor definição do suporte *magazine*, Cruz explana que o mesmo é definido convencionalmente como um periódico ilustrado, um gênero que é capaz de abrigar em seu interior de forma misturada e interligada

[...] crónicas, entrevistas, reportajes de actualidad, ilustraciones, avisos publicitarios, cuentos y

novelas por entrega, notas de vida social, caricaturas, poemas, etc. En este sentido, se trata de un género extraordinariamente maleable en cuanto a sus formatos y contenidos (CRUZ, 2002, p. 33).

As revistas ganharam uma importância muito grande como meio de comunicação, pois representavam nelas os indivíduos adequados e adaptados a diferentes realidades por meio de imagens e textos produzidos e reproduzidos por diferentes mídias e sujeitos em um momento que tem como características conceituais a inspiração, o desenvolvimento, a experiência arriscada, a exultação, a mudança e a auto-mudança de tudo e de todos. Além disso representavam, no mesmo intervalo de tempo, o envelhecimento instantâneo, o desmoronamento do passado e a ameaça de mudança constante dos espaços e dos costumes. Elas não só ofereceram uma grande variedade de conteúdos especializados para públicos específicos, como também se adaptaram rapidamente às novas tecnologias que surgiram com a crescente modernização, tornando-se um item recorrente nas mãos dos cidadãos cariocas e santiaguinos.

A produção de objetos culturais para a crescente população urbana foi dando lugar ao surgimento da cultura de massas, que tomou impulso dentro da conjuntura política aberta na virada do século XIX para o XX no contexto latino-americano. Isso se fez admissível porque os sistemas políticos de representação criaram brechas para integrar dentro da comunidade nacional a crescente população que se sentia excluída do sistema. Nesse sentido, as elites velhas e novas que se achavam no poder, ampliaram programas políticos de integração progressiva no sentido político, social e cultural, amparadas pelas concepções de novas narrativas nacionais que compreendessem as massas. Tanto as classes médias como os setores populares constituíram parte de um todo social marcado pela heterogeneidade de seus elementos. Nesse espaço, as elites reformistas encontraram um novo potencial para validar planos de refundação nacional, que concebiam reorganizar o poder na acepção de articular o Estado com as massas (ROMERO, 2004). O desígnio era solidificar o poder canalizando as tendências anti-sistêmicas e articulá-las no emprego da conservação da ordem. Para tanto, aproveitaram-se de táticas como a ampliação do ensino público, que serviu para modelar as massas, chave para obter a tranquilidade social.

O acionamento da atividade periodística levou a pensar a materialização de uma opinião pública ampla. Na experiência latino-americana vemos que a construção de um domínio público refletiu o

modo excludente e hierarquizado de uma sociedade com hegemonia de grupos de poder que dominam o acesso à contestação pública. Exemplo é a propagação circunscrita dos periódicos dos setores proletários ou das mulheres, esferas que desenvolveram revistas e circulares, porém sempre com tiragens parcas, com edições intermitentes. É certo, porém, que esses grupos mostraram uma competência exímia em originar ideias e visões críticas da realidade social, o que os relegaram a uma posição de interlocução, ainda que sem reconhecimento dos grupos de poder controladores do espaço público.

A modernidade latino-americana, nas três primeiras décadas do século XX traz desdobramentos microscópicos, multiformes e polifacéticos da sociedade por meio de um novo ângulo: o das revistas ilustradas da época. As imagens e textos propagados nessas mídias se instituem como um componente essencial, porque registraram as transformações ocorridas no seio da urbe e da sociedade, o que colabora para a percepção de uma história em que tanto a cidade quanto os cidadãos são sujeitos ativos, partícipes e edificadores das transformações. A análise das capas, dos espaços publicitários, dos produtos anunciados, das colunas sociais, entre outros, informa sobre os novos hábitos e estilos de vida que irromperam, contribuindo decisivamente para as mudanças culturais e sociais do período.

Diante dessas mudanças, a figura da mulher também despontou e se tornou um alvo para muitas das revistas produzidas no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile. Dona de casa, cuidadora dos filhos, *socialite* ou vendedora ambulante, as mulheres foram leitoras e também protagonistas de anúncios e colunas voltadas para o público feminino. Muitas encamparam a ideia de escrever e publicar suas próprias revistas, no entanto, a modernidade não idealizou e muito menos suplantou os conceitos atrelados a um sistema desigual referente a classe social, etnia e gênero sexual. A indústria cultural em começos do novecentos carioca e santiaguino, no que concerne às revistas femininas, tinha portanto, sua hierarquia pré-disposta: os homens como produtores, os sujeitos ativos e, por conseguinte, as mulheres, as consumidoras, os sujeitos passivos.

3.1 DOS ALMANAQUES PARA AS REVISTAS FEMININAS

Segundo Buitoni, antes das revistas e jornais femininos chegarem às bancas e aos lares de suas leitoras, eram os almanaques os responsáveis por trazer os conselhos essenciais para o lar e para a vida das mulheres. Esses eram os conselheiros que chegavam até suas leitoras com o intuito

de comunicar a sabedoria transmitida de geração em geração, no que concernia à medicina caseira, à agricultura e à economia doméstica (BUITONI, 1990). Segundo Botrel o almanaque foi um

(...) instrumento elemental de aprendizaje de la institución social del tiempo y por su sistema simbólico impreso, al permitir una inscripción sincronizada en el tiempo a nivel de un territorio o de un grupo, facilitando, además, unos elementos de anticipación completados por unas previsiones a nivel general, nacional o regional (meteoropronosis, pronósticos, predicciones en el — juicio del año o a nivel personal (horóscopo), y a veces algunos elementos de vulgarización de conocimientos científicos o no (BOTREL, 2006, p. 36).

Mas a época dos almanaques como guias fundamentais das mulheres sucumbiu diante da modernidade de finais do século XIX e começo do XX. As revistas femininas ocuparam seu posto e em seus primeiros exemplares ocuparam-se de tratar de temas caros ao seu público leitor como a beleza e a moda. Apesar do apelo inicial a estes dois itens, é possível perceber também que outros temas foram ganhando força em suas páginas, motes esses que envolviam a leitora, pois tratavam de situações palpáveis a essas mulheres como, por exemplo, ser boa esposa e mãe, resolver problemas do lar, conquistar o pretendente, manter o amor do marido, agradar nas rodas sociais e, fugindo um pouco do conservadorismo, ora por conta dos novos tempos modernos, ora para poder sobreviver diante dos novos pedidos das leitoras, trataram também sobre política, feminismo, trabalho, esportes e economia. As revistas femininas se reinventaram na virada do século e viraram as novas conselheiras do público leitor feminino uma vez que traziam lazer e informação. Para Buitoni,

A imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam a atenção. Os direitos femininos entraram em cena nos séculos XVIII e XIX, às vezes como dominantes. Paralelamente, os signos da utilidade iam-se introduzindo e ganhando espaço: trabalhos manuais, conselhos de saúde, de economia doméstica (BUITONI, 1990, p. 22).

As revistas femininas, de um modo geral, foram criadas com o objetivo de entreter por meio de literatura sentimental e de notícias mundanas, além de influenciar o consumo de novos produtos com suas propagandas. Nesse sentido, se distinguem dos jornais e outras revistas especializadas, porque podem se deter mais em temas desejados e planejados para um determinado público feminino. Logo, “quase não há revista que não trate, de alguma maneira, do tema coração. O enfoque pode ser o romance, o melodrama, a análise, o sexo” (BUIIONI, 1990, p. 22). A imprensa feminina nasce, portanto, intimamente relacionada à moda, à literatura e às questões domésticas e sentimentais.

Inicialmente dedicada aos setores médios e altos da sociedade, tradicionais ou inovadoras, essas revistas marcam o começo da participação das mulheres como leitoras, consumidoras e posteriormente como colaboradoras na escrita desses periódicos. Essa emergência da mulher na leitura, na escrita e no consumo de literatura, se dá em grande parte pelo processo de urbanização, da alfabetização com a expansão do ensino escolar e do desenvolvimento dos setores comerciais e administrativos que tiveram um salto a partir das primeiras décadas do século XX, período áureo dessas publicações (SARLO, 2004). As revistas femininas tornaram-se um instrumento privilegiado de consumo, de intercâmbio e de intervenção de dispositivos modernizadores na vida cotidiana dos cidadãos.

Imprimiam em suas páginas a modernidade. Em preto e branco ou em cores, a *belle époque* carioca e santiaguina era captada por intermédio de fotografias que expunham as construções arquitetônicas, as novas avenidas, os novos produtos da indústria, o populacho e as damas e cavalheiros. As revistas, desse modo, representam um momento e só se articulam sincronicamente com o seu momento. Para Scalzo, “[...] dá pra compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas” (SCALZO, 2003, p. 13). Assim, as revistas femininas nesse período buscavam ser as mediadoras da modernidade, introduzindo em suas páginas as atualizações daquilo que se enxergava como inovação e progresso, sem deixar de lado a vigilância em relação às transformações e aos avanços nos modos e condutas das mulheres.

A indústria cultural esteve muito bem, na medida em que delineou em suas páginas, publicações constantes e sistemáticas de novelas e folhetins (SARLO, 1988). Gerou desse modo, estratégias comerciais que combinavam a venda de periódicos e folhetins com o objetivo de

aumentar a circulação de produtos escritos, o que outorgou bases institucionais para impulsionar o estabelecimento de uma indústria cultural com visão empresarial. Os mercados urbanos contavam com públicos amplos, e uma diversidade editorial foi criada para abarcar os consumidores. Surgia as revistas ilustradas que eram direcionadas para o público feminino e masculino, para as crianças, para os leitores de novelas europeias e locais, entre outros. Isso permitiu assegurar que se desenvolvesse as primeiras linhas editoriais que se regiam de acordo com os critérios do mercado consumidor, mercado esse que era estudado e planejado e se voltava diretamente as linhas de produção editorial.

Neste sentido, tanto o Rio de Janeiro quanto Santiago do Chile promoveram e editaram grandes quantidades de livros baratos, principalmente obras de literatura e pensamento, destinados ao consumo local e internacional, pois também eram importados por diversos países latino-americanos para abastecer seus respectivos mercados (ROMERO, 1995). E, apesar destes produtos culturais aumentarem consideravelmente os ganhos no mercado devido ao interesse proveniente das massas que se acumulavam nas urbes dia após dia, a imprensa tornou-se, pouco a pouco através de suas mídias, a representante da divulgação dos novos sujeitos sociais nos novos e modernos lugares da urbe. Posição que fez com que seus lucros aumentassem ainda mais devido a necessidade de dirigir e digerir as informações que a vida urbana provocava nos leitores.

Segundo Marília Scalzo, as revistas, diferentemente dos jornais, possibilitavam uma edição muito mais sofisticada, abrangendo funções mais intrincadas do que a simples difusão de notícias (SCALZO, 2003). Seu aparecimento está fortemente ligado às novidades tecnológicas que foram implementadas no setor gráfico e de impressão ainda no século XIX, acentuando-se sua fabricação e sua heterogeneidade logo na abertura do século subsequente. A imprensa de massa representou um novo – e importante – salto em termos de multiplicação e propagação da informação, além de abrir novos campos nas representações visuais. Por isso mesmo foi de suma importância para captar a aura das agitações culturais e político-sociais que abalaram a rotina do Rio de Janeiro e Santiago do Chile.

Logo, a figura da mulher despontou e se tornou um alvo para muitas das revistas produzidas nas duas capitais sulamericanas. O *Jornal das Moças*, publicação carioca distribuída em abrangência nacional, e a revista *Família*, originária de Santiago do Chile, também com circulação nacional, foram pioneiras no sentido de dar espaço midiático ao público feminino, proporcionando muitas vezes as suas leitoras a participação

autoral ou anônima nos debates acerca do que se considerava naquele contexto como questões femininas.

O surgimento dessas revistas dentro desse recorte temporal não é casual. Ambos países, o Brasil com sua república que ainda dá os primeiros passos, e o Chile que caminha para seu centenário de vida, preocupam-se em refletir sobre as bases que moldarão sua sociedade, reflexões distintas que perpassam principalmente sobre o rol de homens e mulheres em suas circunstâncias diversas. É um momento em que os homens detêm o acesso aos espaços públicos e as mulheres aparecem privadas dele, devido aos anos de larga exclusão que foram submetidas. Ao mesmo tempo, existe um movimento que começa a manifestar-se para romper com esta realidade e as revistas acabam por se tornar um espaço de debate, e até mesmo de intervenção política, que servirá para a disseminação de ideias tanto progressistas quanto conservadoras.

No caso específico do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, editadas para uma classe particular, uma elite nacional, nelas reproduzia-se a imagem de uma mulher em princípio coerente com a realidade das relações de gênero da época, o que não exclui a ideia de que essas publicações chegassem também às classes populares, por meios mais que diversos, e influenciassem de maneira igual essa camada da população. As revistas configuraram-se assim, como ferramentas de transmissão das relações de poder, mesmo em espaços em que não podiam intervir completamente, influenciando formas de pensamento, de aceitação ou resistência, que por sua vez seriam aproveitadas consciente ou inconscientemente por seus leitores e leitoras. Na complexidade de seus discursos aparece um ideal de mulher moldado por relações de poder que, dentro do contexto histórico abordado, baseia-se fundamentalmente na figura das mulheres como mães e esposas.

Dessa maneira, as revistas reverberavam um discurso dominante para dar saída às problemáticas que então interessavam ou deviam interessar as próprias mulheres. Esta imprensa especializada ressaltava três dimensões fundamentais para atingir o público a que se destinava, a informação, a educação e o entretenimento, ainda que estes nem sempre fossem relacionados em suas complexidades (BRIGGS; BURKE, 2004). A imprensa formulou assim um caráter formativo no seu processo de institucionalização baseado em uma pedagogia midiática inerente às revistas femininas, pois mesmo não possuindo um objetivo deliberadamente escolar ou de estarem diretamente conectadas à profissão docente, expressam-se como um espaço de educação não formal, permeado pelo debate de ideias pedagógicas e pela diversidade de

objetivos educativos dispostos em suas páginas, sejam eles informativos, ideológicos, doutrinários, profissionais etc (SANTOS, 2011).

Diários e revistas circulavam pelas urbes latino-americanas visibilizando os discursos de mulheres de várias classes sociais e posições ideológicas, galgando um caminho no cenário cultural de inícios do século XX que requer perceber esses veículos midiáticos como parte de um campo de estudos que privilegiam a produção cultural impressa. Com isso, entende-se que as revistas articulam textos escritos, imagens, discursos e práticas, de acordo com os interesses religiosos, jurídicos, políticos e administrativos do espaço ao qual fazem parte, julgando, mudando e reformulando os discursos e práticas do mundo social, o que supõe atos de inteligibilidade dos produtores e consumidores em uma relação dinâmica de transformação social. A imprensa feminina configura-se assim, em um espaço de manifestação das vozes, dos projetos, dos anseios e das realidades dos múltiplos atores envolvidos no processo histórico aqui abordado. Essa compreensão do lugar histórico desse tipo de suporte midiático voltado ao público feminino exige uma visão atenta à relação estabelecida entre a revista e o público leitor à medida que “[...] as revistas femininas veiculam o que é considerado próprio do ‘mundo feminino’ pelos seus contemporâneos. Seu conteúdo é marcado pela história” (BASSANEZI, 1996, p. 15).

3.2 IMPRENSA FEMININA E IMPRENSA FEMINISTA NO BRASIL E NO CHILE

Rio de Janeiro e Santiago do Chile, como temos salientado, são cidades-capitais projetadas e edificadas no final do século XIX e início do século XX para representarem o processo de modernização pelo qual incidia cada uma de suas regiões. Um processo modernizante que, para além da reestruturação urbanística das cidades em padrões europeus, abarcava também o processo da imigração europeia em massa. A História da América Latina tem, deste modo, a cidade como o foco ativo dessa história. A urbe latino-americana é decorrência de consecutivos acordos e obrigações de muitos aspectos do existente com a difícil manifestação do moderno: a cidade como distinto plano urbano inicial (ROMERO, 2004).

Os anos que se seguiram ao início do novecentos marcaram, no contexto da história latino-americana, a porta de entrada para os ideais de “modernidade” e de “civilização”. Tornar-se uma República moderna e industrial representava, desse modo, para a maioria das nações, o

rompimento com o passado colonial decadente. O novo regime político trazia dentro de seus princípios as ideias de liberdade, progresso e democracia, os quais se opunham diretamente ao atraso da tirania e do privilégio que representava a monarquia. Um futuro desejado dentro das repúblicas instauradas nas Américas por seus novos cidadãos, tendo em vista que o manifesto republicano representava, aos olhos de alguns membros da elite, “o embarque no trem da evolução rumo à estação ‘civilização’” (MELLO, 2009, p. 18).

Relacionar alguns aspectos do processo de modernização e industrialização urbana dessas importantes capitais latino-americanas permite compreender suas especificidades e similaridades junto à imigração em massa, à absorção da população local e aos movimentos sociais e culturais apresentados naquele momento. Dentro desse contexto histórico, as classes populares e médias, com pouco dinheiro, mas com uma determinação pontual a ascender socialmente, criaram estratégias para atingir os objetivos de galgar degraus na pirâmide social e, muitos pequenos comerciantes, iludidos com a possibilidade da experiência arriscada que apresentava a urbe moderna e com as imagens do sucesso econômico acessível num estalar de dedos, seja com um golpe de sorte na bolsa de valores, no comércio ultramarino ou na simples produção de novas manufaturas, se lançaram a montar comércios que se adaptavam às novas circunstâncias. Dentre esses novos meios para se ganhar dinheiro e *status* social a indústria cultural ganhou certo destaque tanto para quem vendia essas mídias, quanto para quem as consumia.

Os habitantes da urbe sentem caracteristicamente o *boom* midiático que nasce com a modernidade. O cinema, os jornais e revistas com fotografias e sua publicidade moderna ‘encantadora’, e o nascimento do rádio, possibilitaram um acesso maior sobre o mundo que se descortinava na modernidade carioca e santiaguina, e esse caráter acessível aumentou as possibilidades de entendimento cultural dentro dessas capitais. Esse movimento foi o mais perfeito agente da massificação urbana e levou a promessa de um melhoramento nas condições de vida, intercedida pela riqueza nos negócios. Levou também a uma viva mobilidade geográfica tanto fora dos países latino-americanos como dentro deles. Estrangeiros e provincianos chegaram às grandes cidades latino-americanas aderindo a um aglomerado social no qual a mistura era o principal fator. Além disso, com a possibilidade de promoção social, a educação propiciou a muitas famílias a importância de ter entre os seus um filho graduado em uma profissão liberal, o que de uma geração a outra deu a oportunidade desses passarem da classe operária a classe média profissional.

Nascia então um intrincado intercâmbio entre os lugares e as pessoas, pois os espaços se transformaram largamente, criando um forte simbolismo cultural e constituição de identidades. Por meio da edificação material, estabeleceram-se práticas ideológicas que auferiam feitiço no discurso, com as imagens e as representações. Para Romero, a base da urbe se estabeleceria no temor do outro, e a história social e política da América Latina seria determinada por uma agitação perceptível nos grandes centros urbanos que é fundamentalmente cultural. Esse burburinho vinha à tona com o próprio desenvolvimento das cidades, nas quais estalavam por todos os cantos as mudanças econômicas e as ideias europeias por um lado, enquanto, aparecia, por outro, a consciência sobre a região e a sociedade, bem como seus contornos ideológicos (ROMERO, 2004). À medida que a modernização se aprofundou nas ruas das cidades, as classes populares e médias se transformaram e se expandiram com a multiplicação das ideias advindas do mundo europeu, mercantil e burguês. Conceitos que apesar de carregarem uma certa contradição nos pensamentos e ideais, principalmente no que tange ao princípio da igualdade, surgiam a partir do confronto de ideias de diferentes grupos e faziam emergir, no mesmo instante, um enorme e curioso território no desenvolvimento dos espaços sociais.

Mais burocratas, mais militares, mais funcionários públicos e privados se fizeram necessários em novos ambientes da sociedade. As classes médias tomaram esses postos com grandes doses de esforço e tenacidade para demonstrar capacidade e eficiência em acumular fortunas e acomodar-se nos novos bairros que floresciam por toda a cidade, em casas cada vez mais compactas e funcionais. Os arrabaldes das cidades, os bairros onde a burguesia se estabeleceu, se configuraram como pequenos centros urbanos nos quais os serviços necessários para se levar a vida estavam presentes ali mesmo, gerando uma mentalidade de fronteira entre o antes e o depois nos habitantes, visto que iniciavam uma nova vida. Para Romero, a mobilidade foi a regra dourada dessas novas classes médias cujas intensidade e fisionomia singular caracterizaram a transformação das cidades. Não só porque refletiram a peculiaridade do processo social que operava nelas, mas também porque seus membros permitiram a renovação de suas formas de vida:

[...] eran los que compraban los periódicos, los que discutían en los cafés, los que se proveían en los nuevos almacenes que ofrecían la moda de París, los que llenaban la bolsa y los bancos, atendían comercios y oficinas (ROMERO, 2004, p. 274).

Foram, portanto, os que principiaram a raciocinar que também teriam direitos a compartilhar do poder e desenvolveram as filas de novos partidos políticos que provocavam a velha oligarquia a expandir os direitos democráticos.

Nesse contexto, as classes populares e médias demandaram uma maior democratização do Estado, já que ele não as considerava como atores da prática cidadã. Os estudantes e as mulheres foram um exemplo muito claro nesse sentido. As universidades, povoadas cada vez mais com estudantes provenientes da classe média, se organizaram em grupos universitários que pediam mais democracia dentro da academia e da sociedade. Nesse contexto se formou um movimento de reforma universitária que nasceu em Córdoba em 1918 na Argentina, e se ramificou por todos os países latino-americanos. O próprio presidente Hipólito Yrigoyen determinou a intervenção na Universidade no dia 11 de abril de 1918 e afirmou o seu apoio aos estudantes da Federação Universitária Argentina (FUA) quando esses o procuraram. Assegurou, no momento do encontro, que a Argentina vivia um “tempo novo” e a “Universidade deveria nivelar-se com o estado de consciência alcançado pela República” (LUNA, 2003, p. 95).

Diante desse novo contexto, as mulheres recrudesceram os movimentos feministas em busca de um maior reconhecimento e participação política e social, organizando-se principalmente por meio do movimento sufragista. O sistema político controlado fortemente pelas elites, e com escassa participação cidadã, principalmente por parte das mulheres, começou a sofrer as pressões por maior participação e integração dentro do panorama político da época. Essas primeiras manifestações datam de 1870, coincidentemente com as transformações provocadas pela modernidade e modernização que se instalava nos países mundo afora, sendo desenvolvido primeiramente pelas mulheres das elites defensoras do feminismo liberal e, posteriormente, pelos grupos das mulheres operárias e da classe média. Seus discursos reivindicatórios vinham de encontro com as mudanças econômicas, sociais e culturais que se tensionavam, associados às reivindicações de seus grupos específicos.

Para Maxine Molyneux, igualmente aos Estados Unidos e à Europa, na América Latina também houve distintos movimentos impulsionados pelas mulheres pois, entre esses movimentos, havia o de mulheres, o feminista e o movimento sufragista. Porém, o primeiro contém em si todos os outros movimentos, porque nele se encontram todas as expressões do ativismo feminino, tanto as lutas contra a

desigualdade social, como as que trabalharam pela conservação do *status quo* (MOLYNEUX, 2003).

Nesse contexto, durante as primeiras décadas do século XX, o projeto liberal posto em prática vinha sofrendo com as tensões geradas por um projeto modernizador que idealmente configurava-se como o modelo de civilização, mas que na prática instituiu-se como um projeto questionável devido ao nervosismo gerado pela ascensão da classe média, o desenvolvimento econômico desenfreado, a imigração em massa e a oscilação entre as classes sociais. Nesse sentido, as mulheres criaram novas demandas aos Estados, visto que a influência das imigrantes europeias e as inquietudes geradas pelo novo contexto político, social e cultural, impulsionaram a consolidação do movimento de mulheres e dos discursos femininos e feministas tanto no Brasil quanto no Chile. A partir desses movimentos de interpelação ao Estado sobre o papel do feminino dentro do novo projeto modernizador, este as incluiu não mais como “objetos de modernização”, mas sim, como “sujeitos de modernização” (AGLIATI; MONTERO, 2003), por intermédio de políticas educacionais e trabalhistas. No entanto, essa inclusão que define ideais de domesticidade e o lugar político e social das mulheres foi questionado ou defendido de diversas maneiras, principalmente por meio do periodismo de mulheres que vai tomar força no contexto latinoamericano no começo do século XX.

Dentro dos contextos brasileiro e chileno, os periódicos de ou para mulheres se inserem em um movimento que abarca toda a América Latina, e nos quais podemos rastrear publicações para o público feminino desde o século XIX. Inicialmente, esses primeiros periódicos pertencem, praticamente em sua totalidade, aos grupos da elite, algo que se justifica devido ao maior acesso à educação que esse grupo gozava. Porém, com a massificação da imprensa, os periódicos tomaram caminhos e públicos distintos, diversificando conteúdos, ideologias e objetivos. Assim, a grande segmentação do mercado de periódicos no começo do século XX produziu uma grande leva de almanaques, jornais e revistas com projetos editoriais voltados para os diferentes públicos leitores: da elite letrada ao suburbano operário. Mesmo com índices de analfabetismo gritantes, pois as políticas educacionais não abrangiam completamente todas as classes da sociedade, houve um massivo investimento em projetos editoriais para a leitura de diversos tipos e grupos sociais no Brasil e no Chile. Em uma breve definição cunhada por Carvalho, e que pode ser usada no caso dos dois países, os diferentes tipos de periódicos eram produzidos por “[...] uma ilha de letrados em um mar de analfabetos” (CARVALHO, 1987, p. 65).

Dentro desse contexto de surgimento e popularização das revistas, podemos notar uma sociedade que está mudando suas sociabilidades e que usa do dinamismo da mídia para mostrar sua busca por uma sociedade desejosa por ressurgir e criar sua própria identidade por meio de uma nova vida cultural, política, econômica e científica, com a qual se pretendia consolidar o nascimento de um novo Estado brasileiro e chileno. Não à toa, Rio de Janeiro e Santiago do Chile, capitais de seus respectivos países no período, foram os lugares onde mais se publicaram revistas de grande relevância regional e nacional, as quais transformaram-se em um eficaz instrumento disciplinador, precisamente porque disseminavam, com sua circulação, conteúdos normativos proponentes de modificações diretas nas práticas sociais que eram consideradas inapropriadas para as mudanças modernizadoras que se pretendiam desenvolver naquele momento. No caso do público feminino, e principalmente da imprensa destinada a ele, tomam-se novos rumos a partir de meados do século XIX quando as mulheres começam a marcar presença nos espaços públicos e por intermédio da mídia impressa. Revistas, jornais e diários começaram a circular pelas cidades latinoamericanas com formatos diferenciados do usual, dando voz às mulheres de diversas classes sociais e posicionamentos ideológicos (OSSANDÓN; CRUZ, 2005).

Há, dessa forma, uma reorganização cultural na qual se complexificaram os espaços comunicacionais e a relação entre o espaço público e privado. Essa mudança implicou em transformações diretas no que diz respeito à leitura de suportes midiáticos impressos no começo do século XX, influenciando diretamente na conformação da cultura de massas e das revistas, principalmente no que diz respeito ao público feminino da época. As publicações nesse período marcam seu público a partir de um jogo de linguagens e seções, de saberes e de gêneros, que transformam a visão de mundo dos leitores, não exatamente pelas autorias e assinaturas individuais dos editores e colaboradores dos periódicos, mas porque redimensionam as articulações estratégicas e comunicacionais dos grupos.

O começo do século XX é um ponto chave para a imprensa, principalmente para as publicações femininas, porque mesmo diversificadas tanto pela origem social quanto pelos conteúdos que desejavam promulgar, a imprensa feminina acabou por se tornar um espaço público que se complexificou quando as mulheres se deram conta de sua especificidade como sujeitos femininos. Segundo Carola Agliati e Claudia Montero, essa constituição não foi homogênea pois encontramos uma diversidade de sujeitos femininos definidos de acordo com o cruzamento de seu gênero sexual com outras variáveis tais como a classe

social e a ideologia (AGLIATI; MONTERO, 2002). Assim, a feitura dos periódicos estava ligada aos processos e contextos históricos, políticos, sociais e culturais da época, direcionando a ideia de construção do sujeito feminino de acordo principalmente com as ideias de quem detêm os meios de produção e sua classe social.

Para Buitoni, a ausência ou a participação da mulher na produção do periódico destinado ao público feminino não interfere determinantemente no conteúdo, visto que a ideologia presente na publicação não está condicionada somente ao sujeito feminino ou masculino, mas sim a um contexto social e ideológico ao qual ele faz parte. De acordo com Buitoni, “[...] a imprensa feminina mais do que a imprensa em geral está estreitamente ligada ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, e que interfere em cada passo de sua evolução” (BUITONI, 1990, p. 24).

Desse modo, para garantir seus direitos, tanto o de expressão quanto o da cidadania, as mulheres tiveram que ir para o confronto direto com os opositores de sua independência cidadã e intelectual, buscando primeiramente o acesso à leitura, depois à escrita e, posteriormente, aos meios de produção da imprensa. A partir do século XIX teremos as primeiras mostras no campo da imprensa feminina por meio de periódicos que, inicialmente femininos, abriram espaço para a escrita vanguardista das mulheres e sua inserção gradual na esfera pública. Com o tempo e as experiências de produção de veículos midiáticos impressos, as mulheres iniciaram uma discussão na imprensa acerca da participação política das mulheres, de mudanças e permanências de costumes normatizados principalmente pela visão masculina. O fato é que a imprensa feminina surgida em meados do século XIX, proporcinou o lançamento das bases das lutas por uma maior participação da mulher na sociedade, inclusive no que concerne ao campo da escrita.

Um século a frente, essas bases dariam ensejo para a criação de uma imprensa produzida para mulheres e por mulheres, assumidamente feminista. Para Bettina Peters, é possível pensar que as mulheres que adentraram no campo da imprensa jornalística em fins do século XIX, lugar propriamente masculino naquele momento, se conscientizaram, no decorrer dos anos, como feministas em vista de sua luta por buscar e defender o direito a escrever sobre elas mesmas dentro da imprensa profissional (PETERS, 1996). Essa imprensa feminina, nos primeiros tempos, tem a moda e a literatura como carros chefe e posteriormente os direitos femininos entram em pauta às vezes como dominantes. Mesmo assim, “[...] paralelamente, os signos da utilidade iam-se introduzindo e

ganhando espaço: trabalhos manuais, conselhos de saúde, de economia doméstica” (BUITONI, 1990, p. 22).

O desenvolvimento do periodismo voltado para a mulher encontra-se, desse modo, intrínseco ao desenvolvimento das “empresas” periodísticas modernas e de outras tantas estratégias periodísticas que se encontravam fora do mercado noticioso e de bens simbólicos. Temos, portanto, dois segmentos de imprensa feminina: um que impõe seus próprios ritmos e demandas por meio de transações comerciais, da ampliação e diversificação dos meios e formatos, da consolidação de narrativas ou de gêneros próprios e profissionais e do desenvolvimento de novos interesses e gostos a partir de um público leitor mais consumista, numeroso, diversificado e anônimo; e de outro lado, temos uma outra perspectiva de publicação, mais arraigada aos contextos políticos e sociais que circula por um sistema comunicacional focado em grupos e identidades com perfis definidos. Maria de Lourdes Eleutério, define o primeiro segmento no Brasil da seguinte maneira:

A heterogeneidade era uma característica importante a partir de então, tanto no que concerne às temáticas quanto ao público alvo. No caso do feminino, definiríamos uma série de publicações como aquela de caráter mais leve, com maior variedade de assuntos: moda, beleza, conselhos domésticos, lições de etiqueta, moldes de roupas, receitas de trabalhos manuais e culinária, fórmulas de medicina caseira. Generalizando, podemos falar em jornalismo de serviço, entretenimento, e ainda, em certa ênfase no auxílio à moça e senhora, zelosas de seus lares, presentes ou futuros, no caso das casadouras. A sublinhar, a seção de questões sentimentais, um traço característico da imprensa dedicada à mulher, já em seus primórdios. Quase sempre uma série de anúncios eram veiculados nas páginas de tais impressos, pois estes atuavam como instrumento veiculador do desejo consumista ensejado, como já dissemos, por uma nascente indústria. Tais revistas aparecem no início do século XX e já se nota o avanço tecnológico da impressão que as mesmas possuem, quer seja nas ilustrações em cores, fotografias, diagramação ou na editoração como um todo (ELEUTÉRIO, 2004, p. 654).

Quanto à definição chilena de revista feminina, assim como a brasileira, ambas estão de acordo com o que é necessário que as mulheres sejam educadas, e que até possam ser leitoras e escritoras, desde que sempre relegadas ao espaço do privado. Esses princípios são parte de um modelo ideal que se promove e se convoca a todas as mulheres do período e que mantém as relações de poder entre homens e mulheres estáticas e definidas. Assim, os periódicos femininos no Chile, como bem pode ser notado em publicação da revista *Familia* de março de 1910, almejam ser ferramentas periódicas de caráter educativo e mantenedores da ordem patriarcal familiar. Para as suas leitoras se definia do seguinte modo:

Nunca será libro; y en eso consistirá su precio y su encanto. Allí la joven que hoy, en horas de ocio y de silencio, retrata su alma y apunta los latidos de su corazón, allí digo, encontrará esa misma niña, en los años de la edad madura, enseñanzas que harán de ella una madre capaz de guiar a sus hijas en la peligrosa senda de la juventud y de la vida (EDITORIAL, 1910a, p. 1).

Por outro lado, desde o século XIX a imprensa feminista, focada nas causas políticas que envolviam os direitos da mulher, se caracterizou por ser produzida por um grupo organizado com um objetivo e um projeto político e social que almejava materializar dentro de seus contextos sociais a inclusão das mulheres na vida pública e por conseguinte suas opiniões. Essa trajetória aberta na imprensa por esses grupos continuou galgando espaço no século XX, tendo como principais objetivos tornar-se um meio de expressão de ideais, ideias e reflexões, e um espaço de construção do movimento e da identidade feminista. Portanto, a imprensa feminista foi em si mesma um espaço no qual se organizou uma comunicação interna, em que se desenvolveram as lutas e se formou um público leitor militante. Para Claudia Montero Miranda e Andrea Robles Parada, a imprensa feminista no Chile se caracterizou por:

[...] hacer periodismo en el Chile de fines del siglo XIX y principio del XX. Relacionada con la práctica política, tal como plantea Lobato para la prensa obrera, esta no fue producida para circular mediante la compra o la venta, sin embargo, tampoco fue un mero medio de propaganda ideológica o de barricada: la prensa política de

mujeres fue más sutil y más consciente de sí misma como medio. En este sentido, tiene reminiscencias de lo que se ha denominado como ‘prensa racionante e informativa’ ya que posee una vocación pública. Son periódicos que manifiestan una voluntad ciudadana, dan espacio a la discusión reposada y se alejan de los poderes conscientes de ser y formar parte de una esfera pública en construcción. Todo esto se refleja en una composición gráfica que expresa la confianza en la racionalidad de los individuos o en el ejercicio ciudadano, que en el caso de las mujeres no tenía reconocimiento legal. Tal como la ‘prensa racionante’, la prensa política de mujeres se transformó en un referente de un espacio público en formación o transformación, lo cual llevó a que como dispositivo en sí mismo ofreciera una identidad antes no conocida. De tal forma, asumió nuevas tareas en relación con un mundo de lectoras que era el mismo del de las productoras: la prensa política de mujeres fue tanto la expresión de una comunidad como la forma en la que se construyó esa misma comunidad (MIRANDA; PARADA, 2017, p. 127).

No Brasil, os periódicos feministas, ou direcionados especialmente para as mulheres (porém os quais se diferenciavam por não tratar somente de amenidades e de assuntos que focavam tradicionalmente na casa, na família, na moda, entre outros), surgiram também entre o fim do século XIX e os primeiros anos do século XX e versavam, por meio de uma nova linguagem, principalmente sobre acontecimentos e direcionamentos políticos e sociais do momento. Para Karina Janz Woitowicz, a participação das mulheres desde o século XIX na imprensa brasileira foi muito expressiva, porque ao mesmo tempo que emergia uma imprensa feminina voltada para a estética, o lar e a família, também eram criados espaços que problematizavam a ‘condição da mulher’ (WOITOWICZ, 2012). Esse movimento criado dentro da imprensa por mulheres com visões que rebatiam a visão tradicional imposta à mulher aponta para a “[...] existência de um incipiente movimento de construção de espaços públicos na sociedade brasileira e, no caso, por parte de pessoas que estavam completamente excluídas do campo da política e das atividades públicas” (PINTO, 2003, p. 33).

Assim, o alvorecer do século XX surge com uma grande quantidade e diversidade de publicações femininas, frutos das mudanças vividas pela imprensa no Brasil e no Chile devido a modernização do campo comunicacional e as transformações sociais, econômicas e culturais que adentraram esses países com força. No caso dessas publicações específicas para o feminino, é notório salientar que a peculiaridade da imprensa feminina em relação a imprensa feminista está diretamente ligada à forma e o conteúdo do suporte, tendo em vista que, posto de lado esses pontos principais, ambas têm como o principal destinatário a mulher. Sendo assim, independente de forma e conteúdo, a característica que mais chama a atenção em relação a imprensa feminina e sua relação com as leitoras é justamente a aproximação íntima da revista com seu público no que tange à escuta e resolução de situações e problemas comuns. Para Buitoni, o tratamento, a redação coloquial, a conversa quase que íntima por intermédio de direcionamentos como ‘você’, ‘tu’ ou ‘vós’, é a marca que cria vínculos de aproximação e fidelização entre as revistas femininas e seu público leitor, pois transparece, desse modo, conhecer a fundo sua leitora (BUITONI, 2009).

Claro que generalizar ou conceitualizar a imprensa feminina não é fácil, tampouco simples, sendo que as revistas de acordo com sua linha editorial e seu público alvo sofrem mudanças constantes. Contudo, no que se refere à imprensa feminina em geral, podemos dizer que as revistas são um “[...] veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”, por outro lado, são também “[...] um fio invisível que une um grupo de pessoas” (SCALZO, 2003, p. 11-12), criando laços de identidade a partir do momento em que o grupo leitor constrói um sentimento de pertencimento diante das temáticas postas.

Com base nessa visão de Marília Scalzo sobre as revistas, podemos entender que os periódicos femininos e os periódicos feministas, orientados especificadamente para a mulher, não se diferenciavam na conceitualização enquanto ferramenta de geração de laços de identidade, mas diferem no tratamento de temas considerados tradicionalmente femininos como casa, família, moda, entre outros, dos temas abordados pelos periódicos deministas, dentre os quais, temas políticos, sociais, econômicos e culturais. Segundo Agliati e Montero,

(...) en general las temáticas abordadas en esta publicaciones van desde la defensa de la educación femenina, hasta la lucha por los derechos políticos, mezclando siempre secciones de modas y teatro,

como estratégias de sobrevivência (AGLIATI; MONTERO, 2002).

Ainda sobre esse ponto, Evelyne Sullerot afirma que:

Ao longo desta longa história, ela [a imprensa feminina] consumiu e assimilou diversas imagens da condição feminina: a mulher puramente tida como objeto; a mulher pedra angular da tradição familiar burguesa; a mulher conquistadora de liberdades e responsabilidades masculinas; a mulher heroína, capaz de conduzir uma vida masculina e uma vida feminina; a mulher, primeira vítima da tensão do mundo moderno (SULLEROT, 1963, p. 269, tradução nossa).

Certo é que o panorama da imprensa periodística feminina em começos do 1900 chileno e brasileiro se diversificou notavelmente devido ao maior acesso das mulheres à educação, ao seu crescente ingresso ao mercado de trabalho remunerado, à influência da imigração em massa e o elevado aumento demográfico nos grandes centros urbanos. Esses fatores combinados aceleraram o processo de uma imprensa feminina voltada para públicos variados e com temáticas que já não incluíam mais somente a defesa dos valores tradicionais, mas também compreendiam visões políticas e ideológicas, visando uma maior participação das mulheres em todos os setores da sociedade. Para Janet Greenberg, esse movimento fez surgir em todos os países sul-americanos, até 1920 pelo menos, uma revista de mulheres (GREENBERG, 1990), o que nos mostra que a prática da escrita feminina se legitimou por intermédio de seu próprio exercício.

As imprensas femininas brasileira e chilena remodelam então os padrões de gênero das revistas criando uma revista própria ao seu público. As revistas, antes divididas entre seções sérias e de entretenimento², se segmentaram e começaram a produzir um suporte para cada gênero. A partir de então o feminino começou a ser visto com um público leitor sensível ao impacto da novidade e aos novos códigos da imagem e da fotografia, tornando-se, desse modo, potencial consumidor das revistas de

² A primeira parte era voltada para um público masculino e composta por reportagens, notícias, colunas judicial e econômica; e a segunda parte voltada para o público feminino, trazendo comentários e críticas sobre arte, contos, crônicas e poemas de importantes nomes das letras nacionais e internacionais da época, e assuntos mundanos quase sempre ilustrados e de forte apelo feminino.

magazine, que surgem com o objetivo do entretenimento, bem como também cumprindo funções de informação e educação (CRUZ, 1998, p. 173). Assim, um dos pontos que mais receberam atenção da imprensa feminina no começo do século XX foi justamente definir quais eram as temáticas de interesse por gênero, e o que definia se um assunto era interessante ou desinteressante para a mulher.

De fato, as revistas femininas voltadas para a elite e as classes médias conseguiram se consolidar como um ramo muito lucrativo do mercado de impressos devido ao enfoque ao público que queria atingir. No caso do Chile, o catálogo de publicações direcionadas ao público feminino, dirigido por mulheres, ou não, era amplo e diverso. Dentre as várias publicações, existiam aquelas especializadas no cinema, na moda, nas amenidades cotidianas e, por isso mesmo, o gênero magazinesco desde a primeira década do século XX foi um espaço amplo e fértil para arrebanhar leitoras para revistas mundanas, ricas e luxuosas (BUIIONI, 2009).

Dentre as revistas mais conhecidas no período, dirigidas por homens, mas com participação ostensiva de reconhecidas intelectuais chilenas estão: *Silueta*, *La Revista Azul* e a revista aqui escolhida para análise, *Familia*. No Brasil, alguns exemplares desse gênero periodístico que disputavam entre si leitoras, colaboradores e publicidade no período são: *A Cigarra*, *A Revista Feminina*, *A Vida Moderna*, *Fon-Fon* e a aqui estudada, *Jornal das Moças*. Ambos periódicos também se centram especificamente em informações dirigidas à mulher propriamente do lar e de círculos sociais não populares, e tratava, principalmente, de temas relacionados à moda, à beleza, à cozinha, à vida mundana e sentimental. Assim sendo, para uma revista se manter viva, ela necessita influenciar e ao mesmo tempo ser influenciada por suas leitoras, como bem aponta Carla Bassanezi,

[...] como conselheiras, fonte importante de informação e companheira de lazer [...], as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas – e algumas, também promovidas – por essas mulheres (BASSANEZI, 2006, p. 609).

Ao pensarmos a História da Leitura e as práticas de leitura pelo viés histórico da cultura letrada ocidental, e mais precisamente as práticas de leitura no Brasil e no Chile por meio da imprensa feminina, onde

especificamente as práticas de leitura femininas por intermédio de magazines como o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* nesses países é o que nos interessa, é possível entender como se deu o entrelaçar entre a circulação de escritos e leitores e, claro, quais eram também as relações existentes entre as leituras femininas e os circuitos das revistas femininas. Segundo Scalzo, podemos considerar, de forma geral, que esses suportes midiáticos são “[...] um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (SCALZO, 2003, p. 11). Por isso mesmo, tanto o *Jornal das Moças* quanto a *Familia*, são revistas que estavam em sintonia com seu tempo, com suas leitoras e principalmente com a sociedade em geral, a qual, corriqueiramente, gerava os fatos noticiados. Para a autora, as revistas representam épocas, portanto, “[...] só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo” (SCALZO, 2003, p. 16).

Assim, como primeira aproximação a essas fontes, é importante notar que o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* são representantes de sua época, e por isso mesmo acompanharam as transformações pelas quais passaram suas leitoras e a sociedade naquele período. Com o intento de fazer um apanhado da história dessas revistas femininas no Brasil e no Chile, intencionando delinear como esses veículos midiáticos mudam para acompanhar a sempre nova condição da mulher, podemos estabelecer alguns rumos iniciais para caracterizar essas revistas. Os períodos, o tipo de publicação, a classe social destinada, os diretores(as), os colaboradores(as), a ideologia, os temas que abordam, a quem ou a qual órgão de difusão pertenciam, são só alguns dos temas possíveis para se estudar nesses suportes. Dentro de cada um, uma prática periodística feminina.

4 O PROJETO EDITORIAL

As revistas destinadas ao público feminino nascem no fim do século XIX e se consolidam no século XX, em um contexto marcado por crescente, mas incipiente incorporação das mulheres ao mundo público. Inclusive, muitas destas revistas atuaram como freio nesse processo de alargamento pelos direitos das mulheres. Inspiradas em modelos europeus, principalmente nos magazines ilustrados ou nas revistas de variedades do século XIX, revistas como o *Jornal das Moças e Família* eram voltadas principalmente às donas de casa e orientavam-se pelos padrões de publicação de seu contexto histórico, inclusive em relação à escolha de seus títulos. O objetivo era, dentro de uma perspectiva de gênero desigual, incorporar as mulheres ao mundo do comércio, no qual participariam dentro de suas condições, supostamente específicas, de donas de casa, consumidoras, esposas e mães.

O desenho editorial desses periódicos consiste, assim, em uma construção e composição basicamente arquitetada para passar a informação desejada, por isso mesmo requer a argúcia e habilidade de seus editores para processar, organizar e apresentar as informações de forma clara e objetiva seja de modo verbal ou não verbal. Reunir de maneira estruturada todos os elementos de uma página em um conjunto coerente, significa estabelecer uma ordem capaz de clarificar a compreensão do que está sendo exposto e imprimir os dados visuais nas páginas das revistas, a fim de que estes se tornem compreensíveis como um todo. Segundo Hurtado:

(...) en este medio es indispensable tener claro cual es el producto, que tipo de contenido se va a maquetear, puesto que, cada medio, ya sea una revista o un periódico determinado, tiene sus propias características en cuanto a formato, composición, contenido de las páginas, e incluso jerarquía de los elementos. Por otro lado se debe saber claramente a que público va dirigida la publicación, y tener presente que es lo que espera el cliente del producto, para poder ofrecérselo, convencerlo, estimularlo, y en otras palabras, darle una razón para comprarlo o adquirirlo (HURTADO, 2005, p. 3).

Nesse sentido, os editores dessas revistas buscavam captar possíveis consumidoras, guiar seus gostos e suas compras, e, até mesmo,

orientar os passos de suas leitoras a respeito de sua condição enquanto mulher. Segundo Luisa Passerini, as revistas de mulheres são caracterizadas por uma duplicidade, por meio da qual a leitora é seu sujeito e seu objeto, ora fazendo uso de possibilidades libertadoras em termos políticos e sociais, ora sendo afetada por tradições e permanências de velhos estereótipos sobre as mulheres no seio da cultura ocidental (PASSERINI, 1994, p. 381).

É válido lembrar que, dentro do contexto histórico aqui discutido, a imprensa não havia ainda delineado as matrizes nomencladoras que caracterizariam jornais de revistas, os quais se distinguiam mais pelo conteúdo do que pelo formato. Nos jornais, os textos de opinião e as discussões de ideias estavam mais presentes; nas revistas, apesar de possuírem o mesmo formato do jornal, encontrava-se maior variedade de assuntos, principalmente no que diz respeito a textos de entretenimento como contos, novelas, poesia, entre outros, os quais a caracterizava como tal (BUIIONI, DULCÍLIA SCHROEDER, 1990).

Desse modo, mesmo com o *Jornal das Moças* se intitulando como jornalesco e a *Familia* como revista, ambos suportes midiáticos aqui escolhidos se materializam quanto revistas. Isso posto, comecemos, agora, com suas descrições editoriais.

4.1 IDENTIDADE E PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL: REVISTA FAMILIA

Em janeiro de 1910 salta das prensas tipográficas do Editorial Zig-Zag a primeira revista *Familia*. O proprietário, Agustín Edward Mac-Clure, um dos políticos mais influentes do Chile em começos do século XX e também dono do periódico *El Mercurio* de Santiago, faz nascer uma revista que vai cruzar três décadas informando e influenciando leitores. Além da revista *Familia*, cinco outros periódicos estavam sendo publicados por Mac-Clure: *Corre-Vuela* (1908), *El Peneca* (1908), *Selecta* (1909), *Familia* (1910) e *Pacífico Magazine* (1913).

No ano de 1919, Mac-clure vende parte do Editorial Zig-Zag a Federico Helfmann em troca de ações da Imprenta y Litografía Universo e a associação entre esses dois vanguardistas da imprensa chilena marca o começo de uma bem-sucedida linha editorial. Essa abarcaria um número variado de publicações para públicos e gostos distintos, bem como traria para junto da editora literatos e intelectuais chilenos. Esse pensamento é apoiado pelo comentário de Félix López no número comemorativo dos cinquenta anos da editora:

En este florecimiento literario, cultural y artístico del 1900 y años inmediatos, figuran nombres y ahora ya consagrados y muchos de los cuales, para gloria del arte y las letras nacionales, aún perduran y producen bellas obras. Naturalmente, estas figuras relevantes del arte y la literatura nacionales, así como sus seguidores y discípulos, que formaban legión, necesitaban de la prensa para expresar sus anhelos, sus ideales y sus ansias de renovación. Y es por eso que en esta época encontramos también un apreciable número de 'revistas' o publicaciones semanales, mensuales o quincenales que editadas en Santiago, Valparaíso y Concepción, interpretaban las diversas modalidades de cenáculos o capillas artísticas y literarias. Con todo, el ambiente editorial estaba ya preparado por entonces para publicaciones de una mayor pretensión, con vistas a abarcar públicos más vastos, aunque en ellas fuera sólo una parte la expresión netamente literaria, dejando para el resto la nota periodística y de actualidad de los acontecimientos de la vida nacional y extranjera. (MEDIO..., 1955, p. 65)

A fusão entre as empresas editoriais fez com que dois dos mais experientes editores da época se juntassem em um projeto moderno de imprensa. Mac-clure, criador e responsável pela revista *Zig-Zag*, periódico com selo próprio e já com nome muito popular, e Helfmann, fundador da revista *Sucesos* e dono da Imprenta y Litografía Universo, que vinha galgando grande progresso em princípios dos 1900, mantiveram seus projetos pessoais. Concomitante a impressão mensal da revista *Zig-Zag*, nasceram mais quatro revistas no período compreendido entre 1919 e 1927: *Chile Magazine* (1921), *Los Sports* (1923), *Don Fausto* (1924) e *Para Todos*. Para poder dar conta da empreitada, em 1928, Gustavo Helfmann adquire por um milhão e cem mil pesos uma área com mais de 12.500 m², onde construiria dentro de um ano seus escritórios e suas oficinas gráficas, selando assim o início de uma das empresas midiáticas mais influentes do Chile no século XX (OSSANDÓN; CRUZ, 2005).

Assim, as revistas produzidas pelo grupo *Zig-Zag*, em geral, podem ser classificadas de acordo com distintas maneiras, seja por sua periodicidade, seu público ou seu conteúdo. Nesta investigação, tendo a

revista *Familia* como cerne, classificaremos o periódico de acordo com sua temática e conteúdo.

A revista *Familia* nasce então como uma publicação mensal produzida na cidade de Santiago do Chile, mas que percorria vários recantos do Chile. Logo no seu lançamento assentou seus objetivos, já muito claros no título, com o subtítulo pontual de *Revista mensual ilustrada dedicada exclusivamente al hogar*. Cirurgicamente, delimitou seu público leitor focando nas mulheres majoritariamente de classe média e letradas, com a finalidade de entretê-las e cultivá-las como leitoras assíduas do periódico.

De início alcançou grande repercussão no Chile devido ao seu editorial moderno, bem como por ser vista como uma das primeiras revistas que incitou a reflexão acerca da mulher e de sua participação na sociedade. No entanto, essa ideia de que a revista *Familia* fomentava a emancipação da mulher dentro da sociedade patriarcal chilena por meio de um discurso feminista é descartado, pois mesmo contendo uma presença importante de escritoras em suas páginas, essas não colocavam de forma acentuada as tensões frente a emancipação das mulheres e os posicionamentos civilizatórios dos ‘bons costumes’ desejáveis a todas as senhoritas e senhoras chilenas. Segundo Rubí Carreño, “(...) la revista intenta, por un lado, alentar la presencia de las mujeres en el ámbito público y, por otro, calmar las ansiedades y temores que la salida femenina al mundo público estaba provocando (CARREÑO, 2007, p. 53). Circulando mensalmente e de forma ininterrupta até dezembro de 1928, nos dezoito anos de publicações sempre teve entre seus interesses o incentivo à educação e a emancipação das mulheres, porém sempre mantendo vivo seu espírito conservador no que diz respeito ao posicionamento das mulheres enquanto tais; posicionamentos esses que apareciam em muitos de seus artigos, crônicas e na literatura, e que carregavam um chamado em favor do retorno da mulher à domesticidade do lar.

Seu foco emancipatório recaía, então, no interesse de fomentar nas mulheres a preocupação com a própria educação e a dos filhos, bem como assuntos referentes à arte e cultura, assim como ao lar e ao marido. Desse modo, foi eleita e premiada, junto com a *La Revista Azul*, com o título de órgão oficial da emancipação feminina. De posse desse título, a revista *Familia*, durante sua primeira fase (1910-1928), foco desta pesquisa, impulsionou e amparou a formação de várias instituições femininas como o Círculo de Leitura. Esse foi fundado em 1915 por Amanda Labarca, e compartilha de objetivos comuns aos da revista: fomentar a independência da mulher por intermédio das artes e da educação. Assim,

em agosto de 1915, Labarca dá conhecimento as leitoras da revista *Familia* de quais são os objetivos, os integrantes e o estatuto do Círculo de Leitura por meio da sessão “La hora de los libros”. Em setembro do mesmo ano, é fundado o *Club de Señoras* e a revista também o acolhe sob suas páginas defendendo e promovendo-o até a interrupção das publicações em dezembro de 1928.

O apoio advindo da revista *Familia* a essas instituições femininas está intrinsecamente relacionado ao entrelaçamento de ideais entre o editorial e um público objetivo que se encontrava nas donas de casa das classes altas e médias. A mulher era central no imaginário de ‘progresso e civilização’ promovido pelo Estado e os círculos sociais da elite, visto que era compreendida como a encarregada de reforçar e manter os ideais de gênero coerentes com os desejos da nação. Frente ao primeiro grupo, a classe alta, “(...) se alaba constantemente el apellido y la alcurnia como si fueran elementos condicionantes de mujeres capaces de llevar a cabo grandes obras.”, porém a visão sobre as mulheres de classe média era diferente, essas eram vistas na “(...) figura de la dueña de casa en tanto administradora del hogar y capaz de hacer ‘malabares’ con las cuentas de la casa” (DIAZ, 2009, p. 41). Nota-se que há a construção de uma mulher vigilante, enquanto sustentáculo das relações de poder estabelecidas, distante da vida política e pública, nas quais se encontra o poder majoritário masculino; e sempre disposta ao sacrifício pelos demais.

A construção desse pensamento, dessa identidade, era mensalmente realizada pelos colaboradores da revista, escritores e intelectuais como Inés Echeverría de Larraín, Elvira Santa Cruz (Roxane), Omer Emeth, Laura Jorquera y Amanda Labarca, que juntos davam o tom do discurso para as leitoras da época. As reflexões giravam em torno dos papéis de mãe e esposa que as mulheres deveriam cumprir no lar. Nesse encaixe, a revista e seus articulistas pretendiam educar as mulheres tanto com conselhos como dando as próprias lições práticas. Um artigo publicado em abril de 1910 nos mostra o viés do discurso:

Hay personas que creen que esta conducta – participar activamente en los juegos de los niños – es perjudicial porque la madre olvida sus otros deberes por cuidar de sus hijos. Esto es absolutamente erróneo: al contrario ella se esmerará en cumplirlos mejor, puesto que esto forma parte de la felicidad de su marido y de sus hijos (...) si ella descuidara un poco sus deberes de dueña de casa por sus hijos, no sería falta tan grave,

puesto que su deber primordial es el de madre y esposa (LOS..., 1910, p. 16).

A ideia de cumprimento das obrigações maternais e de esposa está presente em muitos artigos da revista, os quais dão o toque identitário da *Familia*. Por essa lógica, existe uma relação direta entre o periódico e as mulheres no sentido de que o primeiro afirma constantemente que na medida que a segunda cumpre seus deveres domésticos com os filhos e o marido, tanto a família quanto ela mesma se regozijarão com a felicidade plena do dever cumprido. O discurso é muito objetivo quando incita as mulheres a abnegarem-se em detrimento da dedicação ao outro. Nesse sentido, a mulher está a serviço do marido, dos filhos e da pátria, não como serva, mas como dona do lar, onde encontra seu próprio lugar de realização. Por esse viés, a temática do sacrifício e da abnegação não pululam aqui e ali nos textos, pois são um tema recorrente e objetivo, ao qual os articulistas se esmeram de maneira textual e franca a desenvolver a ideia de que a abnegação, assim como a ternura e o carinho, compõem a natureza feminina; dotes que elevam e engrandessem o espírito daquelas que se dedicam com afinco a seus deveres de mãe e esposa.

Em 21 maio de 1912, Omer Emeth escreve um artigo, para as celebrações da data da morte do Almirante Arturo Prat na famosa batalha naval de Iquique³, o qual intitula *Madres de Heroes*. Emeth, enaltece a honra e a bravura de Prat e seus comandados na batalha e delinea em seu artigo quais seriam os motivos de princípios tão presentes e maturados no caráter de seus combatentes. Para o autor, o que transformou Prat em um herói não foi somente a sua bravura, mas sim a criação que sua mãe o dera. Em suas palavras:

En mi opinión, Arturo Prat y sus inmortales compañeros de gloria fueron héroes, porque aprendieron á serlo.

Aprendieron, esto es, no nacieron tales, sino que álguien ó algo, modelándolos como el escultor sabe modelar su arcilla, hizo de ellos héroes.

³ 1 Cf. (PAREJA, 2004) A batalha naval de Iquique foi um confronto naval da Guerra do Pacífico entre a marinha chilena e peruana no dia 21 de maio de 1879. O Chile estava disputando com Peru e Bolívia a posse das minas de salitre em solo bolivariano e uma das principais estratégias da armada chilena foi bloquear os principais portos bolivarianos. A marinha peruana contratou com o Almirante Miguel Grau, o qual teve êxito, diferente do Almirante Arturo Prat que morreu em batalha tornando-se um herói nacional chileno pela sua bravura em combate.

Pero, dirá alguna madre de familia escéptica: “quién vió al artista modelándolos? Em qué taller trabajaba aquel escultor?”

En el hogar, señora mía, y el artista fué una madre que sin saberlo ni pensarlo, pero com sólo ser madre verdadeira y buena, hizo de su hijo um héroe.

Primero, dióle ella la única razón de serlo.

Por qué habrá algún día ese niño de exponer sua vida por Chile? Será por que esta tierra es hermosa?... Por su cielo azul? Por sus montañas cuajadas de tesoros?

Ah! nó, nó!... Dará su sangre ese niño vuelto hombre, dará su vida porque em esa tierra estuvo su nido: porque en ese nido se le amó: porque allí estarán á la hora del sacrificio, todos y todo lo que um corazón de hombre ama más que á la vida: un padre, una madre, una madre sobre todo, em quien se compendia todo lo amable que hay em el mundo...

En ese nido está el modelo de otro nido que el héroe, á su vez, edifica en su mente. La felicidad que allí rodeó su juventude es promesa de la que le espera: otra razón que e mueve com fuerza incontrastable á defender su pátria y á exponer por ella su vida misma.

Y lo véis, en ese taller, las manos de hada de una madre modelan y esculpen al héroe. (EMETH, 1912, p. 3)

Mais uma vez a abnegação e o sacrifício da mulher, como valores a serviço da pátria, são expostos na revista *Familia*. A mãe, a esposa, a dona de casa, no momento que transmite a reprodução de modelos: a masculinade heróica a seus filhos e a docilidade feminina doméstica a suas filhas, está cumprindo o seu dever para com o lar, a nação e Deus. Nota-se, desse modo, em suas páginas um discurso prescritivo constante e massivo, apoiados em princípios e modos de vida socialmente estruturados e estabilizados, que reforçavam uma identidade feminina comumente caracterizada como tradicional, mas que ao mesmo tempo conversava com a realidade social da época, marcada por aspectos de profundas e características transformações. Existe um paradoxo visível no Chile novecentista no qual as relações entre feminismo e família tradicional se chocam nos discursos que reverberam pela sociedade da

época. Sendo assim, como bem lembra Alejandra Castillo: “por un lado, se instituye un importante discurso feminista de emancipación social y, por otro, he aquí la paradoja, se consolida fuertemente un modelo nuclear de familia que define a la mujer en tanto madre y esposa” (CASTILLO, 2005, p. 41). E é nesse segundo discurso que a revista *Familia* enquadra seu discurso identitário.

Dividida em várias seções, a revista *Familia* estava constituída de modo que conteúdo e a forma fossem ao encontro dos interesses tanto de quem a produzia quanto de quem as lia. Assim, a produção de um universo simbólico e sua constante repetição era necessário para cumprir com seus objetivos editoriais. Voltada ao público feminino, sua relação dinâmica com o contexto social mais amplo era necessária, desse modo, o estudo estrutural do periódico, da primeira a última página, faz sentido para compreendê-las não apenas como produto cultural, mas também como espaço de produção de valores, de hábitos e de cultura.

Como forma de estruturar uma análise da revista, criamos a Tabela 1:

Tabela 1 – Ficha técnica Revista *Familia*

Ficha técnica Revista <i>Familia</i>	
Título	<i>Família</i>
Subtítulo (1º período)	<i>Revista mensual ilustrada dedicada exclusivamente al hogar</i>
Período de publicação	1910 – 1928 (1º período) 1935 – 1940 (2º período)
Periodicidade	Mensal
Formato	21 cm x 28 cm
Número médio de páginas	66
Preço	1 peso (1910) – 2 pesos (1928)
Diretor (1º período)	Agustín Edward Mac-Clure – Federico Helfmann (Proprietários)
Números publicados (1º período)	Vol. 1, nº 1 (Janeiro de 1910) – Vol. 19, nº 228 (Dezembro de 1928)
Seções	Comentários de livros e literatura; artigos sobre música e avanços científicos; folhetins; vida social; temas relacionados ao amor, a religião e ao lar; conselhos para a casa e decoração; receitas gastronômicas; trabalho e moda; correspondência intitulada “Cartas de París”, onde se identifica e se reflete sobre a influência da cultura francesa nos costumes.

De acordo com a Tabela 1, podemos notar que título e subtítulo se complementam na ideia de que a revista é feita especialmente para um público definido, no caso mulheres das classes altas da sociedade chilena, preocupadas com a família e o lar. O periódico era apresentado em tamanho 21 por 28 cm e sua extensão ficava em média entre 60 e 70 páginas, exceto alguns números especiais que podiam ultrapassar esse número de páginas. A revista teve dois momentos em sua história, sendo que o primeiro período, que vai de 1910 a 1928, será o alvo da pesquisa aqui em questão. Sua periodicidade era mensal, e seu valor no transcorrer dos anos partiu de 1 peso no início das publicações, com valor final de 2 pesos na última edição de dezembro de 1928. A cabo das edições estavam os proprietários da revista Agustín Edward Mac-Clure e Federico Helfmann, que junto aos colaboradores davam os rumos editoriais da revista.

A revista contava com uma série de seções que, apesar de diversas em seus conteúdos, se entrelaçam na trama discursiva de uma mulher que não deve escapar às principais virtudes que lhe são relegadas: a abnegação, o sacrifício e a humildade. Os textos colocavam em prova um exame de consciência nas leitoras do periódico, de modo a direcioná-las, por meio de conselhos, a buscarem os valores que supostamente deviam ter as mulheres diante dos filhos, do marido e do lar. A mulher que cuida do lar é também responsável pela “(...) reproducción de una sociedad, con hijos que sirven a los ideales de la patria” (DIAZ, 2009, p. 87). Por esse viés, as seções da *Familia* estavam abarrotadas de lições sobre o amor, o lar, a beleza, a higiene, a moda, entre outros pontos, cujas principais destinatárias eram as mães donas de casa, pois delas dependia a transmissão geracional da saúde e dos bons costumes. Nesse sentido, há uma relação entre o corpo das mulheres e o corpo social, assim como entre a higiene pessoal e a sublimação da nação.

Nessa perspectiva corporificadora, as capas - ponto destacado em seção específica - são mais do que a porta de entrada da revista, representam a cara de uma ideia. A critério de análise estrutural, sem ponderamentos específicos sobre a porta de entrada da revista, o que temos são capas com desenhos coloridos, pinturas que trazem invariavelmente mulheres em atividades domésticas ou de leitura, acompanhadas ou não de homens em alguma situação social, e crianças ou adolescentes na presença ou não da mãe. As capas retratavam então mulheres elegantes e altivas, cujos modelos de cabelo, roupa ou decoração da casa poderiam ser copiados pelas leitoras. Olhares, sorrisos e poses insinuam hierarquia de classes e individualização. As mãos colocadas nas partes do corpo para as quais se quer chamar atenção

(quadril, cintura, pescoço), os trajes longos ou mais curtos, com ou sem decote, os acessórios (brincos, colares, echarpes) e o ambiente em que se encontram as modelos, internos ou externos, tudo lembra sensualidade e altivez (ALMEIDA, 2008, p. 132). Evidentemente, a imagem que compunha a capa era um dos fatores mais visíveis para atrair a atenção das leitoras. Como afirma Scalzo “(...) em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor” (SCALZO, 2003, p. 63).

Nesse sentido, até 1928 não há presença de fotografias nas capas, apenas no segundo período da revista (1935-1940) os desenhos da capa foram substituídos por fotografias de mulheres, algumas das quais atrizes de *Hollywood*, “artistas da tela” (internacionais) ou “artistas do rádio” (nacionais). Esse fato sugeria a apresentação da mulher como objeto de desejo (para os leitores), assim como um modelo a ser imitado (para as leitoras).

Assim como a capa, o sumário tem muito a dizer sobre a identidade da revista e seus objetivos em relação a seus conteúdos. Composto por seções, assuntos e colaboradores, ele é constante na página dois, ou seja, aparece em todas as edições, porém não obedece uma ordem de distribuição das matérias de forma fixa. Presente na periodicidade da revista, o sumário não apresentava espaço definido para as seções, o que se vê são assuntos soltos, logo, não havia uma ordem de distribuição fixa dos textos, o que acarretava, por exemplo, em uma crônica no meio da revista e um conto no final, o que não caracterizava uma seção específica, ou seja, literária. Provavelmente os assuntos seriam distribuídos segundo sua ordem de importância. O que havia, enfim, era um “sumário/seção” que alterna as seções de edição para edição.

O que pode ser visto de pronto no sumário, é que os títulos das seções da revista giravam em torno do universo feminino da época e tinham a intenção, assim como a capa, de chamar suas leitoras para as páginas do periódico. Como exemplo ilustrativo, vejamos o índice do primeiro número da revista *Familia* (FIGURA 11):

<i>Sumario del presente Número</i>	
Págs.	Págs.
Editorial	1
El vértigo de la vida, por J. Jacquin	2
Consejos á una novia, por Doña Paula	5
Una historia que parece cuento, por el Dr. Quezada Romero	8
Ruido, por Carlos Olavarría	9
La bella lectora, dibujo de Harrison Fischer	10
Emparedada viva, por G. Lénôtre	11
Daphne ó el matrimonio á la moderna, novela por Mr. Humphry Ward	15
Centros de mesa	18
Cortinas bordadas lavables	19
Obras de mano	20
Deshilados y bordados	21
Hermosura de las manos	22
La roca adorante, dibujo de Charles Dana Gibson	23
La moda á través de los siglos	24
Duerme hijo mío, poesía de Jacinto Soriano	26
El voto, por Emilia Pardo Bazán	27
Páginas para hombres, El arte de afeitarse	28
Reverie, pieza de música por Giarda	30
Cómo debe interpretarse á Schumann, por Max. Hambourg	32
La visión inspiradora, dibujo de Howard Chandler Christy	33
Los nuevos monogramas bordados	34
Buen gusto y mal gusto en jarrones	35
Porcelanas artísticas, por el Dr. J. Korner	37
Tema Schumann sobre Abegg	37
Una buena comida	38
Menús	40
Explicación de los menús	41
La buena presentación de los dulces en las comidas	41
Duraznos en conserva para el invierno	42
Explicación gráfica para la fabricación de los duraznos en conserva para el invierno	43
Adornos de mesa para una simpática fiesta	44
Peinados de moda	45
Lo que gana una mujer usando tacones altos	46
Sección modas (Introducción)	47
Últimas novedades llegadas de París	48
Cinturones, hebillas y lazos	49
Cintas, gollitas y ruches	50
Figurín en colores	51
Modas, diversos figurines	53
" " " " " "	54
" " " " " "	55
" " " " " "	56
Página para niños, abrigos y gorras de verano para guaguas	57
Chaqueta corta semi-ajustada	58
Lo más nuevo en blusas	59
Consejos y recetas para el hogar	60

Figura 11 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1910. Sumário.

Assim como o sumário, os dados editoriais da revista *Familia* ocupam lugar fixo na revista: a página três. Em todos os números analisados, à terceira página figura um tipo de cabeçalho, no qual há o título e o subtítulo da Revista, além da designação da edição, o endereço da redação, o número, o ano de publicação e o valor. Em seguida, na mesma página, havia sempre a crônica de um colaborador de destaque para o periódico, geralmente Emeht. Quanto ao expediente⁴ da revista, geralmente exposto nas primeiras ou últimas páginas dos periódicos, não compôs nenhuma das edições da *Familia* analisadas. A seguir, um exemplar da terceira página na qual figura o cabeçalho e a crônica de abertura (FIGURA 12):

⁴ Seção que destaca informações sobre assinaturas, distribuição e recebimento pela revista de textos e fotografias de leitores.

Como podemos notar, apesar da variabilidade de seções da revista, as quais variam entre matérias, notícias, informação, resenhas, crítica de livros, prestação de serviço, publicidade, humor, política, ilustrações, folhetins, crônicas e contos, que lhe dão um caráter literário, e que a situa como uma revista de cultura, não há como negar que os objetivos principais do periódico recaem no caráter civilizador moderno da sociedade da época, a qual vincula a mulher a um horizonte circunscrito ao lar e a suas obrigações como mãe, dona de casa, esposa e primeira educadora. Em síntese, percebemos que a revista *Familia* abre vertentes de pensamento que confluem para um mesmo fim, propósito muito bem definido e explícito da seguinte maneira:

Esta revista tratará todas las cuestiones relacionadas con la familia y el hogar, desde los severos problemas de la educación hasta los livianos y amables que impone la coquetería femenina en el adorno de las personas y en confort de la vivienda. Nos sobra esperanza y voluntad: lo demás lo aguardamos del propio público (EDITORIAL, 1910b, p. 3).

4.2 IDENTIDADE E PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL: *JORNAL DAS MOÇAS*

O *Jornal das Moças* foi uma revista brasileira ilustrada, fundada em 21 de maio de 1914, no Rio de Janeiro, a qual se caracterizou pela identificação com os modelos tradicionais de revistas de generalidades e entretenimento existentes, entre as quais estavam a Revista *Feminina* (1915/1936), *Fon-fon* (1907/1958), *O Malho* (1902/1954), *A Cigarra* (1914/1956). Salta então às mãos das leitoras cariocas um novo exemplar de revista disposto a abordar diversos pontos de interesse do universo feminino, principalmente as temáticas que intentam informar suas leitoras sobre moda, amor, culinária, comportamento, dicas de beleza e também anúncios de produtos variados como livros, lingerie, remédios, motes em consonância ao elitismo da época, comum a esse tipo de revista e herança do século XIX.

Por esses temas e pelo aspecto característico, a identidade da revista nasce e se desenvolve com olhos e ouvidos voltados a um público específico da sociedade carioca e, posteriormente, de outras capitais e lugares recônditos do Brasil, esmerando-se para enquadrar-se dentro dos padrões estereotipados de uma revista feminina que se preocupa em

escrever para a mulher com fins educativos e de lazer. O *Jornal das Moças* segue a risca o padrão congênito dos periódicos femininos e, assim, se ocupa na maior parte do tempo, não de modo depreciativo, mas no sentido pedagógico, de preocupar-se com a instrução e a leitura da mulher brasileira por meio de um passatempo com informações superficiais e curiosidades. De acordo com Almeida (2008), a revista aborda assuntos mundanos e domésticos, propalando e aconselhando comportamentos femininos pautados na figura da mulher moderna de classes mais abastadas. Mulher esta

(...) que se preocupa com o lar, com a vida em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido e com algumas festas religiosas ou pagãs, como o mês de Maria ou com o Carnaval, por exemplo. Essas eram, então, as civilidades insinuadas e/ou prescritas pela Revista (ALMEIDA, 2008, p. 126).

A primeira edição do *Jornal das Moças* traz em sua pequena apresentação os motivos e ideais norteadores da escrita do periódico:

Das varias revistas illustradas, que têm surgido em nosso meio, em quasi sua generalidade constituem simples álbuns de photographias e de modas ou revistas litterarias, com accentuada feição mundana e humorística, nunca, porém, se preocupando, como convém, com o cultivo de espirito de nossas gentis patricias em outros ramos dos conhecimentos humanos.

É essa a tarefa a que se impõe o *Jornal das Moças*. Cultivar, illustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espirito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicada esta revista, será o seu, sinão único escopo, pelo menos a sua mais viva e mais ardente preocupação.

Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que empolgam, da musica e canto que embalam, dos brincos e contos infantis que deleitam, da moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana que satisfaz, a curiosidade insofrida, os conhecimentos úteis que instruem, eis certamente a

mais bella feição da imprensa que procura viver do favor publico.

Nesse nosso louvável objectivo nao temos poupado nem mediremos sacrificio, razão por que acreditamos possa o Jornal das Moças agradar geralmente, visto como surge com esse único fim, attendendo antes à sua impeccavel feitura material que é de apurado gosto artístico, a começar pela sua capa.

Esperamos a indispensável preferencia de nossas gentis patricias para o êxito completo do nosso empreendimento. (JORNAL..., 1914, p. 5)

Apesar da superficialidade da revista em termos de conteúdo, o *Jornal das Moças* alcançou lugar de destaque entre o público pretendido, visto que divulgava em suas páginas o cotidiano de suas leitoras por meio de textos e fotografias enviadas, principalmente, por senhoras e senhoritas de nível social mais abastado.

Logo após o expediente da primeira publicação da revista é possível notar o chamado às leitoras (FIGURA 13):

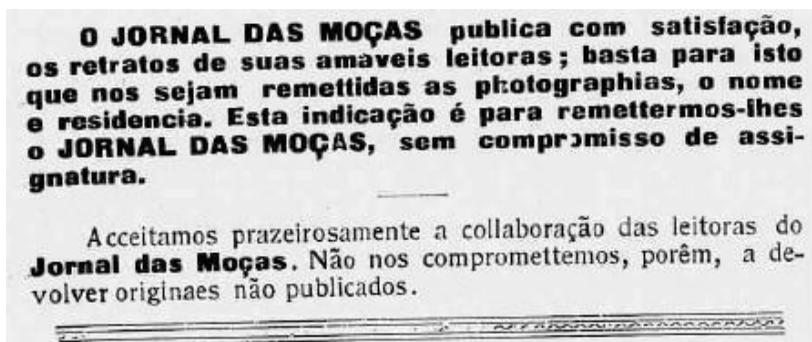


Figura 13 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914. P. 05

Chamado aceito de bom grado pelas leitoras. As correspondências enviadas ao periódico e publicadas no segundo número demonstram a disponibilidade e a vontade do público leitor de ver e ser visto, ou ler e ser lido nas páginas da revista (FIGURA 14):

Correspondencia do "Jornal das Moças"

GUIOMAR SOUTO — Capital — Estamos imensamente gratos á sua amavel cartinha e ás benevolas referencias que fez ao *Jornal das Moças*.

A sua poesia são neste numero e esperamos a continuação de sua preciosa collaboração.

LAURA BESSA — Nictheroy — Recebemos e agradecemos a gentileza.

Porque não nos manda tambem os de suas galantes irmãsinhas?

M. DA GLORIA — Parahyba do Sul — Para este numero não é possível.

Seria grande favor enviar-nos a relação nominal de suas amiguinhas.

GALARTE ZELIA MOREIRA — Barra do Pirahy — Por absoluta falta de tempo deixamos de publicar o seu retrato, o que faremos no proximo numero.

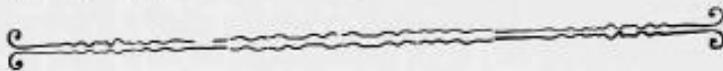


Figura 14 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de junho de 1914, p. 5.

Aos poucos, o periódico transformou-se em um instrumento de distinção econômica, política e cultural, de modo que seu público-alvo não era mais visto apenas como leitores, mas sim como consumidores e divulgadores da revista e dos produtos estampados em suas páginas. Anúncios de toda ordem, comprometidos com a venda e o lucro, estão presentes desde o primeiro número da revista, o que demonstra que as mensagens do *Jornal das Moças*, presentes nos textos, e também de forma propositadamente subliminar nas imagens a seu serviço, eram elaborados de acordo com as condições mercadológicas impostas. O periódico, assim como outros de sua estirpe, focava nas leitoras que seriam clientes em potencial do mercado que se expandia no começo do século XX: uma mulher capaz de influenciar e direcionar ativamente as decisões de consumo da família, conquistando-a e subordinando-a a modelos de importação e a valores estrangeiros, mesmo que o ufanismo vivesse dias ativos e presentes no país e mesmo dentro do periódico. Assim, como bem lembra Martins,

(...) coube ao periodismo a prefiguração de modelos femininos, reiterando a tradicional postura de rainha do lar, mas abrindo um leque de condutas alternativas, em que se projetou a mulher emancipada, educadora, esportista, saudável, moderna e, por que não, a sufragista e feminina (MARTINS, 2001, p. 378-379).

Nesse sentido, o *Jornal das Moças* e demais revistas femininas desse período tornaram-se manuais de boa conduta para mulheres da época, delineando os padrões de consumo e os modos de civilidade comportamental, muitas vezes totalmente descontextualizados do cotidiano real das leitoras que folheavam as páginas do periódico. Nas palavras de Nelson Werneck Sodré, a alienação, *modus operandi* que transbordava das páginas dessas revistas carregadas de literatura artificial,

(...) correspondia, no fim de contas, às condições materiais do país, e encontrava perfeita consonância na atividade política, limitada ao estreito círculo da 'elite'. Começava a surgir, no Rio, o antagonismo entre a 'cidade' e o 'subúrbio'; o chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris (SODRÉ, 1999a, p. 300).

Esse delírio pelo que vem de fora é recorrente nas páginas da revista e pode ser notado também por meio dos discursos pedagógico-normativos que saltam da publicidade e dos artigos informando os modos de ser, parecer e obedecer. O *Jornal das Moças* corresponde assim a tudo que se identifica como feminino, em que ser mulher aparece como um destino comum a todas as mulheres, e que supõe um caminho para seguir padrões que reforçam essa identidade. Duas normas reforçam esse modo de ser e agir cujo o arcabouço teórico repousa nos conteúdos das pedagogias normativas de gênero: a primeira é o ajuste a esse modo identitário, e a segunda é seguir à risca o destino traçado pelo primeiro e que desemboca no matrimônio e na reprodução.

Esses discursos se vislumbram rotineiramente nas páginas do *Jornal das Moças* e os encontramos nos múltiplos registros, desde a publicidade aos artigos. Um exemplo eloquente desses padrões discursivos encontrados no periódico refere-se ao excerto retirado de um artigo presente nas páginas da revista, o qual pode ilustrar como as reflexões acerca do que é ser, parecer e obedecer, enquanto mulher no

começo do século XX, pode estar presente em um assunto banal como a moda:

A arte de ser elegante

Comquanto seja o exaggero leve e a bizarrice de linhas, por vezes, os maiores attractivos de que lança mão a phantasia parisiense para impor um modelo de saia ou o côrte elegante de um vestido de *souirée*, a moda, pelas ultimas novidades, que só agora vão apparecendo nos centros mundanos do Rio, tem abusado um pouco desses recursos, creando vestidos pezados de inverno para verão e vice-versa. O heroismo da parisiense, porém, viciada incondicional da bella attitude e da graça dos gestos, sempre novos, tem sabido resistir ou melhor se tem curvado ás exigencias despoticas e contradictorias da sua princeza e serva, acceitando de bom grado, as ultimas creações da rua de la Paix. Acontece que os ves-

Figura 15 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Julho de 1914, p. 10.

No excerto percebemos, a partir do título, qual o mote principal e instrucional do artigo: “Ser elegante”. Notam-se, novamente, os pressupostos da pedagogia-normativa do gênero feminino, ser, parecer e obedecer. O ato de ser elegante mostra outra faceta da imprensa feminina da época: o lado instrucional que destaca a moda como forma de divulgar modos de civilidade às leitoras por meio de comparações aos modelos estrangeiros. Por essa lógica, os periódicos buscavam correspondentes ou peritos para falar de Paris, o centro das atenções na época. Nesse sentido, Ivonne, a articulista que escreve ao *Jornal das Moças* com confiança e explicações minuciosas sobre os figurinos parisienses que chegam aos centros mundanos do Rio de Janeiro, trata o tema como se a moda copiada das ditas elegantes parisienses fosse a atitude primordial para as brasileiras serem elegantes. Além disso, esses artigos geravam grande expectativa nas leitoras, fato que favorecia a revista, tendo em vista o impulso compulsivo do público feminino pelas leituras de publicações direcionadas a elas. Assim sendo, o público leitor não só aguardava ansiosamente os próximos capítulos dos romances que figuravam nas revistas femininas, como ansiavam também por saber as novas tendências da moda parisiense. Desse modo, a necessidade por informações instrucionais presentes na literatura e nas atualizações da moda ligou-se ao tempo, dando uma característica de acompanhamento da narrativa e outra de ‘atualização’ com o que se usava nos centros urbanos fora do país, uma espécie de necessidade temporal de caráter jornalístico (BUITONI, DULCÍLIA SCHROEDER, 1990).

Matérias como essa reforçam a ideia de que, em inícios do novecento brasileiro, a capital federal do país passava por um aburguesamento compulsório das relações sociais (CARVALHO, 1987) e, como grande modelo de centro urbano e cultural, passou a ser referência, ditando modos e modas, padrões de conduta, alardeando novos valores e estilos de vida que advinham da modernidade que abraçava a mente e o coração das elites (SEVCENKO, 1998). Havia então um movimento de reformulação e construção do espaço público moderno, no qual a figura da mulher continuava predestinada ao lar e à família enquanto o homem ao cargo de chefe principal da casa e do espaço público.

Segundo Margareth Rago, tanto no lar, quanto em outras funções,

(...) as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares, assistentes, enfermeiras, secretárias, ou seja,

exercendo as funções consideradas menos importantes nos campos produtivos que lhes eram abertos (RAGO, 1997b, p. 603).

Mesmo com papel coadjuvante, o aumento da representatividade da mulher se alargou, não amplamente, mas de modo significativo, pois adentrou esferas não circunscritas pelos padrões normativos que a enclausuravam dentro dos limites do lar e da condição de assistente. Em 1º de Janeiro de 1915, o próprio *Jornal das Moças* expõe uma propaganda comercial que foge à lógica dessa linha de pensamento pois, enuncia uma mulher que oferece sua mão de obra e conhecimento em uma área profissional ainda quase que restrita aos homens, no caso, estamos falando de *Mrs. Francisca Reis*, parteira ginecologista, diplomada pela faculdade de medicina de Boston e pela do Rio de Janeiro (FIGURA 16).

Mrs. Francisca Reis Diplomada pela Faculdade de Medicina de Boston, na America do Norte e desta Capital.

PARTEIRA GYNECOLOGISTA

Evita a gravidez e faz aparecer o curso catamenial por processo científico, sem perigo para a saúde.

TRATA DE TODAS AS MOLESTIAS DAS SENHORAS

Consultas gratis a qualquer hora

TELEPHONE 151-Norte—RUA GENERAL CAMARA, 110-sobrado

Figura 16 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915. P. 04.

Alguns pontos chamam atenção no enunciado. Primeiro a escolha de Francisca Reis pelo pronome de tratamento em inglês *Mrs.*, que em português significa Senhora. Esse pronome de tratamento também reforça a ideia de enlace matrimonial, além de ressaltar que o seu cônjuge tinha uma visão diferenciada em relação às mulheres exercerem atividades profissionais autônomas e independentes. Além disso, denota sua escolha pela influência norte-americana (obviamente por ter estudado em Boston) e não a francesa, mais em voga no momento. Porém, o mesmo pronome de tratamento em inglês não é usado nas linhas seguintes quando o enunciado diz com letras garrafais que a parteira ginecologista “*trata de todas as molestias das senhoras*” (grifo nosso). Talvez isso ocorra por Francisca Reis ter consciência de que mesmo existindo uma onda moderna estrangeira assolando a cidade do Rio de Janeiro, nem todas as suas potenciais clientes podem ou devem entender a língua inglesa.

Não obstante, um último detalhe chama atenção no anúncio. Em um contexto no qual o capitalismo irrompe com toda a sua força, a frase “consultas grátis a qualquer hora” pode nos indicar que a sociedade carioca ainda nutria padrões normativos acerca das mulheres, das atividades domésticas e da subordinação ao marido. Portanto, é possível que não via com bons olhos a figura de uma mulher exercendo o trabalho que por anos a fio estava restrito aos homens, logo, a estratégia de Reis, de oferecer consultas grátis, pode trazer para seu consultório clientes e futuramente confiança em seu trabalho.

Apesar desse anúncio, o *Jornal das Moças* consitiuiu-se dessa forma não só como um suporte que evidenciava o lugar do feminino ligado sempre ao ambiente doméstico e familiar, pois também, seja pela publicidade ou pela opinião de colaboradores, passou a mostrar diferentes identidades além daquelas arraigadas ao projeto normativo de mulher enquanto esposa e do lar. Essas visibilidades alternativas se deram e passaram a tomar espaço nas páginas da revista justamente porque seus editores criaram um processo de editoração pautado por regimes de visibilidade e contratos de comunicação. Por essa lógica, o *Jornal das Moças* se dirigiu primeiro às donas de casa, depois às mulheres e por último às consumidoras. Claro que esses “públicos” eram tratados de forma simultânea, porém havia objetivos distintos por detrás de cada publicação. Desse modo, o *Jornal das Moças*, desde sua primeira edição, posicionou-se como uma revista confidente, conselheira e amiga de suas leitoras, aperfeiçoando e alinhando a relação com as leitoras por meio de linguagens e conteúdos que iam a favor do pensamento moderno da época, e isso demandava, muitas vezes, a cópia e/ou adaptação de fórmulas editoriais internacionais.

A revista seguia então o modelo magazinesco europeu e norte-americano e previa em suas páginas a manutenção das atualidades às leitoras sobre diversos temas de interesse, tais como: moda, economia doméstica, práticas de higiene, trabalhos manuais, espetáculos e eventos culturais. Dividida em várias seções, o *Jornal das Moças*, desde a sua fundação até o início da década de 1930 não teve um sumário fixo que possibilite ver uma continuidade através dos anos, contudo, seu conteúdo se manteve sempre fiel à proposta das revistas femininas da época de se manterem ligadas ao universo feminino por meio de um viés mais educativo e cultural. Justifica-se desse modo, a estratificação e a análise estrutural da revista, da capa à página final, pois para entendê-la como veículo de produção de hábitos e valores culturais, é necessário visualizá-la não só como um produto cultural.

A Tabela 2 busca apresentar os dados sobre o *Jornal das Moças*:

Tabela 2 – Ficha técnica *Jornal das Moças*

Ficha técnica <i>Jornal das Moças</i>	
Título	Jornal das Moças
Subtítulo	Revista quinzenal, ilustrada (1º período) Revista semana, ilustrada (2º período)
Período de publicação	1914 – 1968
Periodicidade	Quinzenal até Junho de 1916 – Semana até Dezembro de 1968
Formato	19 cm x 27 cm
Número médio de páginas	Entre 60 e 70
Preço	400 réis (1914) – 1\$000 Mil-réis (1930)
Diretor	Fundada pelo Comandante F. A. Pereira (Diretor-proprietário) em 1914; Novo proprietário, F. A. Pereira Junior, a partir de 16 de Abril de 1916; A partir de 22 de Julho de 1916, nova mudança na redação e administração: Agência Cosmos; A partir de 04 de Janeiro de 1917 a revista passa a não publicar nomes dos possíveis proprietários ou editores, somente em 25 de Outubro de 1923 irá aparecer os nomes dos irmãos editores-proprietários Álvaro de Menezes e Agostinho de Menezes, bem como do secretário J. Sylva Castro, sob o nome de Empresa <i>Jornal das Moças</i> – Menezes, Filho & C. Ltda.
Números publicados até 1930	Nº 1 (Maio de 1914) – Nº 810 (Dezembro de 1930)
Seções	Bilhetes Postaes; Sonetos; Modas e Modos; Folhetins; <i>Jornal da Mulher</i> : Grande revista de figurinos e bordados (suplemento do “ <i>Jornal das Moças</i> ” a partir de 1930); <i>Chronica</i> ; <i>Notas Mundanas</i> ; <i>Paginas Infantis</i> ; De tudo um pouco (comentários sobre livros, literatura, música, avanços científicos, temas relacionados ao amor, a religião, trabalho e ao lar).

Com base na Tabela 2, alguns pontos são primordiais para o entendimento das características e objetivos do *Jornal das Moças*. A partir do título já notamos que o público a ser atingido é o mesmo anunciado, logo, leitoras, não apenas moças, mas todas as mulheres; especialmente aquelas das elites carioca e brasileira, preocupadas com a família e o lar.

Intitulada como ‘jornal’, mas com características predominantes de uma típica revista magazinesca, o *Jornal das Moças* se distingui do

gênero textual jornal muito mais pelo conteúdo do que pelo seu formato. Ainda que com aspectos formais semelhantes, principalmente durante os primeiros anos, a revista destoava do gênero textual jornal por ter em seu conteúdo uma maior variedade de assuntos, principalmente no que dizia respeito à ficção, à poesia e a outros tipos de texto de entretenimento. Segundo Buitoni (1990), apesar das diferenças no conteúdo, essa divisão entre revista e jornal ainda não era muito clara para editores e leitores no começo do século XX, exemplo claro disso é o *Jornal das Moças* que tem lado a lado em seu miolo textos de opinião e discussão de ideias, por exemplo, e o noticiário mundano e social.

Ainda quanto à forma, suas dimensões compreendiam 19 cm X 27 cm e o número de páginas variava entre 60 e 70, quando não excedia por conta de números especiais integrados ao corpo da revista. No início, a impressão era feita em papel jornal, porém aparecem variavelmente algumas páginas em papel *couché* de baixa qualidade, as quais, normalmente, estavam posicionadas no meio da revista a fim de destacar fotos da sociedade carioca nos mais diferentes eventos ou situações. Quanto ao tempo de duração, foi publicada entre 1914 e 1968, passando por diversas transformações de formato e conteúdo. Para fins de análise, esta pesquisa se atém somente até a publicação de número 810 de 25 de dezembro de 1930.

Em maio de 1914, o *Jornal das Moças* começa com tiragem quinzenal, no entanto, após seu amplo aceite pelo público, torna-se, a partir da segunda metade de 1916, semanal, continuando assim até o seu fim em 1968. Além da tiragem, o valor de venda também sofreu alterações no decorrer dos anos. No primeiro ano de publicação, sai às ruas taxada sob a moeda de maior valor da época, quatrocentos réis (Rs 400). Esse valor foi aumentando gradativamente e ao final da última edição de 1930, a revista tinha seu valor taxado em mil-réis (Rs 1\$000). Esses valores demonstram que para se obter a revista era necessário possuir alto poder aquisitivo, o que não condizia compreendia as camadas mais populares, logo, acreditamos que o *Jornal das Moças* era produzido para um público não só com capital cultural mais alto como também monetário.

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno 10\$000
 Semestre 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis ; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remetidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida (provisoriamente) para a Avenida Rio Branco, 180 (Officinas), endereçada a F. A. Pereira.

D'ora avante não restituiremos as photographias que nos forem remetidas, as quaes ficarão pertencendo ao archivo do *Jornal das Moças*.

Responderemos, com a maxima solicitude, ás consultas feitas pelos assignantes, sobre qualquer assumpto que lhes possa interessar e de accôrdo com o programma do *Jornal das Moças*. As respostas poderão ser dadas por carta, desde que a consulta ou pedido de informação seja acompanhado de um sello do correio para franquia postal.

Figura 17 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915, p. 5.

Quanto à posse do *Jornal das Moças*, entre os anos de 1914 e 1930, a revista passou por cinco situações distintas. Diferentemente de outras pesquisas e referenciais bibliográficos que afirmam que o *Jornal das Moças* tem início com os irmãos Álvaro e Agostinho de Menezes, o que podemos concluir após profunda e profícua pesquisa acerca do material é que o periódico não tem sua fundação com os citados irmãos. A partir de um olhar mais preciso sobre os primeiros exemplares, podemos notar nas especificações do expediente da revista que o primeiro nome acusado como diretor-proprietário é o do Comandante F. A. Pereira, editor responsável pelos dois primeiros anos de vida da revista. A partir de abril de 1916, a revista anuncia uma nova fase junto a um novo diretor-proprietário, o senhor F. A. Pereira Junior. Não há fontes nem mais informações sobre o primeiro e segundo nome, porém acreditamos que em virtude da proximidade dos nomes, há um grau de parentesco entre um e outro, levando a pensar que F. A. Pereira Junior possa ser filho do Comandante F. A. Pereira, herdando o editorial da revista de seu pai em 1916. Em 22 de junho de 1916, após três meses sob a direção de F. A. Pereira Junior, a revista é reformulada e em seu expediente consta como sendo propriedade da Agência Cosmos, sem identificação nominal de

pessoa física. Sete meses após aparecer o nome da Agência Cosmos no expediente da revista, em 4 de janeiro de 1917, o expediente do *Jornal das Moças* novamente sofre mudanças e passa a não publicar qualquer informações sobre proprietários, formato adotado até a data de 25 de outubro de 1923, quando entram em cena os nomes dos irmãos Álvaro de Menezes e Agostinho de Menezes, editores e proprietários da revista a partir dessa data, assim como do secretário J. Sylva Castro, todos vinculados ao nome de Empresa Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda.

Mesmo com a constante troca de editores e proprietários da revista entre os anos de 1914 e 1930, a revista manteve sua essência intacta em relação aos objetivos propostos inicialmente pelo periódico (assuntos domésticos, como decoração da casa, culinária, noções de higiene e beleza, bem como notícias mundanas sobre o cenário artístico, cultural e social no Brasil e na Europa; propagandas de produtos diversos). Segundo o editorial da revista do ano de 1955, o qual rememora a história e a verve do *Jornal das Moças*, este nasceu com o intuito de:

(...) de ser para o lar, para a mulher na sociedade, ou 100% para a família, desde 1914. Esperamos, assim, que as nossas leitoras queridas e tão amáveis sempre em nossas iniciativas, que compreendam a nossa situação e continuem a dar o seu amparo, a nossa jornada através dos tempos, servindo a família, com os nossos conselhos, e os nossos trabalhos, porque são os grupos de famílias que formam uma pátria forte e respeitada (EDITORES, 1955, p. 18).

Destaca-se desse modo que as opiniões presentes no *Jornal das Moças* são um bom exemplo de como se constroem as aspirações sociais correspondentes ao gênero feminino no começo do século XX, principalmente no que diz respeito ao casamento, ao amor, à higiene corporal, à família. Portanto, tudo aquilo que atinge a participação exitosa das mulheres dentro de seu lugar social posto pela cultura patriarcal.

Outro ponto relevante a ser discutido, e que será em capítulo específico, são as capas. De 1914 a 1930 as edições da revista primam por capas que estampem fotografias de suas leitoras. Obtidas pelo *Jornal das Moças* por meio do envio voluntário das próprias consumidoras da revista, as fotografias das capas eram estampadas em preto e branco, em papel jornal ou *couché* de baixa qualidade, sendo que grande das senhoras e senhoritas estampadas nas capas da revista são de círculos sociais mais

abastados e elitizados da sociedade carioca e brasileira. Segundo Nukácia Meyre Araújo de Almeida:

A iconografia das capas traz sempre mulheres elegantes. Olhares, sorrisos e poses insinuam hierarquia de classes e individualização. Os olhares vivos ou lânguidos, as mãos colocadas nas partes do corpo para as quais se quer chamar atenção (quadril, cintura, pescoço), os trajés longos ou mais curtos, com ou sem decote, os acessórios (brincos, colares, echarpes) e o ambiente em que se encontram as modelos, internos ou externos, tudo lembra sensualidade e altivez (ALMEIDA, 2008, p. 132).

Assim como a capa, a página dois, a última página e a capa externa, ou quarta capa, também são em papel jornal ou *couché*. A página dois (o verso da capa), até 1930, trazia também fotografias de leitoras ou de encontros e eventos sociais, como os da capa. A terceira capa (anverso da contracapa), por sua vez, trazia anúncios dos mais variados tipos como venda de roupas, cosméticos e até mesmo pianos.

Diferentemente da capa – item presente em todas as edições – o sumário não se apresenta em nenhuma das edições correntes até 1930. Assim, a revista não disponibiliza para seus leitores uma ordem fixa de apresentação das matérias, pois a cada número distribui os conteúdos de forma solta e aleatória, tendo em vista que a revista não possui paginação. Além disso, os dados editoriais da revista também não seguem uma paginação fixa para aparecer, contudo, analisando alguns exemplares, podemos afirmar que aparecem entre a quinta e a décima primeira página, sempre abaixo do título e subtítulo da revista, no qual também constam os nomes dos editores-proprietários, o endereço da redação, o número, o ano de publicação e o valor. Já o expediente da revista, o qual trazia informações sobre assinaturas, distribuição e recebimento pela revista de textos e fotografias de leitores, aparece quase sempre abaixo dos dados editoriais, vez ou outra, em páginas aleatórias da revista. A seguir apresentamos dois exemplos em períodos distintos da revista (FIGURAS 18 e 19):



Figura 19 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 01 de Janeiro de 1915, p. 5.



Figura 18 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 03 de Julho de 1930, p. 11.

Portanto, é visível que o *Jornal das Moças*, no período entre 1914 e 1930, seguiu um modelo magazinesco, definido convencionalmente como um periódico ilustrado, e que por isso mesmo conseguiu reunir em seu interior, de forma entrelaçada e porque não dizer desorganizada – ao pensar na ausência de sumário e paginação – crônicas, entrevistas, reportagens de atualidades, ilustrações, avisos publicitários, contos e novelas, notas da vida social, caricaturas, poemas, entre outros, que chamaram atenção de um público leitor, o qual tornou-se cativo. Nesse sentido, trata-se de uma revista – gênero de publicação bastante maleável enquanto formato e conteúdo – que, apesar da maleabilidade, nunca perdeu sua característica principal: discutir o papel social da mulher, o cotidiano feminino doméstico e os cuidados com a família.

4.3 AS CAPAS COMO PORTA DE ENTRADA PARA A LEITURA

Na manhã de 1º de março de 1915, as cidades do Rio de Janeiro e de Santiago do Chile foram acordadas por um profundo suspiro, alguns até mesmo sentiram um tremor nas janelas, nos frascos de remédios e perfumes nas prateleiras, outros até viram ornamentos despencarem de seus suportes e pássaros em revoadas gritantes. Terremoto! Um pequeno terremoto, foi o primeiro pensamento, mas o “movimento sísmico” que havia sacudido alguns cidadãos naquela frondosa manhã nada mais era que o tremor frenético e extasiante de duas senhoritas a se contemplarem nas capas de suas revistas preferidas.

É fato que esse tremor não aconteceu, não exatamente como descrito no parágrafo acima, mas com certeza aconteceu no âmago do peito de *Mlle. Lili Santos* quando pode se ver estampada na capa do *Jornal das Moças*. Esse mesmo tremor também deve ter afligido o coração e a mente de sua contemporânea chilena, infelizmente não identificada pela revista, quando se notou pela primeira vez, bem como na segunda e na terceira, na capa da revista *Familia*.



ço de 1915.



Figura 21 – Família. Santiago de Chile: Marzo de 1915.

Ambas foram as moças da capa do mês de março de 1915, ambas foram a porta de entrada, o convite para a construção de imaginários em relação à mulher e à identidade nacional presentes naquele começo de século XX, no qual as mudanças em relação às revistas e o público feminino se observavam principalmente em detrimento às operações de tematização dos editoriais, na inclusão de títulos, na multiplicação dos modos e usos das imagens, nas articulações enunciativas, nos estímulos ao interior da revista, entre outros. As capas das revistas (como

dispositivo técnico) apresentaram desse modo, ao largo das três primeiras décadas do século XX, grandes momentos diferenciais enquanto modalidades discursivas que, além de apresentar a revista ao público em geral e específico, também funcionaram como dispositivos discursivos e como ferramentas ideológicas do feminino e para o feminino. Para Scalzo,

(...) todo o conteúdo registrado nas páginas de uma revista é determinado pelo público leitor, pois sua elaboração se dá exclusivamente de acordo com seus interesses e, por conseguinte, mesmo inconscientemente, é este leitor que contribui para criar, formatar e dar características únicas a linguagem verbal e não verbal da sua revista preferida (SCALZO, 2006, p. 61-66).

Uma capa de revista é, portanto, um processo de combinação entre imagem e texto. No caso das duas revistas analisadas, *Família e Jornal das Moças*, os editores sabiam da importância de unir o nome de suas publicações ao público alvo e, por isso mesmo, forjaram a identidade das duas revistas dando-lhes nomes e caras que iam ao encontro da filosofia e do ponto de vista de seus leitores. Afinal, as pretensas leitoras brasileiras e chilenas de começo do século XX viviam um contexto histórico-social singular devido à modernidade que as classes sociais mais abastadas almejavam instituir tanto no Brasil quanto no Chile, e por tal razão as revistas femininas encamparam a ideia de orientar o público leitor feminino nos modos de ver e viver a nova realidade que as cercavam. A cada edição lançada, a leitora poderia encontrar já nas capas das revistas sinais identitários familiares à sua visão de mundo. Desse modo, as capas funcionavam como chamariz em uma armadilha pronta para capturar a sua presa. Para Fátima Ali,

A capa é um anúncio que, quando competente, faz o leitor comprar o exemplar da revista; é o elemento isolado mais importante para estabelecer a sua imagem; é provavelmente a primeira e a melhor oportunidade de atrair o leitor na banca, fazer o assinante abri-la no meio da correspondência, ou despertar o interesse de um novo anunciante; tem um papel importante no lucro da publicação, porque boa parte da compra de

revistas acontece por impulso (...). (ALI, 2009, p. 68)

Um chamariz tão competente que os transeuntes que passavam em frente às bancas de jornais nas primeiras décadas do século XX e pousavam seus olhos sobre as edições recém impressas não tardavam em querer adquiri-las. As publicações destinadas a falar sobre a modernidade latente do começo do século e principalmente sobre o papel das mulheres nesse novo cenário encontraram um público cativo e ávido por informações. As revistas femininas, para manter seu público fiel e constante, precisavam pensar esses impressos para além de um projeto editorial formativo e informativo, precisavam de um projeto gráfico, e por projeto gráfico entendemos a forma pela qual textos, fotos, desenhos e outros elementos são dispostos nas páginas das revistas, o qual agarrasse suas leitoras pelos olhos e desempenha-se um papel bem prático de “(...) atrair o leitor de imediato e garantir certa harmonia no conjunto final de matérias, propagandas e outros elementos” (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 75). As capas, nesse sentido, destacavam-se dentro do projeto gráfico porque eram a porta de entrada da revista e tinham como objetivo fazer com que os leitores desejassem levá-la consigo. Para Scalzo, “(...) uma boa revista precisa de uma capa que a ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa (...) precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor.” (SCALZO, 2003, p. 62).

Para todos os efeitos, as capas de revistas são o que dão sentido ao emaranhado de publicações em uma banca de revistas porque, como dispositivo técnico, apresenta diferenciais na forma discursiva de sua configuração. Cingolani considera que as capas, por sua condição de dispositivo técnico, funcionam como um disparador que atrai o leitor para si:

(...) que aquí podemos sintetizar en que, a lo largo de un desplazamiento (corporal, visual), un transeúnte, un caminante del espacio urbano, puede reconducirse a prestar su atención a una o varias tapas al pasar frente a un kiosco de diarios y revistas, o, en su ámbito doméstico, interrumpir su actividad y sumergirse en la apertura y examen de un ejemplar de diario, semanario, libro, etc. Para ello hemos utilizado una analogía, tal vez caprichosa pero bastante útil. Decíamos entonces que la tapa de un semanario, en alguno de sus

aspectos, opera como una puerta (CINGOLANI, 2008, p. 84).

Nesse sentido, as diferenças entre as capas e o interior das revistas podem ser vistas principalmente nas operações de tematização, na inclusão de títulos, na multiplicação dos modos de uso das imagens, nas interligações entre o externo e o interior do exemplar, entre outros tantos. Portanto, a capa é a página que compete diretamente com tudo que está a seu redor, ela é por si mesma um anúncio, é ela que vai expor e vender o conteúdo, e por isso mesmo o consumo do exemplar está diretamente ligado a suas características editoriais, ao seu conteúdo. Segundo William Owen (1991), a melhor capa de uma revista é a capa memorável, a capa que se recorda. Nessa perspectiva, as capas escolhidas para abrir essa seção e as moças que aparecem nelas, nos mostram que algumas técnicas foram usadas para torná-las memoráveis tendo em vista que, para além do aspecto formal das capas, no qual está incluso seu nome, seu logo e suas informações básicas em áreas restritas, os editores seguiram o que se considera efetivo para chamar os olhos do público para suas revistas naquele momento: fotografias de moças ou senhoras que ocupam a capa quase em sua totalidade, geralmente fotografadas da cintura para cima e com os olhos fixos na câmera, pois o contato visual reflete as aspirações físicas e sociais do público objetivado, bem como evoca o sentimento de estar visualizando uma grande personalidade. As fotografias nas capas do *Jornal das Moças* e da revista *Família* tem como intento despertar o interesse dos leitores, dos consumidores, como bem coloca Scalzo, “(...) em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor” (SCALZO, 2003, p. 63).

Sendo assim, as capas de revistas são a porta de entrada para este estudo. Por isso mesmo, uma reflexão sobre elas é de suma importância para entendermos como esses dispositivos técnicos estampados com textos e imagens obtêm sua integral definição dentro da conjuntura de sua publicação.

Com base nos estudos do historiador francês Roger Chartier, a importância de se ponderar o texto no cerne da materialidade em que é oferecido a ler, é precisamente porque esta materialidade na maioria das vezes é um objeto ou um impresso que convém de base ao texto, constituindo assim parte essencial dos sentidos causados durante a leitura desse texto. Para o autor:

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor (CHARTIER, 1990, p. 126).

Seguindo a linha de raciocínio do historiador francês, o estudo dos impressos deve ser dirigido com cautela, porque analisa uma fonte impressa em que a disposição tipográfica demonstra uma finalidade editorial e porque pode aparecer no próprio suporte os modos de ler um texto (CHARTIER, 1990). Se partimos da ideia de que a realidade não é dada, mas arquitetada socialmente, as representações sociais presentes nas capas do *Jornal das Moças* e da revista *Família* podem ser apreendidas como construções sociais da realidade. Logo, as capas não são simples “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas antes uma composição de valores e conceitos, cujo o papel fundamental seria a de conduzir os comportamentos admitidos e esperados socialmente (MOSCOVICI; NEMETH, 1974).

4.3.1 As capas do *Jornal das Moças* e da Revista *Família*

Jornal das Moças e a Revista *Família* tem em sua composição aspectos tipográficos que mostram o anseio desses periódicos em estar a serviço dos “bons costumes” e da “família estável” (PINSKY, 2014). Como formadoras de opinião, essas revistas femininas não estavam relegadas somente às mãos das mulheres que a buscavam como mídia informativa e de entretenimento. Muitas vezes o periódico, como formador de opinião, ultrapassava o público feminino e acabava como leitura de toda família, nela incluso homens e crianças. Grande parte dessa troca de mãos na família, em relação às revistas, se dá justamente porque

tanto nas capas quanto no seu interior, o conteúdo tipográfico enchia os olhos com seu *corpus* carregado de fotografias e propagandas que influenciavam diretamente nos modos de ser, agir e consumir.

A capa, porta de entrada para o miolo da revista, tem destaque privilegiado nas diferentes edições das duas revistas, seus aspectos tipográficos denunciam o seu público e a sua intenção em relação a esse público. Em uma primeira leitura panorâmica das capas, o primeiro item que nos chama atenção e merece uma análise mais aprofundada refere-se ao título da publicação. Para entender a importância desse item, a reflexão de Vieira é válida pois, para ele, o título é o:

(...) primeiro elemento percebido pelo leitor em seu contato com a revista, (...) tem como função antecipar a perspectiva adotada, direcionando o leitor em sua leitura, a fim de que se adapte à forma idealizada pelo autor, assumindo as características, por ele determinadas, que se materializam na forma de configuração do texto (...) (VIEIRA, 1998, p. 128).

As capas do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, desde suas primeiras edições até os números finais do recorte temporal aqui escolhido, seguem um mesmo padrão estético apresentando poucas variações. No que se refere ao título dessas publicações, encontra-se na maioria dos casos, na parte superior da capa, uma forma padrão frequente para as revistas da época. Porém, em algumas edições, nota-se certa liberdade na composição das capas, dispondo-o em outros locais além da parte central superior, passando a ocupar a parte inferior, bem como os cantos da página. Muito dessa alteração da localização do título em algumas edições ocorre em virtude da composição deste com fotografias ou pinturas de senhoras e jovens da sociedade carioca e chilena, em panoramas que remetem principalmente ao ambiente caseiro e familiar ou a paisagens urbanas e rurais que denotem a presença da feminilidade por meio de um jardim com flores ou uma sala de estar aconchegante ricamente adornada.

Notamos também que a revista *Familia* manteve seu título até a metade da década de 1920 com uma única caracterização, percebida nas capas do periódico chileno pela sua disposição na parte superior da capa, horizontalizado, com letras garrafais sóbrias. Depois desta data, o título da revista é reformulado, flutuando na capa conforme a imagem usada e agora escrito em letra cursiva mais rebuscada. No caso do *Jornal das*

Moças, o título nasce com letra cursiva, mas, no decorrer de suas edições, altera entre essa fonte e a garrafal, sempre de forma rebuscada, interagindo também com as imagens e outros adereços chamativos como flores, corações ou cupidos. Itens que dão dicas ao público leitor das principais temáticas, de teor sentimental e romântico, abordadas no interior da revista.

Nas duas revistas, até 1930, não há em suas capas chamadas para os suplementos internos ou títulos dos conteúdos abordados. Para além da imagem e do título com seus adereços e rebuscamentos, o que aparece também nas capas é o preço da revista, ano, número, data e cidade onde ela foi produzida. Também comum às duas publicações, as fotografias e imagens presentes nas capas apresentam, em sua totalidade na *Familia*, e menos no *Jornal das Moças*, imagens com bordas nas quais suas dimensões ocupam mais que a metade da capa inteira. Tanto uma quanto outra não usavam o espaço da capa para as chamadas sobre os conteúdos das edições, mas usavam o espaço como um porta-retrato espelho, no qual as imagens ali postadas refletiam aquilo que as leitoras eram ou desejavam ser. Essas imagens tinham a responsabilidade de chamar o leitor até a revista e fazer com que ele descobrisse por conta própria o que estava sendo veiculado nas revistas somente após folhá-las.

Logo, o fato das duas revistas permanecerem por um longo período sem modificações gráficas radicais, mantendo o modelo que chamamos de porta-retrato espelho, explica-se nas palavras de Mayra Rodrigues Gomes quando afirma que:

(...) uma vez estruturada e apresentada certa configuração de capa raramente efetuam-se transformações sobre tal configuração pois isto significaria romper com uma espécie de pacto baseado em expectativas de unidade e serialidade das formas com as quais o leitor se empataza (GOMES, 1992, p. 32).

Produzida para um amplo público leitor de moças e mulheres casadas, as capas do *Jornal das Moças*, até os primeiros anos da década de 1920, quase sempre expunham uma única modelo, na maioria das vezes desconhecida, sem exibir qualquer nota sobre o teor de suas páginas. Aproximadamente nesse período, tornou-se comum em suas capas encontrar artistas de cinema sobretudo dos Estados Unidos. Algo que diferencia o *Jornal das Moças* da edição chilena é que tanto a sua capa quanto a maioria de suas páginas era impressa em preto e branco,

extremamente raro encontrar no seu interior algumas ilustrações, propagandas, ou alguns moldes de costura coloridos.

A revista *Familia*, apesar de ter preferência por pinturas retratando mulheres em espaços domésticos, lendo ou denotando seu caráter maternal, também no decorrer do período entre 1910 e 1928 usou fotografias de mulheres para estampar suas capas com o modelo de presença feminina que achavam ideal. Ao contrário da revista carioca, suas capas tinham uma qualidade de impressão muito superior e, desde o seu início em 1910, suas capas foram impressas abusando das cores. Também em seu interior se encontravam páginas coloridas, mas em grande parte os textos e imagens eram impressos em preto e branco, aparecendo mais para finais da década de 1920 algumas páginas em tonalidades monocromáticas em tons de verde e rosa.

Dos quesitos técnicos para o teor das imagens das capas do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, o que podemos notar é que em relação ao primeiro periódico, a preocupação do mesmo era estampar, pelo menos até o começo da década de 1920, fotos de modelos femininos da aristocracia carioca que representassem o ideal moderno do momento, modelos que de acordo com uma chamada no editorial da revista, dá a entender que eram em grande parte as próprias leitoras que figuravam nas capas da revista (FIGURAS 22 e 23).

Temos algumas photographias e trabalhos de nossos amáveis leitores, que, por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar. Damos sempre precedência á collaboraçãõ dos assignantes. D'ora avante não restituiremos as photographias que nos forem remettidas, as quaes ficarão pertencendo ao archivo do *Jornal das Moças*.

Figura 22 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 1º de Novembro de 1914.

Aceitamos a collaboraçãõ graciosa das leitoras do **Jornal das Moças**. Não nos compromettemos, porém, a devolver originaes não publicados.

Figura 23 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 1º de Julho de 1914.

Além das fotografias, outros pontos interessantes no que toca as imagens das capas é a presença dos cupidos, corações e flores emoldurando as fotografias das modelos, algo que denota talvez um sugestcionamento daquele espaço no qual as leitoras surgem como futuros pares românticos (FIGURAS 24, 25, 26 e 27).



Figura 24 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914.



Figura 25 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915.

955

Sra. ALCINDA RODRIGUES PEREIRA

• PREÇO
400
REIS •

RIO, 26 de DEZEMBRO
de 1918

*Berthelima
1918*

Jornal das
Moças

ANNO VI Nº 184

Figura 26 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 26 de Dezembro de 1918.



Figura 27 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 25 de Dezembro de 1919.

Já em finais dos anos 1920, a influência do cinema já se faz presente na revista, visto que as capas antes ocupadas por senhoras e jovens da sociedade carioca dão lugar a personalidades da vida social da capital federal e a atrizes e atores hollywoodianos. Ter uma atriz ou ator de renome na capa, ou uma figura da alta sociedade demonstrava a importância da revista e seu reconhecimento. Além disso, faziam crer as leitoras que elas podiam inspirar-se e parecer-se com esses personagens em suas atitudes ou em seus comportamentos (FIGURAS 28, 29 e 30).



Figura 28 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 24 de Agosto de 1922.



Figura 29 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 16 de Setembro de 1926.



Figura 30 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 14 de Agosto de 1930.

A revista *Familia* destinava suas capas recheadas de pinturas coloridas e fotografias especificadamente a um público composto pelas donas de casa do campo e da cidade, filhas de família, mulheres da sociedade e mulheres que trabalhavam. Por ser reconhecida como uma verdadeira enciclopédia do lar moderno, dona de um repertório de conhecimentos úteis e procedimentos práticos, os quais aludem principalmente sobre questões relacionadas às novas realidades e necessidades das famílias chilenas, as quais estavam vivendo um momento de transformações; as imagens das capas da revista *Familia* dedicavam-se, portanto, a representar as jovens enamoradas, as mães, as avós, as futuras mães, os futuros filhos e também os pais.

Sendo assim, naquele momento, a novidade era o carro chefe que preenchia as páginas das revistas. Mostrar-se atual era necessário e aquilo que era posto como novo era usado sem escrúpulos (BUITONI, 1990). No entanto, mesmo transmitindo os novos ventos das mudanças da modernidade, os temas recorrentes das revistas femininas ainda eram o lar, o matrimônio e a maternidade.

A imprensa feminina de entretenimento situava o espaço doméstico como um ambiente de constante discurso simbólico, onde as mulheres construíam uma relação de cuidado com todos os integrantes do lar, mas não com sua própria satisfação. O lar era considerado o local natural das mulheres e o casamento o estado natural que as mulheres deveriam alcançar (SEGALIN, 2017). Assim, elas poderiam desempenhar três papéis na sociedade naquele momento: o de esposa, o de mãe e o de educadora. Papéis que ficam bem explícitos nas imagens das capas da revista *Familia* (FIGURAS 31 a 38).

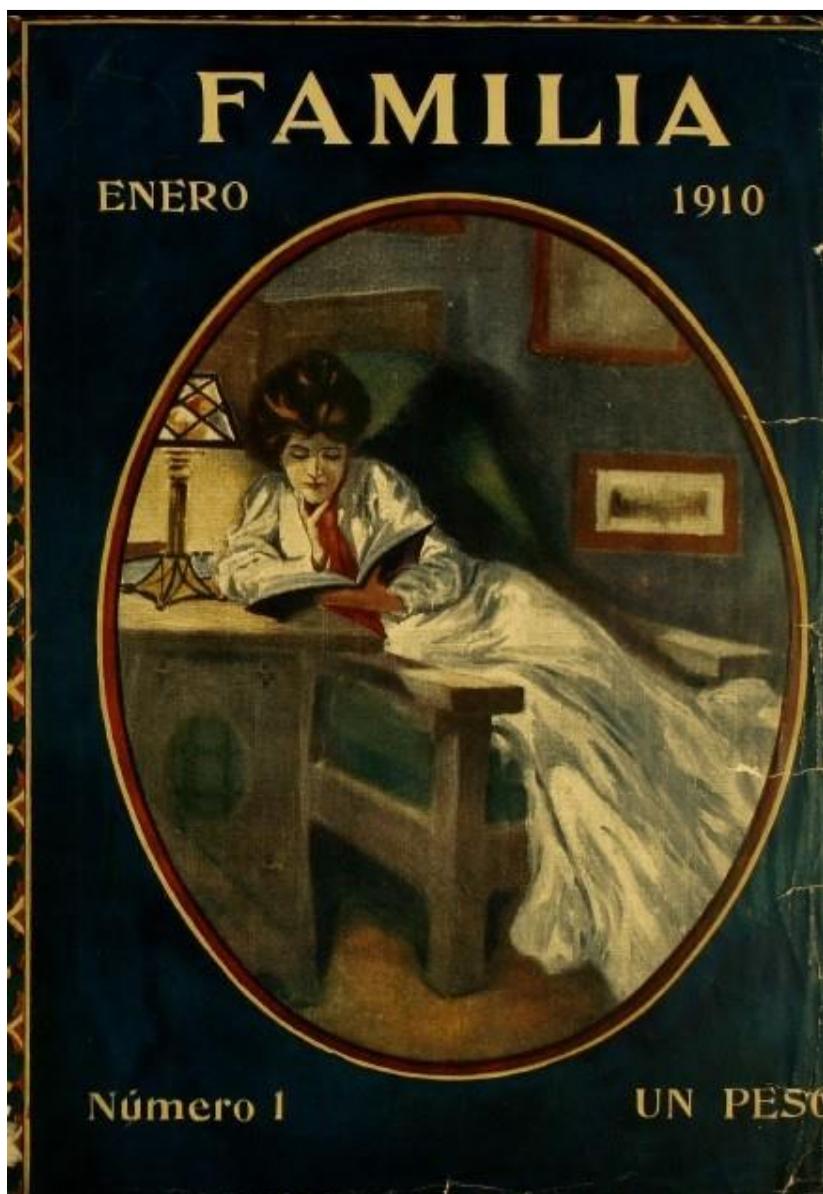
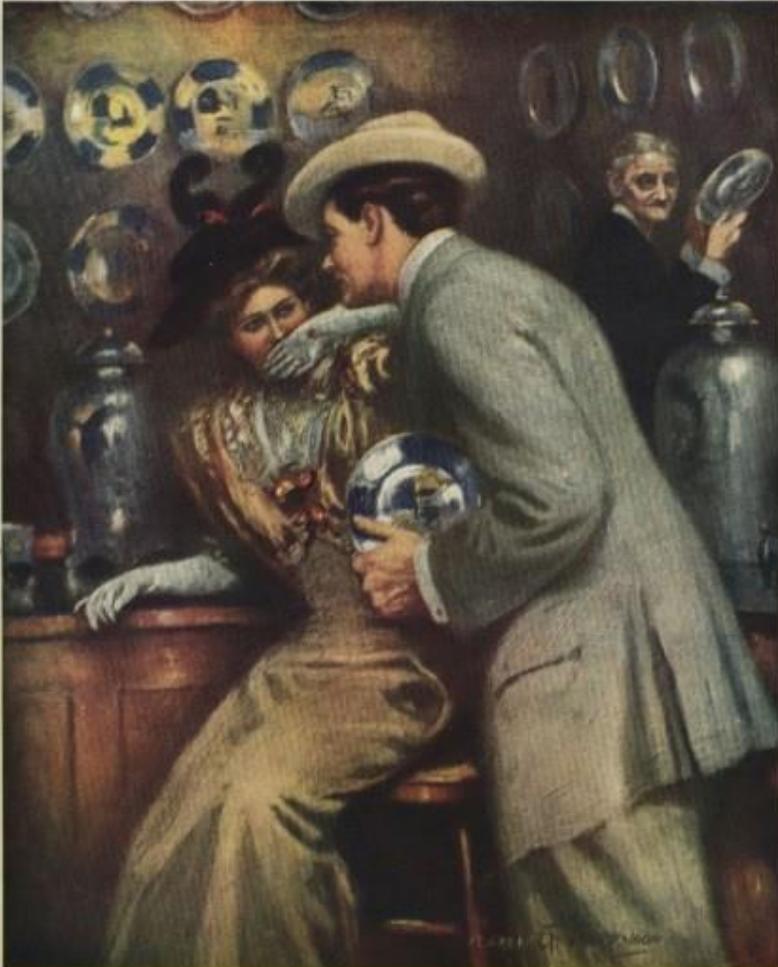


Figura 31 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1910.

FAMILIA



Año III.-Núm. 37

ENERO

Precio: UN PESO

Figura 32 – Familia. Santiago de Chile: ENero de 1913.

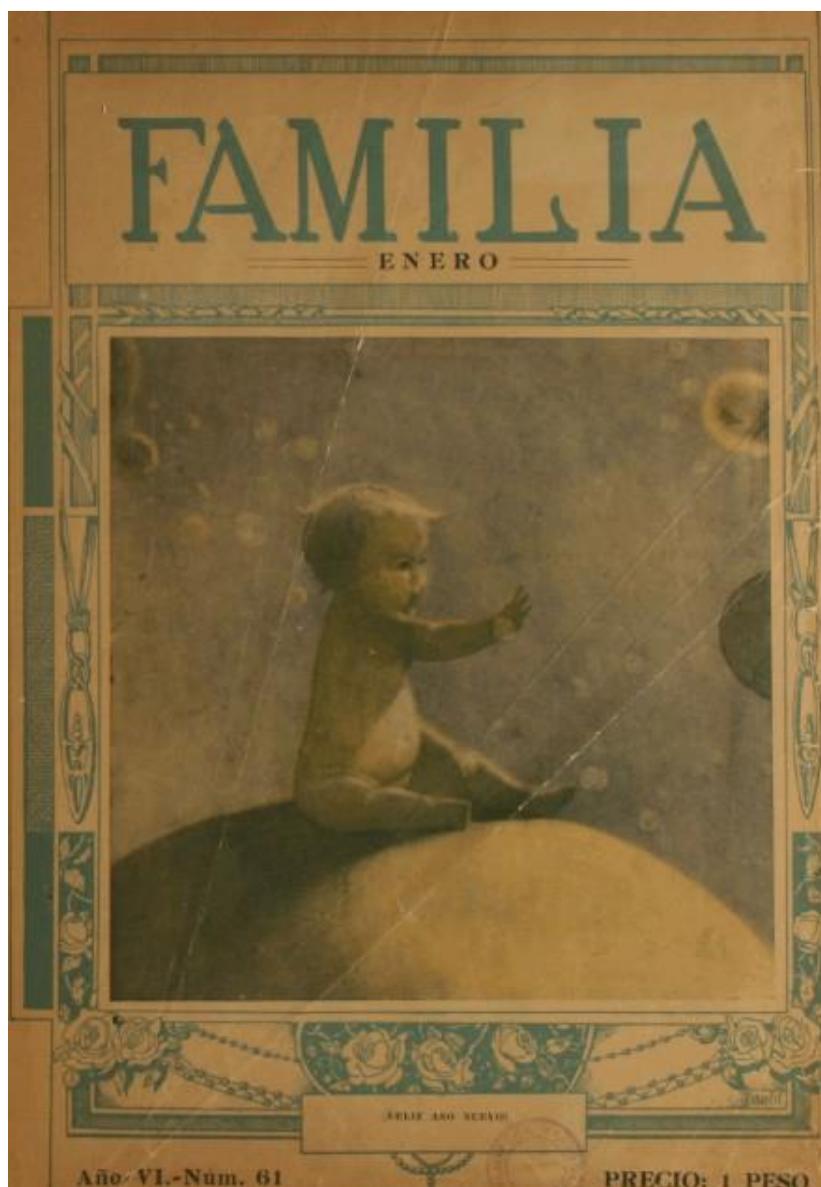


Figura 33 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1915.



Figura 34 – Familia. Santiago de Chile: Marzo de 1920.



Figura 35 – Familia. Santiago de Chile: Junio de 1922.



Figura 36 – Familia. Santiago de Chile: Febrero de 1925.

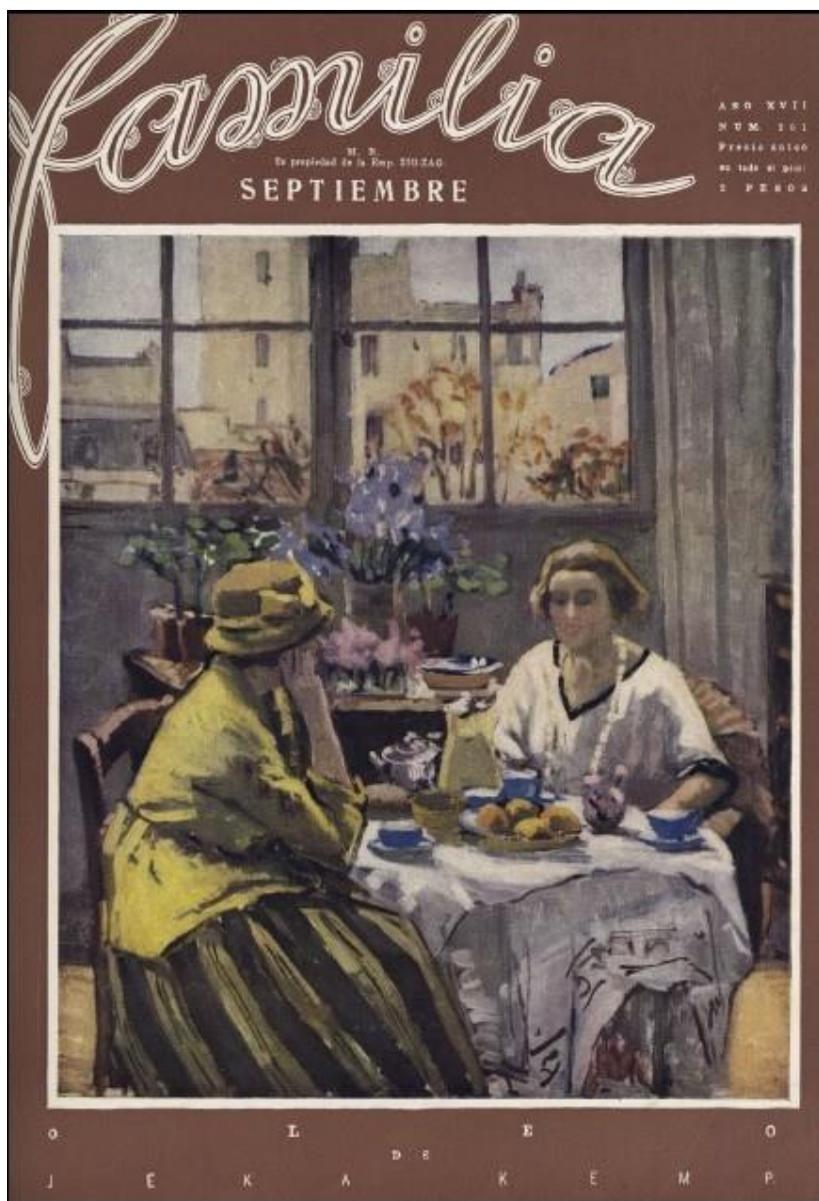


Figura 37 – Familia. Santiago de Chile: Septiembre de 1926.

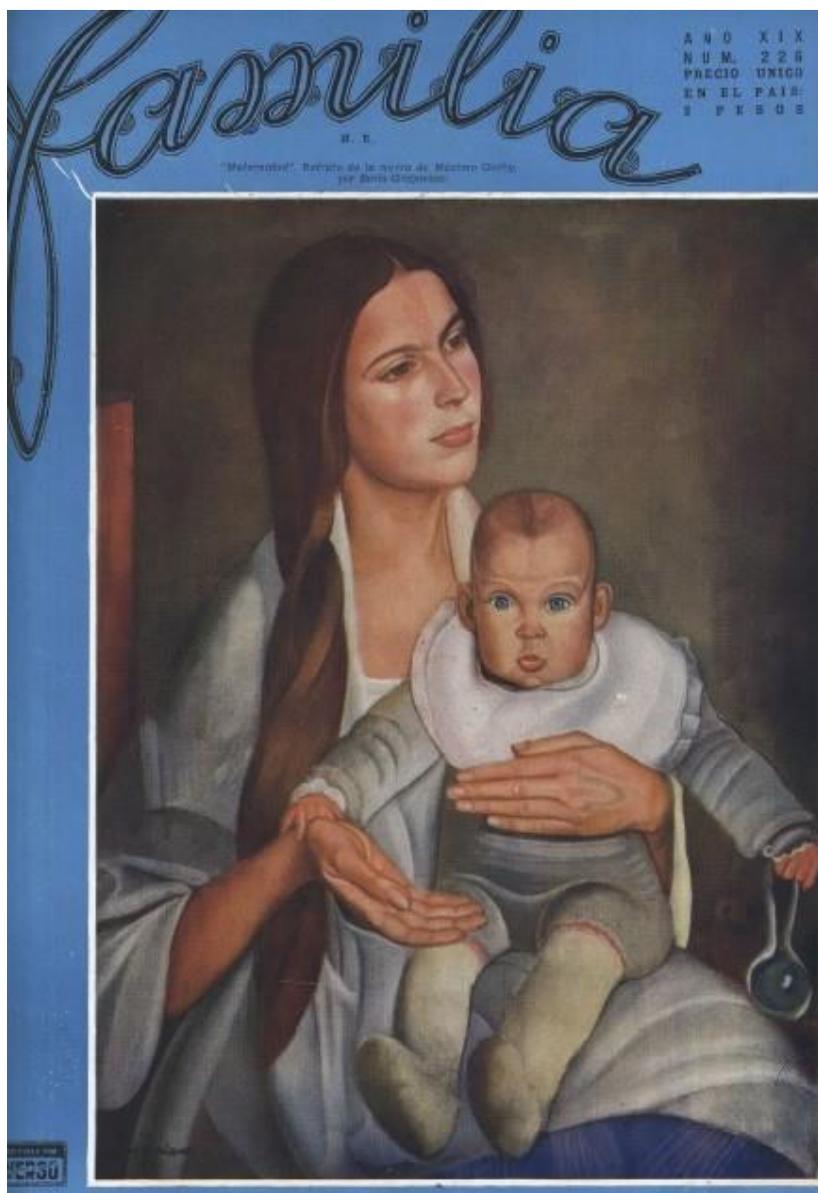


Figura 38 – Familia. Santiago de Chile: Octubre de 1928.

A preocupação dessas revistas era subsidiar suas leitoras com conselhos que as fizessem conseguir um casamento feliz e sobretudo mantê-lo, além de ser uma boa mãe para seus filhos, educando-os para a nação. A educação matrimonial e maternal era discutida nas páginas desses periódicos incansavelmente, de forma a naturalizar o posto da mulher como de mãe e esposa. Intentando auxiliá-las nessa tarefa, produziram textos de caráter educativo por meio de revistas modernas, que corroboravam com um discurso conservador, o qual foi linha mestra para grande parte de seu público leitor.

5 SEÇÕES, TEMAS E GÊNEROS: O MIOLO DAS REVISTAS E O PROJETO IDEAL DE MULHER

A imprensa é a artilharia do pensamento.
Antoine Rivarol

A imprensa é o dedo indicador.
Victor Hugo

Entre os anos de 1900 e 1930 circularam no Brasil e no Chile várias revistas cujo o público alvo era principalmente as mulheres donas de casa. O *Jornal das Moças*, publicação carioca distribuída em abrangência nacional, e a revista *Família*, originária de Santiago do Chile, também com circulação nacional, foram pioneiras no sentido de dar espaço midiático ao público feminino, proporcionando muitas vezes às suas leitoras a participação autoral ou anônima nos debates acerca do que era considerado, naquele contexto, como questões femininas.

No caso específico do *Jornal das Moças* e da revista *Família*, esses dois periódicos eram editados para uma classe específica: a elite nacional. Em suas publicações reproduzia-se a imagem de uma mulher em princípio coerente com a realidade das relações de gênero da época: filha, esposa e mãe submissas ao patriarca da família. Desse modo, as revistas se configuraram como ferramentas de transmissão das relações de poder entre homens e mulheres, influenciando formas de pensamento, de aceitação ou resistência, o que por sua vez seriam aproveitadas consciente ou inconscientemente por seus leitores e leitoras.

Dessa maneira, as revistas reverberavam um discurso dominante para dar saída as problemáticas que então interessavam ou deviam interessar as próprias mulheres. Essa imprensa especializada ressaltava três dimensões fundamentais para atingir o público a que se destinava: 1) a informação, 2) a educação e 3) o entretenimento, ainda que nem sempre fossem relacionados em suas complexidades (BRIGGS; BURKE, 2004). Assim, a imprensa formulou um caráter formativo no seu processo de institucionalização baseado em uma pedagogia midiática inerente às revistas femininas, pois mesmo não possuindo um objetivo deliberadamente escolar ou conectada à profissão docente, expressam-se como espaço de educação não formal, permeado pelo debate de ideias pedagógicas e pela diversidade de objetivos educativos dispostos em suas páginas, sejam eles informativos, ideológicos, doutrinários, profissionais, etc. (SANTOS, 2011).

Na América Latina, a partir da segunda metade do século XIX, as mulheres se fizeram presentes no espaço público por intermédio da imprensa feminina (BUTONI, 1990; MARTINS, 2001). Diários e revistas circularam pelas urbes latino-americanas disponibilizando os discursos de mulheres de várias classes sociais e posições ideológicas, galgando um caminho no cenário cultural de inícios do século XX, fato que requer perceber esses veículos midiáticos como parte de um campo de estudos que privilegiam a produção cultural impressa. Com isso, entendemos que as revistas articulam textos escritos, imagens, discursos e práticas, de acordo com os interesses religiosos, jurídicos, políticos e administrativos do espaço ao qual fazem parte, julgando, mudando e reformulando os discursos e práticas do mundo social, o que supõe atos de inteligibilidade dos produtores e consumidores em uma relação dinâmica de transformação social. A imprensa feminina configura-se assim em um espaço de manifestação das vozes, dos projetos, dos anseios e das realidades dos múltiplos atores envolvidos no processo histórico aqui abordado. A compreensão do lugar histórico desse tipo de suporte midiático voltado ao público feminino exige uma visão atenta a relação estabelecida entre a revista e o público leitor à medida que “(...) as revistas femininas veiculam o que é considerado próprio do ‘mundo feminino’ pelos seus contemporâneos. Seu conteúdo é marcado pela história” (BASSANEZI, 1996, p. 15).

Sob a perspectiva da História Cultural e da História da Leitura, as quais permitem entender esses suportes como objetos culturais carregados de construções realizadas por sujeitos sociais, que por si só dão conta das condições de produção que as originaram e que são factíveis de serem consideradas como objetos de análises. Com ela podemos resgatar a heterogeneidade do pensamento da época a partir do ponto de vista de sua circulação, dando assim às leitoras do passado realidade sociocultural. A compreensão das revistas como discurso, seja ele gráfico ou textual, e suporte de discursos, implica aceitar que essas não possuem uma relação transparente com a realidade, visto que se trataria de sistemas construídos segundo categorias, esquemas de percepção e apreciação, regras de funcionamento, que nos levam às condições de produção (CHARTIER, 1991b). Desse modo, o perscrutar minucioso dos suportes textuais em que circularam os discursos presentes no *Jornal das Moças* e na revista *Família* se dá por entendermos que esse pode ajudar na percepção das práticas de leitura,

(...) uma vez que o suporte contribui sobremaneira para modelar as expectativas do leitor. Novas

legibilidades podem, por exemplo, surgir a partir de novas organizações dos gêneros na revista, do contexto em que os escritos são produzidos e circulam, bem como a partir dos leitores a quem se dirigem (ALMEIDA, 2008, p. 119).

O impacto da imprensa em relação aos novos leitores de revistas e jornais, sentiu-se principalmente nas mudanças de mentalidade em relação aos processos individuais de entendimento sobre os novos rumos políticos, sociais, culturais e educacionais. Como bem lembra Beatriz Sarlo, as revistas cumpriam diversas funções, desde expor rupturas estéticas até mesmo propor programas políticos renovadores; em suas páginas se pesavam temas e se mediam os obstáculos dos diversos movimentos sociais, políticos e culturais que estavam em voga (SARLO, 1988). Dentro desse novo cenário cultural, as revistas se transformaram em um instrumento privilegiado de consumo, intercâmbio e intervenção dos discursos modernizadores no cotidiano dos cidadãos. A própria transformação, ou melhor, especialização da imprensa que sai da pequena à grande imprensa, junto à melhoria das técnicas de impressão ligadas a um maquinário específico que permitem um caráter industrial na fabricação dos periódicos quanto um melhoramento estético nas produções das revistas e jornais fazem com que os cidadãos da urbe busquem esses suportes que imprimem a estes um ar ainda mais cosmopolita e civilizado. Para Sodré, “(...) de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da sua função“ (SODRÉ, 1999b, p. 288.). Assim, as revistas teriam o trabalho de divulgar e vulgarizar o conhecimento científico, as mudanças no mundo e na vida cotidiana das massas e dos setores populares, transformações que expandiam as experiências das pessoas na cotidianidade das ruas e do lar.

As melhorias tecnológicas e técnicas inseridas na imprensa chilena e brasileira reverberaram desse modo em uma mudança gradual nas práticas de leitura nesses países, as quais estão amplamente relacionadas às condições econômicas e políticas pelas quais passavam o Brasil e o Chile no período. A crise econômica que adveio após a Primeira Guerra Mundial e que surpreendeu meio mundo trouxe junto certa desconfinança do projeto modernizador, motivada por fatores próprios e externos, articulados a partir da consolidação e naturalização gradual de novas experiências cotidianas do moderno, muito mais de acordo com os novos padrões de acumulação e de modernidade capitalista. No que tange a essas

novas experiências, o surgimento de uma imprensa para o público feminino tem sua explicação nos seguintes fatores:

Provavelmente o surgimento de jornais ou revistas femininas estava relacionado com a ampliação dos papéis femininos tradicionais, circunscritos até então ao lar ou ao convento. E também com a evolução do capitalismo, que implicava novas necessidades a serem satisfeitas (BUITONI, 2009, p. 29).

Essa necessidade encontrou nas revistas femininas da época um meio de difundir uma cultura tradicionalmente do lar e consumista entre as mulheres, capturando-as por meio da vertiginosa proliferação de diversos vestidos, sapatos, perfumes, produtos de limpeza, utensílios culinários, adornos para todos os cômodos da casa, cosméticos e remédios milagrosos como podemos notar nos anúncios a seguir (FIGURAS 39 e 40):

Academia Scientifica de Belleza

Directora: Mme. Campos

Av. Rio Branco 134 (1º andar).

As mais luxuosas instalações da Europa e
America do Sul

Tratamentos *estheticos* por uma autoridade
em assumptos de Belleza e **400** Especialidades
de BELLEZA de fama mundial, premiadas com
o **Grand Prix** que gosam das *sensacionaes*
propriedades magicas de embellezar, rejuvenes-
necer, eternisar a mocidade. Procure conhe-
cel-as. Envie 7\$ recebe um estojo da grande
marca mundial *Rainha da Hungria* que trans-
forma a sua pelle em 3 dias numa Belleza in-
comparavel! Peça catalogo gratis.

Figura 39 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 13 de Setembro de 1928, p. 4.



Figura 40 – Família. Santiago de Chile: Mayo de 1928, p. 43.

O surgimento de novos discursos dispostos a aconselhar as leitoras sobre o cuidado, o embelezamento e os modos de usar seus corpos de fato proporcionaram novas relações entre o público leitor e as dinâmicas de produção, circulação e obtenção de informação. Essas falas estavam alinhadas ao projeto modernizador da época, o qual não se detinha somente nas reformas urbanísticas das alamedas antigas das capitais e os modos de vida já instituídos, mas também na produção intelectual. Assim, já em meados dos 1900 chileno e brasileiro, se destacava o surgimento de um periodismo massivo e comercial que modificou a relação entre o público leitor, as revistas e os donos dos meios de produção. Uma vez que apresentavam em suas páginas uma gama infinita de imagens de produtos variados, aliados a um discurso de venda ágil e convincente, os periódicos tornaram-se um convite sedutor à leitura, impactando e muito a maneira como certos públicos, particularmente o feminino, exerciam suas práticas de leitura.

Segundo Buitoni, a ampliação do mercado consumidor dos países capitalistas fez com que as revistas se tornassem uma

(...) vitrine, geralmente colorida, para anúncios de produtos diversos. A publicidade nos jornais está

mais ligada à duração temporal do veículo (classificados, anúncios de ofertas com datas bem definidas). Já nas revistas, as mercadorias são anunciadas visando criar ou reforçar hábitos de consumo (BUITONI, 1990, p. 18).

O discurso da beleza e da juventude “perpétua” como bem implícitos nas Figuras 39 e 40, trata-se da construção moderna de uma idealização da mulher que perpassa também pela idealização estética. O título da Figura 39, ‘Academia Scientifica de Belleza’, está atrelado à visão moderna do sujeito que crê nos avanços científicos da época como forma de emancipar o homem de visões mágicas que os impedem de racionalizar. Portanto, o enunciado além de estar imbuído do discurso de um tipo de beleza que deve estar atribuído aos modos de expressão do feminino, ainda reveste-se de uma fala científica e pedagógica que tende a gerar efeitos de sentido de veracidade, orientando assim os modos de perceptibilidade e experimentação do feminino. Como exemplo disso, a Figura 40, não só por meio do texto, mas principalmente da representação imagética de uma mulher, demonstra o encontro da fala científica higienista com a padronização de um tipo de beleza e de um comportamento a ser seguido quando induz a preocupação de se manter jovem e bela perpetuamente. Esse discurso, com a representação de uma mulher jovem, com um pescoço hirto, sorrindo de forma doce e lânguida, produz na racionalização do olhar do leitor o sentido buscado pela imprensa e pela empresa a qual anuncia o produto, o querer/dever do feminino pela lascívia, sensualidade e sedução.

Em linhas gerais, não só pelos enunciados comerciais, como também por todo o conteúdo das revistas destinadas ao público feminino, a produção desses impressos não prezava por temáticas que abrangessem todos os âmbitos da sociedade, assuntos como política, ciência, economia e até mesmo cultura eram raros em suas páginas e quando apareciam era de forma muito breve, pontual e desprovidos de criticidade. Os temas carregados de preocupações políticas, sociais e culturais foram então sublevados por temáticas de cunho mais “leve”, portanto, mesmo as mulheres estando inseridas em um contexto no qual houve a abertura de determinados espaços sociais, as revistas, no caso o *Jornal das Moças* e *Familia*, preocupavam-se em carregar suas páginas com conteúdos normatizadores e pedagógicos, no qual o discurso disciplinador reduzia o acesso a informações que não fossem restritas ao lar, à vida social mundana e à estética. Para Sodré (1999a), naquele momento a imprensa nacional sofreu um giro ideológico quando deixou de ser agente

articulador de ideias e críticas sociais para se tornar mero enunciador de entretenimento mundano e alienação ideológica. Tal acontecimento tem a ver com os desejos da sociedade capitalista que não poupa nada nem ninguém para cumprir seus objetivos, no caso, transformar os sistemas de produção de impressos em uma grande empresa que fomente mais lucro e menos ideias.

Por esse viés, as revistas femininas foram componente chave, ou pelo menos importante, na construção e continuidade de certos imaginários coletivos sobre o feminino. As revistas e seus editores elaboraram imagens arquetípicas que as permitiram operar como construtoras de sentido na sociedade, permitindo que cada sujeito socialmente organizado apresenta-se uma representação de si mesmo mediante modos particulares, manifestações de vida, uma maneira de existir. Essas representações, tanto as que cada indivíduo, comunidade ou grupo cria de si mesmo, como também o reconhecimento ou não reconhecimento de estas por parte de outros grupos e comunidades, constituem por sua vez a realidade social (CHARTIER, 1991b).

As características sociais e ideais da mulher adentraram o século XX ainda embaçadas dentro das teorias científicas do século XIX. Dentro do imaginário criado pelas revistas femininas, reforçou-se ainda mais a concepção da feminilidade tradicional, na qual se destacava a moralidade intuitiva da mulher, bem como sua domesticidade, passividade e afeto, contrapondo-se desse modo à figura do homem, macho forte e racional, e nenhum pouco dotado de características que o incluíssem nas atividades do lar. Dessa forma justificava-se a separação das esferas de participação da mulher e do homem na sociedade. Enquanto a mulher, frágil e nervosa, contudo, com mais moral, estava sujeita à vida doméstica, restrita aos afazeres do lar e da família, o homem toma com exclusividade a vida pública, principalmente o campo de trabalho e político (RIVERA, 2005).

Assim, os produtores das revistas bem como seus colaboradores usam a revista como ferramenta ideológica para lançar às mulheres um conjunto de representações temático-figurativas em torno da construção do feminino, que vão se renovando a cada nova edição, sempre com o status de um novo aprendizado, mostrando aos leitores as novas formas de se estabelecer como mulher, o que não impede, sempre que necessário, reforçar os velhos padrões normativos acerca do que é ser mulher (OLIVEIRA; FERNANDES; SILVA, 2009). A ideia da “verdadeira mulher”, aquela que se justifica pela idealização da mulher-mãe e da feminilidade mediante padrões sociais, culturais e estéticos, envolvia as páginas desses impressos de público específico e, do começo ao fim não deixava de assumir seu posicionamento em relação à mulher como

guardiã do lar e um ser para cuidar dos filhos e do marido, cumprindo assim seu papel de cidadã presente com as convicções da nação moderna.

O modelo de mulher anteriormente assinalado é difundido no período em variados espaços que vão além das paredes do lar e dos conselhos da família. A educação, a religião, a literatura e a imprensa em geral são uma grande ferramenta ideologizante, que reforçam os sistemas de crenças e valores da sociedade daquele momento. As revistas femininas voltadas às mulheres das elites mostram os estereótipos constituídos no contexto da época. Dentro das revistas surgem diversas seções exclusivas de orientação da mulher, que a ensina a ser melhor mulher, melhor mãe e melhor esposa, porém, paradoxalmente a esse pensamento, podemos encontrar outras formas de pensar, que, como assinalado anteriormente, surgem devido a situações diversas que conversam com o atual momento e evento que o pede.

Nesse processo de ampliação dos papéis femininos, as revistas femininas exploravam cada vez com mais frequência a importância das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, principalmente pós-guerra, e que posicionavam as mulheres como atores sociais cada vez mais presentes e importantes, rompendo com os longos anos de dominação masculina. Em julho de 1920, uma publicação da revista *Família* defende a ideia de que:

(...) la mujer, súbitamente despertada por el estruendo de la gran guerra, se ha desembozado de la apolillada capa que envolvía su sueño colonial y al encontrarse cara a cara con la realidad la ha afrontado valientemente invadiendo todas las labores que antes eran del dominio exclusivo de los hombres (A ..., 1920, p. 13)

Por esse discurso, entendemos que as circunstâncias geradas pela 1ª Guerra Mundial direcionaram as mulheres a assumirem responsabilidades que antes lhes eram proibidas. Quando se trata de descrever essa nova mulher, pujantemente invasora dos espaços dominados pelos homens, há uma reinvenção do discurso social da mulher que passa a ser vista não mais como inferior moralmente e laboralmente falando, posto que agora torna-se a “companheira”, a “amiga”, a “prudente conselheira”, bem como a trabalhadora essencial. Contudo, ao final da guerra, é notável que retornam e persistem as visões culturais essencializadoras sobre o feminino, como podemos notar na publicação do *Jornal das Moças* de Janeiro de 1915:



Figura 41 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: Janeiro de 1915, p. 27.

O excerto de texto indica quais eram as reais e principais preocupações que envolviam o redator da matéria que, por não haver identificação, não sabemos afirmar se era homem ou mulher. O fato é que a guerra ainda está em seu segundo ano, e a preocupação que mais reverbera é o quão prejudicial para a moda se faz esse evento. A “paralyzação na vida chic da grande metropole da arte”, devido a uma eminente invasão à França, põe em cheque o movimento da moda e as suas tendências que refletem no mundo todo. A própria representação imagética que compõe o texto mostra como uma jovem mulher em sua casa se coloca a par dos acontecimentos: sentada, sozinha, possivelmente lendo confortavelmente sobre a tendência das saias duplas, o noticiário mundano ou alguma receita culinária. O paradoxo deste texto com o assinalado anteriormente pela revista *Familia*, está no conflito do momento e do lugar em que essas mulheres estão presentes, logo, se a guerra se faz presente e atinge de forma gradual a sociedade, a mulher surge à tona como a companheira indelével do homem, mas, a partir do momento que a mesma arrefece e não põe mais em risco os ideais da

nação, a mulher retorna para o que constitui a moderna figura feminina, aquela restrita à privacidade do lar.

Nesse processo, no qual o progresso moderno urge, a nascente indústria cultural atrelada às revistas femininas tem um papel importante a nível de imaginário social, pois oportuniza uma nova maneira de viver a experiência da modernidade e concebê-la não somente como meta da sociedade, mas como parte de um conjunto de direitos possíveis a se reclamar. As revistas femininas, para as mulheres da elite, estão fundamentalmente associadas ao acesso às manifestações concretas e cotidianas, nas quais muitas delas estão atreladas às transformações tecnológicas e urbanísticas, porém muito mais à ideia de uma boa educação, consumo e a possibilidade de um entretenimento caseiro. Dito de outra forma, as revistas farão parte da vivência e do progresso pessoal e familiar dessas mulheres, progresso medido na modernidade por meio do capital cultural e do consumo de bens materiais no cotidiano.

Nesses periódicos estavam estampadas as intenções de seus editores, assim como suas ideias sobre os interesses do público leitor. Para Eduardo Santa Cruz, as revistas são

(...) estrategias comunicativas conformadas por prácticas de enunciación de determinados sujetos, tanto productores como consumidores, que se consolidaron en la medida que la industria cultural crecía y se ampliaba el mercado informativo y cultural (OSSANDÓN; CRUZ, 2001, p. 33).

Dentro de uma panorâmica feminina, as que estavam dedicadas a esse público, frequentes já desde o século XIX, carregavam o peso de divulgar as formas de socialização idealizadas pela elite a fim de alcançar a modernidade, visto que a mulher, enquanto esposa, dona de casa e mãe era a promulgadora dos ideais da nação moderna dentro do lar.

Temos, portanto, duas revistas de grande alcance e representatividade no universo feminino nestes países: o *Jornal das Moças* no Brasil e a revista *Familia* no Chile. Essas publicações, redigidas e editadas tanto por homens como por algumas mulheres, possuíam uma convergência de opiniões acerca do papel das mulheres no projeto de sociedade que se imaginava, nem sempre na mesma intensidade e com o mesmo alinhamento teórico e pedagógico, mas sempre procurando manter imóveis as estruturas sociais que definiam a posição da mulher no lar, nas ruas e até mesmo nos poucos ramos profissionais em que atuavam.

Em qualquer dos casos, as informações distribuídas pelas revistas se restringia às poucas mulheres que detinham o poder da leitura, determinado principalmente pela sua educação e seu nível sócioeconômico.

Tanto o *Jornal das Moças* quanto *Familia*, foram publicações dedicadas ao público feminino em seus respectivos países, que mostram as particularidades de pensamentos, usos e costumes de suas leitoras. Nesse contexto, é preciso assinalar que a vida cotidiana de qualquer sociedade absorve as transformações de forma progressiva e os adota depois de um processo de apreensão e compreensão absoluto. Assim, entendemos que ambas revistas aqui escolhidas para estudo nos oferecem as características gerais do discurso socioeconômico e cultural daquele período.

Para Bassanezi, “(...) as revistas femininas veiculam o que é considerado próprio do 'mundo feminino' pelos seus contemporâneos” (BASSANEZI, 1996, p. 15), por isso mesmo, a intenção desses periódicos e o público a qual se destinava pode ser notado já em seus primeiros números através de cartas editoriais ou até mesmo pela a escolha de qual “moças” teriam a chance de ter suas fotografias publicadas nas páginas das revistas.

Vejamos primeiramente alguns trechos da carta de abertura da revista *Familia* em Janeiro de 1910 (FIGURA 42):

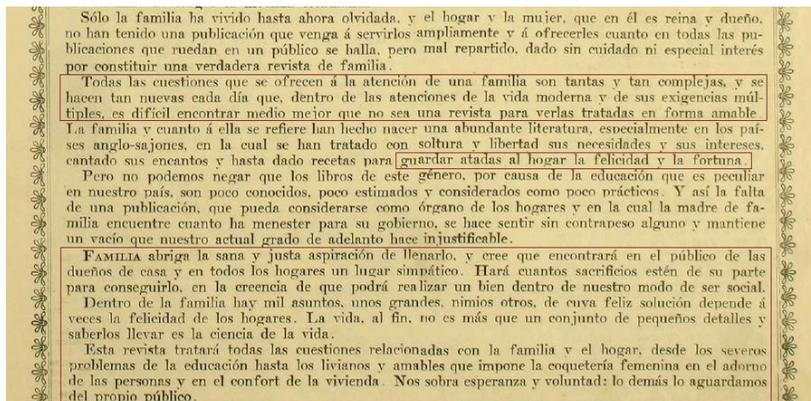


Figura 42 – *Familia*. Santiago de Chile: Enero de 1910, p. 1.

Em uma primeira aproximação com o texto acima, podemos perceber que a revista *Familia* surge, como seu próprio nome sugere, com a intenção de criar um vínculo complexo e forte com as mulheres da sociedade chilena preocupadas em trazer para seus lares e suas famílias a

“felicidade e a fortuna”. Bem-aventurança essa que detinha-se, segundo a publicação, no olhar e no esmero dado aos pequenos detalhes da composição do lar e no trato com as pessoas que ali habitam. A relação almejada entre revista e leitora é então de justamente criar laços profundos e sistemáticos que, por meio da leitura e das imagens, crie um universo feminino pautado em valores e atitudes aceitáveis ao seu meio social. Por esse ângulo, a revista se constitui em um manual para organizar e entender as atividades e as disposições para as mulheres “definitivamente femininas”, em outras palavras, aquelas que punham em prática e promulgavam o discurso da domesticidade da mulher.

O fator normativo é muito presente na revista, seja pela série de textos ou imagens que direcionam para um ideal feminino, seja pelo número de produtos pensados e expostos nas propagandas, anúncios estes preocupados em atingir uma esfera da sociedade consumidora de toda sorte de artigos variados, incluso aí as próprias revistas, feitas explicitamente para esse público leitor. Como receptoras/leitoras de revistas com alta demanda e abrangência pública, a revista *Familia* pode ser vista também como uma ferramenta social onde através dela as mulheres podem se ver como sujeitos com voz ativa dentro da sociedade pois participam enviando correspondências e fotografias que na maioria das vezes são publicadas no periódico.

No entanto, é visível no *corpus* da revista a quase ausência de escritoras em suas páginas. Isso deve principalmente pela tensão criada sobre a profissionalização de escritoras no começo do século XX no Chile, inquietude acompanhada pela forte preocupação com as questões de gênero que despontavam de muitas dessas escritoras. Os bons costumes, didaticamente professado nas páginas da *Familia* se chocavam com a figura socialmente ativa das mulheres intelectuais, por isso a presença destas escritoras não era bem quista pois suas condutas não era um bom exemplo para as senhoras e senhoritas chilenas. Somente a partir da década de 1930 é que a revista *Familia* vai mudar gradualmente suas linhas editoriais, expondo discursos mais críticos e com forte preocupação pelas questões de gênero. Segundo Rubí Carreño até os anos 1930 o objetivo da revista era,

(...) a través de su proyecto editorial, la revista intenta, por un lado, alentar la presencia de las mujeres en el ámbito público y, por otro, calmar las ansiedades y temores que la salida femenina al mundo público estaba provocando (CARREÑO, 2007, p. 53).

Já o *Jornal das Moças*, em maio de 1914, centra parte da construção do feminino de seu editorial na disseminação de imagens de mulheres que estão a serviço da elite, ocupando atividades protagonistas naquilo que lhe é permitido, servindo como mensagem subjetiva a outras mulheres por intermédio do arquétipo presente na visualização da atividade de outrém. Assim, são as representações das mulheres através das revistas que formam o imaginário genérico do feminino entre as mulheres da elite, assim, são estas imagens que muitas vezes formam o olhar e a opinião das leitoras no que se refere aos desígnios que suas vidas devem seguir (ÁVILA, 2005).



Figura 43 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914, p. 9.

A Figura 43 nos mostra uma importante manifestação sócio-musical da época e pode nos ajudar a compreender melhor a importância e o objetivo dos editores em divulgar esse tipo de imagem/notícia para o público leitor das revistas. Tendo em vista que seu intuito era o de instruir e direcionar, fotografias e textos representando a vida social das mulheres cariocas tanto na vida privada como pública são comuns nas páginas da revista. A imagem de duas jovens que fizeram parte de um festival artístico como cantoras sopranas líricas, e que com certeza faziam parte

das classes mais abastadas da sociedade carioca, posando idilicamente ao fotógrafo, demonstra a leitura feminina dentro do universo daquela época: a música e a fotografia dividem um complexo olhar dual com evocações a um determinado tipo de beleza e prestígio elitista.

Como na primeira metade do século XX o mundo musical estava diversificado em uma quantia significativa de gêneros musicais que iam do clássico ao popular, variedades estilísticas que, segundo Derek B. Scott, estavam divididas entre o que era apropriado socialmente e o que não era apropriado socialmente ao público feminino (SCOTT, 1994), muitas musicistas ou amantes da música sofreram com o cerceamento de alguns instrumentos musicais quanto à restrição imposta a gêneros socialmente atendíveis a sua posição social. Essa ideia já estava posta no próprio ensino musical que dado às mulheres, ensino esse reforçado e disponibilizado pelas revistas como podemos notar abaixo:

The image shows a page from a music journal. At the top, there are decorative horizontal lines with circular motifs. Below this, the title "Não me deixes!" is centered in a large, bold font. Underneath the title, it says "CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA." in a smaller font. The lyrics are "Debruçada nas águas do mar, gaio A". The tempo is marked "Allegretto". The score is for voice and piano. The voice part is on a treble clef staff, and the piano part is on a grand staff (treble and bass clefs). The lyrics are written below the voice staff.

Figura 44 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Janeiro de 1915, p. 24.

O aprendizado musical restringia a formação musical das mulheres, formando apenas cantoras, harpistas e pianistas, instrumentos pertencentes à vida doméstica (ELLIS, 2002, p. 361). Não à toa, encontramos nas páginas das revistas daquele período uma incontável gama de anúncios de aulas e venda de pianos, bem como aulas de canto para meninas. Particularmente, as partituras para pianos são constantes tanto no *Jornal das Moças* quanto na revista *Familia*. Tal observação nos indica que o piano era um dos instrumentos disponibilizados às mulheres

no âmbito do lar e socialmente aceito nos círculos sociais por elas frequentados. As letras das partituras também merecem destaque, em uma rápida análise, podemos notar que, nas palavras de Antonio Candido (2000), regem-se pela dialética do localismo e do cosmopolitismo da época. A influência da música europeia, notadamente francesa, é bem acentuada e os principais gêneros musicais que aparecem nas páginas das revistas são a polca, a valsa, as cançonetas, a modinha e o xote.



Figura 45 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1910, s/p.

Segundo Nelson Antonio Dutra Rodrigues, existe uma predileção pela música de piano (RODRIGUES, 2003) e, nas revistas, é comum encontrar a figura da mulher ligada ao instrumento piano, como podemos notar na Figura 46. Tanto a fotografia quanto a legenda, esta de modo especial, nos mostram qual a visão acerca de uma mulher pianista. No caso da russa Eugenia Kraftschuk, o seu gosto pelo piano está entrelaçado a sua inteligência, portanto, a mensagem que a revista passa é de que as mulheres que tocam piano, supostamente, são inteligentes. Segundo Sarlo, as revistas cumprem diversas funções, desde expor rupturas estéticas, até propor programas políticos renovadores (SARLO, 1988), nelas se pesavam os tópicos e se mediam os obstáculos dos diversos movimentos sociais, políticos e culturais, o que ajudava o público leitor a se posicionar de acordo com os encaminhamentos do momento, sendo assim, afirmar que Eugenia era inteligente por tocar piano poderia

provocar na leitora o desejo de mostrar-se inteligente para sociedade a partir de seus dotes musicais no teclado do piano.

Além disso, proporcionar ao público feminino resoluções sobre os tratamentos referentes à família e ao lar, além de “certos refinamentos civilizadores”, eram os principais objetivos de diretores e editores das revistas. De fato, o esforço para que as mulheres aristocráticas brasileiras e chilenas tivessem uma leitura que convergisse para com os progressos alcançadas em outros países modelos foi uma das molas propulsora para a criação dessas *magazines*.



Figura 46 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: Janeiro de 1915, p. 9.

As revistas surgiam então dentro do consenso de que as mulheres, pelo menos as da elite, deveriam ter seus espaços circunscritos ao âmbito familiar e do lar, uma visão herdada de séculos anteriores e que mesmo com a modernidade manteve-se firme e respaldada na sociedade dos 1900. As mulheres da elite não estavam exclusas, mas sim estrategicamente distantes do trabalho assalariado, do ingresso na universidade e principalmente do mundo político. Logo, as páginas dos periódicos tornaram-se um lugar para fugir dos espaços privados e

íntimos, um lugar no qual elas, relegadas a uma vida doméstica, poderiam socializar com seus pares e ainda cultivar a sua imagem social.

A difusão de um pensamento feminino por meio de tais modalidades de veículos comunicacionais/informacionais, com formatos que combinam entrevistas, artigos, crítica literária, culinária, moda, cuidado e educação dos filhos, informações sobre eventos sociais e notas sobre a vida mundana “(...) passaram a assumir a função de tecnologia pedagógica, ‘ensinando’ e instruindo seus leitores através de páginas recheadas de ilustrações, conselhos práticos, charadas, sonetos, crônicas e novelas.” (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2016, p. 44). As temáticas propostas iam ao encontro das tarefas consideradas naturalmente femininas, as quais se constituíam basicamente no conceito de que ser boa mãe e esposa era um dever social, bem como uma virtude intrínseca ao perfil das mulheres. Essa virtude era fundamental para assegurar as relações harmônicas entre os casais e remover comportamentos viciosos do âmbito do lar, uma virtude que se sustentava também pelas atividades religiosas e caritativas das mulheres aristocratas. Pontualmente, orações e ou artigos de temáticas religiosas apareciam nas páginas das revistas, visto que eram um componente central na rotina das residências. As mulheres, em particular, tinham a intransferível missão de conservar a tradição religiosa e doutrinar os filhos na fé.

Esses princípios ou virtudes que toda mulher deveria ter, pode muito bem ser visto em um questionário feito com duas leitoras, Cidalia Pinto e Jacy Rego, e publicado pelo *Jornal das Moças* em 1918. O título, “O nosso questionario feminino” (FIGURA 47), já demonstra que as indagações vão percorrer os ideais difundidos pela revista e, claro, respondido, por leitoras que compartilham dos mesmos ideais:

O NOSSO QUESTIONÁRIO FEMININO



1 - O que acredita a sua casaca. 2 - A virtude principal que possui. 3 - O meu maior defeito. 4 - Como me desagrada chamar. 5 - A pior qualidade no homem. 6 - O que mais me admira. 7 - O que me desagrada ser. 8 - Que desagrada no desagrado a felicidade. 9 - O que mais me entusiasmava. 10 - O estado social que mais me agrada. 11 - A carreira que prefiro para o malhar. 12 - O que mais gosta para o homem. 13 - A classe em que se acharia a meu lado. 14 - Se prefero litteraria, ou prosa, da mesma abstracção. 15 - Se prefero litteraria, ou prosa, agredida-me. 16 - Na arte musical admira. 17 - A principal arte para mim. 18 - O que deprecia ouvir no edificio da creança. 19 - O animal que mais gosto. 20 - O que mais a volta de ao pai. 21 - O que mais gosta a casa a viver. 22 - O que mais repugna. 23 - As ultimas que me excita pido. 24 - O meu divertimento favorito. 25 - Como desagrada morrer. 26 - O meu lema.



- 1 - A verdade.
- 2 - Não ser fingida.
- 3 - São muitos.
- 4 - Estou satisfeita com o meu nome.
- 5 - O que não tem caracter.
- 6 - A educação.
- 7 - Nada ambicioso.
- 8 - A perda de minha mãe querida.
- 9 - A Patria.
- 10 - Casada.
- 11 - Boa dona de casa.
- 12 - Marinha.
- 13 - A que a sorte me destinar.
- 14 - Castello Branco e Coelho Netto.
- 15 - Guerra Junqueiro e Casimiro de Abreu.
- 16 - Beethoven e Mozart.
- 17 - Preto, que é o symbolo da tristeza.
- 18 - Os bons sentimentos.
- 19 - O cão.
- 20 - O mau governo.
- 21 - A ambição.
- 22 - A intriga.
- 23 - Os innocentes castigados.
- 24 - O theatro.
- 25 - Na graça de Deus.
- 26 - Amar a Deus sobre todas as cousas.

Cidalis Pinto.

- 1 - Amorosa.
- 2 - A sinceridade.
- 3 - Geniosa.
- 4 - Hyldemaria.
- 5 - A falsidade.
- 6 - Ser patriota.
- 7 - O que já sou.
- 8 - A perda de minha mãe e de quem amo.
- 9 - Musica e flores.
- 10 - Casada com quem amo e ser uma boa mãe.
- 11 - Violinista.
- 12 - Marinha.
- 13 - Negociante.
- 14 - Camillo Castello Branco.
- 15 - Alberto de Oliveira e A. de Azevedo.
- 16 - Chopin e P. Mascagni.
- 17 - Branco.
- 18 - Religião e amar a sua patria.
- 19 - O cavallo.
- 20 - Um mau governo.
- 21 - O egoismo.
- 22 - A bebida.
- 23 - A pobreza.
- 24 - Foot-ball.
- 25 - Embragada com o perfume das Angelicas, ao lado de quem amo.
- 26 - Amar sinceramente.

Jacy Rego.

Figura 47 - Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 19 de Dezembro de 1918, p. 11

Notamos, a partir das respostas, que a espiritualidade, a pátria e o amor à família e aos filhos são temas recorrentes, independente das questões proferidas. Os exigentes ideais femininos deviam conviver com uma sociabilidade mundana, a qual se faz notar, por exemplo, no gosto pelo teatro e pelo futebol, os quais estimulavam a criação de espaços de ócio e diversão e outorgavam identidade ao grupo social ao qual pertenciam. Esses espaços, mais os salões e cafés, para algumas mulheres da elite, serviam como lugares de sociabilização que contribuíam para o enriquecimento da formação cívica e intelectual, assim como o cultivo da fé. Esses encontros reuniam homens e mulheres das capitais, trazendo à tona o mundo intelectual, os rumos políticos e econômicos que regiam suas vidas. Não à toa, nas respostas de ambas aparecem os conceitos de mau governo, pobreza e educação. Também há a preocupação com a questão matrimonial, e ‘como’ ou ‘qual’ seria o homem ideal para se casar; nesse sentido, esses espaços de sociabilidade eram um lugar para as oligarquias se reconhecerem e forjar laços matrimoniais. Os passeios ao entardecer, os bailes e saraus, entre outros, eram oportunidades esperadas com ansia pelos jovens para olharem-se, conhecerem-se e começarem o cortejo. Esse processo era cuidadosamente seguido pelas mães das futuras noivas e sua influência era determinante no decorrer do cortejo até o matrimônio.

O *Jornal das Moças* e a revista *Familia* foram periódicos pensados para um público específico da nova paisagem urbana das capitais brasileira e chilena. Seus editores colocaram de lado os gostos e clichês cortesãos do século XIX, assim as inspirações desses veículos midiáticos vinham ao encontro dos ares republicanos e modernizantes que atingiam todas as esferas da sociedade de modos distintos. Seus editoriais retratam o fulgurante enriquecimento das oligarquias durante a troca de século, fenômeno que podia ser notado nas luxuosas roupas que usavam as mulheres da alta sociedade e na intensa vida social que as ocupava paralelamente à vida doméstica, compartilhando assim dos espaços públicos na condição de esposas, filhas e mães.

As duas revistas inserem-se na categoria de artigos consumidos pelos grupos mais abastados da sociedade. Isso pode ser confirmado pela massiva presença das propagandas de produtos de luxo e eventos sociais da alta sociedade em suas páginas. Nahes afirma que:

Possuidora de uma característica acentuadamente elitista, comum aos grandes magazines de informação da época, essa característica reside em sua natureza seletiva e temática, pois, mesmo

sendo endereçada a um público variável e exclusivamente feminino, ou seja, burguesia e classe média, ela ainda estava impregnada pelo elitismo cultural que marca a imprensa do século XIX (NAHES, 2007, p. 103-104.).

Característica essa que nos leva a reiterar o posicionamento de Sodré, o qual define as revistas femininas desse momento como grandes manuais de boa conduta, os quais direcionam suas leitoras através da disseminação de modos e condutas, mesmo que muitas vezes descontextualizados da real existência de suas leitoras (SODRÉ, 1999a). Nesse sentido, como objeto cultural, o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* representam um trânsito entre os produtos de caráter comercial e um periódico que define o discurso feminino como o vinculado ao lar e a alguns eventos sociais. Esses discursos emitidos pelos periódicos são comuns tanto no Chile quanto no Brasil, onde o forte discurso científico, social, cultural e religioso define a mulher dentro de padrões normativos que a subjugam sempre a figura do homem, fruto das condições culturais e políticas de cada país. Além disso, enquanto material de leitura, as revistas tornaram-se um instrumento de distinção econômica, política e cultural visto que o acesso acontecia pelas mãos de uma elite letrada, a qual não era vista apenas como leitora, mas, sobretudo, como consumidora e disseminadora de padrões e condutas.

5.1 ANTES DE SER MULHER, SER MÃE E ESPOSA

Uma das representações femininas que mais aparecem nas páginas do *Jornal das Moças* e da revista *Familia* é a da mulher como mãe. A figura materna era tema rotineiro nos dois periódicos, que faziam questão de enfatizar a maternidade como caminho natural a ser seguido pelas mulheres para alcançar a realização pessoal. Conforme o editorial da revista *Familia*, em 1922: “A la mujer que cumple con sus deberes de madre y de esposa, es ofensa alabarla porque es pura y honrada: otra tiene qui ser su satisfacción” (NOVIEMBRE, 1922, p. 1).

O *Jornal das Moças*, também em 1922, não ficava atrás quando a questão era enaltecer a função materna das mulheres: “Depois o destino põe nos nossos braços um entesinho querido a quem chamamos de filho. E’ este o sacrosanto, o immensuravel, o insubstituível amor de mãe!”.

A maternidade era o papel principal, culturalmente falando, atribuído às mulheres. Ser mãe era praticamente o destino de quase todas e significava fechar com chave de ouro um ciclo próprio que inciava com

o matrimônio, e que tinha nos filhos, mais que nos compromissos sociais, o laço que amarrava a união indissolúvel do casamento. A literatura sobre o conceito da maternidade, historicamente falando, nos aponta que concepções como ‘amor incondicional’, ‘instinto materno’, ‘felicidade insubstituível’ são produções sócio-históricas-culturais construídas e propagadas desde finais do século XVIII. Assimilações e pensamentos carregados de distintas propensões sociais, culturais e econômicas dentro de cada contexto histórico específico, os quais delinearam o discurso de gênero estabelecido na diferença natural entre homens e mulheres a partir de um destino social e biológico da mulher que é a maternidade (MOREIRA, 2009a; BADINTER, 1985; ARIÈS, 1986).

Nesse sentido, a partir da revolução industrial, o discurso que naturalizou o amor maternal como símbolo da feminilidade foi se solidificando pouco a pouco. Um discurso que focava em prerrogativas que reforçavam a missão da mulher como mãe e esposa, mas que ressaltava, principalmente, a premissa do instinto materno. Assim, não vir a cumprir o destino materno era uma ofensa a sua condição de mulher e esposa, algo que só poderia ser visualizado caso seguissem o caminho dos mosteiros de freiras. Para Badinter (1985), nesse momento entram em cena uma série de discursos normativos e recomendações com função de impor às mulheres, por meio de um discurso fundamentado na medicina higienista e no amor a pátria, a obrigação de ser mãe. A ênfase na vocação natural para ser mãe afetuosa e dedicada aos filhos, de forma espontânea e incondicional, nasce de correntes de pensamento positivistas e evolucionistas ligadas a ideais médicos e religiosos dominantes que reforçavam o argumento biológico que atribuiu às mulheres a função exclusiva de mãe e esposa, porém, com uma roupagem moderna. Ser mãe, portanto, não era somente dar filhos ao marido, mas, principalmente, dar filhos sadios, fortes e laboriosos à pátria. O casamento entre Estado e Ciência idealiza a mulher com uma função pública fundamental para a constituição da nação e, por isso mesmo, essa devia tratar de fugir de práticas de conduta e educação das crianças atrasadas e sem embasamento médico científico. A modernidade, segundo Freire, trouxe para as mães a ciência de ser mãe, discurso recorrente e vigente em grande parte das revistas femininas da época. Para a autora:

Entre outros agentes que participaram desse processo, os médicos consolidaram seu papel por meio da enunciação de um discurso que condenava o exercício tradicional da maternidade, redefinindo-a em novas bases. Sigmo máximo da

modernidade e ferramenta propulsora privilegiada no processo de transformação social em curso, a ciência foi acionada na conformação de um determinado modelo de maternidade, configurando-se, através da maternidade científica, um novo papel feminino: a mãe moderna (FREIRE, 2008, p. 154).

A mãe moderna tinha em suas mãos a missão de criar e educar o futuro da nação combatendo com afinco a mortalidade infantil por meio do cuidado da saúde de suas crianças. Foram quase dois séculos de insistentes discursos para convencer as mulheres a exercerem suas tarefas e responsabilidades maternas, uma arenga que reverberou e que foi tão eficiente e didática que a maternidade passou a ser vista como algo natural, inseparável e inerente à condição feminina. Ser mãe era, desse modo, trazer para si toda a aura maternal do cuidado e do amor incondicional, tudo o que fugia dessa concepção não era correto e, por isso mesmo, considerado anormal (BADINTER, 1985). No entanto, é importante assinalar que essa visão tem seu ápice e aplicação a partir de meados do século XIX, e que antes desse período, temos, pelo menos até o século XV, três outros modelos de estrutura de família com outras visões e atitudes em relação à importância e cuidado das crianças (POSTER, 1979). Antes da consolidação da ideologia da maternidade como função primordial das mulheres, algo que acontece com muito mais força no pós-Primeira Guerra Mundial no mundo ocidental, as crianças transitavam em meio a várias figuras adultas, as quais estavam mais preocupadas em organizar a vida social do que efetivamente na criação dos filhos, algo que muda completamente a partir da segunda metade dos 1800 quando as crianças são retiradas da vida comum e postas em um novo regime de educação associado à família nuclear burguesa (ARIÈS, 1986).

A modernidade da virada do século XIX para o XX trouxe com ela papéis definidos para homens, mulheres e crianças. No que concerne as mulheres, foram peças fundamentais no projeto político econômico das nações modernas que angariavam colocar em prática esses ideais no seio de suas sociedades. Como pilares da família, responsáveis por manter a ordem no lar e educar os filhos e filhas segundo os propósitos sociais e a classe política, as mulheres tinham na família e na maternidade os eixos centrais de seu propósito de vida, um dever que, segundo o discurso da época, dava sentimento de completude às mulheres mães, capazes de deixar de lado sua própria vida para assegurar o desenvolvimento de sua

prole e, conseqüentemente, da nação. Assim, as muitas políticas médicas higienistas que se desenvolveram para conter as doenças e a mortalidade infantil depositaram na figura da mãe e esposa a responsabilidade de um projeto sanitário demográfico nacional através do maternalismo associado a ciência, principalmente a partir da década de 1920 (FREIRE, 2008).

Toda essa reformulação na base familiar e na concepção maternal gerou novas formas de relacionamento no que diz respeito as emoções e a intimidade entre pais e filhos nas famílias nucleares burguesas. Dentro desses núcleos, nos quais se organizava a família, emergiu uma nova divisão dos papéis parentais por meio dos quais pai e mãe tinham responsabilidades bem consolidadas no que tange a criação e a educação dos filhos. Segundo Ariès (1986), essa divisão de papéis configura-se progressivamente da autoridade paterna para o amor materno, com ambos tendo como responsabilidade social zelar pela sobrevivência da criança, futuro indivíduo laborioso e produtivo para o Estado.

A reorganização da família moderna está, desse modo, intrinsecamente ligada à preocupação social do cuidado e formação das crianças, e, por conseguinte, com o surgimento de um ideal de infância que, naquele momento, passa a ser o ponto focal de preocupação e cuidados dos pais. Logo, a apreensão com a infância surge em um movimento industrial e econômico que muda as percepções e transforma as relações entre os sujeitos e as condutas sociais, principalmente com a configuração da família burguesa, estrutura dominante na sociedade capitalista, a qual vê o amor materno como essencial nas elaborações sociais e culturais da modernidade. Naturaliza-se o amor materno nas mulheres com o intento não só de garantir as futuras gerações às nações, mas garantir também que esses porvindouros cidadãos sejam treinados por meio da educação do lar e da educação institucional para ocupar um posto responsável na sociedade (POSTER, 1979).

Por essa lógica, no Chile e no Brasil a retórica sobre o amor materno também esteve presente de forma notável por intermédio da imprensa desde finais do século XIX, mais especificamente da imprensa feminina destinada às classes mais abastadas. Adentrando o século XX, muitos desses discursos chamavam as mulheres à luta pela erradicação da mortalidade infantil e pelo cuidado com a infância. Problemas que tanto chilenos quanto brasileiros enfrentavam naqueles primeiros anos dos 1900.

Sendo assim, o discurso: antes de mulher, ser mãe e esposa. Os discursos, sejam os oficiais ou os da imprensa, estavam carregados de diretrizes sobre o papel das mães na sociedade da época. Abundantes em

todo o período, essas falas revelam o que se desejava das mães e mostra como a tarefa era encarada por quem as aconselhava. Todo o peso sobre a criação dos filhos e filhas estava sobre as mulheres e não faltavam conselhos em diversas publicações para ajudá-las a carregar esse fardo que, embora pesado, estava imbuído de um sentido quase heróico. Coelho Neto, em um contexto não tão longínquo ao aqui estudado, assim define a maternidade:

Ser mãe!

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho.
Espelho em que se mira afortunada,

Luz que lhe põe nos olhos novo brilho! Ser mãe é
andar chorando num sorriso! Ser mãe é ter um
mundo e não ter nada!

Ser mãe é padecer num paraíso! (COELHO.
NETO, 1947, p. 20)

Havia uma linha de pensamento tendenciosa no fechamento do século XIX, e no desenrolar do XX que pouco a pouco minou a cabeça das pessoas. Algumas concepções chaves como ‘matrimônio’ e ‘maternidade’ vinculados a conceitos simbólicos como humildade, abnegação, resignação e sacrifício foram introduzidos nas sociedades com o intuito de dar conta de um perfil de feminilidade que se adequasse às demandas políticas e sociais da época. Arelados ao conceito cultural, social, histórico e econômico, essas concepções permearam os discursos das principais mídias da época, em especial as revistas femininas. Brasil e Chile se consolidavam no período como repúblicas novas, tanto em termos territoriais quanto identitários, e os governos dos dois países se esforçavam fortemente para promover os meios como instrumento dos fins. Nesse caso, a divulgação ampla dos conceitos de feminilidade – a partir dos meios de comunicação – serviam como ferramentas para introjetar nas pessoas e, principalmente, nas mulheres, a postura e modos esperados por suas nações.

Sendo assim, os papéis sociais das mulheres no Brasil e no Chile eram constantemente reforçados por meio de mídias como o *Jornal das Moças* e a revista *Família*, concretizando pouco a pouco uma rede identitária feminina na qual a figura da mulher era central no imaginário positivista da ordem e progresso civilizatório promovido pelo Estado e os círculos sociais da elite nacional. Essa última, se entendia como a principal encarregada de reforçar e perpetuar os papéis de gênero coerentes com os ideais da nação. Para Freire, no Brasil:

Os esforços da elite intelectual concentravam-se sobretudo em tentativas de eliminação de qualquer resquício de um passado de ‘atraso’ e tradição e de incorporação do ‘novo’ como passaporte para a ordem e o progresso. Sob a égide da modernidade – transformada em palavra de ordem em todo o mundo – almejava-se uma verdadeira transformação cultural, com rejeição à cultura colonial e configuração de novas relações sociais, impondo-se a adoção de comportamentos e atitudes adequados aos ‘novos tempos’. (...) Ainda que intrinsecamente vinculado à natureza feminina, ao associar-se ao projeto modernizador nacionalista o exercício da maternidade ultrapassava os limites da esfera doméstica e adquiria um novo caráter, de missão patriótica e função pública. Tratava-se não mais de garantir filhos ao marido, mas sim cidadãos à Pátria (FREIRE, 2008, p. 154).

No Chile, os esforços não foram diferentes:

De esta manera, en el sector más conservador de la elite, se vio reflejado el ideal de la mujer, donde su virtud era una de sus principales imágenes a la sociedad; esta mujer debía tener una serie de condiciones, tales como ser bondadosa, sencilla, pudorosa, recatada, caritativa, discreta, dulce y pura. Al tener estas cualidades, la mujer desarrolló estas virtudes en sus hijos, los cuales serán en un futuro el fiel reflejo de una sociedad mejor (ÁLVAREZ, 2013, p. 17).

Dado que tanto o *Jornal das Moças* quanto a revista *Familia* tem como foco a mulher e são diretamente influenciados pelas concepções de mulher relativa a uma classe social definida. Nesse sentido, é possível encontrar nas publicações dos dois periódicos temáticas que sustentam modos particulares de ser mulher, de acordo com o que a elite da época pensava. Não somente isso, esses temas também representam as aspirações a respeito dos papéis que a mulher deveria ocupar na sociedade.

Alguns exemplos de discursos que intentavam criar a imagem da esposa e da mãe como algo fundamental e sublime na vida das mulheres

podem ser vistos nos códigos visuais e verbais presentes nas edições das revistas, representações que buscavam fortalecer o ideal de que o matrimônio e a maternidade eram o destino natural de quase todas as mulheres. Vejamos alguns exemplos de discursos que tinham como foco criar a imagem da esposa e mãe como algo sublime e fundamental para as mulheres. O matrimônio e a maternidade, dois momentos de suas vidas carregados de uma pressão social sem tamanho, era o destino de quase todas elas. Momentos significativos na vida destas mulheres e que não foram esquecidos como temática pelo *Jornal das Moças* e a revista *Familia*.

O casamento e a relação entre a esposa e o marido são um tema dominante em ambas revistas. Aparecem em suas páginas como item primordial para definição do modelo familiar, mas principalmente para definição da mulher no que condiz seus modos de ser e agir no relacionamento. Dentro do contexto histórico aqui pesquisado, seja nas crônicas, artigos ou anúncios variados, se assume o casamento e a maternidade como um tema primordial na vida das leitoras. Em uma edição do *Jornal das Moças* de 13 de setembro de 1928, assim é relatado o que é esperado/desejado pelas jovens e pela sociedade pós união matrimonial:

(...) Das flores que adejam ornamentando as bellezas femininas, paira no ar o perfume embriagador que se multiplica associado ao das donzellas que, semelhantes ao colibry, tremuluzem, encantam, amimam, aqui, ali, além, sempre a rir, sempre a tagarelar - uma felicidade que lhes é nativa, que lhes é própria e que, se as abandonar, falas-á fenecer, morrer.

Ha, em todos os olhos, o relampejar de um desejo; em todos os lábios, um tremular de risos... em todos os cérebros, um pensamento único: anhelar a felicidade eterna ao casal de jovens que, num proximo momento, vão unir para todo o sempre a vida que Deus lhes deu.

Mais que todos, porém, ella a noiva, pensará nesse mysterio que em breve vae desven- dar; mais que todos, ella, ella que até então só cuidara de flores, de enfeites, de festas, de risos; ella, que só se preocupára em tornarem relicario de sorrisos os dias de seus pães e em perenne ventura o viver de seus irmãozinhos; ella, mais que todos, sente, ao se approximar a hora da transmutação de Virgem em

Esposa, nesse amanhã tão perto e tão distante, o que lhe advirá de responsabilidades. E o seu semblante, affeito á alegria, ao contentamento, reflectindo sempre a tranquillidade dalma, retrata algo de extraordinário em seu intimo, que a alheia de tudo que a cerca.

Os seus olhos límpidos, — verdadeiros fócios de luz, — que se sabe que vêm, estão como que vellados. Ha a ennuablal-os a nuvem da duvida — o amanhã. A sua alma, — alma que até então fora de creança, — sabe-se, pensa, mas que/na actualidade, dorme e sonha e véla, integralizando-se á approximação, no que de mais divino a vida em si encerra.

— Que de sonhos povoar-lhe-ão o cerebro?

— Não sei. Sei, porém, que sejam elles quaes forem, em seu intimo, domina e brilha e refulge, a idéa de vir a ser mais que esposa: mãe!

— Mãe! —Dirá ao pensar em ser: — Deus! Dá-me esta ventura! dae-me o dom, oh! bom Deus, de ser mãe uma vez que seja! Quero sentir, de envolto as dores, o prazer de ser, qual fonte milagrosa, a seiva da vida de um rebento meu e de meu esposo, que possa, sob este céo constellado, aprender na lingua, que e minha, a abençoar-me e a ti, oh! Deus Misericordioso, por o termos feito nascer sob o pendão de minha Pátria !...

— Pátria! — Pensará ainda: — «Serei. então, ó Mãe Dilecta, uma companheira tua, chorando quando soffrerdes, cantando quando sorrirdes !. » E, pensando assim, querendo assim, sonhando assim, ella, mais que nunca sublime ajoelhar-se-á ante a Virgem Santissima a receber o Sacramento Matrimonial, e sorrindo ou cantando intimamente, despedir-se-á da mocidade folgazã, entregando-se de Corpo e Alma á função fundamental da humanidade! (MAGALHÃES, 1928, p. 35)

Para a mulher de começos do século XX, o noivado e o matrimônio eram o sonho concretizado após uma série de esforços realizados desde a infância, sonho que se tornaria triunfante com a chegada do herdeiro do casal. Na escrita do autor Joviniano Magalhães podemos identificar as passagens distintas da vida da mulher, que parte da tagarelice da juventude junto aos pais e irmãos, para a transmutação de virgem em

esposa e de esposa em mãe. Uma mãe e esposa que dedicaria todo o cuidado e carinhos com sua prole, pois estes eram os seus deveres enquanto mulher e mãe patriótica. Além disso, o matrimônio era visto como um elo espiritual entre o casal, no qual as jovens estariam casadas com a alma dos homens a qual decidiram unir-se e, por isso mesmo, deviam agir com complacência e estima permanente para com seu marido, defendendo seu nome e sua honra sempre. Em 25 de outubro de 1917, o artigo “A mulher”, publicado no *Jornal das Moças* assim exemplificava suas funções:

A mulher é a companheira e leal servidora do homem.

Sem ella a vida deste estaria num vácuo immenso, sem a coragem, as illusões e a fé, que auxiliam a vida; e é o seu sexo predestinado, que fornece a mais santa das creaturas

— Mãe! E’ o anjo tutelar da familia, o penhor do lar, o consolo e o fanatismo dos filhos; o enlevo da mocidade, quando ainda solteira, e o núcleo da cohesão; por sua influencia o homem estuda, trabalha, applica a energia, o talento e o amor (LIBERTO, 1917, p. 7).

Os discursos são recorrentes e tem o mesmo teor: as jovens deveriam encontrar um noivo, ser mãe e viver uma constante lua de mel com seu esposo independente dos percalços. Para tanto, deveriam ter como dotes saber realizar todas as tarefas do lar a partir de uma centena de regras de etiqueta e de comportamento, e ainda esforçar-se para manter-se bonitas, submissas, simpáticas e adoráveis pensando no casamento futuro, que era algo para além de um desejo próprio, pois, o casamento, nas camadas mais abastadas da sociedade, significava “(...) a união de interesses entre a elite branca” (SOIHET, 1989, p. 3).

No entanto, a realidade não era tão florida como anunciavam os discursos. Como bem lembra Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, o destino que a sociedade propunha para a mulher, no caso o matrimônio e a maternidade, dentro do contexto aqui visto, podem ser vistos como uma obrigação que colocava em sofrimento as jovens que não conseguiam trocar alianças matrimoniais. Esses ideais eram reforçados pelas próprias mulheres, pois o casamento era o único meio de integrar-se na coletividade, enquanto que, se ficassem solteiras, seriam consideradas socialmente fora do sistema. Por isso as mães e pais tinham grande preocupação e estavam sempre à procura de jovens pretendentes

para suas filhas (BEAUVOIR, 2009). Para se ter uma noção da pressão que as jovens mulheres sofriam para se enquadrar dentro dos requisitos para um matrimônio, um excerto de texto do *Jornal das Moças* mostra a perspectiva masculina em relação ao que importava para as mulheres serem amadas: “As mulheres dividem-se em duas grandes classes: as bonitas e as feias. As bonitas são as mulheres amadas; as feias aquelas que não são amadas” (JORNAL..., 1915, p. 18).

Havia então um preço muito grande a se pagar pelo matrimônio com “amor”, as mulheres deveriam sacrificar sua integridade, sua personalidade, adotar atitudes e comportamentos padrões, negando muitas vezes sua autonomia, ter um bom dote e, além de tudo, ser bela. Tudo isso, pela recompensa de ser esposa e mãe, e serem relegadas da participação do espaço público, onde somente os homens tinham acesso. Porém, nem sempre as mulheres tinham a oportunidade de escolher seus pares românticos. Muitas vezes, a escolha partia de interesses das famílias dos noivos ou porque as opções estavam escassas. Se isso acontecesse – se um matrimônio tivesse seus votos celebrados em um casamento sem amor, mas por interesses – a revista *Familia* em fevereiro de 1911, por meio de um artigo intitulado “El amor en el matrimonio”, aconselhava suas leitoras a lidar com a situação:

Es indudable que el amor ha de ser la base del matrimonio; pero puede suceder, por desgracia, que se atenúe ó se coneluya en el uno ó en la otra (...) ó en los dos, lo cual ya es mucho más grave.

(...)

Qué hará al comprender que su esposo no és el hombre soñado?

Aceptar valerosamente la situación y cumplir con todos sus deberes procurando hacerlo feliz. Ahogar su llanto y suspiros, imponer calma y valor al corazón, y procurar aparecer siempre con rostro sereno y agradable. No dejar que sus labios pronuncien estas terribles palabras: “No le amo”.

(...)

Puede suceder también lo contrario: que la joven, después de casada, observe desvíos y escaso amor en su esposo, ya porque la buena dote lo indujera al matrimonio, ya porque deseara verse unido á una familia de más posición ó influencia que la suya.

(...)

Si por desgracia para ambos hubieran ido al altar sin amor, llevados solamente de otras miras, la

mujer, aconsejada por la razón y por el deber, procurará convertir la indiferencia en amor ó á lo menos en estimación sólida que engendrará un afecto invariable. Si ella consigue querer á su esposo ponderando interiormente las cualidades que tenga y disimulando los defectos, no tardará mucho en verse amada por él.

(...)

Cuando el amor desaparece del corazón de los hombres casi siempre tiene la culpa la mujer. No habrá sabido emplear el esfuerzo necessário para hacerse querer, recurriendo para ello á su paciencia y á su perseverancia.

(...)

Y qué mujer será capaz de no hacer todos los sacrificios imaginables para crear y consolidar la unión estrecha de los corazones, tan fecunda en excelentes resultados, sabiendo que los heroísmos de corazón están encomendados siempre á la más débil mitad del género humano? (EL..., 1911, p. 34)

O casamento, segundo o artigo, teria vários caminhos de acordo com o contexto em que foi enlaçado. Com amor ou sem amor, o matrimônio era o que dava integridade à pessoa na sociedade da época, como se ela não fosse um ser completo e acabado caso não se encontra um par para conviver. Porém, encontrar sua alma gêmea não era tarefa tão simples assim, e mesmo sob os conselhos de familiares e das revistas, muitas vezes o casamento não saia por conta do dedo seletivo de algumas jovens. Algo que podemos ver no excerto publicado em janeiro de 1925 na revista *Familia* (FIGURA 48):

EL FRUTO PROHIBIDO

Estaba decidido a casar a mi sobrina Virginia, ya era tiempo de pensar seriamente, pues iba a cumplir veinte y siete años y cada año se ponía más exigente y parecía alejarse más y más de un partido escogido para ella. Mis primeros ensayos habían sido rechazados con indignación; todos los candidatos eran "imposibles" y les veía fácilmente el lado ridículo: este era demasiado viejo, aquel muy feo, el otro tenía vara de tonto, el cuarto tenía aspecto brutal... en fin, y por fin, la niña no había amado aun a nadie y prefería quedarse soltera que aceptar un matrimonio de conveniencia.

Figura 48 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1925, p. 41.

Não era qualquer metade da laranja que agradava algumas jovens, tanto que preferiam ficar solteiras a unir-se a um par que não lhe agradava. Essa escolha podia ser perigosa, tendo em vista que a sociedade da época não via com bons olhos mulheres que se demoravam na escolha de seus futuros maridos. Além do mais, a modernidade trouxe para as mulheres da aristocracia uma chance de se mostrar nos salões e nas ruas, uma exposição que para muitas estava atrelada ao encontro de um par, enquanto que para outras resumia-se a um longo festim que poderia acabar com o rechaço da sociedade por essa atitude. No *Jornal das Moças* de setembro de 1919, uma charge exemplifica e alertava as jovens sobre essa situação (FIGURA 49):



Figura 49 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 04 de Setembro de 1919, p. 35.

A figura é muito significativa, pois expressa o desdém da sociedade, representada por uma velha matrona vestida de forma conservadora, a uma jovem vestida com um modelito moderno caída na sarjeta. A metáfora alude ao perigo das jovens mulheres em não seguir os padrões e comportamentos ditados pela sociedade da época. A velha senhora se nega a ajudar a moça, que caída pede apoio para se levantar, mas o que recebe é a seguinte reprimenda:

A Sociedade: - Quando andaste entre os festins dos luxuosos salões aristocráticos, não te lembraste dos caprichos do Destino que tanto proteje como desfavorece as creaturas! Caminhaste sobranceira e altiva pelo caminho ingreme da existencia, e agora vens pedir-me o auxílio de minha mão. Tem paciência, volve o olhar para o Passado e... levanta-te!

Muitas famílias e moças temiam esse destino de renegação, por isso mesmo o aceite por casamentos de conveniência não era incomum. Como já vimos anteriormente, a abnegação e a resiliência pouco a pouco poderiam transformar um casamento entre estranhos em uma boa relação

matrimonial e, quiça, transformar-se em amor. Por isso mesmo, notamos que em ambas revistas há um modelo paradigmático de matrimônio, que se repete e se apresenta com o objetivo máximo esperado pelas leitoras: um matrimônio heterossexual, monogâmico, orientado para a reprodução e a família, com validade de muitos anos. Até porque, a ideia do divórcio não era bem aceita por esse grupo, como podemos notar no texto a seguir:

Alma mía (Viña del Mar). — Hay muchas opiniones respecto al divorcio. Damas y caballeros de nuestra sociedad han pronunciado su veredicto respecto a tan grave cosa. ¿Nos pide nuestra opinión? Es algo tan serio que sólo personas muy sabias pueden ser consultadas sobre la división del matrimonio bendecido por Dios! Roma no acepta el divorcio, esto no lo deben olvidar las católicas... El Papa, ha declarado públicamente *que él no ha sancionado ningún divorcio*. Así es que después de esto, no nos vengan a contar que están *descasadas por el Papa*. No, no. Mil veces no. El Sacramento del Matrimonio es una institución divina, que los hombres han destruído. En lugar de pensar en divorciarse, ¿por qué no hacen lo posible por mejorar su situación dentro del matrimonio?; pero, la verdad es que las mujeres modernas no quieren sacrificar nada a la vida matrimonial. No quieren tener hijos, por temor de desfigurarse; no quieren abnegarse, sólo quieren lo que ellas llaman "hacer la vida". Para ser feliz, hay que hacer sacrificios de ambos lados, y en lugar de pensar en demoler, hay que pensar en construir con base sólida, durable, para que los temblores de la vida no lo destruyan jamás.

Figura 50 – Família. Santiago de Chile: Agosto de 1928, p. 34.

O divórcio era ainda um ponto nevrálgico na sociedade chilena e brasileira no período aqui compreendido, principalmente porque a Igreja

Católica não reconhecia esse direito civil à luz dos olhos divinos. Para a Igreja, a máxima era “o que Deus uniu ninguém separa”. Por isso mesmo a insistência para que as mulheres tivessem paciência e fizessem todos os sacrifícios possíveis para manter o casamento. Logo, as mulheres, para levarem a cabo a tarefa de manter seus casamentos felizes e prósperos, receberam duas tarefas principais que estavam vinculadas diretamente aos seus papéis sociais: 1) se casar e formar um lar onde a estrutura regimental era o patriarcalismo; 2) ter filhos fortes, sadios e inteligentes, para a alegria do marido e da pátria.

O casamento e a maternidade eram então dois eventos muito esperados pelas mulheres aristocráticas de começos do século XX, tanto no Brasil quanto no Chile. Desde pequenas, os papéis de gênero associados à maternidade e ao cuidado do lar eram introduzidos em suas vidas, pois era isso que a sociedade esperava delas. No *Jornal das Moças* e na revista *Família* a vocação inata aos cuidados do lar e à maternidade eram tópicos debatidos e salientados em diversos textos e imagens, reforçando a aura angelical que o discurso da época criou, o qual retratava a mulher como mãe e esposa sensível e devota, praticante de virtudes como abnegação, submissão, modéstia e castidade. Essas virtudes para as mulheres casadas ou não, como bem lembra a historiadora Isabel Morant, “(...) son las condiciones o cualidades morales que se suponen más necesarias: la castidad y la obediencia y la sumisión a la voluntad del padre y marido” (MORANT, 2006b, p. 44).

As vontades do pai e do marido vinham em primeira instância, mas não em segunda ficava a dos filhos. A mulher devia saber atender a ambos, mas com os filhos devia ter um apreço especial. Devia ser empática e ao mesmo tempo disciplinadora, algo impossível de ser realizado pelo pai, como afirmava as teorias maternalistas pós-Primeira Guerra Mundial. Esse conceito oriundo da Europa e absorvido no Brasil e no Chile pelas camadas médias e altas da sociedade, transformou a maternidade em uma função essencial para a família e a nação, já que estava imbuída de valor social e dever patriótico.

Para Freire,

(...) o papel das mães ganhava importância capital em seu discurso, pelo poder de ‘aperfeiçoar’ a natureza e modular as características do temperamento dos filhos, contribuindo para melhorar seu caráter e torná-los indivíduos úteis à pátria (FREIRE, 2008, p. 165).

O ideal materno vinha ao encontro das ansiedades provocadas pela modernidade em relação ao processo civilizatório das nações brasileira e chilena, desencadeando sugestões e ações individualizadas segundo o panorama político social de cada local. A ideia de uma mãe educadora dos filhos, era uma ação moderna que as elites sopraram aos quatro ventos em seus países, buscando implementar um contexto de construção e definição dos papéis sociais e dos ideais de progresso almejados pelas nações.

Uma das formas encontrada para educar as mães em todos os cantos da nação, de modo a essas se tornarem educadoras em potencial dos filhos e filhas, foram as revistas femininas. Por meio dessas, esperava-se que as mães compreendessem qual era sua função na sociedade, pois dependia delas e da educação voltada aos filhos o desenvolvimento e as expectativas da nação. Além do mais, essa tarefa devia trazer pleno contentamento pois, seria por meio do sacrifício da criação das crianças que se depararia com a exultação pessoal.

As crianças eram o calcanhar de Aquiles das novas nações modernas, pois, com o advento da revolução industrial, essas ganharam um caráter valorativo, econômico. Não eram somente as altas taxas de mortalidade infantil que preocupava os governos, mas sim o futuro ser escasso de mão de obra produtiva (BADINTER, 1985). Em uma mensagem direcionada às mães, a revista *Familia* se esforça para mostrar em suas páginas o papel da mãe educadora interligado às necessidades essenciais da sociedade:

Todos los que nos preocupamos por nuestra patria y deseamos verla ocupar un lugar prominente entre las grandes naciones civilizadas, sabemos que esto depende casi exclusivamente de las madres, encargadas, por decirlo así, de formar los futuros ciudadanos (...) Muchas de vosotras, madres jóvenes, no habréis pensado antes que de vosotras depende la grandeza de la patria. ¿Cuál es vuestro constante anhelo en el mundo? Encontrar la felicidad. ¿Y como podremos conseguirla?. Sólo hay una respuesta. Siendo sinceras y honradas con nosotras mismas y con los demás (Revista Familia, febrero de 1911, p. 51).

Formar os futuros cidadãos. Essa era a grande preocupação dos governos do Brasil e do Chile. As crianças deveriam ser educadas primeiramente pelas suas mães e posteriormente por preceptores ou

instituições escolares para pleitearem um lugar na sociedade. Assim, ela torna-se um investimento prioritário do Estado e da família, os quais veem a necessidade a partir de meados dos 1800, de pensar políticas públicas que miram conservar a criança e prepará-la para os labores da vida adulta. Importante ressaltar que embora esses cuidados com a criança surjam nas parcelas da sociedade mais ricas e com melhores condições de vida, o movimento também chegou às classes mais baixas da população, nas quais está incluso o proletariado, pois esses também requerem um mínimo de saúde e conhecimento para tomar frente nas fileiras das fábricas em finais do século XIX (DONZELOT, 1986). Para Renata Moreira, esse interesse em investir na infância é:

Decorrente das novas necessidades de produção econômica, a criança passa a ser o centro a partir do qual toda uma série de instituições vai se constituir e reconstituir: a família, a escola e os saberes científicos se põem à luz na modernidade simultaneamente à emergência dessa nova categoria social que é a infância (MOREIRA, 2009b, p. 18).

Os saberes científicos são um diferencial na criação das crianças a partir de meados do século XIX. Administradores, militares e médicos começam a disseminar uma copiosa literatura sobre os cuidados com as crianças com o intento de fortalecer os laços de família por meio de costumes que acabam por produzir uma normatização social e familiar. Assim, é nesse momento, não por acaso, que surge o zelo pelas crianças. Cuidados esses que ficaram a cargo das mulheres, pilar de sustentação da família, e responsáveis pela educação e o trato dos filhos. Para Moreira, “(...) a devoção e presença vigilantes da mãe surgiram como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar” (MOREIRA, 2009b, p. 23). Um anúncio de pílulas fortificantes presente no *Jornal das Moças* de 19 de dezembro de 1918 exemplifica essa afirmação (FIGURA 51):

Lembraí=vos meus filhos



de tomar todos os dias as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, graças ás quaes sois agora tão lindos e robustos.

Assegurai-me que não deixareis de tomal as um só dia e assim ficarei tranquillá sabendo que

a vossa saúde não está em perigo. São estas as recommendações de uma mãe intelligente e amante de seus filhos, que sabe como protegel-os das doenças que os ameaçam durante o desenvolvimento e sabe que elles precisam do sangue vermelho, quente e puro, para estarem vivos e alegres, o que obtem-se tomando as **PILULAS ROSADAS DO DR. WILLIAMS**. Protegei vossos filhos.

Figura 51 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 19 de Dezembro de 1918, s/p.

Também na revista *Familia* os anúncios de fortificantes infantis brotam em quase todas as páginas (FIGURA 52):



PHOSPHATINE

FALIERES

El alimento más agradable y más recomendado para los niños desde la edad de 7 a 8 meses, principalmente en el momento del destete y durante el crecimiento.

Facilita la dentición, asegura la buena formación de los huesos. Previene los defectos de crecimiento e impide la diarrea, tan frecuente en los países cálidos.

Útil para los convalecientes, los ancianos y todos los estómagos delicados. El esmero con que la preparan en un laboratorio modelo la hace **INIMITABLE.**

Exijan la “**PHOSPHATINE FALIERES**”
Se vende en todas partes

Depósito General: 6, RUE DE LA TACHERIE, PARIS
(Antiguamente: 5, Avenue Victoria, PARIS)

Figura 52 – Família. Santiago de Chile: Setembro de 1918.

Os novos produtos para a saúde e a higiene das crianças, os quais apareciam nas páginas das revistas, eram frutos de um movimento que se apoiava na racionalidade científica e nos dizeres médicos que pretendiam, por meio da eugenia e higiene, preparar as mães para a tarefa principal de suas vidas: a maternidade. A pretensão nacionalista em relação a uma regeneração da raça por meio da medicina, produzindo assim indivíduos fortes e aptos a contribuírem para os avanços da nação, fez com que um montante considerável de especialistas na puericultura conquistasse autoridade dentro da sociedade nas práticas e cuidados com a saúde da criança, bem como carta branca para falar às mães quais eram seus papéis femininos em relação à maternidade, remodelando a mãe dos séculos passados para uma versão mãe moderna de começos do século XX (FREIRE, 2008).

Essa modernidade maternal também passa pelos anúncios farmacológicos presentes nas revistas, visto que os produtos anunciados em sua grande maioria têm origem estrangeira, mais uma vez mostrando que naquele momento os olhos do Brasil e do Chile se voltavam para as inovações e os costumes de fora do continente sul-americano. Na Figura 51, “As pílulas rosas do Dr. Williams”, no original, *Dr Williams Pink Pills for Pale People* – pílulas rosa para pessoas pálidas – era um composto com ferro e magnésio que prometia proteger as crianças de doenças e deixar o sangue mais vermelho, nesse caso, enaltecendo a fortificação sanguínea. Desde 1890 era produzida pela empresa canadense G. T. Fulford & Company, a qual fez do composto um sucesso internacional. Já na Figura 52, temos o composto desenvolvido no século XIX pelo farmacêutico francês Emile Falières, que mostrou a importância dos fosfatos na alimentação. Batizou o seu produto unindo o nome da substância química fosfato ao seu sobrenome, originando assim o Phosphatine Falières, um alimento direcionado principalmente às crianças desde tenra idade, pois facilitava a dentição, a boa formação dos ossos e, segundo a propaganda, prevenia ou paralizava os defeitos no desenvolvimento das crianças. Ultrapassou as fronteiras da França quando a casa Chassaing lançou o produto a nível mundial, fazendo-o chegar aos lares das modernas e preocupadas mães chilenas e brasileiras.

Nesse sentido, os remédios e os produtos alimentares são tema dominante nas duas revistas. Aparecem como itens imprescindíveis na hora dos cuidados básicos com as pessoas, sobretudo com as crianças. Tanto nos artigos quanto na publicidade, se assume a necessidade de as mães buscarem todos os artifícios possíveis para o bem-estar e o crescimento saudável de seus filhos. Os cuidados com a criação das crianças e seu desenvolvimento sadio aparece como fator constitutivo da identidade das mães brasileiras e chilenas nas páginas das revistas, entretanto, o amor e o cuidado maternal não garantiam que as crianças se tornassem futuros cidadãos protegidos das mazelas da desnutrição e das doenças. Para isso acontecer, uma enxurrada de aconselhamentos médicos garantia a esses personagens o caminho a ser seguido. Como exemplo (FIGURAS 53 e 54):

Madre desesperada.—Santiago. — Si la leche con que se crían sus hijos es buena no veo por qué se desespera Ud. porque sus hijos son menuditos! Muchas veces los niños flacos son más sanos que los gordos. Es conveniente que la madre se alimente bien de cosas sanas que le den buena y abundante leche, debe estar mucho al aire libre, tomar leche, arroz, porotos, papas y mate, así podrá criar bien a sus hijos.

Figura 54 – Família. Santiago de Chile: Julio de 1916, p. 42.



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
CUJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
**VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI**
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.
À VENDA NAS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C^o
RUA 1^o DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO.
LIC. B.R.S. PUBLICA Nº 459 DE 16-2-1923. (MARCA REGISTRADA)

Figura 53 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 16 de Setembro de 1926, s/p.

Os cuidados com o desenvolvimento das crianças por meio de uma alimentação adequada, higiene e saúde controlada, traziam aos

especialistas médicos da época uma certeza de que esses jovens cidadãos cresceriam aptos a cumprir funções sociais, laborais e políticas com eficiência para suas nações. Além do mais, esses cuidados delicados geridos pelas mães nos lares, proporcionavam paz e calma às almas dos progenitores, pois sabiam que estavam realizando um trabalho de estupendo resultado, o que os enchiam de orgulho e satisfação. Essa etapa importante do desenvolvimento humano, relegada principalmente às mães, sem dúvida estava ligada diretamente a uma ideologia que pousava os olhos na maternidade com um caráter definitivamente científico e que, de certo modo, aproximava as mulheres do “(...) universo ‘masculino’, racional, da ciência, deslocando a maternidade da esfera estritamente doméstica e lhe conferindo novo status” (FREIRE, 2008, p. 161).

Em 1911, um artigo da revista *Familia* intitulado “Maternidad” expõe essa ideia acerca da posição de respeito e importância que as mulheres encontrariam em suas atribuições rotineiras, quando bem executadas. O corpo da mulher, enquanto esposa e mãe, era visto como uma estrutura da qual sua importância principal era a sobrevivência dos outros, nesse caso, os filhos. Ela era a responsável absoluta pela saúde, alimentação e desenvolvimento intelectual da sua prole, como bem delinea o artigo em questão:

Quando los niños van al colegio, que es la edad del desarrollo intelectual, es cuando más necesitan de su madre. Ella debe vigilar la alimentación para que no se debiliten con el estudio y decaiga la capacidad para comprender (...). En un cuerpo sano es más fácil inculcar las buenas ideas, los buenos principios (MATERNIDAD, 1911, p. 2).

A função da mãe aqui é zelar pela saúde e educação dos filhos por meio de preceitos éticos e médicos. Para tanto, é necessário que a mesma esteja sempre presente na vida das crianças, cuidando de seu corpo e de sua mente. No mesmo artigo, para além do texto, há uma imagem que exemplifica esse caráter de zelo da mãe para com seus filhos. Uma caricatura que a revista coloca de forma proposital junto ao texto como meio de exemplificar o modelo esperado, revelando uma mãe sentada junto a seu filho, penteando seu cabelo de forma carinhosa e atenta, o que graficamente denota a disposição corporal de serviço e devoção que se exigia das mães (FIGURA 55).



Figura 55 – Família. Santiago de Chile: Novembro de 1911, p. 2.

Alimentar, higienizar e educar, esses eram os afazeres primordiais das mães em relação a seus filhos. A criação e a educação dos filhos regia-se então por uma medicina preventiva e social, dentro de uma concepção mais ampla do higienismo, que catalisava uma força moralizadora que pensava a nação como espaço homogêneo, mesmo não o sendo, onde as crianças recebiam em seus primeiros anos de desenvolvimento pessoal cuidados com a saúde e educação para a vida. No entanto, a independência dos filhos em relação à mãe, no que diz respeito à educação formal fora das paredes do lar, só acontecia nas primeiras décadas do século XX, a partir dos oito anos de idade; antes disso, as crianças deveriam estar em seus lares, junto às suas mães e à família. A revista *Família* corroborava com esse discurso:

(...) hasta los 8 años, a lo menos, debe estar en el nido, al calor de las caricias maternas. Son florecitas delicadas; el menor soplo puede herirlas (...). Es increíble el alejamiento que se va formando en el corazón del niño que crece apartado de su madre, los hay, que ven a sus madres sólo instantes en el día, comen lejos de los padres por distintos motivos, según ellos muy justificados. (...) Las niñas deben vivir prendidas al corazón de sus madres, como están las estrellas en el cielo, y brillarían como ellas (NUESTROS..., 1917, p. 6).

Aconselhadas a ter seus filhos sempre a seu lado, pelos menos até o período indicado para as crianças se apartarem da barra de suas saias, as mães chilenas e brasileiras buscavam nas revistas conselhos alternativos para educar seus filhos. Nas páginas dos periódicos apareciam uma gama de alternativas para subsidiar as mães nesse pleito, como historietas diversas para serem lidas e manuais de criação de jogos e brinquedos didáticos com materiais fáceis de encontrar em qualquer lar. Materiais como novelos de lã, papel, lápis de cor, caixas e pedaços de madeira eram transformados em atividades diversas para os pequenos. As revistas afirmavam que ajudá-los a criar seus brinquedos e passatempos seria de grande valia, pois poderiam obter grandes resultados, como, por exemplo:

Les desarrolla el amor a la naturaleza, les enseña a manejar sus deditos por medio de juegos (...), al mismo tiempo que el niño se entretiene con juegos infantiles. Estas ideas de trabajo natural, trabajos de mano y juegos, puede llevarlos a efecto cualquier madre en su propia casa, con buenos beneficios y agrado a la vez (KINDERGARTEN..., 1913, p. 35).

O *Jornal das Moças* também exemplificava a construção de brinquedos para o “recreio” das crianças (FIGURA 56):

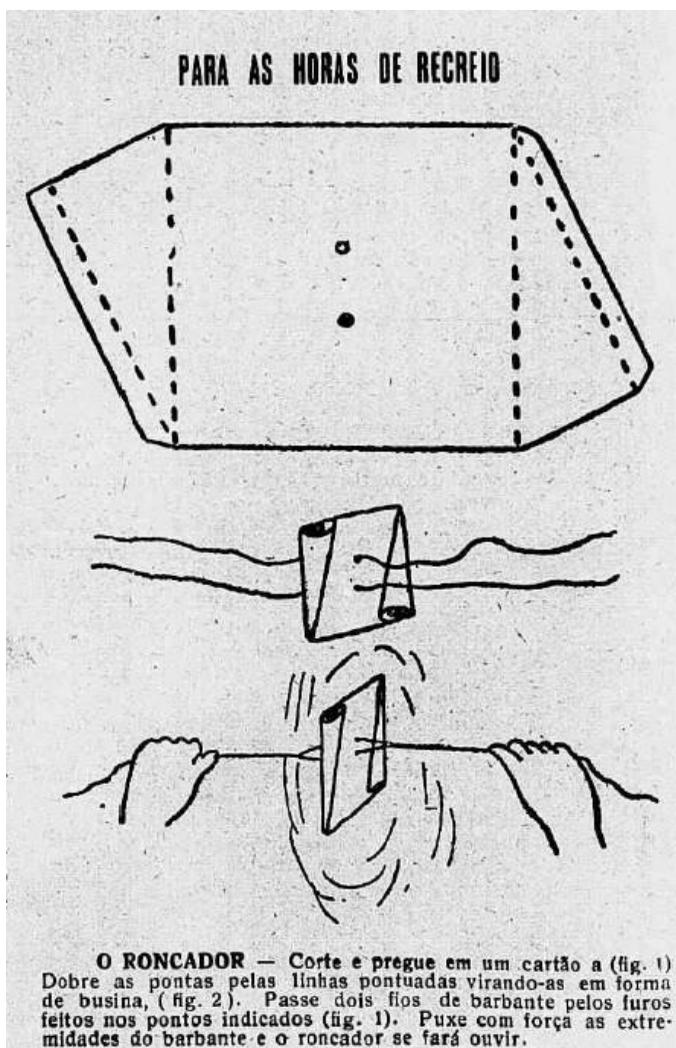


Figura 56 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 15 de Julho de 1915, s/p.

A temática dos jogos e passatempos focava no caráter educacional dos mesmos, dado que através dessas experiências as crianças podiam jogar, explorar e aprender sobre o mundo a sua volta. Ao exercer diferentes funções nas brincadeiras propostas, adquiriam diferentes habilidades como a imaginação, a socialização e a autonomia.

Os passatempos, em geral, foram uma boa ferramenta para as mães incitarem em seus filhos os valores, as atitudes e as habilidades que a sociedade da época esperavam deles, depois, enquanto adultos. Esses ensinamentos serviriam para o resto de suas vidas.

(...) el niño se desarrolla a través de los juegos, que son los que más educan al niño y lo que los hace más felices con que construyen, dándoles así la ocasión de hacer y ejecutar. (...) La vida está llena de pesares, así es que debemos estimular los placeres en los niños para que adquieran gustos alegres y puedan, sobrellevar mejor las penas que tendrán que venirles más tarde. (...) los padres deben dejarlos que ellos mismos se proporcionen sus juegos con un poco de ingenio y de trabajo propio, pues de este modo los padres, también, van conociendo los gustos y las inclinaciones de sus hijos, y los puede corregir jugando con ellos mismos, y demostrándoles el mal que han hecho o que han ideado (MODO..., 1913, p. 7).

Essas atividades, segundo as recomendações da época, eram importantes para a criança se manter ativa intelectualmente e fisicamente. No entanto, também era de extrema importância para os pequenos desenvolver essas habilidades em um ambiente livre, como uma praça ou um parque. A recreação ao ar livre era altamente recomendada na época pelo contato com o sol e ar limpo e livre, possivelmente recomendações médicas que buscavam cada vez mais resolver os problemas ligados a saúde frágil das crianças da época. O *Jornal das Moças* em seus primeiros anos de existência possuía um complemento voltado diretamente para a educação das crianças, seu cabeçalho de página exemplifica essa ideia da criança em contato com a natureza, os jogos e a leitura (FIGURA 57).



Figura 57 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.

Notamos na Figura 57 que há crianças e jovens de todas as idades em um amplo e arborizado jardim, com seus brinquedos e jogos, mas principalmente com livros em suas mãos. Todos na caricatura estão de alguma forma interagindo com a leitura de algo, o que demonstra que para além da preocupação com a saúde física das crianças e jovens estava também a preocupação com o intelecto. No próprio *Jornal das Moças*, as temáticas da história do Brasil, já pelo viés republicano – “Tiradentes como herói da luta pela independência e liberdade nacional” –, bem como modos de comportamento – “O que uma mocinha deve saber” –, apareciam nessas páginas infantis com o intento de formar os futuros homens e mulheres da nação. Se não as mães, os próprios filhos poderiam fazer a leitura desses conteúdos e pouco a pouco ir assimilando seus posicionamentos, comportamentos e atitudes em relação à sociedade em que viviam. Vejamos na íntegra os conteúdos citados (FIGURAS 58 e 59):

Historia do Brazil em poucas palavras

POR WLADIMIR PEREIRA

Conspiração de Tiradentes

Era governador de Minas Geraes Luiz da Cunha Menezes, quando appareceu a idéa da independencia. Domingos Vidal Barbosa chegando em 1788 de França trouxe idéas de independencia e já encontrou as mesmas idéas e com outros patriotas formou uma conspiração com o fim de proclamar a independencia e a republica. Entre os conjurados notam-se como principaes os seguintes: o coronel Ignacio de Alvarenga Peixoto; os poetas Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, appellido o Tiradentes, pela habilidade em extrahir dentes. Tiradentes foi mandado ao Rio de Janeiro com o fim de conferenciar com o dr. José Alves Maciel e ao mesmo tempo comprar armas e munições. O Visconde de Barbacena, successor de Luiz da Cunha Menezes, tendo noticia da conspiração formada em Minas, communicou logo ao vice-Rei Luiz de Vasconcellos, que suspendeu immediatamente a cobrança dos pesados impostos, e mandou prender todos os chefes da conspiração que foram depois condemnados á morte. Quem denunciou a conjuração foi Joaquim Silverio dos Reis, que tambem era um dos conjurados. D. Maria I, então, rainha de Portugal, commutou a pena em degredo perpetuo, com a unica excepção de Tiradentes, que foi julgado chefe da conjuração e réo imperdoavel, por ser militar. José Joaquim da Silva Xavier foi preso e enforcado na cidade do Rio de Janeiro, e no local onde se acha hoje a Camara dos Deputados.

Tiradentes, portou-se com verdadeiro heroismo e dignidade.

A sua cabeça foi levada para S. João d'El-Rei. A sua casa destruida e saqueada e a sua geração julgada infame.

Mas o seu sangue ardente de civismo e amor da patria não foi derramado em vão: Regou a terra onde mais tarde deveria nascer e fructificar a arvore da liberdade.

O que uma mocinha deve saber

VEJAMOS, cara leitora, seja franca: não lhe aconteceu já alguma vez commetter um destes disparates, que fazem dizer aos outros (ás pessoas indulgentes) — De onde é que ella sahiu?

Não lhe aconteceu já deixar escapar uma palavra desgraçada, cuja recordação, mesmo passados annos, é ainda dolorosa para seu amor-próprio?

Não se tem sentido humilhada, ás vezes, com os modos um pouco altivo da sociedade, que não estava habituada a frequentar?

Timida e receando ser criticada, desejaria escapar aos olhares de seus vizinhos, e só encontraria socego longe desses juizes desapiedados e debaixo do quente abrigo da casa paterna.

Consolese-se. Todos, moços e velhos, passamos por estas desagradaveis provações e não estamos mais orgulhosos por isso!...

Para evitar essas pequenas mortificações, basta observar-se, sem descanço e traçar a si proprio uma linha de conducta.

Quando estiver em um salão, examine directamente as pessoas que a rodeiam.

Notará os pequenos ridiculos deste, os ares pretenciosos daquella, a voz esgançada de milie. X... e o sorriso de encomenda da sra. Z...

Póde ter a certeza que tambem é o ponto de mira de todos os olhares; logo que voltar as costas occupar-se-ão consigo, e será por sua vez depennada.

Deve, pois, tomar sempre sentido em suas palavras, em seus modos, afim de que as pessoas menos indulgentes não achem nada que dizer.

E, para salva-la desses escolhos que lhe dou alguns conselhos amigaveis: acolha-os, como lhe agradar.

Deve fazer algumas visitas, não gosta muito d'isso, bem sei; mas, quantas cousas existem que são aborrecidas e a que no entanto é preciso nos sujeitar?

E' já uma mocinha; todos a consideram assim; quer que aquelles que a vêm digam: ella é encantadora?

Não fale de mais, os tagarellas são insupportaveis; além disso, só fale «do que sabes».

O mundo está cheio de gente tola que trata de todos os assumptos e que trata sem saber. Toma a liberdade de julgar as artes, as sciencias, as letras, e nada entende d'isso. Da parte de um homem, de uma mulher, essas pretenções já são desagradaveis; mas da parte de uma mocinha, é desagradabilissimo.

Não interrompa nunca uma pessoa que fala; si tal facto se der, peça desculpas.

Não grite, não ha nada mais vulgar que conversar gritando; póde-se falar bastante alto, mas não gritando, muito baixo tambem é dispensavel, pois os extremos se tocam.

Seja sobria de gestos; o abuso dos gestos é ridiculo; dá vontade de rir; não olhe para o espelho enquanto lhe falam; não examine sua interlocutora; que seus olhares não passeiem de seu vestido e seu penteado e de seu corpo a suas joias.

Tudo que lhe digo parece *nada*; pois bem, mas ha uma multidão de senhoras da melhor sociedade que caem constantemente nessas faltas; e ficariam muito admiradas si a quem lhes dissesse que não têm conhecimento do mundo.

MENTOR.

Em um consultorio dentario

—Doutor qual é o melhor dentifricio do mundo?
—E' o sabão dentifricio do Dr. Jammes; Saneia a bocca, faz os dentes alvos e torna o habito suave e perfumado.

Figura 59 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.

A formação educacional e social da criança e do jovem era considerada uma importante etapa de seu crescimento, dado que é nesse desenrolar que se desenvolvem tanto as habilidades sociais quanto as intelectuais. A socialização era fundamental no desenvolvimento integral do ser humano, sendo assim, cabia à mãe o dever de monitorar os passos que davam seus filhos dos primeiros anos até a entrada na escola, porém, sem nunca os perder de vista, visto que o colégio era o lugar onde as crianças aprenderiam a interagir com seus pares e a relacionar-se de maneira sã e correta. A família, mais precisamente a mãe, jamais deveria se desprender de suas obrigações mesmo depois dos filhos estarem fora das paredes do lar. A vida moderna e suas exigências múltiplas, as quais faziam o tempo se esgotar num piscar de olhos, mostravam que era necessário que a criança estudasse e, para isso, era necessário que a família “(...) se doblegue á las exigencias dela escuela y colabore con ésta en la larga y difícil tarea de hacer con el niño de hoy el hombre armado para los combates de mañana” (LA..., 1911, p. 1).

Para as mulheres, desde pequenas lhes eram inculcadas as ideias de que deviam ser damas de bem, de utilidade para o lar e para a sociedade. Servir ao marido, aos filhos e à nação era tarefa

imprescindível nas vidas dessas mulheres de começos do século XX. Assim, os conselhos que chegavam até elas eram de que deveriam manter a retidão, a harmonia e a maturidade em seu ser. Não deviam ser, como coloca a própria revista *Familia*, em fevereiro de 1912:

(...) niñas que no hacen nada, sin servir a nadie, ni á los de su casa. Niñas que no hacen sino pensar en modas y en esperar la hora del paseo, que no se interesan por nada de su hogar, no ayudan á su madre ni para disponer una comida, no trabajan siquiera para esa multitud de obras de caridad que hay en Santiago (LA..., 1912, p. 2).

Segundo o próprio artigo, a ociosidade jamais deveria entrar na vida das meninas ainda jovens, desde cedo deveriam estar cientes do seu dever social, de ser produtivas e só se render às diversões e às distrações depois de cumprir seus afazeres domésticos, maternais e conjugais, de esposa dedicada e atenta ao marido. Esse era o teor pedagógico que rondava a formação das mulheres nas primeiras décadas dos 1900 brasileiro e chileno, a ideia da mulher com amplo papel social dentro da sociedade aristocrática de formar filhas para servir ao marido e aos futuros rebentos; filhos dignos e fortes para o engrandecimento da nação. Sem dúvida o discurso médico higienista presente nas revistas foi a mola propulsora para esse movimento que Moreno define da seguinte maneira no Chile:

Los datos reseñados hasta ahora nos proveen de un marco comprensivo sobre la situación de la sociedad urbana chilena, que nos sitúa en el contexto en el cual emergen los discursos higienistas que promovieron la maternidad como función social de las mujeres. Estos discursos son parte central de los procesos de modernización. En primer lugar, para el proceso de constitución de un Estado-nación moderno se hacía indispensable la conformación de una identidad nacional. En una sociedad desintegrada como la chilena, la idea de la madre, como característica universal a todas las mujeres, surgió con fuerza como homogenizadora de una identidad nacional. Ricas y pobres, todas las mujeres compartían la posibilidad de la maternidad. A partir de ello se llamó a “la madre chilena” a comprometerse con el desarrollo y la

consolidación de la nación (S. MORENO, 2004, p. 140).

No Brasil, o discurso médico apoiado em teorias europeias também contribuiu de maneira efetiva para se estruturar a figura da mulher como mãe e esposa ideal. Tanto a criação dos filhos como as relações familiares e dos casais passaram a ser teorizadas e normatizadas pela ciência médica da época que não se restringia somente aos consultórios, pois estava presente em vários espaços, inclusive nas revistas femininas. Segundo Deborah Kopke Resende:

(...) nesta época criou-se a mãe higiênica: aquela que é amante dos filhos e aliada dos médicos. (...) outro aspecto que se destacou nessa influência do discurso médico na reorganização da família e da maternidade foi a crescente produção do conhecimento sobre o corpo feminino, que resultou na constituição de duas especialidades médicas, a obstetrícia e a ginecologia. (...) o determinismo naturalista e a normatização médica construíram, com seus métodos e teorias, um modelo de mulher fundado na anatomia e na fisiologia, com importantes desdobramentos morais e políticos para as mulheres, encerrando-as nos estreitos limites da esfera doméstica e da maternidade (RESENDE, 2017, p. 183).

As preocupações das mulheres a partir das normatizações médicas e sociais, as quais geriam seus passos, eram amplas e diversas, contudo, centrada principalmente na direção dos assuntos domésticos. Os trabalhos de dona de casa não podiam ser deixados de lado: atender os filhos, o marido, lavar, passar, limpar a casa, manter o jardim, bordar, organizar palestras e pequenas reuniões entre amigos ou parentes eram algumas das funções esperadas das mulheres da elite carioca e santiaguina. Claro, é certo que elas não desempenhavam esses papéis sozinhas, em sua grande maioria tinham à disposição empregados aos quais eram ensinados e cobrados por elas mesmas a seguir regras duras de etiquetas importadas. Era então uma gerente do lar, uma organizadora de sua morada e da família, uma dirigente atenta a todos os detalhes das atividades realizadas em seu espaço de comando, porém, sem nunca perder de vista a moda e os cuidados com a beleza.

5.2 BELA, SAUDÁVEL, NA MODA E CONSUMISTA

O conjunto de novos discursos sobre e para as mulheres não findavam somente no matrimônio e na maternidade. Em relação ao comportamento feminino, os temas extrapolavam essas duas instâncias e se agarravam também às suas funções, seu corpo e sua sexualidade. O contexto no qual essas novas falas surgem é de uma sociedade que está experimentando importantes processos de modernização e, por isso mesmo, precisa constituir quais são os papéis que as mulheres devem assumir dentro das transformações que vinham se dando na nova ordem social que se configurava. Como já vimos, a maternidade e o matrimônio eram pontos cruciais na vida das mulheres chilenas e brasileiras no começo do século XX, no entanto, outros pontos desse novo imaginário que impulsionava transformações diversas podem ser considerados como essenciais na vida dessas mulheres, como a beleza e a moda, por exemplo.

Estar na moda e ser bela eram preocupações reais na vida de todas as mulheres que acompanhavam os câmbios regidos por uma modernidade que vendia beleza, estilo e distinção social por meio das páginas de revistas femininas. Essas propagandas traziam à tona roupas e produtos cosméticos diversos, e podem ser consideradas simultaneamente restritivas e libertadoras para as mulheres, porque impunham os discursos normativos que reforçavam a tendência moderna de separar o espaço público do privado, demarcando os limites no público e reafirmando o espaço doméstico como o lugar original para as mulheres.

A necessidade de educar cada vez mais as mulheres para promover uma normatização feminina abriu espaços para várias frentes de abordagem do feminino. No caso da moda e da beleza, as demandas por ser bela e estar de acordo com os padrões estilísticos da época, tentando o casório ou a mantê-lo (BASSANEZI, 2005a), ganharam espaços tanto no *Jornal das Moças* quanto na revista *Familia*. A estética era um dos pilares das duas revistas. Tanto no que se refere a seu próprio corpo, como na adoção das tendências da moda, as revistas apareciam como referencial no qual as mulheres podiam se apoiar sem erro. Para Freire, a moda, pautada em visões europeias e norte-americanas, era mais um dos temas pedagógicos normativos das revistas. Conforme Freire, a literatura, a moda e as notas sociais presentes nas revistas, comprovavam a

(...) sua função de mediação cultural e política, de difusão de discursos voltados à construção de identidades e de papéis sociais, as revistas femininas refletiram e simultaneamente

conformaram as transformações da própria inserção das mulheres na sociedade (FREIRE, 2008, p. 157).

A moda, tanto no Brasil quanto no Chile, em princípios do século XX, está fortemente arraigada às influências diretas dos Estados Unidos da América e da Europa. As tendências que vinham da Itália e França no campo da moda nutriam as páginas das revistas femininas, disseminando novos códigos estéticos e uma variedade de estilos que acompanhavam os acontecimentos sociais e culturais da época. A moda vinha influenciada pelo movimento moderno das urbes e o novo estilo de vida de seus cidadãos. No caso da mulher, que iniciava um processo de transformação no seu estilo de vida – resultado de sua inserção em alguns campos da vida pública – era necessário que esta se aproximasse ao máximo do estereótipo feminino europeu. É possível ver em vários momentos nas páginas da revista *Familia* este chamado ao modelo europeu:

La gracia y el sprit parisiense renace de nuevo en los sombreros, se combina de modo de hacerlos lo más insignificantes posible al mayor precio. Un bonito sombrero es el sueño de la mujer elegante (MODAS, 1919, p. 15).

A citação retirada da coluna “Modas”, presente na revista *Familia* de 1919, evidencia a preocupação em relacionar o espírito parisiense dos chapéus à ideia de mulher elegante. Além do mais, o transforma em um objeto de consumo cobiçado, pois o trata como sonho de consumo que idealizaria o objetivo da mulher chilena de ser vista como elegante. Da mesma forma, o *Jornal das Moças* por meio da coluna “Modos e Modas” enfoca o discurso generalista de que todas as mulheres do mundo são *coquettes*, portanto, vaidosas por natureza. A revista cita as excentricidades que essas mulheres, em vários lugares do mundo, cometem com o intuito de ser/estar sempre belas e culpabiliza os homens por esses atos. A autora da coluna enfatiza que os homens não devem temer a procupação fútil das mulheres para com a beleza externa, visto que, para além da beleza e da elegância, as mulheres também cultivarão a inteligência e a nobreza de espírito. Ademais, além da educação formal recebida pelas mulheres, fica a cargo das revistas também os direcionamentos pedagógicos de como essa mulher pode se tornar bela, culta e nobre:

Coquettes todas as mulheres o são. Na Abyssinia, por exemplo, as bellezas do paiz fecham-se durante três mezes num quarto onde queimam em pequenos fogareiros plantas cuja fumaça é reputada para clarear a pelle. Na Europa diversas senhoras sugeriram-se durante muito tempo a applicação de pedaços de carne crua sobre as faces, afim de obterem uma pelle de setim (...) ainda agora, aqui no Rio, muitas cariocas resignam-se a penosos tratamentos com o fim de emmagrecerem ou engordarem, tornando-se assim mais encantadoras...

«São loucas!» exclamarão os criticos austeros, não admittindo, de resto, se não os trabalhos intellectuaes para suas companheiras... Não, senhores criticos... ellas não são mais do que inconseqüentes, e os homens são os únicos culpados. Si não desse tanta importância ao encanto de madame chose ou Mádemoiselle norma a senhora X e a senhorinha Z... não perderiam seu tempo em se maquiller e não gastariam tanto dinheiro inutilmente... Mas, paciência... tout passe, tout casse y tout lasse, é de suppor, creio, por mais de um motivo, que a boneca, de hontem, a fútil de hoje, será amanhã um ser que reflectirá, amará e pensará — nobremente.

Não tremam, a belleza, a alegria, a bondade nada perderão — somente a boneca terá um cérebro, um coração; não agirá nem fallará mas em louca... mas sim em ser consciente de seu prestígio e de seus deveres.

Novembro se approxima a passos agigantados, e com elle, a esperança dos dias menos escuros, chuvosos e monótonos, a necessidade de se fazer bella. As toilettes invernaes desapparece, urge recorrer as costureiras, pois os novos vestidos são tentadores, e realmente o único embaraço está na escolha (BRANCA, 1917, p. 17).

Nesse sentido, até mesmo os anúncios comerciais que surgiam nas revistas femininas estimularam a educação do corpo e da mente das mulheres chilenas e brasileiras. Nestes, como bem lembra Fabiana Jordão Martinez, se repete as habituais conexões culturais sobre as mulheres

como a domesticidade, as emoções e a ‘natureza’, logo, “(...) a publicidade, a moda e os veículos de comunicação em massa acolheram este novo contingente de consumidoras, lançando parâmetros estéticos e de comportamento” (MARTINEZ, 2015, p. 54).

O espaço dedicado à publicidade cresceu vertiginosamente junto à imprensa periódica do momento, um reflexo de movimentos europeus, mas principalmente norte-americanos que mostravam a manifestação de uma nova psicologia do consumo, ciência esta que tinha como alvo, através do marketing, entender o choque das representações imagéticas na cabeça do leitor consumista (EWEN, 1976). A propaganda comercial que envolvia a moda e a estética feminina passou a ser considerada um produto social e cultural conformando-se a partir das distintas construções da representação do real. Essa realidade estava baseada na medicina social que regia os fundamentos da “natureza biológica” entre homens e mulheres, e que constituía a mulher como ser dotado de extrema fragilidade e propenso à compostura, pois, por razões biológicas, havia sobre elas a preponderância das capacidades afetivas sobre as do intelecto. Jurandir Freire Costa aclara esse pensamento da seguinte maneira:

Do ponto de vista dos higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e idéias que reforçassem a imagem da mulher-mãe. Por isto, sua presença nas catedrais da ciência era intolerável. A mulher intelectual dava mau exemplo às outras mulheres (COSTA, 1979, p. 260).

Pois se a mulher intelectual era um mau exemplo, o foco propagandístico das revistas femininas não poderia ser outro senão o dos bens de consumo que reforçassem a característica doméstica da mulher, porém, sem esquecer a beleza e a moda. Naquele momento não poderia ser diferente pois, dentro da estrutura social patriarcal posta, o corpo idealizado da mulher e a funcionalidade do mesmo não poderia ir contra os desígnios a cargo dele. Seu caminho passava pela beleza e harmonia do ser, mas nunca deveria se sobrepor a sua função principal que era o do cuidado com o outro, os filhos, o lar e o marido. Logo, o *marketing* da época trabalhava com a ideia de que a conquista de mais consumidoras não estava atrelada em primeiro plano as qualidades do produto vendido, mas sim pelas representações da mulher ideal que dele emanavam (MARTINEZ, 2015).

A publicidade crescia desse modo por meio de uma “política do estilo”, com novas estratégias persuasivas, como o uso de textos atrativos e ilustrações que tinham como foco arrebanhar a maior quantia possível de leitoras consumidoras (EWEN, 1988). Por intermédio de um processo de subjetivação e identificação das leitoras com textos de cronistas, médicos e imagens publicitárias, os quais levavam as leitoras a querer e a ser o que o produto vendia e prometia, criou-se um movimento fetichista baseado no brilho e charme destas representações que equivalia até mais do que o próprio consumo do produto (KHELL, 2004). Esse fetichismo é criado também pela modernidade industrial que, como revela Marx, necessita criar consumo para seus produtos. Dentro do sistema capitalista o processo de produção industrial forja um embrionário consumo de massas, na qual as necessidades dos sujeitos são manipuladas pelos produtores. Em relação às mulheres, alienadas dentro das suas normatizações impostas, as publicidades comerciais focavam no seu papel de esposa bela e mãe defensora dos bons costumes e do lar. Uma presa fácil nas mãos dos industriais enfeitadores, como o Marx afirma:

(...) o aumento da produção e das necessidades se converte no escravo engenhoso e sempre calculador de apetites desumanos, refinados, antinaturais e imaginários (...) nenhum eunuco adula mais baixamente seu déspota ou procura com os meios mais infames estimular sua capacidade embotada de gozo, a fim de obter um favor, do que o eunuco industrial, o produto, para granjear para si mais moedas de prata e para fazer sair ovos de ouro do bolso de seus próximos, cristãmente amados (MARX, 1978, p. 22-23).

5.2.1 Vendendo saúde para toda a família

Havia necessidade para tudo, mas a preocupação com a saúde era um dos pontos mais destacados em anúncios, tanto no *Jornal das Moças* quanto na revista *Família*. As normas médicas higienistas grifavam a importância da prevenção antes do tratamento das enfermidades, tanto para a saúde da mulher quanto para a do marido e dos filhos. Vejamos algumas mensagens dirigidas a elas (FIGURAS 60 e 61):



BEXIGA, RINS, PROSTATA E URETHRA

A **UROFORMINA** cura a insuficiencia renal, as cystites, pyelites, nephritis, pyelo-nephritis, urethrites chronicas, catarrho da bexiga, inflamação da prostata, typho abdominal. Dissolve as arbas e os calculos de acido urico e uratos.

Preventivo da anemia e das infeções intestinaes

Encontra-se em todas as boas pharmacias e drogarias e no deposito

FRANCISCO GIFFONI & C.^l
Rua 1.^a de Marco, 17 — Rio

VINHO BIOGENICO

(VINHO QUE DA' VIDA)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, dos anemicos, dyspepticos, arthriticos.

Poderoso tonico e estimulante da «Vitalidade», o **VINHO BIOGENICO** — é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenias, anemias, lymphatismo, dyspepsias, adynamias cachexia, arterio-sclerose),

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite.

O **VINHO BIOGENICO** augmenta a quantidade e melhora a qualidade do leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico. **Diariamente** receitado pelas summidades medicas.

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

Francisco Giffoni & C.
Rua Primeiro de Março, 17 Rio de Janeiro





SO'

**E' CALVO QUEM QUER
PERDE OS CABELLOS QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER**

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, evita a queda e estingue a caspa.
BOM E BARATO

Venda-se em todas as pharmacias e perfumarias e no deposito

FRANCISCO GIFFONI & Cia.
RUA 1.^a DE MARÇO 17 — RIO

Agencia Cosmos

Figura 60 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Junho de 1916.

¡Señoras y Señoritas!

¿Ustedes han reflexionado lo que significa tener una excelente Salud?

¿Por qué no obtienen Vds. la medicina que necesitan, propia para las enfermedades del sexo, si es tan fácil conseguir su restablecimiento?
¿Conocen ustedes el

COMPUESTO MITCHELLA?

Pruébenlo, úsenlo y lo adoptarán, porque su convencimiento personal de sus excelentes cualidades les demostrará que es indispensable; sus desarreglos periódicos, sus sufrimientos y angustias durante la maternidad, desaparecerán con el **Compuesto Mitchell**. Su restablecimiento después del parto y su excelente estado para desempeñar las funciones de madre, dando el pecho a su hermoso niño, se lo proporciona el **Compuesto Mitchell**.

A continuación se dan doce testimonios sinceros y verídicos, escogidos de la inmensa canti-

dad recibida de la República de Chile, son manifestaciones hechas por señoras vecinas tuyas, que se hallan satisfechas, agradecidas y contentas con el uso del **Compuesto Mitchell** obteniendo un beneficio tan maravilloso, que desean que sus hermanas sepan que para ellas también hay una ayuda. El árbol se conoce por su fruto y asimismo, el **Compuesto Mitchell**, que sin discusión, es el mejor amigo con que puede contar la mujer para aliviarla de los achaques del embarazo y los dolores del alumbramiento, y combatir los males que la acechan propios de su sexo.

TESTIGOS CERCANOS

La Sra. C. Standen, Casilla 349, y domiciliada en la ciudad de Talcahuano, nos escribe: "Ante todo debo hacer saber que en las Pastillas de **Compuesto Mitchell** he encontrado un gran alivio, pues después de haber tomado tan sólo muy pocas pastillas se me quitaron los atroces dolores que sentía, sólo siento no haber conocido antes este maravilloso remedio que me hubiera librado de varios abortos. Aunque me siento bien quiero seguirlos tomando, pues tan sólo así tendré un parto feliz."

La Sra. Ana H. de Arnerich, domiciliada en la Calle Bella Vista No. 210, Antofagasta, dice: "Algunas amigas mías me han hablado cosas maravillosas del **Compuesto Mitchell**, tengan la bondad de mandarme un paquete, incluyo sus valores."

La Sra. Bertha B. de Massardo, domiciliada en la ciudad de Chañaral, dice: "He usado el **Compuesto Mitchell** y estoy muy agradecida, les ruego enviarme algunos libritos para repartirlos entre mis amigas, y así dar a conocer sus buenos resultados."

La Sra. Margarita Díaz de B. domiciliada en la ciudad de Huiñe, dice: "Las Pastillas de **Compuesto Mitchell** me han alivado muchísimo los fuertes dolores de espalda que padecía y encuentro un bien general en todo mi organismo."

La Sra. Leonidas Ruminot de A. (Matrona) domiciliada en la Calle Aldunate No. 457, Temuco, dice: "Hago presente que el **Compuesto Mitchell** que he recetado a mis enfermas, ha dado muy buenos resultados, por lo que conisumamente lo estaré usando."

La Sra. Felisa L. de Borja, domiciliada en la Calle de López No. 586, Santiago, dice: "Hacia muchos años no había podido lograr

criar ninguna criatura, y después de haber tomado el **Compuesto Mitchell**, tengo una robusta y sana."

La Sra. Josefina Aravena, domiciliada en la ciudad de Coronel, escribe en los siguientes términos: "Les agradecería me mandaran unos folletos para darle a conocer a mis buenas amigas el gran beneficio que les puede proporcionar el famoso **Compuesto Mitchell**, que hace más de tres años que uso obteniendo magníficos resultados."

La Sra. María Fernández, domiciliada en la Calle 18 de Septiembre No. 839, Arica, dice: "Antes de nada diré que el **Compuesto Mitchell** me ha hecho mucho bien, no encuentro palabras como demostrar lo agradecida que me encuentro."

La Sra. Rosa D. de Zapata, domiciliada en la ciudad de Purén, dice: "Por la presente tengo el gran placer de comunicar, que he obtenido muy buenos resultados con el uso del sin igual **Compuesto Mitchell**, por lo que estoy muy agradecida."

La Sra. Guillermina Pradel de Prado, domiciliada en la ciudad de Pocolillas, Cauquenes, dice: "Comunico que han sido maravillosos los efectos que me ha producido el **Compuesto Mitchell**."

La Sra. María León de B., domiciliada en la ciudad de Huara, nos escribe en los siguientes términos: "No se como expresar mis agradecimientos por el inmenso bien que me han hecho las pastillas de **Compuesto Mitchell**."

La Sra. Adelina de Gómez, domiciliada en la Calle A, Prat No. 291, Curicó, dice: "Las pastillas de **Compuesto Mitchell** me han dado espléndidos resultados."

ADVERTENCIA: Si tiene Vd. la menor duda sobre el sorprendente mérito de las Pastillas de **Compuesto Mitchell**, le enviaremos a vuelta de correo copias de testimonios otorgados por señoras y señoritas de su propia vecindad que se han beneficiado notablemente con el uso del **Compuesto Mitchell**. Estamos en condiciones de hacer esta oferta por la razón de que millones de personas, tanto de la República de Chile, como de los demás países del mundo civilizado, nos escriben constantemente expresando

su gratitud por el bien que han obtenido con este gran específico. Es de sustancias vegetales y absolutamente inofensivas. Pídale en las Boticas y Droguerías y no septe Vd. substitutos. Cada paquete va acompañado de un folleto del Dr. Dye, que dice "Cómo dar a luz niños sanos y robustos sin temor a dolores" y "Cómo llegar a ser madre." También contiene consejos muy valiosos y datos interesantes que toda mujer debe saber. Dr. J. H. Dye Medical Institute, Buffalo, N. Y., E. U. de A.

Depositarios para Chile y Bolivia:

DR. J. H. DYE MEDICAL INSTITUTE AGENCY
Casilla 4541, Santiago.

Figura 61 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1918, p. 44.

O dito popular “melhor prevenir do que remediar” dava o tom dos anúncios de remédios, fortificantes e outros produtos direcionados à saúde da mulher e da família. O ato de medicalizar para prevenir ou fazer intervenções farmacológicas necessárias para manter a saúde das mulheres se justificava pelo fato delas serem reconhecidas no momento como o sujeito que traria à vida crianças saudáveis para o crescimento e desenvolvimento da nação. Por exemplo, nos anúncios presentes nas Figuras 60 e 61, retirados do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, respectivamente, temos uma visão de como o discurso médico estava preocupado com a saúde da mulher, não só no quesito de manter-se bela e jovial, mas com extrema preocupação no que concerne a produção e fortificação do leite materno e dos tratos urinários e uterinos, com ênfase nos “desarreglos periódicos, sus sufrimientos y angustias durante la maternidad”.

Fenômenos vitais como menstruação, gravidez, parto, amamentação e menopausa deixaram de ser vistos como processos naturais, como etapas da vida e do corpo das mulheres em que essas poderiam afrontar com seus próprios recursos, para ser vistos como problemas médicos, e por isso a medicalização contundente. As revistas ajudaram a divulgar e a criar um amplo imaginário sobre a concepção patológica desses processos naturais das mulheres, incutindo facilmente a ideia de que sem as intervenções médicas ou farmacológicas não era possível manter a saúde nessas etapas e situações da vida. Esse processo de medicalização da sociedade carioca e chilena, que tem seu prelúdio no último quarto do século XIX, se desprende em três aspectos fundamentais para entendê-lo: 1) o aumento quantitativo do “consumo médico”; 2) o trabalho de marketing e sensibilização da opinião pública frente a medicina higienista; 3) e a importância que o papel do médico da família começa a ter dentro da sociedade da época. Segundo os pesquisadores Saulo Cunha e Luciana Nascimento:

Entrelaçado a este mundo persuasivo em que se encontra as propagandas de medicamentos, está a mulher, seja através de propaganda de fármacos destinadas diretamente a elas, com promessas de juventude eterna, ou beleza evidente, ou propagandas ligadas à família, ou seja, filhos e esposo, mas destinadas às mulheres por ser a matriz familiar, por ser a semeóloga da saúde. (...) Circunscrita à imagem da doença e da debilidade, a mulher em muitas das suas representações feitas pela sociedade, como por exemplo, no discurso da

propaganda de medicamentos voltada para esse público, mesmo no discurso da ginecologia em fins do século XIX, foi sempre vista sob a ótica da normatização de seu corpo. Dessa forma, encontramos no discurso do “phármakon”, ou seja, da propaganda de medicamentos do início do século XX, mais especificamente nos almanaques da saúde da mulher o elo que se iniciava, entre a mulher e as propagandas de fármacos. Nestes almanaques a saúde, beleza e felicidade são os três signos que movem a publicidade e se relacionam à figura de mulher. (...) Assim, medicina e economia teceram simultaneamente a rede de seu mais novo fetiche – fármaco – que divulgado pela publicidade e consumido pelo comprador, era capaz de estabelecer uma verdadeira imagem de saúde (CUNHA; NASCIMENTO, 2009, p. 4-6).

Sendo assim, as mulheres deviam conhecer e adquirir os produtos médicos farmacêuticos, pois seguir as normas básicas de asseio pessoal e cuidados com a saúde era a ferramenta mais relevante para combater as enfermidades que assolavam a população. O conhecimento médico higienista que chegava por intermédio das revistas combatiam o desconhecimento em relação ao corpo e à sexualidade feminina instalada em épocas anteriores nas sociedades chilena e brasileira. No Chile, por exemplo, o higienismo se estabeleceu como parâmetro e coordenada de imaginários corporais e espaciais, constituindo, por sua vez, “(...) una casta especializada médica denominada por algunos autores como ‘Intelligentzia Médica’, y que a partir de la década de 1870 influyó notoriamente en las nuevas estructuras legales, educacionales y Morales” (SANDOVAL, 2012, p. 186). No Brasil, desde a segunda metade do século XIX, o mercado publicitário voltado para a saúde e a estética crescia vertiginosamente, principalmente porque as revistas femininas começaram a popularizar drogas e artigos de cosméticos no Brasil. O que antes estava apenas à vista nos mostruários das antigas farmácias de manipulação, com a modernidade industrial e o correr das décadas os produtos saíram das prateleiras e tornaram-se parte das estratégias publicitárias de grandes laboratórios químico-farmacêuticos que vinham enlevados pelo discurso médico científico (GOMES, 2006). Sem dúvida, a maioria das propagandas comerciais presentes no *Jornal das Moças* e na revista *Familia* tinham como tema a saúde e a beleza. Alinhadas às modernas e renovadas necessidades médicas e estéticas da época, estas

sugeriam cuidados mais sofisticados da imagem e do corpo feminino, como podemos notar nas Figuras 62 e 63 a seguir:

El Mayor placer para una Mujer es el de ser bonita

Lo conseguirá Vd ó conservará la belleza que ya posee, empleando para su tocado diario la inimitable

CRÈME SIMON

es sinónimo de Juventud y Belleza.

A PESAR DE SU JUVENTUD Y LA BELLEZA Y BRILLO DE SUS OJOS, USE CONSTANTEMENTE

EL COLIRIO
del Padre Constanzo

PARA MANTENERLOS ASI HASTA EDAD AVANZADA

CRÈME SIMON
es sinónimo de Juventud y Belleza.

Figura 62 – Família. Santiago de Chile: Junio de 1925, p. 44.

BELLEZA FEMININA

Rosto preparado, sombrancelhas, unhas, cabelos colloridos em todas as côres que desafiam qualquer concorrente nacional ou estrangeiro.

Tem cabelos manchados?
Igualam-se em nossos salões.

Deseja mudar a côr de seu cabelo?
Fazca-nos uma consulta, em nossos salões; fazemos centenas de applicações mensalmente em todas as côres.

Para collorir cabelo em casa use Or Léné. Líquido em todas as côres, melhor e mais pratico não ha. Caixa 12\$000, pelo correio 15\$000.

PEÇAM CATALOGOS DE INSTRUÇÕES:

Instantaneo de 1 corte á demi-garçonne, e ondulado permanente pelos nossos especialistas.

INSTITUTO PHYSIOPLASTICO, de Américo & C^{ia}. RUA SETE DE SETEMBRO Nº 95, 1º andar. Edição do Paiz. Central 4848.

Figura 63 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 5 de fevereiro de 1925.

A variedade e abundância de fármacos e produtos de beleza publicizados nos periódicos, orientados especialmente as mulheres, tem a ver com o crescimento de um mercado específico em meio aos processos de reorganização da sociedade chilena e brasileira, onde a mulher começa a ultrapassar algumas fronteiras do espaço doméstico para o público, mesmo que vigiada, e, onde, o seu corpo e o cuidado com ele é o ponto a ser observado pelos novos arquitetos sociais da época, porque “(...) os desejos de corpos viram produtos e os produtos viram desejos de corpos” (SOARES; BARROS, 2014, p. 109). Nesse sentido, podemos entender que as revistas femininas, desde 1830, por meio de um processo dinâmico nas publicidades, intentavam, através de remédios e cosméticos, estabelecer uma pedagogia dos corpos, atingindo um grande público e determinando que tipo de corpo feminino era o ideal. Segundo Naomi Wolf, no decorrer do século XX, as mulheres obtiveram liberdades no ir e vir, e nas formas de expressão, principalmente, no meio público; por outro lado, sofreram com as normatizações sobre o seu próprio corpo por meio do mito da beleza. Para a autora, as mulheres de classe média, desde a Revolução Industrial, são contidas e moderadas tanto por refreamentos de ordem material quanto por padrões e concepções (WOLF, 1992). Ainda segundo a autora:

Surgiu uma nova classe de mulheres alfabetizadas e ociosas. Da submissão dessas mulheres à domesticidade forçada, dependia a evolução do capitalismo industrial. A maioria das nossas hipóteses sobre a forma pela qual as mulheres sempre pensaram na “beleza” remonta no máximo a 1830, quando se consolidou o culto à domesticidade e inventou-se o código da beleza (WOLF, 1992, p. 18).

A publicidade de cosméticos e remédios nas páginas do *Jornal das Moças* e da revista *Família*, como já vimos, evidencia algumas das concepções esperadas das mulheres pela sociedade em geral, as resumem-se ao cuidado com o corpo e a saúde, a beleza e a juventude. Nas imagens publicitárias observamos um padrão textual e imagético utilizado para sustentar o tipo de representação que as mulheres deviam seguir. Nas ilustrações ou fotos dos anúncios, podemos notar mulheres caracterizadas como damas da sociedade, adornadas com jóias, vestidos e chapéus da moda que casam perfeitamente com os textos e as palavras que compõe esse visual esperado. Palavras como juventude, feminilidade e beleza se

relacionam de forma estrutural com as imagens e reforçam as informações dos anúncios como características positivas, as quais vinculam o uso dos produtos apresentados a um sujeito ideal e dentro de um resultado esperado aos modelos universais, potencializam os produtos ofertados e realçam a ideia da beleza natural inerente às mulheres. Dessa forma, os produtos ofertados buscam realçar, acompanhar e potencializar a condição natural de beleza da mulher, articulado muitas vezes também com a preocupação higienista, visto que os produtos se atrelam à ideia que vincula beleza e juventude a um ato de higienização. Nesse intento, a propaganda de sabões para o corpo cumpria à risca a junção beleza e higiene, como podemos ver nas Figuras 64 e 65 a seguir:

Os productos do Laboratorio "Sabão Russo"



Sabão Russo
(solido e líquido)
o mais hygienico,
saudavel e
perfumado, contra
assaduras,
contusões, queimaduras,
dóres,
espinhas, panos,
caspa, comichões e suores
fetidos. Amacia e
embelleza a cutis.



SABÃO RUSSO
SOLIDO
MEDICINAL

O Segredo da Sultana
Loção Antisphelica

Branquea, refresca, amacia e embelleza a cutis. Corrige os defeitos do rosto, tornando-o como uma imagem graciosa.



Figura 64 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 4 de Novembro de 1926.

A modernidade, como nunca antes, trouxe para as mulheres a possibilidade de alcançar, acentuar ou prolongar a beleza. Contudo, esse esforço por manter a aparência dentro dos padrões pedidos requeria um esforço e um consumo constante de cremes, tônicos, sabões, perfumes, pastilhas, maquiagens, entre outros. Se por algum motivo as mulheres não se encontrassem dentro dos padrões de beleza, o mercado oferecia soluções para reparar todo e qualquer tipo de carência. Sendo assim, a publicidade torna-se a principal ferramenta das indústrias da beleza e da moda. Donas de um discurso direto e explícito na promoção dos produtos destinados a suprir as necessidades estéticas, de higiene e saúde das mulheres da alta sociedade carioca e santiaguina, as revistas se solidificam como divulgadoras do “(...) cuidado del cuerpo y el perfilamiento de una estética normativa” (BULJEVIC; ACHURRA, 2005, p. 81).

5.2.2 A modernidade ditando a moda

Importância similar ocupava a publicidade que buscava atrair o público feminino a partir da elegância e distinção de chapéus, vestidos e sapatos que podiam ser encontrados nas casas comerciais mais finas do Rio de Janeiro como a ParcRoyal, ou em Santiago do Chile como a Gath y Chaves. As estratégias publicitárias adentravam fundo no psicológico feminino da época pautando-se principalmente nos sonhos de uma juventude e beleza eterna, patamar a ser alcançado para ser admirada e desejada aos olhos dos outros, principalmente dos possíveis pretendentes a esposo.

No alvorecer do século XX, quando se dá o nascimento do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, vivia-se em torno da aura da “Belle Époque” parisiense e todo seu esplendor era importado de várias maneiras tanto para o Rio de Janeiro quanto para Santiago do Chile. As casas comerciais, como Gath y Chaves e Parc Royal são somente algumas das várias maneiras que as classes dirigentes, que graças ao desenvolvimento comercial do café no Brasil, e do salitre no Chile, encontraram de aproximar suas vidas dos grandes centros europeus e mais tarde dos centros norte-americanos. Needel destaca o fetichismo brasileiro em relação ao europeu da seguinte maneira:

Este aspecto do fetichismo da mercadoria se desenvolveu de acordo com o cronograma parisiense, mesmo que apenas para uma fração mínima da população. Na belle époque, a paixão

por estar “em dia” com a moda europeia tornou-se quase tão feroz no Rio quanto na Europa (NEEDEL, 1993, p. 192).

O modelo francês também estava presente na epiderme da elite chilena como bem lembra Francisco González:

(...) las manifestaciones de la cultura francesa en Chile, no sólo abarcaron el ámbito intelectual. También el diario vivir, con sus costumbres, modas, construcciones, formas de sociabilidad, etc., fue cántaro donde se depositó el influjo que venía del país europeo. Y debido a que en los estilos de vida se tiende a la imitación, este influjo francés en lo cotidiano no sólo afectó a la clase alta nacional, sino que, además, en distintas medidas y de diversas maneras, también abarco a una clase media urbana y las elites regionales (GONZÁLEZ, 2003, p. 169).

As elites brasileiras e chilenas, com todas as suas forças, quiseram replicar em seus respectivos países os costumes e a arquitetura, a moda e as festas vindas do estrangeiro, tudo isso dentro de um restrito círculo social criado pelo poder político e econômico adquirido e pelas fortes alianças matrimoniais. Nesse sentido, as “casas de modas”, no caso aqui duas das muitas que existiram no período, se instalaram no centro das capitais; são as primeiras lojas de departamentos, recebidas e aclamadas como um grande acontecimento social do período. Em suas seções era possível encontrar o estoque de uma indumentária toda baseada em padrões estilísticos estrangeiros, apropriadas às novas atividades que realizavam as mulheres, como os esportes, as viagens e outras atividades laborais e domésticas.

Tanto Gath y Chaves quanto Parc Royal, foram primordiais no processo de massificação da moda, chegando logicamente a um público mais seletivo, porém mais amplo que o de momentos anteriores. Seu discurso e suas propagandas nas revistas femininas dão o tom do público que querem atingir, bem como as imagens ilustrativas demonstram qual o ideal de beleza e elegância esperado das mulheres chilenas e brasileiras (FIGURAS 66 e 67):



Elegancia Carioca

*Favorecida pela preferencia que lhe dispensam as
Senhoras mais chics do Rio de Janeiro, esta casa será sempre
o grande centro da Elegancia Carioca, e retribuirá o que
deve ás suas gentis clientes offerecendo-lhes todos os artigos
da moda pelo menor preço por que se podem vender.*

PARC ROYAL

Figura 66 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 9 de Janeiro de 1919.

OTOÑO
Invierno
=1924=

En los salones del tercer piso presentamos un maravilloso conjunto de modelos exclusivos de trajes, vestidos y tapados para señoras, señoritas y bebés, que representan el arte de los más famosos modistos de París.

Gath & Chaves

Ao promover e projetar um ideal de moda e de beleza feminina por meio dos anúncios comerciais, efetiva-se uma razão e um discurso cultural fundamentado em uma intencionalidade subjetiva que casa o consumismo com o desejo de ser desejado, seja nas propagandas comerciais ou nas colunas que falam sobre moda e beleza. Como bem lembra Rocha, esses discursos transcendem as razões práticas e utilitaristas porque toda a conformação social humana tem intrínseca a ela uma rede simbólica, mágica e mitológica (ROCHA, 2010, p. 194). Nesse caso – das propagandas de Gath y Chavez e Parc Royal – temos como pano de fundo o mito da beleza e da juventude eterna a partir da moda e dos produtos cosméticos, e não só isso, além dos atributos físicos e estéticos, para essas sociedades é de suma importância que a beleza feminina esteja intimamente ligada à elegância e à capacidade de desenhar a própria aparência por meio do vestuário com um espírito moderno e chique. Como bem lembra Sennet, desde 1890, quando a *Belle Époque* já está instituída fortemente nos círculos europeus, que a indumentária é vista como uma expressão da personalidade individual de cada um (SENNET, 2002), algo que não ficou para trás nas rodas das elites santiaguinas e cariocas.

Cabe ressaltar que a forma como se apresentavam as mulheres nos anúncios de Gath y Chavez e Parc Royal é somente uma das várias representações presentes no miolo das revistas femininas *Familia* e *Jornal das Moças*. A forma de consumir nas sociedades modernas perpassa por uma questão cultural que atinge diretamente o modo de agir e pensar de seus sujeitos, por isso mesmo, o que se tem nesses núcleos sociais como imperativos básicos e latentes nada mais é do que necessidades arquitetadas e apoiadas na cultura (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009). Desse modo, a forma como se representavam as mulheres nas primeiras décadas do século XX, nas revistas femininas, permite enxergar as mudanças na vida cotidiana das mulheres por meio de influências culturais que mudarão no decorrer dos anos – de uma influência extremamente francesa para uma norte-americana, principalmente no que diz respeito aos padrões de moda e beleza.

Inicialmente, no Chile e no Brasil, se observa influência de um modelo de beleza francês marcado por uma elegância cortesã, ainda proveniente do século XIX, mas que perdurará único somente até o começo da década de 1920, quando é paulatinamente deixado de lado para se fazer uso do modelo norte-americano, focado nos artistas de cinema, e com ênfase em atributos de beleza diferentes do modelo anterior, como o corpo esbelto e o rosto maquiado por exemplo. Marissa Gorberg nos

atenta para esse fascínio pelos artigos franceses pelas elites brasileiras no alvorecer do 1900:

A adoção da moda europeia como índice de civilidade perdurou mesmo após a Independência, em 1822; de fato, a inspiração francesa manteve forte influência na fantasia de identificação das elites até a Segunda Guerra Mundial, quando cedeu espaço a outro modelo estrangeiro, dessa vez o norte-americano (GORBERG, 2013, p. 19).

Marinella Bustamante também aponta sobre a forte influência da moda europeia no Chile na virada do século XIX para o XX:

Al inicio del siglo XX la moda en Chile estaba fuertemente influenciada por las tendencias internacionales provenientes de Europa y de Estados Unidos, las revistas de moda de la época nutrían sus páginas principalmente con propuestas procedentes de Francia e Italia (BUSTAMANTE, 2016, p. 3).

Essas mudanças de estilo e de influência estilística vindas da Europa e dos Estados Unidos, podem ser visualizadas nas páginas do *Jornal das Moças* e da revista *Familia*, pois a beleza como atributo físico ou moral era tratada por essas mídias como objeto de promoção, comercialização e consumo, um “atributo” feminino que foi se transmutando segundo os interesses culturais, sociais e econômicos. Essas representações, textuais e imagéticas, acerca do vestuário feminino podem ser apreciadas em seções de moda e beleza feminina como as sempre presentes: “Modas e Modos”, no *Jornal das Moças*, e “Seccion Modas”, na revista *Familia*. Essas seções contribuíram para que as representações de beleza criadas a partir das expressões da moda estrangeira se convertessem em ideais a serem seguidos quase que como uma religião por suas leitoras assíduas. A moda é entendida nesse momento como a deusa favorita, a confidente insubstituível das mulheres, sem ela as mulheres não saberiam como destacar seus dotes e conquistar os corações e mentes de seus futuros pretendentes. As revistas femininas, em especial as seções que ditam a moda para suas leitoras, têm o papel fundamental de dizer-lhes como a moda pode ajudar a enaltecer a beleza dos tecidos, o charme dos adornos e a importância dos cortes como sinônimos de elegância e beleza. Vejamos alguns exemplos de textos que

ressaltam a forte influência francesa nos costumes e na moda no começo da década de 1910 e que irá perdurar até o começo da década de 1920 quando os olhos se voltam para as influências *hollywoodianas* (FIGURAS 68 e 69):

Conciertos, conferencias, teatro, biógrafo, nada ha faltado para animar a esta sociedad que se queja siempre, sin que nada la satisfaga... París es el miraje engañosador, donde zozobran todas las ilusiones de las chilenas que han pasado por esa ciudad fantástica... vuelven a Chile y ya no encuentran en su patria nada que las consuele de su ausencia!

Figura 69 – Família. Santiago de Chile: Agosto de 1913, p. 2.

A arte de ser elegante

AARTE de se ser elegante seria incompleta si não fosse além dos cuidados do rosto e do corpo. Lembra-se daquela passagem da « Ilha dos Pinguins », de Anatole? « A importância das mulheres não remonta aos primitivos tempos, replicou Boutourlé, ella data do dia em que o santo apostolo lhes deu bellos vestidos ».

A *toilette* é seguramente uma arte e em nenhuma época, a não ser ao tempo dos gregos, sobressahiu tanto como no actual momento, em que a sciencia de ser bella é a principal preocupação do espirito feminino.

Nessa secção não cuidarei apenas de vos dar conselhos quanto ao cuidado da vossa pelle ou das vossas unhas, mas tentarei tambem de vos por a par do que a moda, dama caprichosa e deliciosamente contradictoria, possa inventar de mais novo e de mais raro. Ella se dedica não somente ao mundanismo carioca, mas tambem e sobretudo áquellas patricias que longe, nos Estados, não têm o espirito e a attenção constantemente atrahidos pelas *vitrines* dos *magasins*, o aspecto das ruas e das salas de theatro. É verdade, dirão, que para essas existem as revistas de modas, onde poderão ver e estudar a seu gosto, mas os chronistas mundanos de certos jornaes têm mais cuidado em indicar as grandes originalidades que a verdadeira criação da moda. De sorte que aqui as nossas gentis patricias encontrarão sempre, não um catalogo de figurinos, mas apenas o registo, ligeiro e leve, do ultimo sorriso, do ultimo gesto, da ultima attitude, que a phantasia parisiense cria a cada instante e espalha pelo mundo.

Figura 68 - Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 21 de Maio de 1914.

Os fragmentos de texto apresentados nas Figuras 68 e 69 mostram que as expressões da moda e dos cotumes que identificaram a aristocracia da época estava atrelada às influências europeias que vinham para as Américas e se sobrepunham ao que era local. Como já discutido aqui, as remodelações urbanas em Santiago do Chile, por Benjamim Vicuña Mackenna, e no Rio de Janeiro, por Pereira Passos; o uso da língua francesa no dia a dia dos cafés e dos passeios pelas novas alamedas; e a influência nos modos e na moda são um exemplo claro da profundidade com que o afrancesamento penetrou na mentalidade e no gosto da aristocracia chilena e brasileira. Os produtos importados tratavam de melhorar a cidade, a fala e a aparência de homens e mulheres na mesma lógica da produção industrial, pois agora estavam presentes nos objetos de uso cotidiano, nas relações humanas e nos usos do corpo. Para Eco:

A nova Beleza é reprodutível, mas também transitória, e precíval: deve induzir o consumidor à substituição rápida, por consumismo ou desinteresse, para não deter o crescimento exponencial do circuito da produção, distribuição e consumo das mercadorias (ECO, 2004, p. 376).

No Brasil e no Chile, sob a aura da modernidade que varria o começo do século XX, a beleza era um fator muito importante em todos os aspectos da vida social, cultural e econômica. No caso das mulheres, segundo Priore, desde o seu nascimento até o momento de ir ao altar, as jovens primavam por estabelecer vínculos e impressionar através do visual, do estético (PRIORE, 2006). E até a década de 1920, Paris, era a influência direta dessas mulheres como bem destaca Pedro Álvarez Caselli sobre esse comportamento, a partir das palavras do escultor José Miguel Blanco:

(...) ya que en América somos tan parisienses, que nos vestimos a la dernier, nos peinamos a la Capoul, bebemos champagne, i hasta bailamos can-can, nada más lójico que sigamos imitando a ese París fascinador en sus gustos artísticos, en la proyección que presta al desarrollo del arte (BLANCO citado por CASELLI, 2004, p. 68).

Gorberg também ressalta o comportamento fetichista do carioca em relação ao modo de vida parisiense:

À medida em que os novos paradigmas de identificação cultural europeia eram adotados pela elite carioca, o culto às mercadorias ganhava cada vez mais expressão, numa sociedade que incorporava a aferição da aparência na determinação de posições sociais. A cultura material se expandia na cidade, e o comércio de luxo que se estabeleceu inicialmente na Rua do Ouvidor, recriava, nos trópicos, aspectos das “Passagens” parisienses (GORBERG, 2013, p. 56).

Da metade do século XIX em diante, a influência europeia na moda fez com que vários países do mundo seguissem seus passos estilísticos à risca. As mudanças na moda não eram casuais, havia por trás toda uma influência na economia, na política e na sociedade que movimentava esse nicho e que chegavam a esses países, como o Chile e o Brasil, por exemplo, com atraso, muitas vezes por meio de estrangeiros que vinham visitar as novas repúblicas americanas, ou de brasileiros e chilenos que regressavam de incursões à Europa. No primeiro decênio do século XX, a influência francesa, país que vivia uma época de ostentação, era tão forte que as mulheres da alta sociedade chilenas e brasileiras também se tornaram adeptas de guarda roupas suntuosos e variados, com vestuários para cada momento e atividade do dia, para cada estação e para cada tipo de evento social.

Nos anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial, a moda esteve presente de várias formas no *Jornal das Moças* e na revista *Família*. Era possível encontrar em colunas pequenas não assinadas ou assinadas com pseudônimos, nos editoriais ou nas próprias seções destinadas a essa discussão, artigos, charges e propagandas incentivando o consumo da moda atual, bem como oferecendo conselhos para não errar na hora de escolher os modelitos. Essas revistas estavam empenhadas em ajudar na construção da civilidade por meio da moda, explorando toda a vida social a partir das polêmicas que a moda despertava entre os aficionados pelas novidades e os mais conservadores que temiam, principalmente, a ruptura do elo: mulher, esposa, mãe, família. Os colunistas nos dão uma visão de como a moda impactava diretamente na vida social nesses países (FIGURA 70):

Arte de ser elegante

O grande «chic» deste anno nas praias de banho da Europa e nas outras que se prezam de elegantes é o uso dos pyjamas de seda para senhoras e senhoritas..

Deve ser de um sabor inédito, para os olhos dos artistas, sobretudo o encanto de se ver pelas manhãs de sol ou pelo silencio das tardes, sobre a areia lisa e profana das praias, o desfilhar gracioso de finas silhuetas de «demoiselles», lindas como adolescentes, dentro de pyjamas leves e transparentes, que lhes dão uma graça de epebos.

Que as pesadas matronas sem gosto se fartem de vociferar contra o lindo uso, mas que se ha de fazer, é a moda que ordena; e não terá má idéa a gentil leitora patricia que no verão vindouro, em nossas praias, que são scenarios maravilhosos para scenas antigas, apparecer, na primeira manhã «chic» do Flamengo ou do Ipanema ostentando, em vez do simples calção ou saia prompta para o banho, um

lindo pyjama de passeio material pela orla do mar...

Nas cidades em que actualmente o verão favorece com a sua presença, o chapéo predilecto das elegantes é o «canotier», ornado de uma aza ou de uma pluma; os de cor branca já estão cahindo em desuso, ao passo que os de tom azul-marinho triumpham.

Geralmente são de setim ou de tulle; a suprema elegancia, porém, é de velludo negro com uma rosa ao alto ou á banda.

Seria muito distincto si não fosse um pouco quente; mas como a divisa das mulheres que se vestem pelo ultimo figurino de «chez Paquiu» é a tal:

«E' preciso soffrer para ser bella», A moda não encontra impecilio nessas questões de commodidade e bem estar.

E, terminando, um conselho ás bellas leitoras: para alongar os cilios e supercilios, devem usar «La Séve Sourcilie», que além de lhes dar um brilho metallico, torna brilhante a pupilla e empresta ao olhar uma expressão muito viva e muito accentuada.

Agosto, 914.

YVONNE

Figura 70 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 29 de Agosto de 1914.

Yvonne é uma cronista recorrente nas páginas do *Jornal das Moças*. Não há como saber se existe uma mulher ou homem por detrás do sujeito que assina a crônica, contudo, o que nos importa nesse momento é o seu ponto de vista. Nesse caso, a análise é sobre as novas tendências dos trajes de banho e algumas falas deixam explícitas que os novos “pyjamas” para ir à praia, ao mesmo tempo que agradam às mais jovens, desagradam as “pesadas matronas sem gosto”. Apesar das falas recorrentes sobre abraçar a modernidade em toda a sua amplitude, as roupas modernas causavam certo furor nas alas femininas mais conservadoras. Por isso mesmo, Yvonne deixa claro que, apesar dos contras, não há nada a se fazer, pois é a “moda que ordena”. Rege tanto a vida das mulheres que a autora crava em seu texto: “É preciso soffrer para ser bella”. Desde o século XIV, as inovações da moda já se sobrepunham

à ancestralidade e aos costumes tradicionais, uma das principais características da moda é justamente quebrar constâncias e criar modelos a serem seguidos. A modernidade confrontava as matronas por meio da moda porque:

A moda faz parte estruturalmente do mundo moderno em devir. Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas que procede da decisão e do puro desejo humano. Antes de ser signo da desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (LIPOVETSKY, 1989, p. 34).

Na coluna “Modas e Modos” do *Jornal das Moças* de 1º de maio de 1915, a cronista, que não se identifica, também expõe sua opinião sobre as novas tendências da moda no começo do século XX. Há um refuto aos novos vestuários que chegam com força do velho mundo desconstruindo a moda ainda apegada ao século XIX que cobria as mulheres com inúmeras camadas de tecidos. Logo, não eram somente as velhas matronas leitoras que se mostravam avessas aos novos paradigmas estilísticos da época, a imprensa especializada em moda também destilava em uma e outra coluna seus pareceres surpreendentemente conservadores em relação aos perigos que a moda trazia para as senhoras e senhoritas. O questionamento surge justamente das estranhezas e instabilidades que os novos vestuários dão as aparências, o assombro e o encanto em volta do novo será sempre um alvo para a condenação moral (LIPOVETSKY, 1989). Afirma a articulista em certo ponto de seu texto: “Em todo o caso julgo que a mulher deve permanecer sempre misteriosa: o seu corpo coberto, a alma fechada”. Não por acaso, na mesma página, ao lado da coluna, há uma representação de esbeltas mulheres trajando modelitos que lhes cobrem dos pés a cabeça. Nesse caso, não só o texto faz seu papel de orientador da moda e das condutas, mas a imagem ajuda a definir como seria a vestimenta ideal para a mulher e o que ela deveria representar a sociedade. Nas palavras da colunista: “Na rua aparecer o menos que seja possível. Em casa, correcta, digna e pudica, de sorte que marido e filhos a tenham em conta de uma divindade”. Essa representação do lar fica muito clara em outra imagem presente na mesma página e que aparece junto ao texto. Ali há uma mulher sentada formosamente em uma poltrona

lendo, possivelmente na sala de sua casa, sendo aquilo que a sociedade da época esperava dela, culta, bela e do lar. O texto na íntegra e as imagens seguem nas figuras a seguir:

MODAS E MODOS



Escrever sobre a moda? declarou Carmen Sylvia. Como poderei fazê-lo eu que julgo detestável todas as modas, devido ao facto de todas as mulheres a seguirem. Usei com muito tormento a tremenda crenollina, visto como eu, que estudei desde annos tenros a historia da arte, considerei sempre que o unico

vestuario digno de ser usado fosse o grego antigo.

Em todo o caso julgo que a mulher deve permanecer sempre mysteriosa: o seu corpo coberto, a alma fechada.

Só aos filhos deverá desvelar os seus thesouros do coração.

Na rua apparecer o menos que seja possível. Em casa, correcta, digna e pudica, de sorte que marido e filhos a tenham em conta de uma divindade.

Não me interroguem, pois. Eu sou favoravel á moda antiga: agrada-me a medieval com as suas vestes rigidas, com os seus corpetes simples, com as suas toucas brancas.

Eu até sou, na moda, mais antiga ainda, visto que admiro as familias com sete ou doze creanças, que crescem homens fortes sob as azas duma mãe maravilhosa.

* *

Não chegaremos a tal extremo, porque tudo evolue e somos naturalmente arrastadas a acompanhar, a seguir a evolução e o progresso em todos os phenomenos sociaes. E a Moda é soberana, caprichosa e volúvel. E' despótica nos seus decretos, acostumada a ser obedecida cegamente.

Temos, pois, para não ficarmos « fóra da Moda », de seguir, sempre que fór possível e nos convenha, as suas leis e as suas innovações. E' nesse pre-supposto que não sendo esta revista exclusivamente de Modas, nós procuramos apresentar nestas poucas paginas destinadas a um assumpto tão delicado, o que nos parece mais accetavel, e menos exaggerado. Acreditamos que hoje nos desempenhamos bem dessa missão collectiionando alguns modelos de *toilettes* chics, elegantes e sobretudo de facil confecção e pouco dispendio.

Ficarão satisfeitas as nossas amaveis e gentis leitoras?



Desenho feito especialmente para o *Jornal das Moças*

Figura 71 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Maio de 1915.

Há um medo recorrente das mulheres em ficarem expostas a críticas sobre os seus modos de ser e vestir. Exemplo interessante desse medo pelo deslize moral por meio da moda é o posicionamento que a

autora do texto toma quando se apresenta incluindo-se no rol das mulheres que são favoráveis à moda antiga. Segundo a mesma, agrada-lhe a moda “(...) medieval com as suas vestes rígidas, com os seus corpetes simples, com as suas toucas brancas”.

Em janeiro de 1917, Margarida, outra colunista do *Jornal das Moças*, destila toda a sua moralidade em relação ao comprimento das saias em um artigo intitulado “Conversando”. Nesse, critica com veemência as mulheres que se propõem a usar a vestuária mais curta que os bons costumes ditam, caracterizando o feito como

(...) o exagero, o triste, o ridículo exagero, sobretudo nas senhoras, quero dizer, n’essas que já deixaram longe a primavera da vida, e querem fazel-a perenne por meio de saias exageradamente curtas, e muitas outras cousas que o simples bom senso e bom gosto condemnam (MARGARIDA, 1917).

O texto condena o encurtamento das saias, afirmando que tal idéia jamais deveria ser sancionada pela maioria da sociedade elegante feminina. Segue na íntegra as palavras da indignada Margarida:

A moda será sempre a soberana diante da qual todos se curvam. Não condemno a moda, absolutamente não, o que eu não posso admitir é o exagero, sim, repito, o exagero, o triste, o ridículo exagero, sobretudo nas senhoras, quero dizer, n’essas que já deixaram longe a primavera da vida, e querem fazel-a perenne por meio de saias exageradamente curtas, e muitas outras cousas que o simples bom senso e bom gosto condemnam. No numero 81 deste jornal, quem se encarregou de escrever a chronica, tocou muito de leve, com receio de offender susceptibilidades, neste ponto das saias por demais curtas.

Eu, com meu direito de mulher, atrevome a entrar no assumpto com mais «sans façon». Até o marido, o fraco marido curvase ante á moda exagerada!... Vae ao lado da espssa fazendo um papel tristíssimo! Ella, exageradamente vestida, com a saia exageradamente curta, sem siquer tomar por apoio o braço do esposo, de cabeça erguida, muito corada, chapéu de lado, abanando-se, entra na

Avenida como um soldado prompto para a batalha...

Elle, com um ar «gêné», constrangidissimo, parece pisar em ovos, vae dando voltas á bengala e á physionomia uma expressão de estudada seriedade. Lá seguem, caminho da Avenida, a mulher fazendo papel de amostra. E os filhos? Si os tem, ficaram entregues ás creadas, que muitas vezes os matam, como aquella que endoideceu de repente e mettiu a criança no forno.

Mas... note-se que felizmente, e graças á Deus não ha regras sem excepção, isto é sabido, mas as excepções fazem-se raras. A moda tem um prestígio louco. Hoje mostram-se as pernas com uma facilidade espantosa. De certo não ha grande mal n'isso, mas não é bonito. Um vestido com a saia muito curta corta toda a elegância do conjuncto, emquanto que, quando a saia cae com mais alguns dedos de comprimento, dá mais graça e dá mais distincção. Estas silhuetas de saias muito curtas me causam uma impressão de doidice e dão um ar amalucado, estouvado, mesmo. Si eu acho assim, imaginem os homens! Os homens, que apesar de sorrirem e dizerem galanteios, riem-se depois e atrevem-se ás criticas bem cruéis ás vezes. Viver somente para a vaidade, não é digno de nosso sexo. Eu quando vejo uma cara exageradamente pintada recuo sem querer, faz-me uma impressão horrivel. Aquellas olheiras profundas, aquellas sobranceiras marcadas, aquella pelle muito branca e aquelle rosado das faces... parece-me ver um mascarado.

O exagero em tudo estraga tudo, mesmo nas mocinhas e meninas. Siga-se a moda, mas com gosto. A elegância é sóbria, e a modéstia é um ornamento na mulher. Creiamme, os homens, mesmo os mais pervertidos, admiram o recato (MARGARIDA, 1917, p. 13).

É comprovado em seus discursos, para além do moralismo, que os ditames inovadores da moda devem sim ser aceitos, contudo cabem às mulheres diferenciar o que é o exagero que fere a moral e os bons costumes, e as tendências que realçam o ar aristocrático e pudico que tanto defendem. Para Rosane Feijão:

O fascínio e a sedução provocados por novidades constantes e imprevisíveis vinham, portanto, acompanhados por um certo temor, um tipo de insegurança inerente às novas situações. Frente à possibilidade de colocar sua reputação em risco ao se envolver demasiadamente com artifícios que lhe prometiam aumento de sua capacidade de sedução, a leitora era aconselhada a usar o bom senso para distinguir quais novidades poderiam ser incorporadas à sua aparência sem incorrer em deslizes morais (FEIJÃO, 2012, p. 8).

Conselhos não faltavam nas revistas femininas. No Chile, a revista *Familia* também foi a porta voz das mudanças estilísticas, recomendando a suas leitoras como ser bela e elegante sem cair nos “exageros” modernos. Em suas páginas podemos notar os discursos textuais ou imagéticos que representavam um ideal de mulher que segundo artigo publicado em janeiro de 1917, sob o título “La mujer parasita”, de autoria de Theodore Roosevelt, é aquela “(...) que no tiene vergüenza decir que su principal preocupación en esta vida es su casa y sus hijos (...)” (ROOSEVELT, 1917, p. 11). Nesse sentido, o ex-presidente norte americano firmava com suas palavras que o homem deveria ser visto e respeitado como o provedor da casa e, por isso mesmo, o sujeito deveria ter todas as vontades satisfeitas, enquanto que a mulher deveria ser vista como a zeladora do lar e da família, cuja a felicidade dependia única e estritamente da felicidade do marido. Segundo Bassanezi:

As revistas femininas colocam a esposa como principal responsável pela felicidade no lar. Com isso, ao mesmo tempo em que valorizam a mulher no lar e lhe atribuem um poder significativo sobre a família, reforçam seus vínculos de dependência com relação a esta e especialmente ao homem, o marido (BASSANEZI, 2005b, p. 144).

Para que esse ideal de mulher fosse comprado pelas suas leitoras, as revistas contavam com seu poder de convencimento. Com um discurso informal e de caráter íntimo, algo como uma conversa entre amigas de infância, os conselhos presentes em artigos, colunas e até mesmo na publicidade passavam palavras de ordem que cerceavam o poder de escolha das leitoras em relação ao que estava posto e ao que chegava

como novo. A imprensa feminina abusava dos conselhos e das receitas para converter as mulheres em símbolos de beleza e dos bons modos. Com artigos e colunas de teor educativo em quase todas as edições, a revista *Familia* era uma dessas revistas que traziam as novas tendências da moda, aceitando os novos estereótipos de beleza da época, porém sempre com um olhar mais crítico. Emeth, conhecido colunista da revista, dedicou um artigo de capa, intitulado "Cosas Vistas", em janeiro de 1913, somente a falar dos braços desnudos de duas jovens que passaram por ele na rua:

COSAS VISTAS

Presencé en la tarde de ayer un espectáculo que por ahora no quiero calificar, pero que me dejó muy pensativo.

Esperaba yo en el peligrosísimo ángulo de la calle de Huérfanos que el majestuoso "policeman" encargado de vigilar y reglar el tráfico me diese la debida licencia para pasar de un lado a otro cuando dos señoritas menos obedientes que yo (o más valientes) atravesaron la calle.

¿Qué par de niñas!... No puede decirse que se asemejasen a la "Venus de Milo", ya que ambas lucían su respectivo par de desnudos brazos. Ni se crea tampoco que imitasen con perfección a la "Venus Anadiómene" de Rafael o de Botticelli. No; pero su traje, aunque más complicado que el de aquellas estatuas, era la más perfecta aproximación que quepa en materia de desnudez.

¿Curioso espectáculo!... Cien pares de ojos masculinos contemplaban a las dos niñas con la misma atención con que el astrónomo sigue en el cielo el tránsito de un astro.

Procuré descubrir en los semblantes de los espectadores la impresión que les causara aquella visión, pero no vi en ellos indignación alguna y sí mucha curiosidad.

Pero ¡qué curiosidad! Para analizarla con cierta exactitud sería menester oír a vocablos insólitos y brutales.

¡Ah! Esas miradas que tras de sí se llevaban aquellas mujeres ¡qué premio o, si se prefiere, qué castigo!

Y pensaba: ¿Es posible que exhibiciones como estas sean licitas en una ciudad culta? ¿Es admisible que una madre de familia pueda autorizar tamaña desvergüenza?

Porque es preciso decir la verdad: las aludidas semi-imitadoras de la Venus de Rafael no eran ce qu'un vain peuple pense.

Habiendo encontrado entre los espectadores a uno de mis amigos el cual, fuera de otras muchas cualidades, posee la de ser mejor fisionomista que yo, le pregunté acerca del probable "estado civil" de aquellas deidades y, con espanto, supe que a pesar de la inocencia de su indumentaria, eran personas decentísimas y no contento con aquella aclaración, llegó mi amigo hasta dar nombres y apellidos!...

¡Calculad mi asombro y la larga serie de mis deducciones! Llegado a este punto declaré que, con lo dicho hasta aquí o con lo que agregaré antes de terminar, no creo reformar el mundo ni pienso resucitar el sentido moral o el sentido común en quienes lo tengan muerto. No es tanta mi pretensión. Sólo quiero protestar contra la debilidad de algunas madres de familia.

Santo y bueno es que miren con indulgencia a sus hijas tiranizadas por los "couturiers" europeos. Pero cuando la tiranía de la moda se vuelve depravación; cuando

para sujetarse a ella es preciso exponer el pudor de una joven a miradas que, al fin y a la postre, son puros y simples insultos, no concibo que una madre no pronuncie el veto definitivo y absoluto que la religión, la moral y hasta el buen sentido le dictan.

No conozco a fondo la psicología de los jóvenes pero, si es lícito juzgar a los de hoy por los de ayer, supongo que niñas dadas a semejante exhibicionismo no pueden inspirarles el menor respeto. Y es cosa sabida que sin respeto no hay porvenir matrimonial.

Al decir esto, mucho temo merecer el epíteto de "antediluviano". Ya pasaron las estricteces de otros tiempos: cada cual hace hoy de su capa un sayo y el mundo sigue girando en los espacios infinitos, sin que le importen las lamentaciones de los viejos, ni los sermones de los moralistas. La moda es reina. Y es menester una enorme dosis de ilusión para creer que una mujer, sólo por amor a ideales fenecidos, dará a sus faldas mayor pureza y disminuirá la "esculturalidad" de sus trajes.

Así hablan muchos y confieso que, de hecho aunque no de derecho, dicen verdad. Pero si es cierto que a nadie persuadiré, a alguno quizás moveré a vergüenza.

Y en efecto, supongamos que por casualidad caiga este artículo en manos de las niñas que me dieron ocasión para escribirlo; preguntaré ¿podrán leerlo sin avergonzarse al saber que, en la tarde del 31 de Diciembre, flovió sobre ellas, en forma de miradas impuras o burlescas, un imborrable desprecio?

¿Podrán sin afrenta recordar su exhibición si agregó que muchos, a primera vista, las confundieron con... otras?...

Pero basta: no escribo sólo para ellas. Lo importante en este asunto es, no el hecho, sino la lección que de él se deduce y creo haberla insinuado con suficiente claridad.

Si hubiese de compendiarla en pocas palabras, diría: La belleza moral (cuya manifestación no se concibe si no con acompañamiento de modestia) es incompatible con exageraciones como las aludidas.

Todo lo cual tiene su fundamento en una verdad esculpida por H. Taine en frase lapidaria: "La toilette est une sorte d'expression: le costume trahit la personne".

No os tracionéis y si algo expresáis con trajes de última moda, sea ello la elegancia moral de vuestras almas.

OMER EMETH.

Santiago, 1.º de Enero de 1913.

Figura 72 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1913, p. 3.

Emeth dedica sua escrita a falar efusivamente de duas meninas que, em sua visão ainda pregada à moda do século XIX, andam pelas ruas a mostrar mais do que o necessário. O articulista, um sacerdote francês radicado em Santiago do Chile e que na verdade chamava-se Emilio Vaisse (1860-1935), foi um dos precursores na crítica literária chilena, escrevendo por mais de trinta anos no diário *El Mercurio* sobre a literatura nacional e internacional. Na revista *Familia*, o sacerdote atuava também como articulista, mas detinha-se mais na agenda dos costumes e modos do que na literatura. Aconselhava as jovens e as senhoras a ter um comportamento digno e condizente com sua posição social e, esses conselhos também perpassavam pelas tendências da moda. O fato das duas jovens aderirem a uma moda que desconstruía todo um padrão de vestimenta adotado com afinco desde a década de 1830 e que se resumia a um busto protuberante, a uma cintura fina e a um quadril avantajado e exuberante por baixo de um vestido que deixava praticamente somente a cabeça e as mãos à mostra, incomodaram e muito o articulista que não deixou de criticar as moças por aderirem aos modismos da nova moda, ou como ele mesmo aborda, aos caprichos e desmandos dos estilistas e costureiros.

A verdade é que mudanças estavam acontecendo de forma célere desde finais do século XIX, e, por mais que Emeth não desejasse tais transformações, pois não vinham de encontro ao que ele pensava e definia como bons costumes, o Chile, assim como outros lugares do mundo, vinha sendo bombardeado com influências estrangeiras que vinculavam a cultura local às relações de consumo de objetos e produtos que contribuíram significativamente para a mercantilização das sociedades urbanas. Além do mais, o público feminino era um alvo e um setor econômico em começos do século XX a ser explorado com afinco, principalmente por meio dos cosméticos e da moda.

A publicidade das revistas femininas nesse momento atacava em todas as frentes, das crianças até as matronas, contudo, não em todas as classes sociais, pois as mulheres pobres e operárias não eram o foco dessas revistas. Pelo contrário, os anúncios tinham um público específico que pertenciam aos setores médios e altos da sociedade chilena e brasileira. Esse grupo de leitoras foi importante, pois a essas mulheres se entregou a responsabilidade de escolher pelos anúncios das revistas os bens que iriam adornar seus lares, como o mobiliário, as louças, as cortinas, entre outros, bem como de manter-se atualizada na moda para estar sempre bem vestida dentro dos padrões modernos burgueses da época.

Na seção “Modas”, da revista *Familia*, podemos notar como a moda do século XIX ainda influenciava diretamente a moda de começos do século XX, haja visto as referências e tendências estilísticas da corte de Luís XIII, Luís XVI e a década de 1830, algo que se intensificou a partir de 1860 com o estilista inglês Charles Worth, criador da primeira empresa de “Alta Costura” na França, o qual primava por criar suas obras com foco no luxo e nos detalhes que marcavam a elegância e o bem vestir com fins elitistas, distintivos e disciplinatórios. Na Figura 73, podemos notar alguns modelitos assinados por Worth, o que comprova sua influência na moda feminina para além do velho continente:



Figura 73 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1917, p. 19.

A *Belle Époque* adentrou o século XX influenciando a moda feminina de várias maneiras. Da virada do século até o início dos anos de 1920, ainda havia uma preocupação muito grande por parte das mulheres com o desenho do corpo em S, algo que era obtido somente com os rígidos espartilhos e *corsés* que estreitavam a cintura e destacavam os seios e o quadril, efeito que se tornava ainda mais explícito devido especialmente as amplas saias que se alargavam e tocavam o chão criando uma silhueta de sereia. Segundo Campos:

No que concerne a vestimenta, a mulher do final do século XIX e início do XX, de meados da Era Vitoriana e toda a Era Eduardina (ou La belle époque francesa que se iniciou na década 90 do século XIX), usava chapéus grandes, saias rodadas com um número enorme de anáguas, que não deixavam os tornozelos a mostra, mas possuía uma calda surpreendentemente longa. As saias eram tão avantajadas nesta época que ficava difícil que duas mulheres entrassem juntas em uma sala ou compartilhassem um assento no sofá. Além da saia, o corpete-espartilho era uma peça fundamental na guarda roupa feminino. No intuito de aparentar uma cintura mais fina, moldando uma postura em forma de “S”, tais eram tão apertados que alguns comentários da época diziam que as mulheres não podiam sentar-se ou mesmo subir escadas com eles. Em meados do XIX um movimento denominado Traje Racional protestou contra a suposta feiúra das roupas femininas da época e o aspecto não-saudável do espartilho (deformador e excessivamente apertado) (CAMPOS, 2012, p. 11-12).

A Figura 74 possibilita visualizar essa composição estilística usada pelas mulheres naquele momento:



Figura 74 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1913, p. 6.

No entanto, os espartilhos e vestidos rodados e cheios de adornos estavam com seus dias contados no alvorecer do século XX. Com o advento da Primeira Guerra Mundial o mundo da moda, centrado principalmente em Paris, se reinventa devido as adversidades e restrições que a guerra impunha.

Para as mulheres, uma verdadeira revolução se dá entre os anos de 1910 e 1920 com o abandono do espartilho, liberando-a e mudando por completo a sua relação com a moda e seu próprio corpo. O uso do espartilho e das golas altas, assim como as diversas saias uma sobre as outras, além dos chapéus, toucas e xales prendiam a mulher em um estereótipo frio, dominante e com uma aura que emanava certa

independência, mesmo que falsa, visto que a mulher estava totalmente subjugada às vontades do patriarca. Segundo Alison Lurie:

Com essa roupa era difícil se movimentar ou caminhar vigorosamente, e quase impossível correr. Mas na época, as mulheres não “caminhavam”, já que, no discurso polido, não tinham pernas – ao invés disso, “deslizavam” ou “se arrastavam” pelo chão, como máquina de varrer –, e certamente não corriam. Em uma emergência, o melhor a fazer era desmaiar, contando com a proteção do cavalheiro mais próximo (LURIE, 1997, p. 231).

O vestuário feminino do espartilho que comprimia e das saias amplas que escondiam se justificava no período pela ideia da natureza moralmente frágil das mulheres, natureza logicamente identificada pelos homens. Logo, as diversas camadas de roupas e acessórios serviam para proteger a inocência da mulher dos olhares desejosos dos homens e, mesmo, da sua própria fraqueza em relação aos seus instintos sexuais. Dificultar o despir era uma forma de se precaver das vontades alheias, bem como das próprias. As mulheres deveriam passar para a sociedade a beleza virginal e pudica vendida pelos modos de conduta da época. Para Sennet, o “(...) apelo desse aprisionamento estava, para as senhoras burguesas, no fato de que cheirava à dignidade dos tempos idos da corte, quando a realeza usava corpetes apertados e vestidos amplos” (SENNET, 1998, p. 205).

Tanto pelas roupas quanto pela etiqueta, o corpo feminino pouco a pouco foi disciplinado para a obediência servil mesclando os atributos da beleza e da elegância com uma impotência anatomicamente descrita pela medicina da época e atrelada principalmente a sua função reprodutora. Logo, “(...) submetida à sua feminilidade – ou ao seu sistema reprodutor –, a mulher assume identidade e papéis na sociedade, inseridos em seu corpo” (FERNANDES, 2010, p. 25).

A partir de 1914, com a convocação dos homens para as frentes de batalha, a falta de mão de obra nos meios de produção exigiu que as mulheres ocupassem os postos e para isso a vestimenta feminina precisou passar por adequações que deixassem as mulheres com movimentos mais livres. As dificuldades de confecção por conta da guerra operaram mudanças nas linhas de produção das roupas e dos tecidos que criaram um vestuário feminino mais simples, discreto e prático, com referenciais até mesmo militares, haja visto que grande parte dos modelos produzidos

eram jaquetas largas com bolsos, cortes mais sóbrios e cintura pouco definida (CAMPOS, 2012, p. 13). Por esse viés, a capa do *Jornal das Moças* em junho de 1916 expôs o seguinte modelo (FIGURA 75):



Figura 75 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 1º de Maio de 1916.

A guerra alterou a moda feminina de forma brusca e conceitual, proporcionando às mulheres um novo viés de liberdade. Além do abandono do espartilho – símbolo de uma repressão corporal do feminino posta pela sociedade patriarcal – outro item do vestuário feminino que também sofreu alterações dentro desse contexto foram as saias. Antes pensadas em várias camadas e armadas até mesmo com fios de arame, a famosa crinolina, seu novo design também vinha ao encontro da nova vida das mulheres que necessitavam de mais liberdade de movimentos e que dispensavam a ajuda das empregadas para acomodar corretamente todas as camadas de roupa. Entra em cena então uma saia de efeito tubular, sem marcações definidas e muito mais simples que sua antecessora. “A revolução dos costumes começou a subir as saias que exibiam as botinhas de cano alto, que por sua vez, tinham como função encobrir o pedaço da canela exposta” (PRIORE, 2000, p. 65).

Na capa de janeiro de 1916 da revista *Familia*, podemos notar uma ilustração que exemplifica esse modelo mais simples, e que dá mais movimentação às mulheres⁵; já no caso da mulher exposta na referida capa, seus movimentos soltos lhe permitem, por exemplo, andar rapidamente pelo campo desfrutando de uma partida de golfe. Estar jogando um esporte predominantemente masculino na época, sem a presença de nenhum homem adulto por perto, também nos permite observar que as liberdades estavam extrapolando as roupas, passando também a uma independência das atitudes e modos de viver. Segue a capa (FIGURA 76):

⁵ No caso das mulheres que trabalhavam durante a guerra, seja nas fábricas ou em outros postos, esses modelitos tinham a função de não barrar movimentos durante o trabalho.

FAMILIA

ENERO



Año VII.-Num. 73

PRECIO: 1 PESO

Figura 76 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1916.

Pós-1918, findada a guerra, entra em cena uma mulher que se diferencia e muito das mulheres da década de 1910. A mulher, que já tinha alcançado parte da sua independência durante a Guerra, prosseguiu usufruindo de um livre-arbítrio que lhe proporcionou a emancipação e novos hábitos de vida, como, por exemplo, continuar trabalhando fora.

Eram os loucos anos 1920, e as mulheres, conhecidas como “*flappers*”, melindrosas no Brasil, marcaram uma tendência baseada em um estilo pessoal no qual predominava os vestidos e cabelos curtos, bem como um modo de vida qualificado pelos mais conservadores como escandaloso, pois, além do vestuário e dos novos penteados, essas mulheres fumavam em público, conduziam automóveis e bebiam, algo impensável na década anterior. Contudo, Maria Cláudia Bonadio nos alerta que não se deve confundir as *flappers* com outro modelo feminino da época designado como *new woman*, e que estava ligada a causas políticas e sociais, enquanto que a *flapper* preocupava-se somente com a liberdade em relação aos modos e condutas, posicionamento explicado talvez pela sua condição social aristocrática (BONADIO, 2007).

Alcileide Cabral do Nascimento e Alexandre Vieira da Silva Melo definem as *flappers* da seguinte maneira:

A origem específica da melindrosa é incerta, contudo nossas pesquisas apontam-na como fruto desse sentimento pós-guerra europeu, onde, saídas do recôndito do lar, ganhavam as ruas, ostentando o desejo pelo moderno e pela euforia proporcionada em grandes centros urbanos ocidentais. Sua influência desembarcou em diversos países, por meio (entroutros) da imprensa e cinema.

Flapper era a expressão anglofona usada para definir essas jovens com espírito de emancipação, que dançavam, vestiam-se como ditava a moda, além de desafiarem regras, optando viver fora das convenções (NASCIMENTO; MELO, 2016, p. 14-15).

Essa nova tendência é bem explícita em vários momentos no miolo das revistas, vejamos um exemplo a seguir (FIGURA 77):



Figura 77 – Família. Santiago de Chile: Enero de 1923, p. 23.

Na Figura 77, presente na revista *Familia*, temos modelos de chapéus para a praia e também para conduzir automóveis. A revista, por mais que prezasse pela alcunha de familiar, não deixava de alimentar os modismos da época, mesmo que esses fossem contra as normas vistas como mais adequadas socialmente às mulheres. As *flappers* usavam

cabelos curtos, ostentavam um excesso de maquiagem em seus rostos e, além disso, dirigiam carros esportivos em alta velocidade pelas novas alamedas das cidades, desobedecendo as normas sociais e sexuais da época e, por isso mesmo, eram consideradas imprudentes por grande parte de seus contemporâneos.



Figura 78 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 30 de Junho de 1927.

Já a Figura 78, uma propaganda de cigarro publicada no *Jornal das Moças*, denuncia uma liberdade adquirida pelas mulheres na década de 1920: o hábito de fumar. Sendo assim, essas mulheres fumavam quando somente os homens, até então, podiam fazê-lo. Interessante notar que tanto o nome do cigarro quanto sua descrição – “cigarros para senhoras” – está toda em francês, mostrando mais uma vez que a influência da cidade luz se fazia muito presente ainda no Brasil, apesar da influência norte-americana trazida pelo cinema nesses anos. Também a imagem escolhida para estampar a carteira de cigarros nos mostra como as *flappers* eram vistas pela sociedade da época. Uma mulher nua, cobrindo os seios e o órgão genital com flores, desinibida com seus cabelos curtos, chapéu da moda e um sorriso sensual denota quão rebelde e escandalosa eram as ações dessas mulheres. Porém, fumar, beber e dirigir não eram as únicas ações vistas como temerárias, as roupas também mudaram e também causaram impacto.

A moda feminina mudou a partir da década de 1920, os vestidos e as saias encurtaram, o espartilho foi abandonado e não havia marcações que evidenciassem os seios ou o quadril, a mulher dos anos 1920 não usava roupas apertadas e preferia manter uma aparência mais retilínea, sem curvas acentuadas. Como podemos notar nas imagens a seguir (FIGURA 79):

Página 26
Enero, 1927

Familia

M U J E R E S B I E N V E S T I D A S

Muy sencillo pero de gran elegancia, es este vestido de crepe. Muestra gran bordado con perlas de palo e hilo de dos tonos.

Vestido de noche, de tafetán francés verde y rosa, adornado con tiras de encaje dorado, mantenido por botones de tafetán, incrustadas en el encaje.

Este bonito vestido de noche, es de arpa George de la Senne, color melva, y encaje incrustado del mismo tono y reforzado con hilo de plata. La polserita es de tul del mismo color.

Vestido de muselina, impresa un tono rosa y azul, adornada con encaje de muselina azul. La rebatida del mismo género se prende en el hombro con una linda rosa.

Figura 79 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1927, p. 20.

Bronzeadas e com cabelos *à la garçonne*, o ideal de beleza feminina estava vinculada à magreza, aos quadris estreitos e a ter seios

pequenos (WALLACH, 1999). No caso dos bustos avantajados, muitas mulheres começaram a usar “achatadores” de seios para se enquadrar no perfil desejado (LAYER, 1989). Mais uma vez o corpo feminino estava subjugado a ideais e vontades externas; a liberdade que os novos modelitos apresentavam as mulheres estavam longe de ser libertadores tendo em vista que as tendências estilísticas acabam por se tornar uma ditadura do bem vestir, das atitudes e do corpo ideal que a sociedade espera que as mulheres possuam.

A tendência andrógina (*à la garçonne*) passou a ser o único modelo aceito em Paris. A mulher, que havia se tornado capaz de abandonar uma vida de futilidades, queria valorizar-se, tirar os véus que encobriam seu corpo, fumar, dirigir automóveis e usar cabelos bem curtos. A moda passou a misturar elementos masculinos e femininos (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p. 56).

Nesse sentido, os anos 1920 foram de prosperidade, principalmente nos Estados Unidos, e a influência norte-americana por meio do *American way of life* dominou a Europa, bem como Brasil, Chile e o resto do mundo. Com a economia aquecida, os anúncios de produtos variados investiram com força no público feminino, fortemente identificado como consumidoras de produtos consagrados ao lazer, a beleza e a moda. As revistas femininas passam a estampar em suas capas fotografias de atores de Hollywood, uma mudança radical, pois deixam de lado as fotografias de leitoras e ilustrações que denotavam o modo de vida desejado pelas leitoras, para promover o consumo por meio do erotismo, plasmado por atores e atrizes em poses mais desinibidas e usando roupas mais ousadas. Vejamos alguns exemplos (FIGURAS 80 e 81):

Página 4
Marzo, 1928

Familia

Las hormiguitas de HOLLYWOOD.

En uno de estos artículos del "Zig-Zag", he dicho un día, que aquel que crea que los artistas cinematográficos que trabajan en Hollywood, son simples bohemios que gustan el dinero y lo gastan en la forma de aquel que decía: "¡Quéil vino, faci se finé!", está profundamente equivocado.

Aquella gente vive en el país del "business", y no es posible creer que se aparte del camino que todo el mundo recorre aquí, en su ruta hacia la felicidad: el de los negocios.

No hay acaso en el mundo una colmena humana, en la cual se trabaje más duramente, más incansablemente que en los talleres de Hollywood. Allí se trabaja todos los días, a toda hora, y cada cual es espolado por la necesidad de cumplir lo más estrictamente posible con su deber. Se gana mucho dinero, pero se ahorra hasta el frenesí. Los directores, los magnates de la cinematografía pagan muchos y pagan bien. Pero exigen el máximo del esfuerzo.

De ahí, viene la ambición que todos los artistas de Hollywood tienen de invertir un día, el dinero que ganan o que ahorran, en adquirir un lugar de descanso, una villa, una casa blanca, en algún rincón asociado del Mediterráneo...

En sus anhelos, en sus sueños de ocio, de silencio y de olvido, se advierte el terrible cansancio de una tarea concienzuda, que dura años, que debe ser rigurosamente llenada, y a base de estudio y de incesante tensión.

De modo, pues, que no se trata de las alegres chicharras que cantan en los jardines de Hollywood, ni de los gritos adinerados que suenan todo su dinero en los cabarets y en los parties bulliciosos de aquel rincón del paraíso, como algunos creen. No. Si traxión, que está siempre pensando en su porvenir y asegurando la retaguardia de la vida.

Tengo yo un amigo, que conoce las autoridades de Hollywood, y con él estubo conversando, hace algunas noches, en un comedor de un restaurant de San Francisco. Vimos pasar a una conocida artista cinematográfica, y al ver su luz, su estallido, al sonar el perfume de su estela de estrella hollywoodense, experimenté cierto irresistible despecho.

—Si esta mujer, dije a mi amigo, no gana tan altos salarios, ¿qué sería de ella? —Ah!, pero usted cree en la leyenda de desfilarse, locuras y desproporciones,

que rodea a ésta gente de Hollywood! Si ello es así, está muy equivocado. Es muy raro el artista de cinematógrafo que trabaje en aquellos lidos que no sea económico, y no tenga su reserva para el porvenir.

Oiga usted... Y me contó entonces que las estrellas del cine no gustan nunca todo el dinero que ganan, sino que lo ahorran o lo invierten en negocios.

—No sabe usted, por ejemplo, que Constance Talmadge es comerciante y explota la industria de los cosméticos, una de las más productivas de Estados Unidos? Pues, si Ella vende cold cream, rouge, polvos de arroz, rimmel, brillantinas y bandolinas. Y le va muy bien.

Bessie Love, usted la conoce, añadió, tiene una barbería y gana todo el dinero que gana. De la luz deslumbradora de los focos del taller, pasa a recostarse en la explotación de sus vacas. Y hasta suele ordeñar...

Recuérdole, esa chiquilla abogada que usted ha visto trabajar en docenas de películas de carácter poseo, tiene en Hollywood un restaurant, el que le produce casi tanto como lo que gana en la pantalla.

Me quedé maravillado al oír tales cosas inesperadas. Yo creí siempre, como todo el mundo, que los artistas de Hollywood eran unos bohemios incorregibles.

Más aún, agregó mi amigo, acabo de leer en una revista que Viola Dana y su hermana Shirley Mason, poseen un "salón de belleza", como dicen aquí. Ello equivale a un millón de peinar señoras, de vender pelucas, a abrir baños las uñas, hacer masajes, oxidular, etc. Catalina Clifford, a la cual usted sólo conoce, tiene cinco "paquetes de flores", negocio que aquí da mucha plata.

Lea ha instalado, uno en el "Ambassador Hotel" y otro en el "Roosevelt Hotel", de Hollywood, y en ellos se venden las rosas más bonitas de California. Su divisa es: "dignose con flores..."

Mary Pickford, es directora de un Banco o por lo menos figura en el Directorio del mismo. Creo que es hasta propietaria, con su esposo, de un taller de películas.

Esto por lo que hace a las mujeres. Oiga usted lo que hacen los hombres: Len Chaney, el actor de las cien caras, como lo llaman todo el mundo, tiene un manzanar. Usted sabe cómo son y lo que valen las manzanas de California. Conrad Nagel y Jack Holt, trabajan en zanajo. Tienen corrales en Fresno. Tomás Meighan ha invertido mucho dinero en un hotel que le da más

Karl Dane, Viola Dana y Bessie Love

C. Talmadge, Len Chaney.

Jack Holt, Tomás Meighan, Conrad Nagel.

(Concluye en la página 53)

Figura 80 – Familia. Santiago de Chile: Marzo de 1928, p. 4.



Figura 81 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 14 de Agosto de 1930.

Essa ousadia tornou-se também um sonho de consumo por parte das leitoras das revistas. Contudo, abraçar as inovações da moda e seguir estilos considerados modernos poderia fazer com que essas mulheres fossem alvos de julgamentos e boatos, empregados pelos conservadores como potentes mecanismos de controle social. Para Rago:

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho (RAGO, 1997a, p. 62).

A moda e a beleza como atributo físico e moral permearam tanto o *Jornal das Moças* quanto a revista *Familia*, mesmo não sendo patrimônio exclusivo da imprensa feminina. Havia um interesse por especializar-se nesses temas, pois os mesmos promoviam o consumo de produtos e ideias importantes para a sociedade aristocrática da época. Como meios de comunicação, contribuíram para a criação de um imaginário social sobre o feminino, instalando modas, modos e modelos que eram determinados segundo os interesses econômicos, sociais e culturais do momento. Nesse sentido, ajudaram grande parte de suas leitoras a experimentarem o desejo de se vestir e se portar de acordo com as últimas tendências e assimilar seus aspectos físicos aos cânones estabelecidos nas três primeiras décadas do século XX. Logo, tanto nos anúncios quanto nos conselhos distribuídos em forma de colunas direcionadas à moda, à beleza ou ao comportamento, podemos identificar, no decorrer dos anos, representações de beleza e comportamento do feminino que passaram por várias influências diretas e indiretas.

Tanto no Brasil quanto no Chile, observamos um modelo de beleza francês proveniente do século XIX caracterizado por um ideal cortesão, pela elegância e pelo domínio do corpo feminino pelo vestuário que perdurará até a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Pós-1918, paulatinamente, a moda e o corpo das mulheres começam a ser influenciados pelo modelo norte-americano que se espelha na imagem de atores e atrizes do cinema hollywoodiano, com ênfase no corpo esbelto, nos penteados curtos e no rosto maquiado. Essas representações puderam ser apreciadas no *Jornal das Moças* e na revista *Familia* em seções de

moda e beleza feminina que ajudaram a criar representações de beleza a partir das expressões da moda que para a época se converteram em ideais.

Essas ideias não ficaram somente no campo das frugalidades e futilidades da vida aristocrática dessas mulheres. A liberdade que pouco a pouco começou a permear suas vidas também tem influência direta do movimento feminista que se fortaleceu desde o começo do século XX, influenciando diretamente o pensar e o papel feminino no mundo. Principalmente no pós-guerra, a nova forma do corpo feminino e de sua mente, veio acompanhado de uma nova mulher, e isso não passou despercebido pela sociedade conservadora da época.

6 O FEMINISMO ARISTOCRÁTICO DO SÉCULO XX E A LUTA POR DIREITOS

O despontar do século XX no Brasil e no Chile encontrou uma sociedade sob o jugo de governos conservadores, entretanto, os ecos do feminismo, que ressoavam vindos principalmente da Europa e Estados Unidos da América, também aportaram na América Latina e pouco a pouco se fizeram ver e ouvir nas ruas, nos cafés, nos salões e principalmente na imprensa e seus veículos de transmissão. O resultado das mudanças econômicas, da crítica social e das ações de pressão social perpetradas por distintos setores da população e da influência internacional fizeram com que o feminismo se tornasse pauta nas revistas femininas da elite chilena e brasileira.

A esses dois países, estava chegando a onda feminista que agitava outras latitudes e que focava com força nos direitos políticos, nas condições de saúde, trabalho e educação das mulheres, bem como na necessidade de uma reforma moral e social. Os questionamentos em razão das limitações e carências que as mulheres enfrentavam em relação ao seu sexo, resultaram na aparição de diversos grupos de mulheres pedindo visibilidade. No *Jornal das Moças* e na revista *Familia*, podemos notar esses ecos por direitos das mulheres de forma sutil, muitas vezes abafado em meio ao rol de atribuições desejadas pela sociedade patriarcal em relação às mulheres, mas também muitas vezes aparecendo como grito lancinante que acaba com a balburdia que confunde.

O acesso à educação e à cultura foi um dos fatores primordiais para as transformações ocorridas na vida das mulheres nas três primeiras décadas do século XX. O campo da reflexão intelectual, das letras e das artes fizeram visíveis muitas mulheres no movimento cultural que emerge na América Latina. Para os setores médios e altos não houve muitos empecilhos, a atividade intelectual feminina era socialmente aceita e vista como um “enfeite” a mais nos atrativos que se outorgava às mulheres. Por meio do exercício intelectual as mulheres se enxergaram como seres excluídos dos processos políticos, sociais, culturais e econômicos decisivos de suas sociedades e, a partir daí, começaram a sua crítica.

O processo de modernização que transformou os modos de vida e as atividades sociais no Brasil e no Chile surge com o desejo de fomentar na sociedade uma identidade nacional e um modelo de cidadão que estivesse apto a elevar a nação à ordem e ao progresso. A modernidade, desse modo, ajudou os sujeitos a tornarem-se ativos, capazes de reconhecer-se como parte de uma situação concreta, atuando nos contextos de suas sociedades de maneira pensante, embora também

fossem sujeitos passivos na medida em que foram componentes sociais do processo (BERMAN, 1994). Logo, dentro dessa premissa, o Estado brasileiro e chileno olhou para muitos setores sociais e, entre eles, com mais atenção para as mulheres. As medidas perpetradas pelos governos não abrangeram somente os homens, pois deram às mulheres a possibilidade de ampliar suas atuações para além do ambiente doméstico.

Uma das principais aberturas para essa mudança foi a ampliação da educação ao mundo feminino e, conseqüente abertura ao mundo laboral devido ao crescimento econômico dos dois países. De forma notável, a grade curricular do ensino feminino passa por transformações que não se atém mais às tarefas domésticas, assumindo outros conhecimentos para além dos afazeres do lar. Para Maria Eduarda Bacellar e Anita Helena Schlesner, no Brasil:

Agora, não exclui-se o estudo doméstico, mas há uma preocupação com a profissionalização da mulher, focando mais em uma formação dita como “básica”, para garantir que a mulher possa garantir um lugar no mercado de trabalho principalmente como professora – criando a imagem do magistério como sendo exclusivamente feminina – e para repassar seu conhecimento para os filhos, formando o imaginário nacional através do conhecimento repassado em casa e na escola, e também na formação de caráter idealizado para a República (...) (BACELLAR; SCHLESNER, 2018, p. 49).

No Chile não foi diferente a perspectiva educacional dada às mulheres:

(...) se fundaron numerosos establecimientos destinados a la educación femenina. Esto dio inicio a un nuevo ámbito de desarrollo, en la medida en que permitió la profesionalización de la mujer, en especial de aquellas pertenecientes a la clase media. Esta profesionalización se enmarcó dentro de los valores tradicionales, que simbolizaron la condición de la «naturaleza femenina», según la cual la «decencia» era un aspecto relevante a la hora de acceder a una profesión. Es así como las carreras de pedagogía, enfermería y secretariado

fueron las que mayor demanda tuvieron en un comienzo (ALDAY; ARAVENA, 2003, p. 68).

No caso das mulheres da elite, por fazerem parte desse grupo, as políticas liberais foram muito mais efetivas do que com os outros setores sociais. A educação permitiu a essas mulheres, a partir de seus maridos ou do nome da família, adentrar em grupos de intelectuais que discutiam política, arte e literatura nos famosos salões e cafés aristocráticos da época. Mais uma vez, essa atividade era incorporada na sociedade brasileira e chilena pela clara influência europeia que pairava sobre esses países e seus governantes, assim como no velho continente, as mulheres participavam das discussões a fim de melhorar seu nível cultural, sem perder de vista a oportunidade de poder selar um bom enlace matrimonial.

As “*salonieres*”, mais uma das tantas modas importadas da Europa, surge com uma porta aberta às mulheres para o trânsito na vida pública e um ponto de encontro para flertes entre possíveis pretendentes ao matrimônio. Além do mais, essas damas da sociedade, que buscavam direitos, principalmente o voto, estavam inseridas dentro de um feminismo que diferia do feminismo orquestrado pelas classes populares, pois as mulheres da aristocracia reforçavam a vontade de participação das mulheres na sociedade, no entanto, esse feminismo aristocrático, como bem pontuou Subercaseaux (2004), estava fortemente ligado aos bons costumes, à família, à filantropia e ao cristianismo, por isso mesmo encontrou importante apoio político nos setores conservadores de seus países. Esses setores viam a educação e a participação das mulheres na vida pública como fator importante para o avanço da nação e não “(...) como uma forma de estabelecer uma igualdade entre os gêneros” (BACELLAR; SCHLESNER, 2018, p. 49). Como bem lembra Etelvina Maria de Castro Trindade, a educação da mulher estava voltada para:

(...) estudar o caráter, sentimentos, aspirações, gostos etc., do homem a quem uma sua sorte, instrua-se a mulher para evitar que caia na degradação pecaminosa dos prostíbulos. Instruam-na para que ganhe a vida, com honra para si e proveito para a sociedade, eduquem-na para estar cônica de seus deveres e de ter cultura, para conquistar a felicidade na gratidão e na veneração do homem (TRINDADE, 1996, p. 30).

De posse de uma bagagem cultural e de conhecimentos para elaborar suas próprias opiniões e assumir seu posicionamento político frente ao mundo público, essas mulheres, logicamente, se tornaram alvos

da maioria dos homens e dividiram opiniões, como podemos notar no excerto retirado da coluna assinada por Emeth em junho de 1913, intitulada “Mrs. Pankhurst ó El Feminismo” (FIGURAS 82 e 83):

El “tirano” hizo cien objeciones: “¿Qué saben ellas, fuera de trapos, niños, misas y rosarios?”

A lo cual hube de replicar que, en punto a instrucción no les será difícil igualar y hasta superar a la mayor parte de los electores masculinos los cuales, en todos los países del mundo, se distinguen, por sobre su venalidad y carnerismo, por su incommensurable ignorancia. Y añadí:

—Se les dá hoy en día a las mujeres una enseñanza primaria, secundaria y superior, que en lo substancial es igual a la de los varones. Para negarles igual derecho de voto, no puede Ud. fundarse en su falta de instrucción.

—Pero ¿no vé Ud. que, si se ocupan de política, descuidarán sus deberes domésticos?

—Los descuidan acaso los hombres por... política?... Tanta es la obligación doméstica del marido como la de la mujer...

—Ya veo que Ud. es feminista... Todo error es contagioso; pero, felizmente, esta tierra no le será propicia al feminismo. Y si no, que lo digan estos señores que la conocen mejor que Ud.!

No quise prolongar la discusión pero hube de declarar, antes de despedirme de aquel tirano y de sus humildes vasallos, que no soy feminista, que

Figura 82 – Família. Santiago de Chile: Junho de 1913, p. 1.

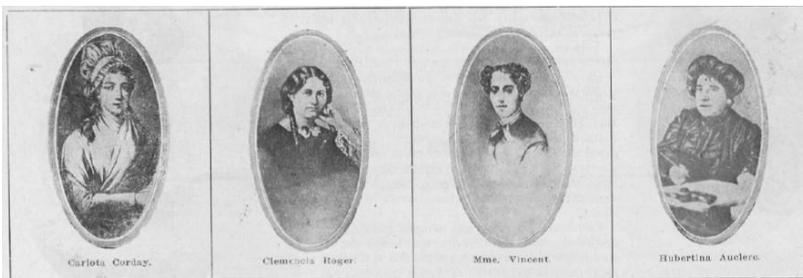
verdaderamente juzgo locas a las sufragistas, pero agregué que, en mi opinión, más locos aún son los que, admitiendo las premisas del sufragismo, no admiten las conclusiones que de ellas deducen con respecto al voto femenino, Mrs. Pankhurst y sus secuaces.

Y por fin dije: Por culpa de los varones, el feminismo es un mal necesario. Si los hombres ejerciesen sus derechos electorales con sinceridad, justicia y altura de miras, si dejasen de ser meros instrumentos en manos de "politicians" egoístas; si, con sus votos, obtuviesen lo que las mujeres quieren conseguir con el voto femenino, es decir, mayor moralidad, más perfecta higiene, más humanidad; si obligasen a sus representantes a suprimir el alcoholismo, los conventillos, la mortandad de párvulos, y tanta plaga que enluta al mundo, entonces Mrs. Pankhurst y su ejército de mujeres se encerrarían tranquilas en su hogar y el feminismo, careciendo de objeto, o no nacería o dejaría pronto de existir.

Figura 83 - Familia. Santiago de Chile: Junio de 1913, p. 42.

O artigo assinado por Emeth é o primeiro a tratar sobre o feminismo nas páginas da revista *Familia* e suas influências na sociedade chilena. Sem sombra de dúvidas, Emeth defendia o rol feminino de mãe e esposa, assim como ditava a Igreja Católica, contudo, o articulista difere do cidadão o qual discute e que é o personagem principal do texto, no que diz respeito ao direito ao sufrágio universal por parte das mulheres. E mais, afirma que o voto feminino é necessário por conta da falta de bom senso, justiça e caráter dos homens. Por outro lado, afirma com acuidade que não é um feminista e que as acha totalmente fora de si, principalmente *Mrs. Pankhurst*, militante inglesa dos direitos das mulheres e que influenciou os movimentos feministas em prol do voto feminino no mundo todo com suas falas e ações.

Emeth não era um homem engajado na causa feminista, defendia a maior participação das mulheres na vida pública e principalmente seu direito ao voto, mas não negava que as atribuições femininas no lar deveriam ser mantidas. Fato é que, posteriormente a essa publicação na *Familia*, outras tantas começaram a aparecer e compor o editorial da revista. A segunda aparição da discussão feminista em uma página da revista *Familia* se dá em dezembro de 1914, em um artigo escrito por Elena Miropolsky e intitulado “Las precursoras del feminismo”. No artigo, que ocupa uma página inteira do periódico, o articulista rememora a história de quatro mulheres de suma importância para a causa feminista na França e no mundo (FIGURA 84):



Las precursoras del feminismo

Es difícil de poder juzgar aún del resultado de la última campaña feminista, a pesar que una cosa es al menos segura; es que nunca el movimiento en favor de la igualdad política de los sexos no había tomado entre nosotras un aspecto tan atrevido y resonante.

Grandes avisos pegados a las paredes en que se leían en grandes letras: "¡Llamadas a las mujeres! Las mujeres deben votar"; se han visto junto con la sección del voto instalado en un gran número de barrios, gracias a la feliz iniciativa de ciertos periódicos y de agrupamientos feministas, que han debido recurrir a ingeniosos medios para organizar un verdadero referéndum. Se contaron las mujeres que deseaban votar, sólo depositaron en la urna un boletín blanco.

Pero en un país en donde es el número el que gobierna, la cifra debe hacer impresión. El boletín blanco del año 1914 será tal vez el modesto presagio del boletín nominal del año 1918! Desgraciadamente en el momento en que el feminismo ha llegado a preocupar de un modo tan vivo la atención pública, en que los esfuerzos por mucho tiempo disminuidos se han coordinado tan felizmente, dos nobles figuras acaban de desaparecer: dos mujeres de gran corazón, que consagraron toda su existencia a la lucha por la misma causa.

¡No es, acaso el momento, al recordar la obra de estas desaparecidas de resaltar todo un lejano pasado, y de evocar al mismo tiempo las grandes figuras históricas del feminismo?

El ejemplo de la señora Vincent y Hubertina Aucler, desaparecidas de este mundo con pocas semanas de diferencia, nos prueba cómo una misma convicción profunda puede manifestarse bajo una forma diferente. Era la señora Vincent, para emplear una expresión del estilo parlamentario, una "confortinista". Su política deseaba limitarse en circunstancias y necesidades presentes. Demasiado penetrada de las dificultades prácticas y de las prevenciones de una opinión mal fundada para esperar que una reforma como aquella de la elección femenina pudiera realizarse de un día al otro, ella visualizó todo menos un transformo radical inmediato que consistiera por etapas ventajosas que permitieran encaminar con seguridad hacia el reconocimiento definitivo de la igualdad en política. Su nombre o su influencia quedan así unidas a varias leyes importantes: la admisión de mujeres al "Bureau de Biografiques" su participación en las elecciones de jueces consulares, su tenacidad en el consejo de hombres buenos, son reformas, sin duda, interesantes pero que no tienen sino una relación bastante distante con el voto de las mujeres.

Así también la señora Vincent se destaca a nuestros ojos como una de las doctrinarias más sabias y más advertidas del feminismo. Desde la época ya bastante lejana en que, en colaboración con María Desraismes fundó en 1860 la "Sociedad para reivindicar los derechos de la mujer" había recoleccionado todo aquello que de lejos o de cerca podía interesar a la causa feminista. Su último pensamiento fué para la obra a la que le había consagrado su vida. Le legó una colección inestimable de libros de estadísticas y de documentos interesantes, que comprendían más de un millón de documentaciones ordenadas y clasificadas con una regularidad admirable.

A este feminismo, cuya cualidad consistente era la paciencia, moderación, firmeza, una ciencia casi enciclopédica se une la señora Hubertina Aucler, cuya actitud evocaríamos más bien la de la sufragista inglesa, irreducible, atendida a sus derechos, desechando todo acuerdo en donde viera una abdicación. Su nombre trae a la memoria una larga y enardecida campaña sostenida con una energía que raya en violencia.

En su diario "La Atomeuse" que apareció en 1881 hasta 1891, por sus peticiones innumerables a la Cámara, al Senado y al Congreso de Versalles, por su negativa de pagar el impuesto, en una palabra, por todos los medios, aún los legales de propaganda, ella reclamó con energía la legalidad política de la mujer, frente de las otras

reformas. Su ideal se mantenía en este punto tan intransigente que repudiaba aún leyes muy favorables a las mujeres, pero en las cuales ellas no habían tenido participación. Declaraba: "Que toda institución elaborada sin el concurso de las mujeres sería necesariamente hecha contra ellas!"

Recordo haberla oído hace apenas un año, en una reunión feminista. Modesta, pequeña, se adelantó con un paraguas abierto bajo el brazo, a convertir al auditorio.

Su elocuencia era tan ruda como su persona, pero se desprendía de sus propósitos una fe tan ardiente que desarmaba a los que se refan y levantaba tempestades de aplausos.

El día, tal vez menos distante, de lo que muchos se lo figuraron, en que las mujeres vorán abrirse las puertas de la ciudad de par en par, los nombres de las señoras Vincent y Hubertina Aucler, cuya vida pasó casi ignorada de la multitud, se harán gloriosos como los de sus ilustres predecesoras, María Desraismes o Clemencia Roger. Esa es la suerte de todos los precursoros...

En vano había Gonfret reclamado, en los primeros años de la República, de la extensión de las mujeres hacia los derechos políticos. Su protesta fué acogida con mofas y la ridiculizaron los espíritus fuertes de aquella época.

Exasperada por las resistencias de los legisladores, se levanta una mujer, Thérigone de Merisourt, quien invita a las ciudadanas de París a reunirse en la plaza de Luis XV a fin de reclamar el derecho de vivir y la entrada a las sesiones de la asamblea. Se conoce el estrofo: la heroína Thérigone, recibe latigazos del pueblo amotinado contra ella. Muere de virgencina.

O de Ross Lamour, cuya hermosura, fortuna y talento no leían todas las ambiciones, no traelia, sin embargo, en mezclarse entre las turbas revolucionarias. Su famosa presentación con 17 artíficos, en donde proclama que "la mujer nace libre, es igual al hombre" es uno de los baluartes que tiene hoy el feminismo.

Subió a la guillotina en donde pronunció estas palabras memorables: "¡Las mujeres son dignas de poder votar pues como los hombres salen al cadalso!"

Ni las abogaciones de Olympe de Genes, ni los de Carlota Corlay o de Rosa Lamour, afiliadas, ellas también en los Clubs feministas, pudieron llegar a disipar los prejuicios que involucran, y toda tentativa fué bruscamente inoportunada. Napoleón sofocó la revuelta siempre creciente en los corazones de las mujeres.

Exagerando la obra de la República influye con todas las fuerzas de su voluntad por introducir en la familia sus concepciones de Aristóteles. Un sociólogo contemporáneo M. Furet, ha escrito:

"El marido elevado al título de coronel, debe enseñar sobre la vida y las costumbres de su esposa, quien, como simple soldado, le debe amor y obediencia."

Pero los sentimientos rechazados reaccionan a la primera ocasión.

La causa del feminismo se confunde con la de la libertad misma. En 1830 como en 1848 las mujeres intervinieron para hacer valer sus protestaciones.

De todos modos, es en los últimos años del segundo Imperio, bajo la influencia de María Desraismes y de Clemencia Roger, fué cuando el movimiento de emancipación reactiva, con su perseverancia y una férrea obstinación, cuyos efectos, no tardaron mucho en hacerse sentir. Hoy día las mujeres se agrupan en asociaciones que por medios o técnicas diferentes, persiguen todas el mismo fin. Los efectos pueden desaparecer, pero el impulso está tan bien dado que los más escépticos le dan desde ahora las promesas alegres de la victoria.

ELBNA MIROPOLESKY.

Figura 84 – Familia. Santiago de Chile: Diciembre de 1914, p. 10.

Mrs. Pankhurst não era a única ativista feminista que no começo do século XX andava abalando as estruturas patriarcais. Para além dela,

outras tantas surgiam em número e grau de combate em diversos outros países. O intento de Miropolsky com seu artigo falando de Carlota Corday, Clemencia Roger, *Mme.* Vincent e Hubertine Auclerc, feministas francesas, é mostrar ao público leitor que o movimento sufragista crescia fortemente na Europa. Algo que denota a aristocracia de Elena, é seu relato de participação em um dos eventos feministas na França onde ouviu Hubertine Auclerc discursar a um grupo de mulheres. Por ter condições de viajar para a Europa e por entender o francês, é de se intuir que ela não fazia parte das castas mais baixas da sociedade chilena, mas sim das rodas sociais da elite. O que temos no relato de Miropolsky é a disposição de contar a biografia dessas lideranças femininas, seus objetivos e insuflar em suas conterrâneas o mesmo espírito de luta por direitos.

Nesse sentido, as novas exigências de participação na vida pública não se dão somente por vontade das mulheres. As mudanças bruscas geopolíticas do momento ajudaram a nutrir esse sentimento junto a alguns homens também. Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial não foram poucos os textos que enalteciam a força e o bom senso das mulheres em relação a sua participação no conflito e fora dele. Em outubro de 1915, um texto traduzido de autor espanhol e intitulado “A Fortaleza Feminina”, coloca as mulheres acima dos homens por esses serem débeis e por sucumbirem aos horrores da guerra. Segundo o próprio autor, chegaria o tempo em que as mulheres tirariam as rédeas do governo do mundo das mãos dos homens. Segue o texto na íntegra (FIGURA 85):

A FORTALEZA FEMININA

(Trad. do hespanhol)

EU tinha as minhas duvidas sobre qual dos sexos era mais forte, si o masculino, si o feminino.

Eram fundadas essas duvidas nos factos por mim diariamente observados em relação á fraqueza dos homens; governantes que não podiam resistir á tentação das alturas; juizes que prevaricavam, sacerdotes que sacrificavam o serviço da religião aos seus interesses políticos, artistas que sacrificavam o seu génio nas aras do mau gosto, via serem escalados os postos publicos mais elevados com servilismos de famulas e facilidades de mulheres fracas.

Moralmente, dizia a mim mesmo, o imperio da força está perdido para os homens.

E si do terreno individual elevava as minhas observações para o campo de experimentação dos povos, representados pelos cidadãos, via reflectir-se nestes todos as mesmas debilitantes debilidades.

Devido a ellas, triumphavam nos pleitos eleitoraes os candidatos mais venaes e ineptos, o que constitua a causa unica das grandes desgraças nacionais.

A actual conflagração européa não representa nada mais nada menos que a covardia dos povos que se deixam morrer por não se atreverem a matar a quem deu ensijos á guerra.

Individual e collectivamente, os homens não podiam ser mais fracos.

Arivava as minhas duvidas o facto de ser a função physica mais perigosa, a da multiplicação da especie, confiada pela sábia natureza ás mulheres, signal de que a ordem das cousas confia mais na sua abnegação e na sua fortaleza.

Si isso fosse confiado aos homens, certamente só teriamos chegado á extincção da especie.

Um dia vi, em um circo, uma mulher que sustinha sobre os seus eburneos hombros meia dúzia de homens de musculos herculeos, e comprehendí então que, bem cultivada physicamente, a mulher seria capaz das mais portentosas virilidades.

Além disso, havia visto já varios homens fugindo ás ameaças de umas unhas femininas; sabia que outros eram sustentados vergonhosamente por suas caras metades e, estudando etnicamente o adulterio, germen das grandes tragedias humanas, cheguei á conclusão de que dos tres protagonistas desse drama, o mais forte era a mulher.

Acabou por dar mais força a essas minhas duvidas sobre a maior energia dos sexos este facto muito significativo: frades, principalmente os jesuitas, apoderavam-se dos homens, por meio da influencia das mulheres.

Tudo isso me demonstrava que, ainda quando as tradições, as leis e os costumes tivessem sido forçados pelos homens, afim de que se acredite eternamente em sua força, surgia logo a realidade, proclamando com seus feitos, a maior fortaleza da mulher.

No caso do athleta Sansão, subjugado por Dalila e obrigado a fazer rodar por muito tempo a sua mó, repetia-se constantemente atravez da historia e da vida intima e social dos povos.

O sexo feio era menos forte que o sexo bello.

Indefectivamente, algum dia terá de ser desfeito esse equívoco e respaldará a maior fortaleza do sexo feminino; dia virá em que as mulheres terão de dominar publicamente os homens, tirando-lhes das mãos as rédeas do governo do mundo.

E esse dia está proximo.

Já está bastante preconizado o movimento mundial suffragista, reclamando a emancipação da mulher exigindo os seus direitos de cidadã.

Já na Inglaterra e na Allemanha estão as mulheres substituindo os homens em muitas funções civicas, tratando-se ao mesmo tempo de organizar um batalhão para o exercicio das funções militares.

Em outras nações, esse movimento se va operando, embora lentamente, mas seguidamente.

Creio que, quando terminar a guerra aproveitada a circumstancia favorabilíssima de se haver, como resultado della, constiatao a existencia de trinta e cinco mulheres para cada homem, empunhará definitivamente a mulher o sceptro da fortaleza de seu sexo.

E nos será isso bem feito, por que, além de sermos mais debéis, não temos sabido dissimular-o.

Sylvio

SAUDADES

(A' memoria de minha irmã Santina)

Triste recordação! . . .

Depois que tu, anjo meu, voaste para o azul do infinito, depois que tu partiste para sempre, nunca mais te olvidel.

De dia, a tua imageminha vem, por essas horas de desalento, em que eu, embebido na mais profunda e melancholica meditação, busco dos dias felizes da nossa infancia uma recordação tua, pousar leve e subtil no pedestal phantastico do meu pensamento; de noite, em sonho, como uma borboletasinha azul, fugindo do Paraizo, depositar no meu rosto magro, exangue e adormecido, o beijo de saudade!

Triste recordação! . . .

Out'ora, no convívio do nosso lar, corrias ao quintal, esvoaçando por entre as urzes, como uma phalenasinha mimosa a espalçar o pó das suas azas lucidas, douradas e eu, misturava aos teus sorrisos meigos e innocentes, um rosario de beijos, erguendo-te nos braços, affagando-te com meu carinho de irmão! Hoje, longe de meus affagos, das minhas caricias, longe do lar, habitas um céu risonho e lindo, um céo de amor, entre legiões de anjos, e eu, triste e saudoso, com o coração varado pelos a spinhos lethargicos da ausencia acerba, choro amargamente a tua falta! . . . Triste recordação! . . .

Depois que a Visão funeria da Morte, levou-te deste mundo, eu jamais te olvidel, e hoje ao lembrar-me de ti, escrevo estas linhas, que, como lagrimas sentidas, eu vou depositar sobre a terra fria, que ainda hoje encerra os vestigios de um corposinho inerte, mudo e inanimado!

Idolo meu! Meu divina scaccario! Atira lá do infinito onde habitas uma saudade para que nesta mansão de dor, neste exilio da vida, eu guarde sempre, como representação tua e de teus celloes dons.

Dor, cá no exilio da Vida eu guardo.

Triste recordação! . . .

Rio, 18-8-1915. • A. G. Reychnann



A mulher dominando o homem — Projecto de um monumento commemorativo. . .

Figura 85 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 1º de Outubro de 1915.

Para além do texto, a imagem que o ilustra nos dá a entender qual o sentimento que o autor quer passar a seus leitores com a crítica feita aos homens e suas escolhas em favor da guerra. Há ali uma mulher forte, imponente e decidida, seus braços cruzados mostram seu poder de decisão e seu olhar firme e longe da figura masculina fraca e derrotada, que jaz a seus pés, demonstra quem está no controle da situação. A legenda da

figura é satírica e propõe a imagem como futura estátua, monumento comemorativo, no qual figuraria a escrita “A mulher dominando o homem”.

O fato é que a ideia de as mulheres poderem opinar e poder votar, pensamento forjado dentro de cafés, salões literários e fora deles também, não foi um pensamento que fluiu por igual nas cabeças de chilenos e brasileiros. Havia defensores de peso nesse momento, mas haviam outros mais contrários a esse posicionamento político. Mesmo muitas mulheres se mantiveram à margem da atividade pública e da luta por seus direitos; para estas, as preocupações com o lar e com vestidos bastavam, não compreendiam que a luta de suas contemporâneas não era pelo fim das atribuições femininas junto à família e ao lar, mas sim a ampliação de seus papéis para além das paredes privadas de suas casas, com mais participação social, provando que não era inferior ao homem como era dito. Na visão das feministas aristocráticas:

A ‘nova mulher’ anunciada por ela devia conciliar os seus diversos papéis sociais empenhando-se em dividir-se entre os direitos que lhe foram naturalmente atribuídos no espaço privado e as novas exigências de participação na vida pública (BUENO, 2010, p. 71).

Em relação a essa visão, publicações na revista *Familia* e no *Jornal das Moças* vieram em defesa desse feminismo menos agressivo em relação aos homens e mais moderado no que concerne às formas como se efetivavam as lutas, principalmente, os embates pelo direito ao sufrágio universal (FIGURAS 86 e 87):

Estas tendencias diversas han sido netamente manifestadas con el último gran congreso internacional feminista. Yo creo que todos los delegados estuvieron de acuerdo en el principio del voto de la mujer; pero, mientras que algunas exaltaban el heroísmo y el valor de las sufragistas, otras criticaban su táctica y repudiaban sus excesos.

El feminismo "latino", más claro y discreto no ataca ni denigra servilmente al hombre: desearía concordar las virtudes y las cualidades tradicionales de la mujer con una organización social en que la mujer sin abandonar nada de lo que constituye su encanto, y atractivos, no fuese excluída obligatoriamente de la vida pública.

Figura 86 – Familia. Santiago de Chile: Julio de 1916, p. 13.

A mulher brasileira, que é possuidora de uma grandeza d'alma nobilitante, dotada dos requisitos de arte e intelligencia, começa tambem a interessar-se pelo suffragismo, pretendendo obter a conquista de direitos, já adquiridos noutros paizes da Europa.

O gesto do partido feminino, dirigindo-se á Camara, provocou de facto um grande movimento de propaganda, começando a mulher brasileira a comprehender que tambem deve se preoccupar com a sua autonomia, creando para si uma certa independencia, sem prejuizo da sua sublime missão de mãe.

Nos Estados Unidos foi eleita deputado a joven modista Jeanette Rankin, e quando teremos identica lição de victoria feminista?

Precisam as minhas patricias de ter direito ao voto, o que não é facil de conseguir, dependendo de muita propaganda e trabalho; mas nem por isso se torna difficil desde que todas se façam arrojadas e dedicadas.

A Camara deve discutir o assumpto na proxima sessão legislativa, e por essa occasião quem será a nossa *Pankhursts* das ruas, para assumir a chefia do movimento?

Interessante notarmos que esses escritos explicam como se constituiu o feminismo nas classes mais abastadas do Chile e do Brasil, onde, apesar do processo modernizador-liberal que chegava com força, o viés conservador nas falas continuava presente e muito forte nesses grupos. Montero e Agliati defendem que:

(...) estamos hablando de mujeres que han reflexionado acerca del lugar que ocupan en el espacio social, y desde esa reflexión asumen un rol activo, incorporándose al espacio público para cumplir una misión autocumplida (AGLIATI; MONTERO, 2006, p. 146).

Por missão ‘auto cumprida’ entende-se a figura da mãe universal, por isso mesmo, abandonar “a sublime missão de mãe”, como posto no artigo publicado no *Jornal das Moças*, não era uma opção. Essas mulheres idealizavam incidir de maneira ativa no mundo público sem abandonar seu papel tradicional na sociedade, muito menos o ideal de domesticidade feminina (VICUÑA, 2010).

O transcorrer do século XX, mais exatamente seus primeiros trinta anos, reservou às mulheres muitas transformações em suas funções tradicionais de gênero. Nesse momento, o mundo experimentava novas experiências nas relações sociais e de gênero proporcionadas pelas lutas e questionamentos da primeira onda feminista, reconhecida na América Latina como a etapa sufragista (LUNA, 2004). Corroborando com esse pensamento, Joana Maria Pedro afirma que:

O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” (no Brasil) teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança (PEDRO, 2005, p.79).

Entre os anos de 1900 e 1930, uma série de transformações ocorreram em relação à imagem da mulher e, por conseguinte, nas famílias. Para Mary Nash, as transformações políticas, econômicas, demográficas e de modernização sociocultural distinguem a sociedade daquele momento e, por sua vez, representam um complexo cenário que afeta o coletivo social das mulheres em sua dinâmica política, em seu

processo de conscientização, nas elaborações de estratégias de resistência e na redefinição dos papéis de gênero. Logo, “las diferentes modalidades socio-políticas en España y en el continente hispanoamericano a lo largo del siglo XX configuran los ámbitos de actuación y las pautas del protagonismo femenino (NASH, 1993, p. 619).

Essas pautas, principalmente as que tratam sobre o voto feminino, se alternam em posicionamentos nas páginas da revista *Familia* e do *Jornal das Moças*. Podemos notar que os posicionamentos contra e a favor dividem as páginas dos periódicos tentando influenciar as leitoras cada um com seu ponto de vista. Em outubro de 1918, um ou uma articulista, de alcunha *Madre*, publica o artigo intitulado “Contra o Feminismo”, um texto longo e carregado de argumentos contrários ao ideal feminista. O autor parte do pressuposto que o voto feminino vai contra o espírito da mulher chilena, e mais, tece essa tese com base em uma lógica racista e de diferenciação entre o sexo masculino e feminino. Por fim, acusa o feminismo de ser um veneno que ameaça a nação e o corpo físico das mulheres, corpo esse que deve estar relegado ao rol de mães, esposa e mais nada. Segue o texto na íntegra (FIGURA 88):

CONTRA EL FEMINISMO



HEMOS interrogado a las lectoras de "Familia" si les gustaría votar? Hoy vengo a decirles y probarles que no deben hacerlo.

El feminismo político sería fracaso de la mujer, y la chilena es la mujer por excelencia.

Lo que la caracteriza es su alma, la parte seria del sentimiento se oculta en ella con un poder exquisito, en la forma más graciosa de frivolidad. Ninguna mujer en el mundo es como ella, tan mujer, inteligente y artista. Ninguna sabe con más tacto disimular sus cualidades más sólidas bajo el encanto de los atavíos. Pero el "esprit" y el corazón saben en el momento necesario, salir de su reserva habitual y sobresale entonces el pensamiento recto, firme, se exprime la voluntad clara, graciosa. La mujer "femina" se reconocerá en este retrato.

Sí, coqueta, fútil, vanidosa, como se lo reprochan muchos injustamente. Pero tan chilena, con todas las virtudes que esta palabra significa, con todas las sorpresas que promete a aquellos que olvidan que la verdadera virtud va siempre envuelta en sonrisas y en encantos.

Nos acusan de ser refractarias a todo adelanto. Tonterías!

No tenemos que hacer nuestra fortuna porque está hecha desde siglos atrás. No renunciamos a la situación privilegiada que hemos adquirido. El genio de nuestra raza nos ha destinado a una gran misión terrenal y toda nuestra superioridad depende de la calidad única de este genio.

Nuestra resistencia demostrará si está o no viva. Se defiende el genio de un país como se defiende la salud de los peligros cotidianos que la amenazan. El feminismo es un producto extranjero que pervertiría al genio femenino chileno. En caso de que triunfe, la chilena convertida en europea, habrá perdido los privilegios de raza unidos a su nombre. Vamos hacia la confusión, en que la mujer del mundo defiende sus prerrogativas, que la mujer más

abnegada del mundo se pronuncia sobre su porvenir!

Quisiera que estas cuatro palabras "el genio femenino chileno", fueran para todas las chilenas la expresión de un reino de ideas, de sentimientos, pues enciertran el tesoro social, intelectual, moral que tenemos por misión nosotros las mujeres del siglo XX, y la que debemos entregar íntegra en manos de las chilenas del porvenir.

Partiendo de este principio, no entraríamos en el espíritu de la vindicación del feminismo actual en que el genio femenino chileno encontraría su muerte. Nuestro feminismo debe ser otro.

Con razón al pasado, nuestra situación en el mundo es y debe conservarse única y nos crea obligaciones particulares. "Nobleza obliga".

El feminismo sólo significa progreso para las civilizaciones que empiezan su vida. Entre nosotras significaría retroceder. La Inglaterra dice las exaltadas sin fijarse que este país ha demostrado que una nación poderosa puede tener sus enfermedades sociales y el feminismo es una de ellas.

La Francia, Italia, España, en una palabra la civilización latina le opone al feminismo una resistencia, victoriosa hasta aquí, y han podido resistirle al microbio enemigo y han obrado como lo hacen todos los organismos superiores, para salvaguardar su individualidad. La vitalidad de un país como también la de los individuos se mide por el grado de resistencia que opone ante los elementos de corrupción que amenazan atacar contra su integridad. La lucha, la defensa de la individualidad es una de las más hermosas manifestaciones de la vida humana pero la obediencia pasiva a las solicitudes, es la abiliación, la muerte.

La Francia se muestra refractaria al feminismo porque amenazada por él en su unidad, su forma específicamente social, moral, intelectual, tiene el poder para dominarlo y ponerle todos los obstáculos que le ofrece el genio latino heredero de la Grecia y de Roma, se defiende contra las influencias nórdicas y si llegara a ceder se pervertiría para siempre.

Condenamos el feminismo como principio?... No! Nuestra opinión es estrictamente chilena.

Esta tendencia venida de Estados Unidos y de Inglaterra tiene ahí probablemente su razón de ser y su lógica y su utilidad. Tendríamos nosotros la pretensión de impedir en nombre de la razón humana, a las danesas y noruegas el derecho de ejercer sus derechos civiles o políticos si les agrada hacerlo o si eso les parece necesario?

Las mujeres de raza latina tienen una mentalidad propia y nadie ignora que en Francia, Italia, España, la mujer es más mujer tanto en lo físico como en lo moral que en Escandinavia, por ejemplo. La diferencia entre los sexos es mucho menos acentuada en los países del norte.

Se dice que los hombres de gran talento son generalmente hostiles al feminismo, porque poseen más que los demás el sentido del orden humano y experimentan más intensamente la verdad de su propia raza. Si la italiana depositara en las urnas electorales su voto, las partidarias de Stendhal temblarían de indignación, pues denunciarían la barbarie... La italiana como la francesa, la española y la chilena son unas advenedizas en la civilización, pero sí más aristócratas!

Diferencia de talento, diferencia de raza, oponámonos al feminismo.

La autoridad de las mujeres no se muestra jamás tan poderosa como cuando no estando establecida en principio, se mantiene oculta y soberana.

Por su individualismo, el feminismo es un veneno nacional y también antinacional porque amenaza al organismo físico de la mujer, disminuido por una labor desproporcionada a sus fuerzas físicas y una vida que no es adaptable con su temperamento... Ah! antes de preconizar el voto, prooconicemos la cultura física, que proporcionará al país mujeres robustas, sanas, dispuestas a sobrelevar con dignidad el gran rol de madres que es lo más grande y sublime a que puede aspirar la mujer. La mujer representa la raza de lo que es la esperanza y el orgullo de Chile!

Demostremos que la mujer chilena comprende el sentido de la palabra, deber a la patria, que vota los hombres, que lo vendan al mejor postor, cosa que nosotras no podríamos hacer, pues nuestros ideales no nos lo permitirían.

MADRE.

Figura 88 – Familia. Santiago de Chile: Octubre de 1918, p. 6.

Já em setembro de 1919, um artigo intitulado “Feminismos”, no *Jornal das Moças*, de autoria de Christina Octavia, defendia o voto feminino como um ato patriótico e que por isso mesmo, deveria ser aprovado como lei. Diz a eloquente e enérgica colunista (FIGURA 89):

Julgaes que todos os que chacoteam do feminismo e o redicularisam, julgaes que os parlamentares que hoje nos congressos rechasam as leis de igualdade dos sexos, «não comprehendem e não estão conscientes» de que ao fazel-o, confirmam uma vez mais a injustiça perversamente decretada, em todas suas fórmas, com todas aleivosias, com todo egoismo, com todo desprezo contra a mulher?

Pensaes por acaso que esses senhores não sabem que uma mulher vale tanto quanto elles? Acreditaes que não a julgam capaz de ter os mesmos direitos e os mesmos ideaes do que o homem? Affirmo que sim! Não ha um só homem que não tenha dito: «Minha mãe era a mais intelligente e a mais honrada das mulheres, sem ella eu não seria o que sou» e todos os homens tiveram mãe e todas as mães tem educado, tem conduzido e tem influido na vida de seus filhos e todas as mulheres na vida de seus maridos, na de seus irmãos, são ellas as verdadeiras educadoras da Humanidade; foi ella quem lhe deu a vida; é ella que tem estado sempre ao lado do homem para amal-o, para aconselhal-o, esposa, mãe, noiva, filha, sempre! — é ella collocada mais baixo que o mais rude e o mais bruto dos homens; o ignaro que não sabe onde fica a sua direita e a sua esquerda, pôde votar, é eleitor, é dono do mundo! A mulher não tem mais do que um dever: pagar! não tem mais do que um direito: calar-se!

E julgaes que os homens não comprehendem isto? Sim, porém é mais forte o egoismo que o patriotismo de decretar uma lei que lhes vá roubar o privilegio de seu senhorio...

CHRISTINA OCTAVIA.

Figura 89 – Jornal das Moças. Rio de Janeiro: 4 de Setembro de 1919.

Também é interessante perceber que a maioria das publicações estão assinadas por pseudônimos, apelidos ou por abreviações que impossibilitam identificar a autoria das publicações, uma forma também de se proteger, pois o período, apesar das “conquistas” femininas, sofria uma forte resistência à palavra ‘feminismo’. Com medo de serem mal vistas, mal faladas e até mesmo agredidas, algumas feministas não se afirmavam como tal, visto os estereótipos que podiam ser vinculados a sua pessoa, apontamentos taxativos como mulheres feias, lésbicas, ressentidas, masculinizadas, mal-amadas e antihomens (DUARTE, 2003). Da mesma forma, quem escrevia contra o feminismo também se escondia por trás de apelidos e pseudônimos, a força com que o feminismo adentrou a sociedade da época não permitia, talvez, uma exposição tão aberta e passível de embates e críticas, e é bem provável que os antifeministas não desejassem esse confronto. Segundo Duarte, nos séculos XIX e XX, a parcela antifeminista da população foi muito “eficaz” ao difundir socialmente a ideia da mulher feminista como antagonista de feminina (DUARTE, 2003).

Dentro da mesma elite, encontramos grupos de mulheres com pensamentos diversos que questionavam tanto o feminismo quanto o antifeminismo. Suas manifestações dentro das revistas femininas se desenvolveram muito mais depois do período do pós-guerra, haja visto que durante os anos de combate suas liberdades foram alçadas a outro patamar, desenvolvendo-se para outras instâncias nos anos que se seguiram. Essas obtiveram um olhar mais crítico sobre os papéis da mulher nos espaços públicos, e, por essa ótica, instauraram atividades culturais e intelectuais que serviram de espaço de reflexão e luta para todas as mulheres que decidiam encampar a luta por direitos políticos. Em janeiro de 1922, nas páginas da revista *Familia*, um artigo de título “De feminismo” afirma o seguinte (FIGURA 90):

DE FEMINISMO
CONFERENCIA LEÍDA EL
2 DE FEBRERO DE 1917
EN EL PRIMERO DE LOS
FESTIVALES
ARTÍSTICOS
CELEBRADOS EN EL TEA-
TRO ESLEYA A BENEFI-
CIO DE LA "PROTECCIÓN
AL TRABAJO DE LA
MUJER"

Figura 90 – Familia. Santiago de Chile: Enero de 1922, p. 3.

O artigo propagava em seu corpo textual um chamado às mulheres para encorpar o movimento feminista. Com toda a sua verve política, o autor não identificado explica o porquê de as mulheres escolherem lutar por seus direitos. Segue o excerto do texto que contempla essa ideia (FIGURA 91):

docena de hijos.

¡Hay que vivir, en cuanto seres humanos, vida completa, dando a todas nuestras facultades la mayor perfección y el mayor campo de actividad posible! Y este derecho a perfeccionarse y a vivir plenamente, que hace ya mucho tiempo nadie discute a ningún hombre, es precisamente el que el feminismo reclama para la mujer.

Por lo tanto, señoras, ustedes están obligadas, porque son mujeres, a ser feministas; sí, señoras, por cristianas, por hijas de su siglo, por inteligentes...; sí, ustedes mismas, tan bonitas, tan elegantes, tan aferradas a la gloriosa tradición española de celosa piedad y honestidad severa, tan apasionadas madres, tan leales esposas...; por eso, por todo eso, precisamente por todo eso.

Pero, dirán ustedes, ¿no es el feminismo una doctrina desaforada, un sueño histérico de pobres solteras feas, que desfogan la dolorosa ira de no haber encontrado puesto en la mesa del banquete de amor rompiendo cristales a pedradas y reclamando a gritos por las calles el derecho a votar como los hombres?

¿No son las feministas enemigas de la familia y propagandistas del amor libre?

¿No intentan acabar con toda esta gracia de coquetería, con toda esta elegancia, con toda esta suavidad de arte y refinamiento que ha ido acumulando el paso de los siglos y las civilizaciones sobre el delicado, perfumado, aéreo, evanescente, sutil y quintaesenciado sexo femenino?

No, señoras mías; no, por cierto. Todas esas absurdas ideas sobre feminismo son mentiras bonitas que les dicen a ustedes los hombres, con un poco de mala fe, porque les conviene que sigan ustedes en santa ignorancia, haciendo su papel de muñecas graciosas e irresponsables; que tengan ustedes caprichos, para que no puedan ustedes tener voluntad; que sean ustedes inconscientes, para que la conciencia no les obligue a ustedes a pedirles a ellos cuentas un poco demasiado estrechas.

Y ustedes, buenas siempre, hasta cuando pretenden ser un poco malas: candorosas

Figura 91 - Família. Santiago de Chile: Enero de 1922, p. 3.

A escolarização cada vez mais frequente das mulheres representou um passo muito grande e importante na direção da independência feminina, sobretudo aumentando as possibilidades de ingressar no mercado de trabalho em profissões que eram impensáveis anteriormente. Mas também as ajudou a transgredir o mundo editorial, deixando nas páginas dos periódicos sua sensibilidade sobre o mundo ao seu redor. A luta pela integração política e social da mulher na vida pública foi tema recorrente das feministas nas páginas das revistas, porém, da mesma forma como havia o grupo que defendia, havia o grupo conservador que rechaçava esses posicionamentos. Em função da difusão pejorativa da mulher feminista, aparece na revista *Familia* em outubro de 1924, um artigo intitulado (FIGURA 92):



Figura 92 – *Familia*. Santiago de Chile: Outubro de 1924, p. 3.

O título é satírico. Em duas páginas a autora de apelido Guacolda, argumenta sobre a importância da educação cristã nos liceus e da união entre Estado e Igreja. Essa preocupação com a educação cristã e o Estado religioso busca garantir que o tradicionalismo em relação à família e à mulher se sobreponha aos novos ares modernos que rondam pela capital chilena chamando às mulheres para uma virada estrutural nas relações de gênero. Guacolda termina seu texto definindo o que é feminismo pelo viés da juventude católica feminina (FIGURA 93):

Cristo. ¿No contribuiría semejante acuerdo a una unión más íntima y más armoniosa entre las dos autoridades más augustas, como son la Iglesia y el Estado, en cualquier país? he aquí una idea en aquello, expuesta ingenuamente con el único deseo de que sirva de estímulo a nuestros primeros afanes, por atraer la santa paz de Cristo a nuestra patria.

Ya he dicho, justificándome, que no creo en otro feminismo fuera de éste por el cual la mujer se hace ángel del hogar; por el cual se sacrifica en aras del amor a sus mejantes, o en defensa de su propia dignidad de cristiana. Defendamos, sin descuidarla jamás, esta dignidad sagrada; defendámosla con todos los medios de que dispongamos, con tantas energías como sea necesario y según las circunstancias porque atraviese la sociedad donde hemos nacido, y siempre seguramente venceremos, venceremos siempre porque nuestra causa está ganada: somos católicas.

Si se nos dijera alguna vez que nada valíamos; que nuestra ignorancia y frivolidad debería mantenernos alejadas de todo trabajo serio y elevado, en el concierto de una nación, quizás podríamos responder:

Os equivocáis: nuestro natural es menos malo; deseamos ser útiles, amar, sacrificar-nos, pues, esa es la vida de las madres: sacrificio, y todas llevamos en nuestro interior, entrañas de madres. Cuando la naturaleza misma nos ha dado esto, si somos frívolas, vanas, el ambiente nos hace así. Estad seguros de nuestro disgusto por tantos días perdidos. No. Queremos vivir como mujeres, no como muñecas. Fuimos redimidas hace veinte

A grande maioria dessas mulheres estavam circunscritas às classes dominantes da sociedade, com uma educação de alto nível, sabiam idiomas estrangeiros, aprendidos junto a professores particulares ou em constantes viagens à Europa ou aos Estados Unidos; além do mais, eram boas leitoras. Contudo, essas mulheres se dividiam em dois grupos distintos e já exemplificados aqui: 1) se constitui por mulheres da elite que, com possibilidades de estudo e capacidade intelectual afluída, buscavam possibilidades de criar condições de direitos em relação a mulheres e homens na vida pública, principalmente o direito ao voto; 2) o segundo grupo de mulheres da elite, constituía um grupo fortemente avesso às mudanças que surgem no começo do século, principalmente aquelas que afetavam o papel tradicional da mulher na sociedade, nesse caso, os valores cristãos foram um impedimento crucial para essas mulheres não assumirem papéis ativos e públicos na sociedade.

Contudo, já na metade da década de 1920, o feminismo vai sendo incorporado até mesmo pela propaganda comercial e disseminado não apenas pelas sufragistas, mas também pelas empresas farmacêuticas e da moda que vêm no movimento feminista uma forma de angariar dividendos. Em fevereiro de 1925, o *Jornal das Moças* estampava em uma de suas páginas uma jovem de cabelos curtos, trajando um vestido com uma modelagem reta, que não marca o corpo e com alguns acessórios caracteristicamente masculinos como a cartola, o monóculo e a bengala (FIGURA 94).



Figura 94 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 5 de Fevereiro de 1925.

Junto à imagem lê-se um texto no qual, no primeiro parágrafo, se constitui a ideia feminista da época na qual se questiona os modelos de gênero mais tradicionais e o modo de viver de algumas mulheres em relação aos homens. O próprio título, “O feminismo triumphá”, mostra que as mudanças incorporadas pelas mulheres por meio do discurso feminista, o qual vinha forte desde o começo do século XX, teve êxito em alguns campos, apresentando nesse momento um modo de viver que focava nos estudos, na liberdade e em outros projetos vitais que vinham antes do matrimônio. Segundo o texto, a mulher está apta a “ocupar qualquer cargo da actividade humana”, concorrendo diretamente com os homens. No entanto, o segundo e terceiro parágrafo exprimem a ideia de que, mesmo sendo capaz de cumprir as mesmas funções dos homens, é necessário cuidar das doenças próprias do seu sexo, ideia de fragilidade feminina que está fortemente ligado a um conceito de feminilidade presente no começo do século XX e difundido principalmente pela psicanálise freudiana nas obras a “Sexualidade feminina” de 1931 e a “Feminilidade” de 1933. Segundo Berg:

Na maneira de pensar de Freud, a menina começa a fase fálica ao descobrir que não é homem. Conforme Freud, a mulher nunca consegue vencer essa decepção. A vida inteira, tem inveja do homem possuidor de um pênis: a inveja do pênis (Penisneid). Isso quer dizer: na psicologia profunda analítica, o homem é o protótipo da pessoa humana plenamente realizada. A mulher é um ser deficiente; o segundo sexo (*le deuxième sexe*) (BERG, 1970, p. 110).

Interessante notar que a mulher que figura na proganda do preparado *Hysteralgina*, o qual o próprio nome faz alusão a uma das ditas doenças próprias das mulheres, a histeria, que hipoteticamente se originava no útero e era caracterizada por convulsões, está destacada como uma *flapper* ou melindrosa (FIGURA 95). Essas mulheres, que romperam com padrões postos, não gozavam de prestígio em todos os setores da sociedade, primeiro porque lutavam por direitos políticos e mudanças nas estruturas de gênero, segundo porque eram vistas como mulheres que desejavam, de certo modo, tornar-se homens. Segundo a teoria freudiana explicitada por Gustavo Rodrigues Rocha e Luana Fonseca da Silva Rocha: “A natureza da mulher é definida, negativamente, pela natureza do homem, como o que não é, muito embora, de certo modo, desejaria tornar-se” (ROCHA; ROCHA, 2017, p.

122). Essa visão, de certo modo pejorativa da melindrosa, também figurou no *Jornal das Moças* em uma nota publicada em setembro de 1926:

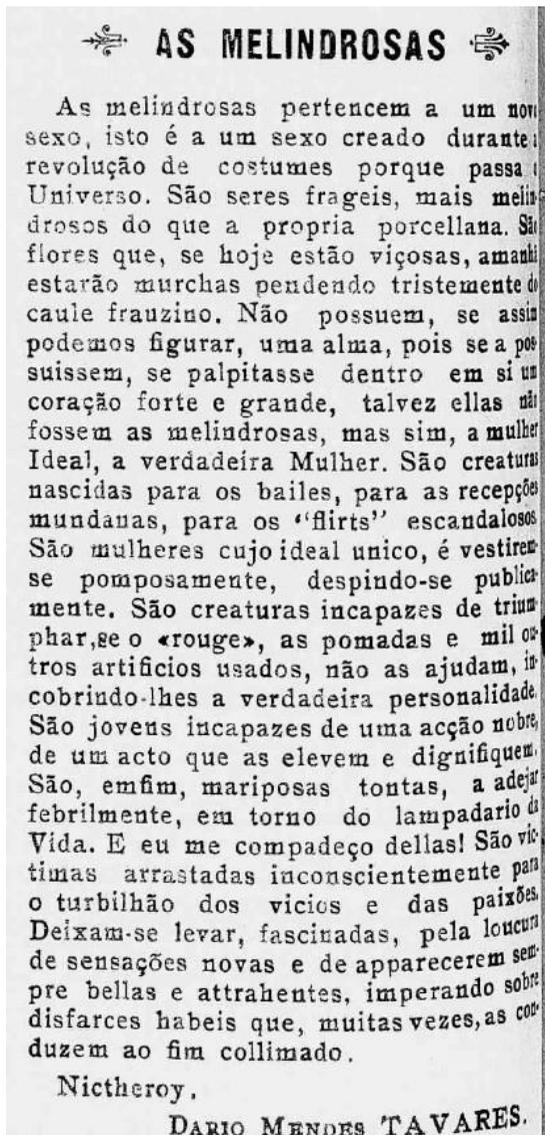


Figura 95 – *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro: 23 de Setembro de 1926.

Fica claro na escrita do autor, o senhor Dario Mendes Tavares, que ele não é um fã das melindrosas e de seu estilo de vida. Apesar de afirmar que são belas e atraentes; para ele, essas mulheres “não possuem, se assim podemos figurar, uma alma, pois se a possuíssem, se palpitasse dentro de si um coração forte e grande, talvez ellas não fossem as melindrosas, mas sim, a mulher ideal, a verdadeira mulher”. Mas o que seria essa verdadeira mulher, ou mulher ideal que o senhor Tavares atenta em seu texto crítico? Talvez, para ele, a mulher ideal consiste no modelo tradicional da mãe universal, que zela pela família, pela educação dos filhos, pelo bem-estar do marido e pelos princípios da pátria. Contudo, o movimento feminista já havia galgado muitas etapas em prol da independência política e influenciado e muito a vida das mulheres da elite em relação a suas liberdades e direitos. Como bem atenta Rago,

(...) fundamentalmente, as feministas liberais colocavam em discussão o lugar tradicionalmente destinado às mulheres e especificamente às da elite, como elas próprias, acreditando que as pobres estariam necessariamente predestinadas à ignorância pela própria condição econômica desfavorável (RAGO, 1995/1996, p. 20).

Apesar das discordâncias entre grupos mais conservadores e outros mais liberais, o fato é que as mulheres da aristocracia brasileira e chilena se organizaram para agregar seus pares em um trabalho de discussão política que propiciou os primeiros debates acerca dos direitos de cidadania, direitos esses que deveriam estar enquadrados dentro dos mesmos direitos civis e políticos dos homens. Esse feminismo liberal ou aristocrático, ideologia surgida na Europa, segundo Asunción Lavrín, se desenvolveu no Chile e em toda a América Latina. As demandas por igualdade política e civil se somaram a necessidade de uma rede de proteção legal as mulheres, principalmente no que diz respeito a maternidade (LAVRÍN, 1995).

Em outras palavras, essas mulheres não pretendiam insuflar uma revolta feminina, mas simplesmente criar uma ruptura com os moldes postos para as mulheres, criando novos caminhos para as mulheres à luz da modernidade que surgia no alvorecer do século. Queriam elas, segundo Rago, definir a:

(...) mulher como símbolo da regeneração moral, como lugar do Bem e do futuro promissor, as feministas liberais trabalhavam num alto nível de

generalização, fazendo das mulheres da elite e das camadas médias, que podiam ter acesso à cultura e à política, as responsáveis exclusivas pelo reerguimento moral da sociedade (RAGO, 1995/1996, p. 21).

Em suma, as revistas femininas, no caso aqui o *Jornal das Moças* e a revista *Familia*, foram de grande importância dentro do que se reconhece como a primeira onda do feminismo no Brasil e no Chile. O movimento que havia se desenvolvido em começos do século XX com o sufragismo, encampado pelas mulheres educadas das classes altas, as quais intentavam orientar os modos de conduta da mulher moderna, seja pela indicação da moda, pela sistematização dos gestos, do modo de se portar no público ou no privado, não teria conseguido tamanha abrangência se não fossem as páginas desses periódicos, os quais abriram as portas para que as ideias de emancipação feminina circulassem em suas páginas e alcançassem as mulheres da elite e ajudaram a transformar as mentes da sociedade chilena e brasileira por meio de seu alcance nacional.

7 CONCLUSÃO

O “breve” século XX foi um epíteto cunhado pelo historiador britânico Eric Hobsbawn (1995) como subtítulo para a sua obra a “Era dos Extremos” com o intuito não de afirmar uma brevidade temporal desse século, mas sim passar a ideia de que a sensação de celeridade se deu pelas muitas e diversas movimentações econômicas, sociais e culturais ocorridas nessa centena de anos. Foi um século que, em um piscar de olhos, presenteou a humanidade com mudanças bruscas, quebras de paradigmas e muita violência, haja visto as duas grandes guerras mundiais que se sucederam em menos de cinquenta anos.

Este trabalho foi escrito olhando para as três primeiras décadas desse “breve” século XX, período no qual as mulheres chilenas e brasileiras em geral, começaram a experimentar transformações significativas em suas vidas, desde sua forma de agir no público e no privado, bem como nos seus modos de pensar a sociedade e o seu lugar nela. Além do recorte temporal, foi delimitado também o grupo social do qual essas mulheres faziam parte, as alas aristocráticas que com seu viés republicano positivista infligiram mudanças conceituais e estruturais dentro de suas sociedades. Logo, impactaram todas as camadas da sociedade de diferentes maneiras, sendo que para esses grupos abastados a percepção se diferenciava, pois, no conforto de seus lares, podiam perceber as mudanças trazidas pela modernidade e aproveitá-las muito mais do que as camadas subalternas.

Ademais, a modernização da imprensa também foi um dos produtos concretos desse período. Novos maquinários, a fotografia, o design, as cores e principalmente a forma como os produtos começaram a ser vendidos nas páginas dos periódicos foram um divisor de águas no que era feito pela imprensa até então. O *Jornal das Moças* e a revista *Familia* foram revistas criadas para o público feminino com publicações vanguardistas no que tange principalmente a lógica comercial vinculada a um discurso pedagógico dos costumes. Tendo como foco as mulheres da elite, as quais estavam pouco a pouco se ocupando de temáticas controversas como o feminismo, bem como de ações de caridade que mantinham seus *status quo* de damas da sociedade, ambas revistas, de maneira paulatina, foram modelando as novidades da modernidade em necessidades e inquietudes dessas mulheres.

Por esse viés, a importância dada às qualidades femininas de mãe, esposa e dona de casa, no geral, mesmo com as influências do feminismo rondando as elites, não mudou muito em essência. As revistas femininas conseguiram unir esse rol de atribuições com ações de maior

protagonismo dentro da sociedade patriarcal. Algo que não foi totalmente suprimido pelos homens, pois eles tinham em conta que, para o Estado realmente se modernizar, era necessário mulheres, mães e esposas de palavra e caráter, letradas e, por que não, formadas dentro das profissões destinadas a essas.

Nesse sentido, o papel de formação de filhos cidadãos e amantes da pátria, orientado pelas mulheres, era fundamental para o progresso almejado pelos pensadores do Estado moderno. Chile e Brasil, no início do século XX, enquanto Estados, desejavam a conformação de um ideal familiar coerente com o modo de produção capitalista, em que, exceto para as esferas populares, os papéis de homens e mulheres surgem demarcados, limitando as mulheres ao mundo privado, e admitindo o homem longe do cuidado das crianças e dos afazeres domésticos.

Contudo, na passagem da década de 1910 para 1920, os trabalhos do lar já não pareciam tão complicados e suficientes para a maioria das mulheres. Saber as tarefas diárias, cuidar dos filhos e do marido já não eram satisfatórios, logo, possuindo mais liberdade para se vestir, trabalhar e se posicionar, as mulheres procuraram instruir-se mais nos mais variados assuntos, preparando-se melhor para compreender o mundo que as rodeava e que as cobrava constantemente. Essa instrução se deu em grande parte pelas revistas femininas que usavam seu alcance a nível nacional para divulgar o modelo ideal de mulher desejado pela sociedade.

Jornal das Moças e *Familia* pregavam maior liberdade e autonomia para as mulheres, no entanto jamais usaram sua influência para realizar um chamado para o confronto direto, a fim de liberá-las da mão paternalista de pais, irmãos e maridos. O que fizeram foi investir em um novo tipo de sociabilidade, na qual as mulheres não seriam somente um sujeito passivo frente aos homens, mas relacionando-se de maneira ativa com eles. Pouco a pouco, as duas revistas foram divulgando e encorajando as pequenas liberdades que a modernidade permitia às mulheres, sem deixar de lado o seu perfil conservador.

Por essa lógica, a instauração do espírito moderno no Brasil e no Chile era um sonho que as camadas mais abastadas da sociedade almejavam com afinco. Com esse foco, os governantes do Estado se ocuparam em transmitir os ideais modernos por meio de diferentes mecanismos, e a imprensa foi um dos meios utilizados de efeito mais imediato no público alvo. Buscar o disciplinamento social e cultural das mulheres da elite a partir de revistas que investiam em conselhos sobre condutas e comportamentos cotidianos, sobre o papel da família e, especialmente, sobre o papel da mulher na sociedade moderna se converteu em um objetivo prioritário para os pensadores e políticos

brasileiros e chilenos, em sua maioria, homens. A mão invisível e estrutural do Estado tem um impacto no motivo de as revistas também conjecturarem essa posição pedagógica para as mulheres, tendo em vista que são as elites sociais que controlam o Estado, logo, que também são, afinal, aqueles que controlavam as revistas.

Para as leitoras do *Jornal das Moças* e da *Familia*, não era uma tarefa tão simples adotar essas mudanças de atitude e da vida cotidiana, por isso mesmo os conselhos e direcionamentos que as duas publicações em termos de modos, modas e condutas prestavam era de suma importância para não cometer gafes. O medo da ruína social por conta de atitudes impróprias era constantemente lembrado por articulistas nas colunas de aconselhamento presentes nas páginas dos dois periódicos. E aí se encontra um ponto interessante sobre essas duas revistas, não nasceram somente como uma oportunidade de mercado com o intuito de trazer lazer, frivolidades ou novos ares da modernidade europeia, nascem como um apoio valoroso para as mulheres que queriam mostrar um estilo de vida mais moderno, mas principalmente como ferramenta que procurava controlar e normalizar as mulheres frente ao aumento da propagação de ideias promovendo a emancipação feminina.

O claro sentido feminista que se encontrava em outras publicações femininas, dirigidas principalmente as mulheres trabalhadoras e aquelas que buscavam transformar politicamente a situação das mulheres no Brasil e no Chile não se fazia presente no *Jornal das Moças* e na revista *Familia*. Embora seja verdade que as duas revistas não barravam totalmente os conteúdos de cunho feminista, a forma como era dirigido e exposto em suas páginas procurava sempre o não rompimento com o que estava posto, tentando conciliar esse novo modelo de mulheres mais autônomas com a figura da filha, esposa e mãe; uma assimilação entre a emancipação feminina e as tarefas domésticas.

Isso acontecia porque as revistas se viam na obrigação de falar sobre os temas que também eram de interesse das mulheres da elite e que não diziam respeito às atribuições do rol doméstico, assuntos como a situação passiva da mulher na sociedade estava presente nas discussões dessas mulheres, e a discussão nas páginas das revistas aumentou ainda mais os questionamentos sobre essa conjuntura e abriu as portas para o debate acalorado. As leitoras chilenas e brasileiras não procuraram rejeitar categoricamente o antigo modelo herdado de suas mães e avós, mas sim buscar reforçar seus valores e princípios dentro do lar e da família. Mas, ao mesmo tempo, era necessário mudar algumas condições, cultivando seu espírito não apenas no espiritual, mas no intelectual, tendo mais instruções para além daquelas que as rodeavam.

Desde suas fundações, tanto a revista *Familia* quanto o *Jornal das Moças* foram promotoras do direito de educar as mulheres. Mas de que educação estamos falando? Uma educação para a família, para ser melhor mãe e esposa, para preparar crianças bem-educadas, futuros cidadãos ativos nos princípios da pátria, uma educação que ensinava as mulheres a resolver os problemas domésticos antes da chegada de seus esposos, deixando-os livres de preocupações que, segundo as revistas, não eram de sua alçada. Os propósitos apresentados textualmente nas duas revistas não deixam dúvidas sobre as intenções da promoção da educação para as mulheres da elite brasileira e chilena.

No entanto, não se pode negar que a abertura da educação para mulheres e sua promoção formal, bem como os clubes de leitura e as mudanças ocorridas durante a Primeira Guerra Mundial, seja no campo laboral, intelectual ou da moda, serviram como pontos para discussão e transformação das mulheres, minando muitas vezes o discurso conservador presente nas revistas. Isso é algo que devemos considerar, não para explicar uma mudança no *status* das mulheres na sociedade, mas fundamentalmente para destacar uma mudança real ocorrida em nossa sociedade: o processo de reconstituição dos direitos civis e políticos das mulheres, principalmente, a partir de 1920 quando a luta pelo sufrágio universal feminino toma campo com força e angaria frutos nas décadas seguintes.

No entanto, mesmo deixando brechas para a discussão política em relação aos direitos das mulheres, é fato que as duas revistas, desde seus primeiros números, dominaram o público feminino não pelas discussões políticas, mas sim pelos ideais de moda e beleza propostos pela modernidade, os quais tenderam a subjugar os corpos femininos às vontades do capital, da medicalização, dos cosméticos e da moda. O intento de preencher as páginas com artigos específicos e anúncios mercantis sobre moda, saúde e beleza era melhorar a higiene familiar por meio do corpo da própria mulher, sob a suposição de que ela era a única responsável por transmitir essas práticas para o resto da família. Logo, o médico da família terminou por orientar toda a prática referente à criação dos filhos e à busca incessante das moças e senhoras pela beleza juvenil e encantadora.

Ademais, moda, exercícios físicos e cuidados estéticos começam a ser pensados em prol de um modelo de mulher que agradava aos homens em diferentes contextos, tanto no público quanto no privado. Nesse sentido, o corpo feminino é transformado de acordo com os espaços que ocupa e a beleza e a moda promovida pelas revistas são um fator de condicionamento e de disciplina contra a emancipação feminina, sempre

perigosa e sempre rondando os lares. Logo, o papel do *Jornal das Moças* e da revista *Familia* é pensar os corpos e as mentes ideais das mulheres brasileiras e chilenas a partir de uma normalização – mesmo que isso seja impossível, pois os corpos e as ideias serão sempre contraditórios e únicos. No entanto, não é impossível inculcar a felicidade ou a infelicidade aos corpos por meio de produtos e ideias, os quais, naquele momento, tinham como intento eternizar as relações desiguais de gênero, características do lar patriarcal.

Sendo assim, o *Jornal das Moças* e a revista *Familia* são fontes que estão longe de serem esgotadas em um trabalho como este. Os recortes e as escolhas dos temas aqui apresentados são apenas um dos pontos de vista dentre tantos outros que podem ser elaborados em uma contextualização histórica e sociocultural das mulheres no Brasil e no Chile. Analisando-as como sujeitos reais, autênticos e não apenas como coadjuvantes dos homens dentro de um período histórico que mexeu fundo nas estruturas físicas e espirituais da humanidade, tentamos mostrar como os discursos da modernidade em relação ao corpo e aos papéis femininos foram produzidos e construídos dentro de suportes midiáticos que vendiam modos, modas e costumes.

Devido à gama de informações riquíssimas presentes nas revistas, muitas problemáticas não entraram no corpo e no escopo da tese. Estes aspectos merecem ser estudados e questionados posteriormente por futuras investigações e com certeza trarão muitos mais dados acerca de assuntos como a publicidade voltada ao público feminino e seus impactos econômicos, sociais e culturais, bem como a educação feminina e seus desdobramentos e ligações com as discussões acerca do feminismo, por exemplo.

Esta pesquisa é apenas uma parte da história das mulheres pelo viés das revistas femininas, que buscou entender quais as possíveis relações que o alvorecer da modernidade no começo do século XX e o surgimento de periódicos direcionados à elite feminina do Chile e do Brasil teriam com a promoção das normas sociais impostas às mulheres. Aqui nos concentramos em assuntos entendidos como mais relevantes para esta pesquisa, os quais poderiam dar corpo a um texto fluido, o qual conversasse com os imaginários sobre as mulheres, as representações gráficas, o feminismo, a modernidade e as classes sociais nas três primeiras décadas do século XX no Brasil e no Chile. Por fim, para concluir, esta pesquisa não se encerra em si e, sem dúvida, por ser uma abordagem única, está totalmente aberta à revisão, crítica a transformação.

REFERÊNCIAS

A guerra. **Familia**, Santiago de Chile, Julio 1920.

AGLIATI, C.; MONTERO, C. Prensa de mujeres 1900-1925: Abriendo espacios para la interpretación. **Cyber Humanitatis**, Revista de la Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago de Chile, n. 23, Inverno 2002. ISSN 0717-2869. Disponível em: http://web.uchile.cl/vignette/cyberhumanitatis/CDA/texto_simple2/0,1255,SCID%3D5938%26SID%3D258,00.html. Acesso em: 06 out. 2017.

AGLIATI, C.; MONTERO, C. Del silencio privado a la voz pública: periodismo de mulheres en Chile, 1900-1920. **Puntos de Fuga y Arraigo**. Género, comunidad y sociedad. CEDEM, Santiago de Chile, p. 25 – 65, 2003.

AGLIATI, C. V.; MONTERO, C. M. Albores de modernidad: constitución de sujetos femeninos en la prensa de mujeres en Chile, 1900-1920. In: **Concurso Nacional Tesis Bicentenario**. Tesis Bicentenario 2004. Santiago de Chile: Comisión Bicentenario, Presidencia de la República, 2006. v. 1, p. 133 – 269.

ALDAY, P. P.; ARAVENA, C. R. El feminismo aristocrático: violencia simbólica y ruptura soterrada a comienzos del siglo XX. **Revista de Historia Social y de las mentalidades**, USACH, Santiago de Chile, n. 7, p. 57 – 79, Primavera 2003. Disponível em: <https://www.rhistoria.usach.cl/el-feminismo-aristocratico-violencia-simbolica-y-ruptura-soterrada-comienzos-del-siglo-xx>. Acesso em: 03 fev. 2017.

ALI, F. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

ALMEIDA, N. M. A. de. **Jornal das Moças: leitura, civilidades e educação femininas (1932-1945)**. 2008. 258 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ÁLVAREZ, D. H. **La vida de una mujer debe ser útil**: revista Familia (1910-1920) y el perfil femenino aristócrata a principios de siglo XX.

2013. 68 p. Monografia (Departamento de Historia) — Universidade Alberto Hurtado, Santiago de Chile.

AMARILHA, M. Infância e literatura: traçando a história. **Revista Educação em Questão**. EDUFRN, Natal, v. 11, n. 2, p. 126 – 137, jul/dez, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/educacaoemquestao/article/view/9497>. Acesso em: 02 ago. 2017.

ANDERSON, P. Modernidade e revolução. **Novos Estudos**, Cebrap, São Paulo, n. 14, p. 2 – 15, Fevereiro, 1986.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ÁVILA, P. Las mujeres a principios del siglo XX. Una lectura desde el magazine. In: **El estallido de las formas**. Chile en los albores de la “cultura de masas”. Santiago de Chile: LOM, 2005.

AZEVEDO, F. **A cultura Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BACELLAR, M. E.; SCHLESNER, A. H.; COELHO, M. A educação e o feminismo no Paraná do início do século XX. **Revista Tuiuti: Ciência e Cultura**, UTP, Curitiba, v. 5, n. Especial, p. 45 – 54, novembro 2018. ISSN 2176896X. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/h/article/view/1847>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, J. D. A história cultural francesa – Caminhos de investigação. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 2, n. 4, p. 01 – 17, Outubro/Novembro/Dezembro, 2005. ISSN 1807-6971. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF5/ARTIGO1-JOSEBARROS.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BARROS, J. D. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social**. n. 13, p. 07-21, Campinas. 2007. Disponível em:

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/207/199>. Acesso em: 23 jun. 2017.

BARROS, J. D. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 01, n. 02, p. 73 – 102, Maio/Agosto, 2010. Disponível em: <http://nupeh.webs.com/HistoricismoePositivismo-confrontoentredoisparadigmas.Tempo,EspacoeLinguagem,2010.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

BARROS, J. D. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38 – 63, Junho, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BASSANEZI, C. Revistas Femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 112 – 148, Janeiro, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. *In*: BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. [S.l.]: Contexto, 2006. p. 607–639.

BASSANEZI, C. B. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher. 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, W. A Pequena História da Fotografia. *In*: KOTHE, Flávio René (org.). **Walter Benjamin**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1991.

BENJAMIN, W. Paris, Capital do século XIX. *In*: KOTHE, Flávio René (org.). **Walter Benjamin**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1991.

BERG, J. H. **Psicologia profunda**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo - SP: Schwarcz Ltda., 1986.

BERMAN, M. “Brindis por la modernidad”. *In*: CASULLO, N. (Ed.). **El debate Modernidad/Posmodernidad**. Buenos Aires: El Cielo por asalto, 1994. p. 67 – 91.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLAKEMORE, H. O Chile da Guerra do Pacífico à Grande Depressão, 1880-1930. *In*: BLAKEMORE, H. **História da América Latina**: De 1870 a 1930. São Paulo: EDUSP, 2013. V, cap. 8, p. 414 – 472.

BONADIO, M. C. **Moda e sociabilidade**: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: SENAC, 2007.

BOTREL, J. F. Para una bibliografía de los almanaques y calendarios. **Elucidario**, n. 1, p. 35 – 46, marzo 2006. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1984281>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BRANCA. Modos e Modas. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, IV, n. 123, p. 01 – 44, Outubro, 1917.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretório Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil / 1920, Tipografia da Estatística, Rio de Janeiro, II, 1924. 2ª parte: Agricultura e Indústria do Distrito Federal.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BUENO, A. P. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940). 2010. 130 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) — Universidade Federal do

Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36451?show=full>. Acesso em: 04 fev. 2017.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Sumus Editorial, 2009.

BUITONI, DULCÍLIA SCHROEDER. **Imprensa feminina**. São Paulo: [s.n.], 1990.

BULJEVIC, C. O.; ACHURRA, E. S. C. **El estallido de las formas**. Chile en los albores de la cultura de masas. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.uchile.cl/handle/2250/123635>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BURKE, P. **A escola dos Annales** (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, P. **A escrita da História**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BUSTAMANTE, M. M. El fenómeno “Moda Latinoamericana” en Chile entre los años 1968 a 1978. Caso de Estudio: Marco Correa. Iara. **Revista de moda, cultura y arte**, EDUV, Valparaíso, v. 6, n. 2, p. 65 – 78, 2016. Disponível em: <https://disenouv.cl/investigacion/publicaciones-investigacion/articulos/>. Acesso em: 02 dez. 2016.

CAMPOS, L. C. No afrouxar dos espartilhos: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, UFGD, Dourados, v. 6, n. 12, p. 01 – 18, jul/dez 2012. ISSN 1981-2434. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2122>. Acesso em: 27 jan. 2018.

CAMPOS, L. C. No afrouxar dos espartilhos: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, UFGD, Dourados, v. 6, n. 12, p. 01 – 18, dez 2012. ISSN 1981-2434. Disponível em:

<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2122>.
Acesso em: 31 jan.2017.

CANDIDO, A. Literatura e cultura: de 1900 a 1945. In: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 109 – 138.

CANO, W. Crise e industrialização no Brasil entre 1929 e 1954: a reconstrução do Estado Nacional e a política nacional de desenvolvimento. **Revista de economia política**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 444 – 460, Julho-Setembro 2015. ISSN 1809-4538. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v35n3/1809-4538-rep-35-03-00444.pdf>. Acesso em: 01 set. 2017.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAROLINA, D. M. S. Pensando questões de gênero para a História das mulheres. In: UDESC; ANPUH; PPGH (Ed.). **I Seminário Internacional História do Tempo Presente**. Florianópolis: Sistema Eletrônico de Administração de Conferências, 2011. p. 2295 – 2304. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/309/230>. Acesso em: 04 out. 2017.

CARREÑO, R. **Leche amarga**: violencia y erotismo en la narrativa chilena del siglo XX (Bombal, Brunet, Donoso, Eltit). Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, 2007.

CARVAJAL, C. **Reformas necesarias a la lei de habitaciones para obreros**. Santiago de Chile: Imprenta Kosmos, 1913.

CARVALHO, J. M. de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASELLI, P. A. **Historia del Diseño Gráfico en Chile**. Santiago de Chile: La Nación S.A, 2004.

CASTILLO, A. **La república masculina y la promesa igualitaria**. Santiago de Chile: Palinodia, 2005.

CHARTIER, A.; HÉBRARD, J. **Discursos sobre a leitura** — 1880-1980. São Paulo: Ática, 1995. (Coleção Múltiplos Olhares).

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. As práticas da escrita. *In*: CHARTIER, R. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173 – 191, 1991.

CHARTIER, R. **Escribir las Prácticas**. Foucault, de Certeau, Marin. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1996.

CHARTIER, R. Du livre au lire. Sociologie de la communication, **Éditions Payot/Rivages**, Extrait du livre “Pratiques de lecture”, v. 1, n. 1, p. 271 – 290, 1997. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/reso_004357302_1997_mon_1_1_3842. Acesso em: 18 ago. 2017.

CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e historia**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R. A “nova” História Cultural Existe? *In*: CHARTIER, R. **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

CHILE. Dirección General de Estadística. **Censo de Población de la República del Chile**. Censo de 1920, Soc. Imp. Y Litografía Universo, Santiago de Chile, p. 01 – 610, Diciembre 1925.

CHOAY, F. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Coleção estudos; 67).

CINGOLANI, G. Tapas de semanarios argentinos en el siglo XX: historia discursiva de un dispositivo y dos medios. **LIS - Letra. Imagen. Sonido**. Ciudad Mediatizada, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, n. 1, p. 83 – 92, 2008. Disponível em: <http://www.revistalis.com.ar/index.php/lis/article/view/10>. Acesso em: 14 ago. 2017.

COELHO NETO. Ser mãe. **Revista Vida Doméstica**, Sociedade Gráfica Vida Doméstica, Rio de Janeiro, Maio 1947.

COMO se vive en los conventillos de Valparaíso. **Zig-Zag**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, v. 59, n. 691, mayo 1918. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-73589.html>. Acesso em: 12 mai. 2016.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CRUZ, E. S. **Conformación de espacios públicos, masificación y surgimiento de la prensa moderna en Chile**. Siglo XX. Santiago de Chile: Universidad Arcis, 1998.

CRUZ, E. S. Modernización y cultura de masas en Chile de principios de siglo XX: El origen del Género Magazine. **Revista Comunicación y Medios**, del Instituto de la Comunicación e Imagem - Universidad de Chile, Santiago de Chile, n. 13, p. 72 – 83, 2002. Disponível em: <http://www.comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/view/12990>. Acesso em: 29 set. 2017.

CRUZ, E. S. El campo periodístico en Chile a principios del siglo XX. **Revista Comunicación y Medios**, del Instituto de la Comunicación e Imagem - Universidad de Chile, Santiago de Chile, n. 14, p. 01 – 13, 2003. Disponível em: <http://comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/view/12097>. Acesso em: 22 ago. 2017.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana (1890- 1915)**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CUNHA, S. R. M. da; NASCIMENTO, L. M. do. Imagem da saúde: a medicalização da mulher em propagandas de fármacos do início do século XX. **Seringal de ideias**, EDUFAC, Rio Branco, n. 02, p. 1 – 30, jan/dez 2009. Disponível em: <http://www.ufac.br/site/unidades-administrativas/orgaos-complementares/edufac/revistas-eletronicas/revista-seringal-de-ideias/edicoes/edicao-02-2009/artigos/imagem-da-saude-a-medicalizacao-da-mulher-em-propagandas-de-farmacos-do-inicio-do-seculo-xx/view>. Acesso em: 02 nov. 2017.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos** – e outros episódios da história cultural francesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

DIAZ, M. A. **Cuerpos ideales**. La producción de la dueña de casa en las revistas de mujeres entre 1910 y 1950. 2009. 120 p. Dissertação (Facultad de Ciencias Sociales; Escuela de Antropología; Centro de Estudios Interdisciplinarios de Género) — Universidad de Chile, Santiago de Chile.

DONGHI, T. H. **Historia contemporánea de América Latina**. 4. ed. Madrid: Alianza, 2001.

DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos annales à nova história. São Paulo: Ensaio, Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

DUARTE, C. de L. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 81 – 90, set/dez 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010. Acesso em: 09 out. 2017.

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EDITORES. **Jornal das Moças e a situação atual.** Jornal das Moças, Rio de Janeiro, n. 2064, p. 01 – 60, Janeiro, 1955.

EDITORIAL. **Familia**, Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 03, p. 1 – 61, Marzo, 1910.

EDITORIAL. **Familia**, Santiago de Chile, I, n. 1, p. 1 – 60, Enero, 1910.

EDWARDS, A. **La fronda aristocrática en Chile.** Santiago de Chile: Imprenta Nacional, 1928.

EL amor en el matrimonio. **Familia**, Empresa Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 14, p. 1 – 52, Febrero 1911.

ELEUTÉRIO, M. de L. O lugar da emancipação da mulher no periodismo paulista (1888-1930). **Revista Iberoamericana**, University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, LXX, n. 208-209, p. 653 – 663, Julio-Diciembre 2004. ISSN 21544794. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5486>. Acesso em: 06 out. 2017.

ELLIS, K. The Structures of Musical Life. In: ELLIS, K. **The Cambridge History of Nineteenth-Century Music.** [S.l.]: Cambridge University Press, 2002. p. 343 – 370.

EMETH, O. Madre de Heroes. **Familia**, Santiago de Chile, III, n. 28, p. 3 – 3, mayo 1912.

EWEN, S. **Capitains of consciousness.** Advertising and the roots of the consumer culture. New York: MacGraw-Hill Paperback Edition, 1976.

EWEN, S. **All consuming images.** The politics of style in contemporary culture. United States of America: Basic Books, 1988.

FALCON, F. C. História e Poder. In: FALCON, F. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61–90.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

FEIJÃO, R. Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca. Iara – **Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 05 – 22, maio, 2012. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/index.php/vol-5-no1-ano-2012/>. Acesso em: 04 out. 2017.

FERNANDES, A. C. B. **Corpo espartilhado e corpo libertado**: Os debates sobre a abolição do espartilho no New York Times durante a década de 1890. 2010. 69 p. Monografia (Faculdade de História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FON-FON. **Revista Semanal Ilustrada**, Cia. Editora Fon-Fon e Selecta, Rio de Janeiro, n. 03, jul/ago 1935.

FONTANA, Josep. **História depois do fim da história**. Bauru: EDUSC, 1998.

FREIRE, M. M. de L. Ser mãe é uma ciência: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 153 – 171, Junho, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15s0/08.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2016.

FULLER, N. **Tradiciones mantenidas, prácticas renovadas**: crisis de la identidad femenina. Debates en Sociología, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, n. 12-14, p. 05 – 27, 1989.

G., R. G.; CORDEIRO, F.; IZQUIERDO, A. **Economía y geografía del desarrollo en América Latina**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

GADDIS, J. L. **Paisagens da História**. Como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALEANA, P. Historia comparada de las mujeres en las Américas. *In*: GALEANA, P. **Historia comparada de las mujeres en las Américas**. 1. ed. Ciudad de México: UNAM, 2012.

GANÁ, A. B. **Martín Rivas**. Madrid: Cátedra, 1998. (1862).

GARZÓN, J. S. P. **Historia del Feminismo**. Madrid: Catarata, 2012.

GOFF, J. L. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GOFF, J. L. **História e memória**. 4^a. ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007–1018, out-dez, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702006000400012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 09 set. 2017.

GOMES, M. R. **Um texto Icônico-Verbal por semana**: vendo/lendo capas de Veja. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONZÁLEZ, F. J. **Aquellos años franceses**. 1870-1900. Chile en la huella de París. Santiago de Chile: Taurus, 2003.

GORBERG, M. **Parc Royal**: um magazine na modernidade carioca. 2013. 148 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.) — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas - FGV. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10883/Parc%20Royal%20um%20magazine%20na%20modernidade%20carioca_Marissa%20Gorberg%20FGV%20pos%20defesa.pdf. Acesso em: 22 dez. 2017.

GREENBERG, J. Toward a History of Women's Periodicals in Latin America: A Working Bibliography. In: GREENBERG, J. **Women, Culture, and Politics in Latin America**. Seminar on Feminism and Culture in Latin America. Los Angeles: UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 1990. cap. 11, p. 183 – 232. Disponível em: <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft7c600832>. Acesso em: 08 out. 2017.

GREW, R. The case for comparing histories. **The American Historical Review**, Oxford University Press, v. 85, n. 4, p. 763 – 778, Outubro 1980. Disponível em:

https://www.jstor.org/stable/1868871?seq=1#page_scan_tab_contents.
Acesso em: 23 jun. 2017.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOBBSAWM, E. J. **A era do capital – 1848–1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HURTADO, M. A. N. **Zig Zag un gigante de papel: legado grafico de las revistas de epoca**. 2005. 101 p. Monografia (Facultad de Arquitectura y Urbanismo: Escuela de Diseño: Diseño Grafico) — Universidad de Chile, Santiago de Chile.

IMPERIO DO BRAZIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio, Rio de Janeiro, v. 1, p. 71 –, Outubro, 1827. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 16 jul. 2018.

JORNAL das Moças. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1 – 30, Maio, 1914.

JORNAL das Moças. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 24, Maio, 1915.

KHELL, M. R. Fetichismo. *In*: KHELL, M. R. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

KINDERGARTEN en la casa. **Familia**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 46, p. 01 – 46, Octubre 1913.

LA familia y la escuela. **Familia**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 15, p. 01 – 46, Marzo 1911.

LA vida de una mujer debe ser útil. **Familia**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 26, p. 01 – 46, Febrero 1912.

LAPUENTE, R. S. A imprensa como fonte: apontamentos teóricos metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), Bilros**, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11 – 29, jan-jun 2016. ISSN 2357-8556.

LARRAÍN, J. **Modernidad, razón e identidad en América Latina**. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1996.

LARRAÍN, J. A Trajetória Latino-Americana para a Modernidade. Imaginário - **Revista do Laboratório de Estudos do Imaginário (LABI)**, Palavra, São Paulo, n. 4, p. 7 – 31, 1998.

LAVÉR, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LAVRÍN, A. **Women, feminism and social change in Argentina, Chile and Uruguay 1891-1940**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1995. 481 p.

LIBERTO. A mulher. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 123, Outubro, 1917.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOS deberes maternas. **Familia**, Santiago de Chile, n. 4, p. 1 – 66, abril 1910.

LUCA, T. R. Fontes Impressas, historiografia e escrita da História. In: LUCA T. R. **História nas bancas de revistas: um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. p. 25 – 47.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: . **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCO, L. O. Hechos y Notas. **Selecta**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 6, Septiembre 1912. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0026273.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

LUNA, F. **Los conflictos en la Argentina próspera** (1890-1937). Buenos Aires: Planeta, 2003.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAGALHÃES, J. Noivado. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, n. 691, Setembro, 1928.

MANOEL, I. A. **Igreja e Educação Feminina** (1859-1910). Uma face do conservadorismo. São Paulo: EdUNESP, 1996.

MARGARIDA. Conversando. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, IV, n. 04, p. 01 – 52, Janeiro, 1917.

MARTIN, H. B. G. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

MARTINEZ, F. J. Educadas para o consumo: moda e publicidade como “tecnologias de gênero” no início do século XX. Emblemas - **Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais** - UFG/CAC, Catalão, v. 12, n. 2, p. 52 – 66, 2015. ISSN 1808-7914. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/issue/view/1787>. Acesso em: 22 out. 2017.

MARTINS, A. L. **Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da USP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Abril, 1978.

MATERNIDAD. **Familia**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 23, p. 01 – 36, Noviembre 1911.

MEDIO siglo de Zig-Zag: Número especial 1905-1955. Santiago: Empresa Editora Zig-Zag S/A, 1955.

MELLADO, M. P. H. **La persuasión en la prensa femenina**: Análisis de las modalidades de la Enunciación. Madrid: Visión libros, 2008.

MELLO, M. T. C. de. A modernidade republicana. **Tempo** [online], Instituto de História/Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 15 – 31, 2009. ISSN 1413-7704. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042009000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Sinopse do recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. População do Brasil: resumo do censo demográfico segundo o grau de instrução, idade, sexo e nacionalidade nos Estados e Capitais. Tipografia da Estatística, Rio de Janeiro, 1920.

MIRANDA, C. M.; PARADA, A. R. Voz para las mujeres. La prensa política de mujer en Chile, 1900-1929. Trashumante. **Revista Americana de Historia Social**, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Cuajimalpa, Distrito Federal, México, n. 9, p. 122 – 143, 2017. ISSN 2322-9381. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=455649674006>. Acesso em: 08 out. 2017.

MITCHELL, B. R. **International historical statistics: the Americas and Australasia**. London: Macmillan, 1983.

MODAS. Família, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, X, n. 116, p. 01 – 48, Agosto, 1919.

MODO de mantener a los niños felices. Família, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 44, p. 01 – 46, Agosto, 1913.

MOLYNEUX, M. **Movimientos de mujeres en América Latina**. Estudio teórico comparado. Madrid: Cátedra, 2003.

MORANT, I. **Historia de las Mujeres en España y América Latina**. Madrid: Cátedra, 2006.

MOREIRA, R. L. C. de A. **Maternidades**: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. 2009. 128 p. Dissertação (Programa de

Pós-Graduação em Psicologia) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17071/1/RenataMoreira.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

MOSCOVICI, S.; NEMETH, C. Minority influence. In: MOSCOVICI, S.; NEMETH, C. **Social psychology: classic and contemporary integrations**. Chicago: Rand McNally, 1974. p. 217 – 250.

MUMFORD, L. **A cultura das cidades**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

NAHES, S. **Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937- 1945)**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

NASCIMENTO, A.; MELO, A. Melindrosas em revistas: gênero e sociabilidades no início do século XX (Recife, 1919-1929). **História Revista**, UFG, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 11 – 32, janeiro 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/33409>>. Acesso em: 08 set. 2016.

NASH, M. Mujeres em España y em Hispanoamérica contemporánea. Madrid: Taurus ediciones, 1993. In: NASH, M. **Historia de las mujeres em Occidente**. Madrid: Taurus ediciones, 1993. v. 5, p. 619 – 626.

NEEDEL, J. Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

NOVIEMBRE. Familia, Zig Zag, Santiago de Chile, XIII, n. 155, Noviembre 1922. NUESTROS nenos. Familia, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 88, p. 01 – 46, Abril 1917.

OLIVEIRA, A. C. de; FERNANDES, C. S.; SILVA, S. B. da. A construção do corpo feminino na mídia semanal. **Comunicação, mídia e consumo**, ESPM, São Paulo, v. 6, n. 17, p. 11 – 36, Novembro, 2009. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/164>. Acesso em: 03 set. 2017.

OLIVEIRA, N. P.; SILVEIRA, F. J. N. da. Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças. **Perspectivas em Ciência da Informação**,

UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 33 – 60, Abril/Junho 2016.

Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2560>.

Acesso em: 03 set. 2017.

ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OSSANDÓN, C. B.; CRUZ, E. A. S. **Entre las alas y el plomo**. La gestación de la prensa moderna en Chile. 1. ed. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2001. ISBN 9789562823494.

OSSANDÓN, C. B.; CRUZ, E. A. S. **El Estallido de las formas**: Chile en los albores de la “cultura de masas”. 1. ed. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2005.

OWEN, W. **Diseño de revistas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1991.

PAREJA, M. C. **Historia Marítima del Perú**. Ix. Lima: Instituto de Estudios Histórico Marítimos del Perú, 2004. v. 1. ISBN 9972-633-03-9.

PASSERINI, L. Mulheres, consumo e cultura de massas. In: DUBY, G.; PERROT, M. O. (Ed.). **História das mulheres no Ocidente**: o século xx. Porto: Afrontamento, 1994. p. 381 – 401.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77 – 98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

PETERS, B. La barrera invisible. **Revista Perspectivas**, Isis Internacional, Santiago de Chile, n. 4, p. 03 – 07, 1996.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Revista de Estudos Feministas**, online, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 159 – 189, janeiro/abril 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100009>. Acesso em: 20 mai. 2017.

PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos Dourados**. Contexto, São Paulo, 2014.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

POSTER, M. Modelos de Estrutura da Família. In: POSTER, M. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. cap. 7, p. 185 – 224.

PRADO, M. L. C. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História**, USP, São Paulo, v. 2, n. 153, p. 11 – 33, Dezembro, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19004/21067>. Acesso em: 22 jun. 2017.

PRIORE, M. D. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

PRIORE, M. D. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D. (Ed.). **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 – 606.

RAGO, M. L. Adeus ao feminismo. Feminismo e (pós)modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, IFCH-UNICAMP, Campinas, n. 3/4, p. 01 – 33, 1995/1996. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2612/2022>. Acesso em: 20 dez. 2017.

RAMA, A. **La Ciudad Letrada**. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.

RAMINELLI, R. História urbana. In: RAMINELLI, R. **Domínios da História**: ensaios de teoria e método. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 185 – 202.

REED, E. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. 2. ed. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2011.

REINATO, E. J. A Escola dos Annales e a “Nouvelle Histoire”. *In*: REINATO, E. J. **A História da História**. Goiânia: Ed. da UCG, 2002.

REIS FILHO, A.; ROLLAND, D. O. **Modernidades Alternativas**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RESENDE, D. K. Maternidade: uma construção histórica e social. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Editora PUC Minas, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 175 – 191, jul/dez 2017. ISSN 2448-0738. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251/11732>. Acesso em: 05 abr. 2017.

REVISTAS em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).

RIOS, M. de los. **Revista do Club de Engenharia**, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, n. 5, abril 1901.

RIVERA, C. El discurso de la domesticidad. Una apropiación cultural desde lo femenino. *In*: RIVERA, C. **Espacios de Transculturación en Latina América**. [S.l.]: LOM ediciones, 2005. cap. 1, p. 33 – 53.

ROCHA, E. **Magia e capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2010.

ROCHA, E.; FRID, M.; CORBO, W. Modas de mulher, modos de comércio: camadas médias, cultura e economia na história do consumo moderno. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 45, p. 217 – 247, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v22n45/0104-7183-ha-22-45-0217.pdf>. Acesso em: 09 set. 2017.

ROCHA, G. R.; ROCHA, L. F. da S. Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930. **Scientiae Studia**, USP, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 121 – 144, Junho, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133646>. Acesso em: 09 fev. 2018.

RODRIGUES, N. A. D. **Os estilos literários e letras de música popular brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

RODRIGUEZ, E. A. et al. **Desarrollo histórico de la educación de adultos en Chile**. 1990. 226 p. Monografía (Facultad de Filosofía y Humanidades Programa de Educación Continua) — Universidad Austral de Chile, Valdivia. Disponível em: <http://cybertesis.uach.cl/tesis/uach/1990/ffa1891d/doc/ffa1891d.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ROMERO, J. L. **Latinoamérica Las ciudades y las Ideas**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

ROMERO, L. A. Una empresa cultural: los libros baratos. In: ROMERO, L. A. **Sectores populares, cultura y política**: Buenos aires en la entreguerra. Buenos Aires: Sudamericana, 1995. p. 45 – 67.

ROOSEVELT, T. La mujer parásita. **Familia**, Zig-Zag, Santiago de Chile, v. 85, n. 03, p. 01 – 37, Enero 1917.

S. MORENO, C. La madre chilena, domesticación de la mujer. Los discursos higienistas ligados a la maternidad (1870-1920). In: S. MORENO, C. **América Latina y el Mundo**. Exploraciones en torno a identidades, discursos y genealogías. Santiago de Chile: LOM Ediciones Ltda., 2004. cap. III, p. 137 – 152. Disponível em: <http://cecla.uchile.cl/wp-content/uploads/2012/12/Am~A\global\let{T1}\textcopyright\unhbox\void@x{\def{\MessageBreakfor\symbol{\textcopyright}}\edefT1{TS1}\xdef{T1/ptm/m/it/12{T1/ptm/m/n/12}}\begingroup\tracingassigns\z@\tracingrestores\z@\tracingcommands\z@\tracingpages\z@\tracingmacros\z@\tracingoutput\z@\showboxbreadth\m@ne\showboxdepth\m@ne\tracingstats\@ne\tracingparagraphs\z@\tracinggroups\z@\escapechar\m@ne\let\MT@subst@T1/ptm/m/it/12\def{@@par}}T1\textcopyright\textcopyrightrica-Latina-y-el-mundo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SÁNCHEZ-ALBORNZ, N. A População da América Latina, 1850-1930. In: SÁNCHEZ-ALBORNZ, N. **História da América Latina**,

volume IV: De 1870-1930. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANDOVAL, M. A. D. **Medicalización, Higienismo y Desarrollo Social en Chile y Argentina, 1860-1918**. 2012. 469 p. Tese (Doctorado en estudios americanos) — Universidad de Santiago de Chile.

Disponível em:

http://repositorio.conicyt.cl/bitstream/handle/10533/181529/DURAN_MANUEL_2579D.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 ago. 2017.

SANTOS, L. P. B. dos. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950**. 2011. 164 p. Dissertação (Faculdade de Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SARLO, B. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930**, Buenos Aires. Buenos Aires: Nuevas Visión, 1988.

SARLO, B. **El imperio de los sentimientos**. Buenos Aires: Norma, 2004. SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. 3. ed. [S.l.]: Editora Contexto, 2006.

SCHUBACK, M. S. C. **Para ler os medievais**. Ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SCOTT, D. B. The Sexual Politics of Victorian Musical Aesthetics. **Journal of the Royal Musical Association, Taylor & Francis Group**, United Kingdom, v. 119, p. 91 – 114, January 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/594261/The_Sexual_Politics_of_Victorian_Musical_Aesthetics. Acesso em: 14/08/2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, online, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul/dez 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 04 out. 2017.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: SCOTT, J. W. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 62 – 95.

SEGALIN, L. B. **¿Bellas, Recatadas, Madres y Hogareñas? La Construcción de las Representaciones de Género en la Prensa Femenina de Brasil y España. Una Perspectiva Comparada: la Revista “Vida Doméstica” y el “Almanaque de la Madre de Familia” (1945-1973).** 2017. 391 p. Tese (Departamento de Historia Moderna, Contemporânea y de América Doctorado en Historia Social Comparada) — UNIVERSIDAD DE MURCIA FACULTAD DE LETRAS, Murcia.

SENNET, R. **El declive del hombre público.** Barcelona: Ediciones de Bolsillo, 2002.

SENNET, R. **O declínio do homem público.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In:* SEVCENKO, N. (Ed.). **História da vida privada no Brasil: República: da belle époque à era do rádio.** (História da vida privada no Brasil, v. 3). São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 513 – 619.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vacina:** Mentres insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2003.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SEWELL, W. H. Marc Bloch and the Logic of Comparative History. **History and Theory**, pp. 208-218, Vol. 6, No. 2, 1967., Wesleyan University, Middletown, v. 6, n. 2, p. 208 – 218, 1967. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2504361>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SILVA, M. P.; INÁCIO FILHO, G. Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930): Do lar para a escola ou a escola do lar? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 15, p. 01 – 09, Setembro 2004. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art14_15.pdf. Acesso em: 22 jul. 2018.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. *In:* VELHO, O. G. (Ed.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 11 – 25.

SIMMEL, G. **Filosofía del dinero**. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1977.

SOARES, A. C. E. C.; BARROS, N. C. F. **As propagandas da revista Feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza**. Oficina do Historiador, EDIPUCRS, Porto Alegre, v. 7, p.106 – 120, jan/jun 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/viewFile/14655/11562>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, N. W. **História da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, R. História das mulheres. In: SOIHET, R. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. cap. 12, p. 275 – 296.

SOHEIT, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, online, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281 – 300, Dezembro, 2007. ISSN 1806-9347. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-01882007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 jun. 2017.

SOSA, D. A. C. **A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SUBERCASEAUX, B. V. **Historia de las ideas y de la cultura en Chile: Tomo III: El centenario y las vanguardias**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2004.

SUBERCASEAUX, B. V. El Santiago que se fue. **Zig-Zag**, Zig-Zag, Santiago de Chile, n. 53, Febrero 1906.

SULLEROT, E. **La presse féminine**. Paris: A. Colin, 1963.

TEIXEIRA, D. P.; SILVA, S. R. A. A moda em tempos de guerra: da saia sino à androginia. **Revista Achiote.com** - Revista Eletrônica de Moda, FUMEC, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 49 – 68, setembro 2018. ISSN 2318-5724. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/achiote/article/view/6163/3175>. Acesso em: 04 jan. 2018.

THÉBAUD, F. **História das mulheres no Ocidente: o século XX**. São Paulo: Ebradil, 1995. v. 5.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TRINDADE, E. M. de C. **Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. 344 p.

VALENZUELA, E. M. Liberales, radicales y la ciudadanía de la mujer en Chile (1872-1930). **Estudios Públicos**, Chile, n. 69, p. 319 – 356, 1998. Disponível em: https://www.cepchile.cl/cep/site/artic/20160303/asocfile/20160303183740/rev69_maza.pdf. Acesso em: 21 jul. 2018.

VICUÑA, M. **La belle époque chilena**. 2. ed. Santiago de Chile: Catalonia, 2010.

VIEIRA, M. L. O trabalho do autor na construção do leitor na revista Nova Escola. In: VIEIRA, M. L. **Leituras do professor**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 121 – 140.

WALLACH, J. **Chanel: seu estilo e sua vida**. São Paulo: Mandarim, 1999.

WILLIAMS, R. **La política del modernismo**. Contra los nuevos conformismos. Buenos Aires: Manantial, 1997.

WILLIAMS, R. The Press and Popular Culture: na historical perspective. In: WILLIAMS, R. **Newspaper history from the**

seventeenth century to the present day. London: Constable, Sage Publications, 1978.

WISER, W. **Os Anos Loucos:** Paris na década de 20. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

WITTMANN, R. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: WITTMANN, R. **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999. v. 2, p. 135 – 163.

WOITOWICZ, K. J. Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: A conquista da escrita feminina. **Jornal Alcar**, Porto Alegre, n. 4, Outubro, 2012.

WOLF, N. **O mito da beleza.** Como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZECHLINSKI, B. P. **Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII:** gênero e sociabilidades. 2012. 229 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) — Universidade Federal do Paraná.